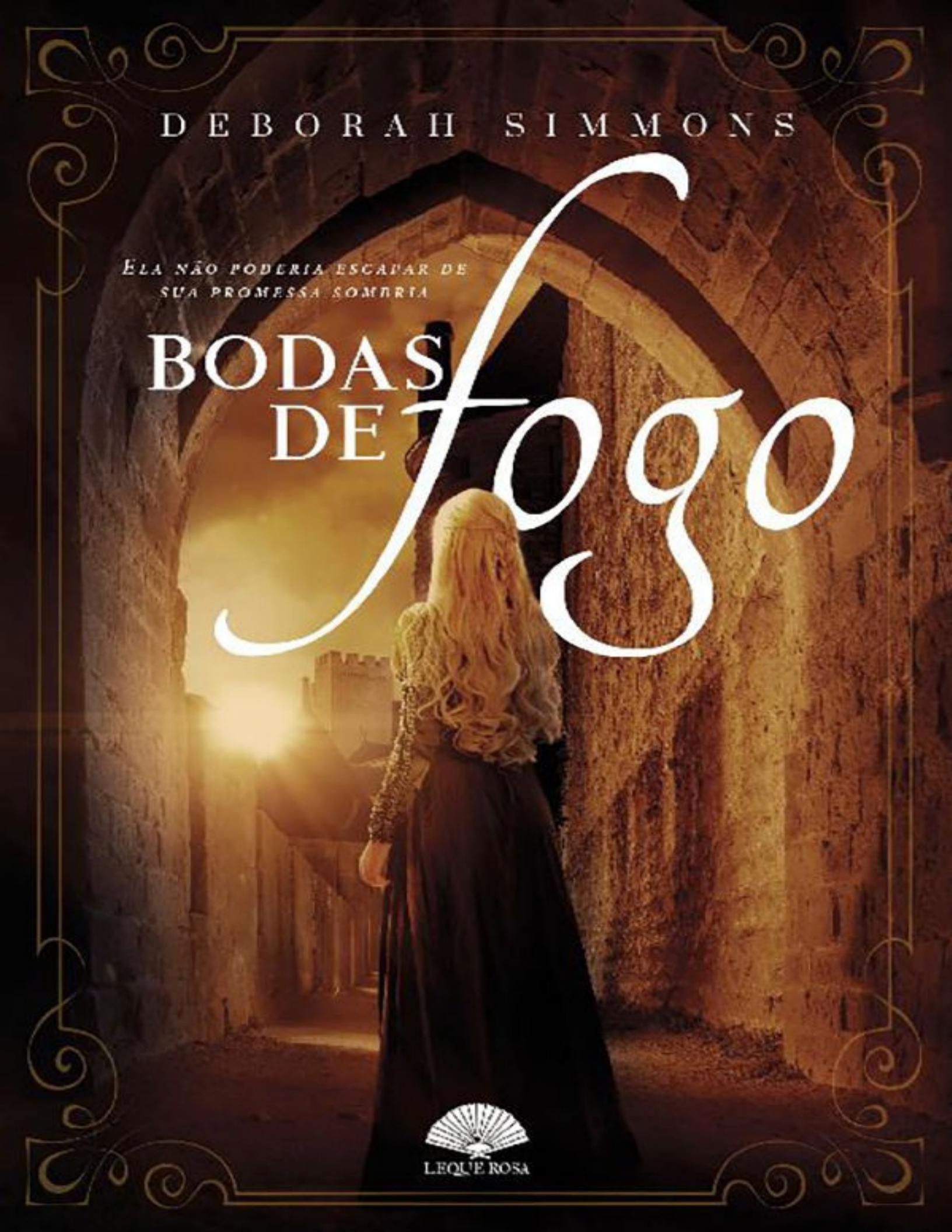

DEBORAH SIMMONS
Ela não poderia escapar de sua promessa sombria
BODAS DE fogo
LEQUE ROSA


DEBORAH SIMMONS
Ela não poderia escapar de
sua promessa sombria
BODAS
DE
fogo

Copyright © 1994 Deborah Siegenthal

Copyright © 2017 Editora Bezz

Título original: *The Devil's Lady*

Tradução/Revisão: Bianca Carvalho

Revisão final/Preparação: Vânia Nunes

Diagramação Digital/Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Simmons, Deborah
Bodas de Fogo (duologia de Lacis #1)/ Deborah Simmons; Tradução: Bianca Carvalho. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2017.

ISBN - 9788568695647

1.Romance estrangeiro. 2. Ficção. I. Carvalho, Bianca II. Título III. Duologia

Editora Bezz
Rua Milton Ferreira Franco, 101 – Pirituba
Arujá – SP – 07417- 160
contato@editorabezz.com

www.editorabezz.com

Índice

Capa
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Epílogo
Sobre a autora

As mãos de Montmorency se fecharam em seus braços, e Aisley pensou que ele certamente iria quebrá-los ou sacudi-la como um galho de árvore. Ela sabia que não era incomum que um homem fosse violento com sua esposa, mas nunca sonhara que algo assim lhe aconteceria. Abriu a boca para protestar, não iria se encolher diante do marido, não importava quem, ou o que, ele fosse. Mas ao invés de golpeá-la, Montmorency a puxou contra si.

Sua boca estava quente e áspera contra a dela, tomando, exigindo, e Aisley sentiu o medo passar por seu corpo em espiral, mas em uma direção diferente. Lentamente, o beijo mudou. Seus lábios se tornaram mais suaves, mais doces, agindo por conta própria. Embora uma das mãos de seu marido estivesse em sua nuca, mantendo-a cativa, Aisley sabia que já não era mais hora de fugir. Não tinha a intenção de fazê-lo agora, não sentia medo, apenas uma estranha excitação e a respiração ofegante, mantendo-a onde estava, pressionada contra o Cavaleiro Vermelho.

Flutuando na escuridão, Aisley passou a existir naquele momento apenas pelo estranho toque em seus lábios. Quando sentiu o polegar dele no canto de sua boca, pressionando-a para que se abrisse, ela consentiu, e sua língua a invadiu em uma explosão de sensações quentes. O brilho daquele quarto misterioso desaparecia diante dela enquanto fechava os olhos, uma visão carmesim inundando seu ser. A escuridão resultante tornou-se um casulo envolvente, e ela apenas sentia aquele peito forte e vivo contra seus seios. Aisley levantou seus braços trêmulos para rodear o pescoço do marido e uni-los ainda mais, fechando-os para o mundo exterior.

A língua de Montmorency a marcava, acendendo seus sentidos, enquanto a acariciava. Os dedos estavam secos e calejados contra o pescoço de Aisley, enquanto a outra mão deslizava por suas costas, indo parar sob seus braços, erguendo-a do chão com força. O gemido de surpresa que ela soltou converteu-se em um grunhido de prazer, um som que pareceu inflamá-lo ainda mais, fazendo com que ela usasse a própria língua para provar da dele.

Montmorency grunhiu baixinho em resposta, um ruído primitivo que ressoou profundamente dentro dela, e Aisley sentiu-se deslizar para dentro de um abismo habitado apenas pelo Cavaleiro Vermelho. *Conduza-me, marido*, ela pensou. *Leve-me com você.*



Capítulo Um

Aisley sentia-se como um presente de Natal.

Ou talvez um ganso, todo amarrado, esperando para ser devorado pelos cavaleiros famintos que se acercavam como uma matilha de cães raivosos. Tinham se fartado de vinho, cerveja e comida, e encontravam-se ansiosos por um prêmio. Era possível pensar que já estavam comemorando a data natalina a julgar pela maneira como se festejava na corte do Rei Edward.

Franzindo o cenho em puro desgosto, Aisley viu que sua criada se aproximava e virou-se, não querendo que Edith a visse agir de uma maneira diferente do normal: indefesa. Mas a mulher que conhecia Aisley desde o nascimento era capaz de reconhecer facilmente o seu humor:

— O que houve, senhorita? — ela perguntou.

Aisley riu com amargura:

— O que houve? — repetiu, com sua voz, que normalmente era calma, áspera de tanta raiva. — Sinto-me como um prêmio de uma competição, toda embrulhada — ela movimentou uma de suas mãos para segurar seu belo e novo vestido, além de sua capa de arminho — e pronta para ser concedida ao vencedor.

— Senhorita — Edith sussurrou, com um tom de voz que suplicava por cautela.

Aisley interrompeu suas palavras.

— Nos meses seguintes à morte de meu pai, seus bens continuaram a prosperar em minhas mãos — disse ela. — No entanto, ao invés de receber uma recompensa pelos meus esforços, parece que me tornei a recompensa prestes a ser dada a um miserável malcheiroso, cheio de dinheiro, simplesmente por causa da ganância de nosso bom rei.

— Senhorita! — Edith protestou.

— Não é justo — Aisley sussurrou, como frequentemente passara a fazer nas últimas semanas. Não importava que tivesse inteligentemente gerenciado as propriedades do pai, quantos problemas tinha resolvido com êxito, quantos plantios levara à fruição, sem mencionar a casa, onde tudo corria tão bem que parecia tocar como uma melodia de um violino. E tudo não valera de nada. Em apenas um ano, a convocação do rei chegara; ela teria que se casar.

— Cale-se — Edith disse. — Poderia ser pior. Ao menos você poderá escolher seu futuro marido entre os cavaleiros mais elegantes dessas terras. Preciso acrescentar que...

— Hah! — Aisley zombou. — Essa honra me foi concedida porque eu tenho dinheiro suficiente para pagar pelo privilégio. Acha mesmo que o rei me deu uma escolha porque me ama?

— Cale-se — Edith alertou novamente. — Pare com essa conversa tola e perigosa. Pelo menos uma vez na vida comporte-se e escolha sabiamente, usando sua cabeça e não o coração.

Aisley sorriu gentilmente, não se sentindo ofendida pelas palavras da criada. Edith fora mais do que uma mãe para ela, e Aisley não poderia frear a língua daquela boa mulher nem mesmo se tentasse. Ao invés disso, procurou confortá-la.

— Não se preocupe. Vou escolher com sabedoria, querida Edith. Tenho um plano.

Edith ficou boquiaberta, e deu um passo atrás com uma expressão de puro horror.

— Oh, que Deus nos ajude! — ela sussurrou. Já estava familiarizada com os esquemas de Aisley, esquemas que nunca falhavam em colocar a jovem moça em enrascadas. Sentindo a pressão do pânico, ela novamente deu um passo à frente, com as mãos unidas em uma súplica. — Senhorita, por favor, deixe de lado qualquer plano que tenha imaginado.

Aisley sorriu, com um pouco mais de doçura daquela vez.

— Só vou seguir seu conselho de escolher sagazmente, Edith — ela disse. — O rei disse que eu deveria escolher um de seus cavaleiros, não disse? — Sem esperar por uma resposta, ela prosseguiu: — Ele falou qualquer um de seus cavaleiros. Isso inclui todos os do reino, não é? — Aisley fez uma pausa, ignorando a expressão confusa e atenta de Edith.

— Senhorita...

— Então, eu já me decidi — Aisley disse. A inclinação dos lábios delicados da jovem mostrava a Edith que Aisley não estava planejando nada de muito bom, o que a fez estremecer ao pensar no destino de sua menina. Desde o berço, Aisley de Laci fora uma peralta, principalmente por ter crescido com três irmãos, que lidavam com ela de forma áspera e rude, sem mãe para ensinar-lhes maneiras delicadas. Os dois mais velhos tinham sucumbido a uma febre; o terceiro fora morto na última Cruzada e seu pai partira recentemente. Aisley era a única sobrevivente. Também se mostrara mais resistente do que todos eles, forte e esperta, mas muito teimosa e às vezes durona.

Secretamente, Edith pensava que o casamento com um homem decente lhe faria bem. Ser governada por uma mão firme, mas amorosa, e ter seus próprios bebês para criar poderiam trazer à tona a natureza mais suave da moça. Edith até tinha a esperança de que aquele decreto do rei seria uma boa ideia, uma vez que Aisley já tinha dezessete anos e não demonstrara nenhum interesse em procurar um marido por si mesma. Sim, Edith esperara, mas não levara em consideração a natureza indomável de sua senhora, que era evidenciada pelo tom de voz da moça.

— E se ele não aprovar minha escolha, então, eu vou me considerar livre para voltar para casa — Aisley disse.

A mente de Edith começou a dar voltas, buscando compreender o plano de Aisley. Por alguma razão, sua patroa acreditava que o rei não iria lhe conceder a permissão para que se casasse com o cavaleiro que iria escolher. Edith empalideceu quando a única solução plausível lhe surgiu:

— A senhorita não está pensando em escolher um homem casado, não é?

Os olhos de Aisley se arregalaram de surpresa.

— Não, não pensei nisso. — Ela inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse considerando tal disparate. — Não, acho que Edward não aceitaria isso. Mas ele também irá hesitar em concordar com meu escolhido. Precisa hesitar — ela disse com firmeza.

Edith respirou fundo, temendo descobrir o pior, mas compelida a perguntar:

— E quem será ele, senhorita? — ela perguntou. O sorriso de Aisley lembrava o de um gato perseguindo comida, o que fez a criada estremecer ainda mais.

A moça dirigiu um olhar desdenhoso aos cavaleiros reunidos logo abaixo.

— Escolherei o Barão Montmorency — disse ela.

Edith encolheu-se ante a menção do mais temido de todos os homens do rei. Envolto em mistério, o Cavaleiro Vermelho sustentava rumores de estar em aliança com o diabo; uma criatura das sombras, que praticava artes obscuras nas profundezas de sua isolada fortaleza. Só de pensar nele, Edith afundou-se no chão em um desmaio.

Aisley encolheu os ombros ao entrar no corredor, vazio agora, com exceção de Edward, sua rainha e alguns de seus servos e guardiões. O rei tivera a consideração de lhe conceder uma audiência particular, mas Ailsey não sabia se isso era uma bênção ou uma maldição. Se Edward quisesse contrariar sua decisão, seria mais difícil fazê-lo diante de uma sala cheia de pessoas. Ali, em meio a um grupo pequeno, ela não tinha tanta certeza.

Mas Aisley não queria pensar em derrota. Uma guerreira jamais pensava.

Edward era ainda um belo homem, alto e de pernas longas, com seu cabelo dourado e olhos azuis translúcidos, mas Aisley nunca se sentira desestabilizada pela aparência de um homem. Olhava para ele sem qualquer intenção apaixonada conforme ajoelhava-se à sua frente.

— Boa noite, Aisley — ele disse. — Espero que sua estadia na corte tenha sido agradável.

Aisley assentiu, forçando um sorriso.

— Sim, é claro, Majestade.

— Espero que tenha usado seu tempo com cautela, para escolher o melhor marido entre os meus cavaleiros reunidos aqui — ele falou em um tom divertido, fazendo os outros sorrirem e gargalhar diante de sua provocação.

Aisley não riu, mas lambeu os lábios nervosamente com a implicação de suas palavras.

— Majestade, eu não limitei minha seleção àqueles da corte — ela disse com o máximo de calma que encontrou. — Posso escolher qualquer um de seus cavaleiros como meu marido, não posso?

Edward estreitou seus olhos em surpresa, mas apenas assentiu como resposta.

Aisley ergueu o queixo, preparando-se para falar, porém, achou mais difícil pronunciar aquele nome do que pensara a princípio. Respirou fundo, de forma lenta e uniforme, e soltou:

— Então, escolho como meu futuro marido o Barão Montmorency de

Dunmurrow.

Seu anúncio foi recebido com a reação que ela esperava. Gargalhadas e murmúrios abafados de choque a rodearam. Ela nem teve que se esforçar para ouvir as frases tão frequentemente associadas a Montmorency: “O Cavaleiro Vermelho... o próprio diabo... um feiticeiro... um seguidor das artes negras...”. Embora Aisley já tivesse ouvido tudo isso antes, de alguma forma as palavras a fizeram arrepiar-se até a espinha, porque estavam sendo dirigidas a ela.

Ela afastou o medo que a ameaçava e olhou para os presentes. Todos a fitavam com diversos graus de horror. Ou melhor, todos, menos o rei e sua esposa. Uma expressão de raiva surgiu no rosto de Edward, embora ele tentasse escondê-la, e Aisley se esforçou para não sorrir em triunfo. Naturalmente, ela venceria. Mas será que ele seria gentil o suficiente para manter sua palavra?

Edward fez menção de falar, mas foi interrompido por sua esposa, que inclinou-se em sua direção e sussurrou algo em seu ouvido. Talvez a rainha fosse capaz de temperar sua raiva, pensou Aisley, pois era bem sabido que Eleanor exercia uma influência positiva em seu marido.

Embora tenha ouvido sua esposa, Edward continuou olhando para Aisley com severidade, e ela se empertigou ante aquela observação. Os olhos azuis do rei pareciam buscar algo dentro de sua alma, avaliando suas forças, suas fraquezas e até seu próprio coração. Ela se manteve firme até que Edward sorriu. A moça sentiu-se relaxar quando o ouviu rir suavemente. Parecia achar tudo divertido, o que ela percebeu com alívio. Não duvidava que ele concederia sua vitória, e ela poderia voltar para casa muito em breve como uma mulher livre.

O rei se inclinou na direção dela e sorriu:

— Montmorency será, então — ele disse.

Os olhos de Aisley se arregalaram de surpresa. Esperara que o rei negasse sua decisão, que talvez a forçasse a escolher outro homem, mas nunca pensou que ele permitiria que se casasse com o Cavaleiro Vermelho, um recluso que evitava aqueles que estavam fora de seus domínios sombrios. Ela se sentiu cambalear, mas logo firmou-se, tentando recuperar o juízo.

O rei sorria diante de seu choque. Obviamente, desagradado por suas tentativas de trapaça, ele a puniria por seu comportamento ultrajante. Oh, meu Deus! Edith estava certa. Ela agora estaria em uma situação muito pior do que antes, a menos que... Os pensamentos de Aisley, que já corriam para formar um novo plano, foram interrompidos pelo discurso de Edward.

— Naturalmente, eu esperava que você escolhesse um dos barões que conheceu durante sua estadia, mas, como você salientou, eu lhe dei permissão para que escolhesse qualquer um de meus cavaleiros — disse ele. — Você fez uma escolha incomum, uma que eu não teria feito, mas não vejo nenhuma razão para negar o desejo de seu coração. — Suas palavras estavam tão suavemente enlaçadas em sarcasmo que Aisley sentiu um arrepio percorrer sua espinha. — Acho que você fará bem a Montmorency; um anjo de luz para nosso Cavaleiro Vermelho. Talvez você consiga domá-lo, quem sabe? — ele indagou, direcionando a pergunta aos outros, fazendo seu público rir nervosamente.

Eleanor sorriu com serenidade ao seu lado, e Aisley soube que a rainha não iria ajudá-la naquele assunto.

— Muito bem, então — disse o rei, parecendo satisfeito. — Desejo-lhe uma boa jornada. Você pode partir pela manhã e chegará em Dunmurrow antes do Natal. — Com um meneio de cabeça ele se despediu, e Aisley ficou olhando para ele, horrorizada. Tão cedo? Ela se recuperou o suficiente apenas

para fazer uma reverência, resmungou em agradecimento algumas frases vazias e ininteligíveis, e saiu pelo corredor, incapaz de acreditar que se casaria com um homem que conhecia apenas por rumores sombrios e ameaçadores.

Aisley já havia empacotado metade de suas coisas quando Edith surgiu, trêmula, aproximando-se.

— E então, senhorita? — a criada perguntou, sem fôlego.

Aisley nem sequer se deu ao trabalho de virar-se na direção dela, mas jogou uma camisola em seus ombros.

— Partiremos pela manhã para Dunmurrow.

Edith deixou escapar um gemido que mais lembrava um canto fúnebre, e Aisley finalmente se virou para olhar para sua criada:

— Não desmaie outra vez, por favor.

— Por que, senhorita? Por que foi escolher um monstro quando podia ter escolhido entre os mais belos cavaleiros destas terras? — Edith perguntou. — Lackland ou de Fiennes estavam ansiosos para se casarem com você, teriam sido ótimos maridos.

Anda assim, seriam maridos, Aisley pensou. E ela não poderia aceitar isso. Nunca em sua vida poderia ter um dono. Seu pai e seus irmãos sempre a deixaram livre. Nunca fora forçada a fazer algo que não queria ou mudar de ideia, e não estava inclinada a aceitar algo assim agora.

— Mas Montmorency! — Edith arfou, fazendo o sinal da cruz. — Ele é cruel! Dizem que é um alquimista, que pratica artes das trevas, é um adorador do demônio! É por isso que o chamam de Cavaleiro Vermelho. E agora ele

está escondido na torre de Dunmurrow, nunca sai de lá, apenas convoca feiticeiros para que lhe ensinem seus segredos e depois os expulsa para que possa conjurar seus próprios propósitos obscuros. Dizem que quem entra em seus domínios nunca retorna. — As palavras pareceram desaparecer em seus lábios quando Edith inclinou a cabeça e estremeceu de medo.

Aisley finalmente parou o que estava fazendo e pegou a criada pelos braços.

— São rumores! Um bando de baboseiras — ela zombou. — Todos os grandes cavaleiros nutrem lendas sobre si mesmos para fazer com que os inimigos os temam. O Cavaleiro Vermelho é apenas um homem mortal. Você verá. — Ela deu alguns tapinhas no braço de Edith e a fez sentar-se em um banquinho enquanto voltava a empacotar suas coisas.

— Mas por que, senhorita? Por quê? — Edith gemeu. — Por que foi criar esse plano? Para nos enviar direto ao mal?

As mãos de Aisley interromperam sua tarefa antes que pudesse pegar seu Saltério.

— Admito que esperava que o rei não fosse concordar com minha escolha, mas ele percebeu que eu estava tentando enganá-lo. Agora quer me ensinar a lição, só isso — ela disse, enquanto guardava a Bíblia junto de seus outros pertences. Edith choramingou outra vez, um suave som agudo que deixou Aisley impaciente. — Pare com essa tolice imediatamente, Edith — disse ela, empertigando-se. — Não se preocupe com esse temível cavaleiro. Prometo que não ficaremos em Dunmurrow o suficiente para sentirmos medo dele.

Edith ergueu a cabeça com um olhar de perplexidade em seu rosto, enquanto Aisley sorria sombriamente.

— Você acha que Montmorency vai querer uma esposa intrometendo-se em seus negócios obscuros? — perguntou Aisley. — Acho que não. Ele não se interessa pelas intrigas da corte e não busca dinheiro. Ele irá me recusar, e eu vou ficar livre para voltar para casa, solteira — disse ela, com mas certeza do que sentia.

— Mas isso seria loucura — exclamou Edith. — Nem mesmo o Cavaleiro Vermelho poderia desafiar uma ordem do rei.

Aisley deu de ombros.

— Ouvi dizer que Montmorency vive sob suas próprias regras.

— Sim, mas ele com certeza não iria desobedecer a Edward.

Aisley alisou as roupas empilhadas contra o peito e estendeu a mão para o pesado tampo de madeira do baú.

— E se ele não desobedecer, eu me caso. Um bruto não deve ser muito diferente de outro, na minha maneira de pensar — disse ela, batendo a tampa do baú com tanta força que quase o quebrou em dois.

O vento estava gelado quando elas saíram, as montanhas fumegavam com o ar frio da manhã, enquanto Aisley fechava seu pesado casaco forrado de pele com mais força contra o peito. Um dos homens do rei, chamado Delamere, conduzia o grupo pequeno, com uma guarda de seis criados para atendê-los. Aisley examinou a todos com olhos atentos, mantendo o olhar fixo em um pequeno homem de manto eclesiástico que se apressava para alcançar a procissão.

— Quem é aquele? — perguntou ela.

— É o padre, é claro — disse Delamere. — Ele nos acompanhará para se certificar de que você se casará de verdade. Talvez o rei suspeite que não haja nenhum capelão em Dunmurrow. — Ele lhe lançou um olhar divertido, e Aisley franziu o cenho ante sua insolência. Ela levou a montaria para longe dele, controlando a inquietação que se abatia sobre si.

Embora tivesse usado a reputação sombria de Montmorency para tentar enganar a Edward, Aisley não acreditava em nenhuma palavra. Sabia o quão rápido as fofocas viajavam e como elas se tornavam exageradas, fazendo-a suspeitar que todos as histórias sobre Montmorency não passavam de boatos. Mesmo que não houvesse nenhum capelão em Dunmurrow, isso não significava que o Cavaleiro Vermelho tivesse afastado o homem com suas práticas malignas.

Aisley quase riu alto ao pensar nisso. De repente, encontrou certa diversão na presença do homem santo em seu grupo. Talvez Montmorency não se importasse com a presença dele, mas, com certeza, não ira querer que ele realizasse a cerimônia de casamento. Você até pode levar água a um cavalo, pensou Aisley, erguendo o queixo, mas não pode obrigá-lo a bebê-la. Poderia ter escolhido o Cavaleiro Vermelho, mas ele não a tinha escolhido; e nenhum sacerdote seria capaz de forçá-lo a se casar. E quando ele se recusasse, ela pensou, permitindo-se um pequeno sorriso de triunfo, estaria livre.

Estava mais do que claro que o homem que o rei enviara não gostava dela nem um pouco, e a cada dia que passava a jornada tornava-se mais difícil, como se estivessem indo para um campo de batalha e não viajando para encontrar um noivo. Edith choramingava, mas Aisley não se dava por vencida. Quanto mais cedo chegassem à casa de Montmorency, mais cedo ela estaria voltando para sua própria casa.

Quando chegaram, porém, Aisley não sentiu nenhum alívio. Até o campo lhes parecia proibido, pois à sua frente se estendia uma terra aparentemente sem fim, plana, enquanto uma grande e sombria floresta marchava como uma presença ameaçadora ao lado deles. A noite já estava prestes a cair quando avistaram pela primeira vez o castelo do Cavaleiro Vermelho, e, apesar de todas as suas resoluções corajosas, a moça estremeceu ante a visão.

O sol estava se pondo, lançando profundas sombras através dos muros, mas Aisley pôde avistar a construção retangular, velha e obscura erguendo-se por trás da pedra áspera, com suas torres, que mais pareciam setas negras, observando-os como olhos estreitos. Abraçada ao chão, uma névoa cinzenta parecia crescer do nada, cobrindo Dunmurrow como uma mortalha fantasmagórica.

O efeito era tão estranho que Aisley precisou respirar fundo e, por um momento de tristeza, perguntou-se se Montmorency não saberia mesmo conjurar alguns feitiços, poderes que poderiam invocar uma névoa para esconder seu castelo de olhares indiscretos e de visitantes indesejados.

O suave gemido de medo de Edith arrancou Aisley de seus pensamentos sombrios. Quando viu alguns dos criados cruzarem a névoa, Aisley livrou-se de sua hesitação e foi em direção ao padre relutante, que murmurava algo bem baixinho; se eram orações ou xingamentos, ela não saberia dizer.

Aisley esperou, enquanto a comitiva do rei se dirigia ao portão. Ao menos ela teria fogo e uma cama naquela noite, e, esperançosamente, não haveria neve no dia seguinte, quando fossem embora. Não importava o quão arrogante fosse Delamere, ele dificilmente poderia recusar-se a escoltá-la de volta. Se o fizesse, imploraria a alguns homens do cavaleiro que logo a desprezaria como esposa. Aquele pensamento fez seus lábios se curvarem em um sorriso.

O sorriso desapareceu de seu rosto com a aproximação de Delamere, que colocou-se ao seu lado com um olhar furioso.

— Foi-nos negada a permissão para atravessarmos as muralhas — disse ele.

— Por quê? — Aisley perguntou com uma calma comedida. Por mais que estivesse ansiosa por uma cama quente, aquele tipo de tratamento era motivo de celebração, não de consternação, pois, significava que nunca teria que enfrentar o Cavaleiro Vermelho. Se Montmorency realmente se recusasse a vê-la, ela poderia voltar para casa, em Belvry, mais cedo do que esperava.

— Porque o castelo fica fechado à noite, e é proibida a entrada de visitantes até a manhã — Delamere respondeu.

Aisley tomou fôlego e surpreendeu-se ao ouvir Edith ofegar ao seu lado. Um rápido olhar para sua criada confirmou que ela ameaçava desmaiar sobre a montaria, e Aisley trouxe seu cavalo mais para perto, para evitar que a mulher caísse.

— Que absurdo é esse? — ela perguntou ao homem do rei. — Exijo falar com o Barão de Montmorency.

— Eu também — Delamere respondeu, com um sorriso irritado. — Mas meu pedido foi rejeitado. — Aisley observou, sem fala, enquanto ele ordenava que seus criados e guardas levantassem acampamento nos arredores de Dunmurrow.

Um gemido de Edith voltou a chamar a atenção de Aisley, e ela olhou para sua criada, que estava quase caindo do cavalo.

— Pare com isso imediatamente ou vou deixá-la caída no chão — advertiu Aisley, incapaz de conter sua irritação com a mulher.

— Oh, senhorita, é exatamente como tememos que seria — Edith sussurrou. — Ele é uma criatura da escuridão.

— Se fosse uma criatura da escuridão, estaria aqui aproveitando-a — disse Aisley. — Deve ser apenas rude. Nunca vi alguém negar a entrada de visitantes. E pensar que estamos aqui a mando do rei. Esse Cavaleiro Vermelho é muito atrevido. — Embora não estivesse muito animada por ter que dormir em uma estrada fria novamente, enquanto uma lareira e uma cama estavam tão ao seu alcance, ela ficou impressionada com a recusa de Montmorency. Era bom para seus planos.

— Ele é um demônio, guarde essas palavras — Edith alertou.

— E você também guarde minhas palavras — Aisley disse, com um sorriso brincando em seus lábios. — Ele só é um homem mal-educado, indiferente, que irá negar as ordens do rei amanhã. E, então, voltaremos para casa — acrescentou ela, com o sangue formigando de antecipação.

Pela manhã, a ponte levadiça foi finalmente abaixada sobre a vala maciça que cercava o castelo, e o grupo avançou por Dunmurrow. Acostumada à movimentação de sua propriedade, Aisley se surpreendeu ao descobrir o pátio quase deserto. Recusou-se a olhar para Edith, sabendo muito bem o que a criada pensaria daquela inatividade.

Embora ela não acreditasse na lenda sombria do Cavaleiro Vermelho, por achar que era pura bobagem, quando a ponte levadiça rangeu atrás deles, Aisley sentiu um resquício de medo, pois, estavam sendo trancados dentro da toca daquele homem, ficando à sua mercê.

Aisley tentou se livrar de seu desconforto enquanto um guarda guiava o

grupo até a torre, mas não havia nenhum conforto no salão de Dunmurrow. Enorme e escuro, cheirava a mofo e fuligem, e ela podia ver a sujeira que endurecia as paredes que um dia foram pintadas. Ela fungou. Que tipo de homem era aquele que mantinha sua casa em tais condições? As estreitas janelas estavam fechadas, deixando entrar uma nesga de luz do sol tão frágil que mal conseguia perfurar a escuridão.

A falta de luz não era incomum, especialmente em uma propriedade tão antiga, mas normalmente velas, juncos mergulhados em graxa e chamas eram acesas, pelo menos durante o dia. No entanto, aquele salão ostentava pouca iluminação, o que não afastava de forma alguma as sombras.

Aisley estremeceu quando a maior parte de seu séquito encontrou assentos em bancos ao longo das três mesas. O fogo parecia muito distante e muito baixo para o seu gosto, então, ela se aproximou das chamas brilhantes e quentes. De sua posição, a outra ponta da sala parecia desesperadoramente escura, e ela sentiu frio apesar do calor do fogo. Recusava-se a olhar para Edith, que se acovardava perto do padre.

O grupo estava em silêncio e a opressiva atmosfera se assentava sobre eles como uma mortalha, sendo os únicos sons presentes vindos de Delamere, enquanto ele andava de um lado para o outro, impacientemente. O homem do rei, obviamente, estava acostumado a ser tratado com mais deferência e provavelmente não se importava com seus calcanhares gelados, especialmente depois de uma noite ignominiosa passada fora daquelas paredes.

Justo quando Aisley achava que Delamere explodiria com a força de sua própria fúria, um criado anunciou que Montmorency desejava que eles comessem. Embora fosse cedo para uma refeição, os homens se animaram, como se estivessem tão desesperados para se ocuparem com algo quanto para comerem.

— Venha. Vamos comer, senhorita — Edith chamou, acenando para que Aisley se sentasse ao seu lado. Aisley se sentou, embora soubesse que não conseguiria comer sequer uma mordida; não com uma tarefa de enorme magnitude à sua frente. De repente, seu plano inteligente pareceu demasiadamente ousado, incerto demais para ser bem sucedido, e a casa de Montmorency parecia estranha e inquietante. Até aquele momento, ela notou tristemente, o homem estava provando sua reputação.

Aisley observou, enquanto um único servo se movimentava para frente e para trás ao redor das mesas da cozinha, servindo-lhes cerveja inglesa e conchas de ensopado. Contudo, algo a deixou perplexa.

— Onde estão os outros criados? — ela perguntou. Os corredores de Belvry fervilhavam com sons de senhoras, cavaleiros, escudeiros, criados e visitantes que moravam juntos, distinguindo-se totalmente daquele estranho silêncio. O castelo estava muito quieto, os ecos reverberando ao menor ruído.

Edith olhou para Aisley com horror.

— Ele é desumano, já lhe disse — sussurrou.

Aisley bufou.

— Não é desumano viver sem conforto — ela disse. — Mas acabei de perceber, querida Edith, o quanto tomei as coisas por certas — acrescentou. — Meu pai construiu nossa propriedade quando ainda era jovem, e ainda hoje o local parece novo e está cheio de luz, adoráveis murais e tapeçarias finas, além de muitos servos, todos fazendo seus deveres.

— Muito disso se deve a você, senhorita — disse Edith, com orgulho. — Os homens, normalmente, quando deixados sozinhos passam a alimentar-se mal e não cuidam da limpeza — ela falou, franzindo o cenho em desgosto.

— Isso é verdade — respondeu Aisley. Pelo pouco que podia ver, o castelo Dunmurrow estava imundo. Os juncos no chão estavam velhos e nada fora feito para dissipar os cheiros de comida podre e lixo acumulado. As paredes estavam enegrecidas por conta da fuligem, e as mesas, ásperas e muito sujas. Aisley deu uma olhada na louça. Estava nadando em gordura, e ela se perguntava se teria sido tão negligenciada quanto o resto da casa.

Limpa ou não, o objeto de madeira foi preenchido pelo alimento insípido. Depois de prová-lo, Aisley se inclinou para trás, pegando distraidamente um pedaço de pão enquanto os outros comiam. E comiam. A refeição pareceu durar para sempre, e Aisley já se encontrava no limite quando esta terminou, com os pratos sendo esvaziados e os copos sendo novamente preenchidos pela cerveja azeda.

Por mais inconveniente que fosse a tarefa, o grupo parecia estar mais à vontade, menos Delamere, que ainda parecia irritado, e Aisley, que estava começando também a se enfurecer.

— Aqui, senhorita, tome um drinque — exclamou Edith num tom apaziguador.

— Não quero nada, Edith, só quero acabar com tudo isso — disse Aisley irritada. — Quero que Montmorency venha logo falar conosco, para que possamos seguir nosso caminho!

— Cale-se — avisou Edith, olhando para Delamere.

Aisley a ignorou.

— Por que a demora? Por que somos obrigados a esperar aqui como mendigos depois de passarmos a noite fora dessas paredes? — perguntou ela, levantando a voz.

Edith apenas sacudiu a cabeça, impotente.

— Senhorita, por favor, cuide de sua língua! Não seria sábio criar intrigas com o Cavaleiro Vermelho.

— Não me importo que ele seja o diabo encarnado. Se não formos admitidos em sua presença imediatamente, irei embora. E irei desistir das ordens do rei — Aisley disse. Preparou-se para levantar enquanto Edith levava as mãos ao rosto, preocupada e sem fôlego, e Delamere lançou um olhar de ódio a Aisley. Em resposta, um criado aproximou-se deles, apresentando-se como Cecil.

— Se a senhorita e sua escolta puderem me seguir, meu senhor está pronto para recebê-los agora — disse ele.

Aisley teria levado Edith consigo, mas achou que talvez fosse melhor deixá-la para trás. Se metade da reputação do Cavaleiro Vermelho fosse verdadeira, Edith provavelmente iria desmaiar novamente.

Cecil os conduziu em direção a um buraco na parede, onde avistaram uma escada em espiral, em meio a uma escuridão, que fez com que Aisley subisse em total dificuldade, grata pelo amparo do criado em seu cotovelo. Ela não percebeu que tinham chegado a uma porta até que o homem a abriu e pediu-lhes que entrassem.

Aisley supôs que estavam na grande câmara, no próprio covil do Cavaleiro Vermelho, mas ela não conseguia enxergar quase nada. Foi preenchida pelo calor, depois do frio dos degraus, e caminhou em direção ao fogo. Se houvesse janelas no quarto, elas deveriam estar fechadas, pois, a única luz era proporcionada pelo fogo. O cenário era apropriado para Montmorency, pensou Aisley, tudo o que conseguia ver no cômodo brilhava

assustadoramente, como se as paredes fossem escarlate.

Delamere movia-se ao lado dela e parecia que o espaço ao redor era apenas um pequeno casulo vermelho, esculpido na noite da câmara circundante. Sem tochas nem velas para iluminá-lo, o resto do local estava consumido por uma escuridão profunda.

Longe deles, sob a mais pesada das sombras, havia uma enorme figura rodeada por um par de cachorros imensos.

Seria Montmorency? Aisley abriu bem os olhos, tentando ver melhor, mas seu olhar não era capaz de perfurar a escuridão. Ele era grande, bem maior do que Delamere — isso era perceptível, embora estivesse sentado. Mas era tudo o que Aisley podia determinar. Suas roupas, seus traços e a coloração de seus cabelos eram indiscerníveis. Embora soubesse instintivamente que estava diante do Cavaleiro Vermelho, não conseguia sequer ver o seu rosto.

O cenário incomum fez com que ela parasse e respirasse cautelosamente. Que tipo de homem era aquele? Será que queria assustá-los intencionalmente? Aisley nunca temera a noite, nunca acreditara nas histórias sussurradas a respeito do homem à sua frente, mas, ainda assim, sentia um arrepio viajar pela parte de trás de seu pescoço.

Edith teria certamente desmaiado.



#GênioDosLivros

Boa leitura!

Com os cumprimentos de Gênio Blomkvist.



Capítulo Dois

— Eu li o decreto do rei — disse a figura em uma voz alta, profunda e forte, permeada com algo de zombaria, ou seria aborrecimento? Aisley não sabia ao certo, mas aquilo a estava irritando. Pensou na longa e fria noite passada fora dos muros de Dunmurrow, em sua permanência no salão imundo no primeiro andar, na escuridão que escondia seu anfitrião de seus olhos, e tudo isso a deixava ainda mais zangada.

— Estou contente, senhor — disse ela —, pois, esperamos tanto tempo que comecei a pensar que ninguém em seu castelo sabia ler.

A cabeça dele se ergueu diante do insulto velado, e Aisley, mesmo sem poder vê-lo, sentiu que seus olhos ardiam de ódio. Mas ela nem se importou com isso.

— Se não deseja cumprir a ordem, então, nos diga para que possamos partir. Tenho uma longa jornada à minha frente e muitas noites para passar ao relento antes de chegar à minha casa.

O silêncio foi a resposta ao seu discurso, e Aisley sentiu o desejo de cruzar a sala para lhe dar uma bofetada só para que ele se levantasse e agisse com ela com a educação que lhe era devida ao invés de se esconder nas sombras como o demônio vermelho que era.

— Senhorita — Montmorency fez uma pausa, como se não conseguisse se lembrar do nome dela, e Aisley cerrou os dentes. — Lady de Laci — disse ele. — Esta missiva afirma que você foi convidada a escolher qualquer cavaleiro destas terras para se casar, e você me escolheu — ele falou em um tom seco, que sugeria que ele conseguia enxergar as razões de seus estratagemas. — Por quê?

Aisley lambeu os lábios, nervosa pela pergunta direta. Esperava apenas que Montmorency a recusasse e a mandasse para casa — fosse com polidez ou de forma rude —, mas ela não estava preparada para aquela audaciosa pergunta.

Quando percebeu que a moça hesitava, ele dirigiu-se a Delamere:

— Diga-me, senhor, ela é assim tão feia que ninguém na corte a queria?

Aisley respirou fundo, sentindo as bochechas arderem, enquanto Delamere caía na gargalhada ao lado dela.

— Dizem que é obstinada demais, milorde, mas muitos se casariam com ela com prazer — replicou Delamere.

— Sim, porque ela é rica, não é? — perguntou Montmorency suavemente.

A insinuação não passou despercebida a Aisley. Como ele se atrevia a sugerir que somente sua riqueza a tornava atraente como esposa? Ela mordeu a língua para não gritar com o monstro do outro lado da sala.

— Você acha que ela é bonita? — perguntou o barão de repente.

Aisley corou novamente quando Delamere se virou para ela, com seus olhos analisando-a com o primeiro sinal de apreciação que lhe dirigira.

— Sim, meu senhor. Não tem estatura alta, mas é esguia, seus cabelos são tão loiros que são quase brancos, e tão cheios e brilhantes que mais parecem prata. E seus olhos também são claros, tão profundos quanto uma pedra preciosa. — O homem do rei pareceu recompor-se antes de virar-se novamente ao barão: — A beleza da senhorita é notória.

— Mesmo com esse temperamento? — perguntou Montmorency ironicamente.

Delamere teve a consideração de não responder, mas sorriu sombriamente, enquanto Aisley cerrava os punhos durante a discussão de ambos sobre ela como se fosse um boi prestes a ser assado para um banquete de Natal.

— E, ainda assim, você me escolheu, senhorita — disse Montmorency lentamente, de uma forma tão ameaçadora que Aisley chegou a estremecer apesar da raiva. — Talvez os bons cavaleiros da corte fossem muito fracos para o seu gosto e tenha pensado que o Cavaleiro Vermelho seria o mais indicado para a tarefa de domesticá-la.

Delamere riu ao seu lado, e Aisley empertigou-se.

— Posso ver que foi um erro, senhor — disse ela, com tanta frieza quanto conseguiu.

— Sim. Foi um erro; e um erro seu, não foi? — perguntou Montmorency, com uma voz tão ameaçadora quanto seu castelo. Quando Aisley recusou-se a responder, o silêncio se esticou entre eles, fazendo seu coração bater com tanta ferocidade que ela cravou as unhas nas palmas das mãos. — Mas o que está feito, está feito — Montmorency finalmente disse, com um tom de voz sério novamente. — Que assim seja. Cecil, prepare a capela e peça que o padre seja levado para lá assim que estiver pronto. Receio que não estejamos acostumados a ter muitos visitantes por aqui — ele falou, dirigindo-se para eles outra vez. — A hospitalidade da minha propriedade é limitada, mas faremos o nosso melhor. — Ele acenou para que todos saíssem, e Aisley sentiu seu sangue correr frio.

— Espere! — A única palavra ressoou na quietude, tornando o pânico evidente até mesmo aos ouvidos de Aisley. Ela respirou fundo e quando se virou para Delamere, falou com mais calma: — Você pode retornar ao salão. — Voltando-se outra vez para seu anfitrião, disse novamente: — Meu senhor, gostaria de falar-lhe a sós, se for possível.

— É claro — disse Montmorency. Delamere, obviamente aliviado por estar livre de suas obrigações, saiu às pressas, seguindo Cecil. E Aisley ficou sozinha com a enorme forma escondida nas sombras. Que tipo de homem se encobria na total escuridão durante o dia? Aisley sentiu sua disposição vacilar diante dele, mas com grande esforço reuniu sua coragem e deu um passo em direção à figura ameaçadora.

Um dos cães grunhiu baixinho.

— Fique onde está, senhorita — disse Montmorency. Aisley parou, confusa, mas logo deu mais um passo adiante. Os cães rosnaram de novo; sons assustadores vindos do fundo de suas gargantas. — Eu mandei ficar onde está — repetiu Montmorency com raiva. — Sente-se — acrescentou com um pouco

mais de gentileza, com o braço apontando para o assento perto do fogo. Aisley sentou-se depressa e com força, tão obedientemente quanto qualquer filhote. Passou a língua pelos lábios nervosamente.

— Meu senhor, asseguro-lhe que isto é um engano — começou ela, com as mãos cerradas em punhos, sobre o tecido flutuante de seu vestido.

— Sim, eu sei — disse Montmorency, com uma irritação evidente. — Mas você conseguiu o que queria. Acha que eu desafiaria o rei?

Aisley não respondeu. Montmorency riu, um som que soou como um latido amargo em meio à câmara silenciosa.

— Você realmente pensou que eu desafiaria.

— O senhor tem uma reputação e tanto, senhor — Aisley disse delicadamente.

— Entendo — ele disse. — Talvez tenha pensado que eu somente precisaria movimentar minha mão e o decreto desapareceria com um truque de feiticeiro.

Aisley abafou um suspiro, e ela pôde jurar que teve o vislumbre de dentes muito brancos, um sorriso sarcástico no meio das sombras.

— Bem, minha obstinada Lady de Laci, suas maquinações acabaram terminando muito mal, pois, não importa o que você possa ter ouvido sobre mim, não desafiarei meu rei. Devo muito a Edward, e se este é o seu desejo, então, eu o obedecerei. Agora — ele disse, levantando-se —, você fez a sua cama. Sugiro que se deite nela. — Uma batida na porta sinalizou o retorno do criado, e Montmorency mandou-o entrar.

— Cecil, por favor, leve minha noiva até o seu quarto. Vamos nos casar

o mais rápido possível — disse o Cavaleiro Vermelho, e suas palavras ecoaram na cabeça de Aisley como o som da morte.

Embora Aisley permanecesse imóvel no quarto que lhe fora destinado, sua mente trabalhava aceleradamente. Ainda podia fugir. Só precisava abrir a porta e sair daquela torre. Seria fácil escapar naquela escuridão, disse a si mesma. Mas o que a esperaria lá fora? Poderia passar pelos guardas? E pela ponte levadiça? Esta havia se erguido no momento em que a atravessaram, prendendo-os no castelo. Aisley praguejou baixinho, um dos xingamentos preferidos de seu pai, que agora rolava em sua língua de uma maneira pouco feminina.

Apesar de todos os seus esforços, de todo o seu planejamento, em breve ela estaria casada, não com alguém amigável, mas com um homem que nem sequer mostrava seu rosto à luz do dia, um que nem sequer permitia que ela se aproximasse. Aisley sentiu-se estremecer de medo, mas o sufocou rapidamente. Aquele bruto não iria assustá-la. E também não iria fugir. Era uma de Laci, seria forte.

Uma batida na porta interrompeu os pensamentos de Aisley, e ela se virou, aborrecida com a perspectiva de enfrentar Edith. Não iria suportar ouvir o lamento de sua criada na situação em que se encontrava. Toda sua concentração fora gasta tentando se manter composta. Duvidava que pudesse também acalmar a outra.

Não era Edith, no entanto, mas o onipresente Cecil quem respondera sua convocação para que entrasse.

— Meu senhor pediu que venha à capela, senhorita — disse o homem, com uma expressão indefinível.

Aisley empalideceu, incapaz de acreditar que a hora tinha chegado tão

rapidamente. Não tinha sequer se arrumado e ainda estava vestida com o mesmo vestido daquela manhã. Nem sequer possuía uma escova para ajeitar os cabelos. Cerrando os punhos, reprimiu um protesto. O que importava? Certamente não deveria se preocupar com o que aquele idiota do Cavaleiro Vermelho iria pensar dela. Com um breve aceno de cabeça, soltou um suspiro e seguiu Cecil, com tanto entusiasmo quanto como se estivesse sendo conduzida para sua própria execução.

Eles percorreram passagens estreitas, abertas em rochas, até que chegaram a uma capela envolta em escuridão, assim como o resto do castelo. Tendo perdido toda a noção de tempo, Aisley se perguntava se tinha chegado atrasada, mas foi quando percebeu que ainda não era sequer hora da janta. A noite dentro daquelas paredes não era natural. Era aquele homem que a criava.

Erguendo o queixo, Aisley continuou caminhando ao lado de Cecil, passando pelas figuras que ali estavam para testemunhar a união. Será que a voz que ouvia era de Edith, sussurrando amedrontada? Aisley pensou ter ouvido a palavra blasfêmia e alguma coisa sobre adoração do diabo enquanto passava.

Ela lutou para manter seu comportamento sereno, pois, apesar de sua demonstração de coragem, não era imune à atmosfera obscura de Dunmurrow. Aquelas sombras eternas, o cheiro de mofo e o silêncio meditativo faziam com que aquele lugar não se parecesse nem remotamente com uma Casa de Deus. Menos ainda a assembleia solene que não se assemelhava com nenhuma outra cerimônia de casamento que ela já tivesse visto.

Com grande esforço, Aisley conseguiu esconder seu mal-estar, não querendo deixar que as palavras de Edith a assustassem. Só porque o Cavaleiro Vermelho parecia apreciar a escuridão não significava que era um necromante ou algum tipo de criatura maligna, ela disse a si mesma. Além

disso, já enfrentara coisas muito piores do que sombras em sua vida.

Com a cabeça erguida, aproximou-se do altar. Montmorency já estava ali, uma figura alta e misteriosa, de pé diante do padre. Aisley pisou ao lado dele, quase tropeçando por conta da escuridão, e ficou surpresa quando a mão dele segurou seu cotovelo para estabilizá-la. Voltou-se em sua direção, mas não conseguiu discernir seus traços, por isso, teve que suportar um arrepio ao olhar para a grande forma sem rosto. Havia algo totalmente pagão em se casar com um homem cujos traços ela nem sequer conseguia ver.

Recusando a sentir-se intimidada por ele, Aisley voltou-se para o padre. Rodeado por velas, ele era a única pessoa em toda a capela que podia ser vista claramente. O homenzinho olhou para ela com ansiedade e depois para o livro, como se não quisesse participar daquela cerimônia. Aisley não podia culpá-lo. A escuridão era como uma coisa viva, pulsando ao redor dela, fazendo-a respirar bem fundo para afastar o pânico.

Quando Montmorency a tocou, Aisley quase sobressaltou-se. Embora ela soubesse que deveria deixá-lo tocá-la durante os votos, não estava preparada para isso. Com uma grande força de vontade, ela relaxou com seu toque e ficou agradavelmente surpresa ao perceber que, apesar das previsões de Edith, ele não possuía garras. Sua mão era normal o suficiente. Era grande, quente e forte, com dedos cobertos de calos e secos. Ainda assim, Aisley estremeceu.

Não foi um tremor de medo, apesar de tudo, mas uma onda de excitação que a atravessou. Sobressaltada, tentou recuperar o fôlego, e seu coração começou a bater mais rápido, pois estava consciente de cada pedaço de sua pele que era tocada por Montmorency. Era uma sensação que nunca experimentara antes, e com um horror repentino perguntou-se se aquele comportamento não seria resultado de algum feitiço. Teria o Cavaleiro

Vermelho lançado um de seus perversos encantamentos sobre ela?

O pensamento fez com que Aisley se livrasse de seu toque, tentando concentrar-se nas palavras do padre. Quando isso não a acalmou, ela contou até dez. Dizia a si mesma que fora educada a não acreditar nas artes das trevas, mas o argumento parecia terrivelmente pouco convincente uma vez que estava envolta em sombras, casando-se com um homem a quem não podia ver.

Era isso, decidiu Aisley. Era o ato de ter alguém a tocá-la o que a fizera se sentir tão estranha. Não estava acostumada a esse tipo de proximidade. Nunca ninguém lhe mostrara afeição. Aisley estava acostumada com a áspera companhia de seus irmãos e com o fervoroso respeito de seu pai. Tocar um desconhecido era repugnante para ela.

Aisley recordava-se vividamente de um encontro na corte, quando o barão Rothschilde a encurralara atrás de uma tapeçaria. Em uma tentativa de cortejá-la, o cavaleiro a empurrou contra a rocha fria e encostou os lábios gordos e molhados em sua boca. Aisley o chutou na virilha, o que a fez fugir, mais determinada do que nunca a não se submeter a um marido.

No entanto, ainda assim, estava se casando com um homem infinitamente mais repulsivo do que Rothschilde. Ou estaria enganada? Aisley não sentia repulsa naquele momento, mas sim, uma espécie de prazer emocionante que ela não conseguia explicar. Havia algo de realmente assustador a respeito do Cavaleiro Vermelho. E era exatamente isso que a desestabilizava.

Lançou um olhar para o cavaleiro que se erguia ao seu lado, fazendo-a parecer pequena e indefesa. Fosse por força ou magia, ele era poderoso, Aisley sentia. A mão que segurava a dela, sem dúvidas, poderia esmagá-la como uma casca de noz. E como seria naquela noite? Aisley afastou esse pensamento, que ousara penetrar sua mente.

Você fez a sua cama. Sugiro que se deite nela. As palavras de Montmorency retornaram à sua mente, zombando dela, fazendo Aisley remexer-se inquieta. Os dedos que prendiam os dela, em súplica diante do padre, poderiam perder a mansidão na privacidade da grande câmara. Sendo aquele homem enorme e sem rosto, o Cavaleiro Vermelho poderia muito bem ser algum tipo de demônio, exatamente como todos diziam que era, mas Aisley sabia que precisaria se deitar com ele naquela noite. Estremecia de medo só de pensar.

Como em resposta, Montmorency apertou sua mão com mais firmeza e, erguendo o queixo, Aisley voltou sua atenção para a cerimônia. Ela não saberia dizer se estava extraindo forças daquele homem ao seu lado ou se ela simplesmente possuía uma coragem inata. Contudo, apesar disso, ela fez seus votos.

Embora tivesse a estranha sensação de que o barão lhe transmitira força quando mais precisara, Aisley alegrou-se quando ele a soltou. Seu alívio foi de curta duração, no entanto, porque antes que ela pudesse se afastar, o homem agarrou seus braços e puxou-a contra a extensão implacável de seu peito.

Aisley arfou em surpresa, ao sentir a estranha sensação do corpo de um homem pressionado contra seus seios. Se ela pudesse vê-lo, não seria tão estranho, mas a capela estava tão escura que parecia estar sozinha, como se um grande abismo tivesse se aberto ao redor dela, e sua única âncora fosse o Cavaleiro Vermelho.

Desorientada, Aisley ergueu as mãos, e seus dedos encontraram o fino tecido de seu sobretudo. Montmorency imediatamente afrouxou o aperto em seus braços e deslizou a mão por seus ombros, até a parte de trás de seu pescoço. Aisley sentiu a suave pressão de seus dedos e das palmas de suas mãos, dando calor e vida a cada pedaço de pele que tocavam no momento em que ele virou o rosto para cima. Então, seus lábios encontraram os dela para

um beijo breve e duro.

Tudo terminou antes mesmo que ela percebesse o que ele estava fazendo. Aturdida, Aisley começou a piscar, olhando para o rosto, mas não conseguiu ver nada. Como se estivessem se movendo em um sonho, ela esperou, ofegante, mas não sabia o quê. As mãos de Montmorency deslizaram pelos seus braços, e Aisley ficou maravilhada com o calor que elas geravam, até mesmo através das mangas. Ele a segurou com mais força, e ela se inclinou para ele, erguendo a cabeça.

Ele a afastou.

— Você pode se retirar para o seu quarto agora, mas vou esperá-la para jantar — disse ele bruscamente, saindo e deixando-a a observá-lo, enquanto se movia pela escuridão.

Aturdida por tudo o que tinha ocorrido, ela poderia ter ficado lá indefinidamente, mas um som no altar chamou a sua atenção. Virando-se, Aisley olhou para o padre e surpreendeu-se com sua presença.

O que tinha acontecido? Por um momento sentira como se ela e Montmorency estivessem sozinhos na escuridão silenciosa e, no entanto, a capela não parecia mais tão vazia, pois, ela podia ouvir os movimentos dos convidados. Todo mundo ainda estava ali, fazendo barulho, alheio ao que tinha acabado de acontecer.

Mas o *que* acontecera com ela?

Aisley não tinha certeza. Por um instante, parecera-lhe que não havia mais nenhuma capela, nem padre, nem celebração de casamento — apenas Montmorency, tocando-a sob as sombras. Estremeceu ao pensar. Ainda podia sentir a marca de suas mãos sobre ela, a pressão de seu peito e de sua boca.

Aisley levou um dedo aos lábios e teve a estranha impressão de que seu novo marido acabara de marcá-la como sua.

Ela deixou as mãos caírem nas laterais do corpo, quando percebeu que as histórias de Edith a estavam deixando fantasiosa. Era um beijo de casamento, nada mais, disse a si mesma. E, uma vez que estava desacostumada a ser tocada por homens, sentia-se levemente tonta. As circunstâncias incomuns de sua união estavam pregando peças em seus sentidos. Devia ter também imaginado que Montmorency apertara sua mão para confortá-la, pois, ele obviamente ainda estava muito zangado com ela. Pela forma como a dispensara, isso ficava bem claro.

Aisley lambeu os lábios nervosamente. As coisas estavam acontecendo muito rápido e de forma muito estranha, e nem mesmo sua inteligência sagaz era capaz de compreender. Sentia-se fora de si, e não gostava nada disso. Por natureza e por vocação, Aisley gostava de controlar as coisas. Precisava estar no comando em todos os momentos, mas estava começando a sentir-se impotente em Dunmurrow. Não passava de uma prisioneira da escuridão, uma noiva infeliz de um marido que não desejava.

Deixou escapar um suspiro trêmulo. Parecia impossível que o esquema inteligente que criara há semanas a tivesse levado àquela situação, mas era verdade. Agora era a esposa do Cavaleiro Vermelho, uma figura obscura e ameaçadora, que seria capaz de dominá-la não apenas com suas excentricidades, mas com seu próprio toque.

De volta a seus aposentos, Aisley foi recebida por seu baú, que fora levado e colocado porta adentro, como um último lembrete de que não poderia voltar para casa. Inquieta, tocou o pesado anel que Montmorency colocara em seu dedo ao perceber que teria que viver naquele castelo tão frio. Sentiu vontade de se jogar na cama e chorar.

Em vez disso, ela ordenou bruscamente que uma Edith choramingona desempacotasse seus pertences. Saiu porta afora e chamou Cecil novamente.

— Será que eu posso ter mais algumas velas? — perguntou ela. Ele a olhou com nervosismo e acenou com a cabeça.

— Então traga-as para mim, por favor. Eu não posso suportar esta escuridão. Tem alguma mulher ou homem que possa limpar meu quarto? — Ele balançou a cabeça.

— Há uma lavadeira.

— Peça que venha me ver — disse Aisley. Ele empalideceu, mas balançou a cabeça rapidamente e depois foi embora. — Quero que alguém limpe esta câmara — disse Aisley para Edith. A criada, que não saíra do seu lugar, ainda gemera suavemente diante da situação na qual se encontravam, então, Aisley a ignorou e abriu as persianas. O ar que a recebeu estava gelado, mas fresco, e ela acolheu a luz enquanto colocava as mãos nos quadris e examinava o quarto.

Era pequeno e vazio, exceto pelos baús, a cama e um banco de frente à lareira. As paredes eram cinza, o chão quase preto e a cama estava empoeirada. Aisley coçou o nariz com desgosto.

— É um insulto que ele tenha lhe dado um quarto tão ruim — disse Edith. A dor por conta do casamento estava sendo ofuscada pela afronta que sentia em relação aos alojamentos que receberam. — É uma desgraça para qualquer senhora, mas especialmente para você, pois, está acostumada a coisas tão boas. Ora, nem sequer há uma cadeira.

— A julgar pela falta de mobiliário do castelo, eu diria que tenho sorte de ter recebido aquele banco — disse Aisley. — E podemos fazer algumas

almofadas para ele sem dificuldade.

Edith fungou em resposta, arrancando um sorriso de Aisley pela primeira vez desde que entraram em Dunmurrow.

— Pelo tempo de existência do castelo, fico feliz de ter ao menos uma lareira — disse Aisley. Ela estremeceu, imaginando-se em uma cela fria e sem janelas, e sentiu-se verdadeiramente agradecida pelo que tinha. Em seguida, imaginou a grande câmara, onde a esposa do barão deveria ficar normalmente alojada, e estremeceu de novo, mas um tipo diferente de arrepio, que abarcava tanto a sua inquietação como uma estranha sensação que não conseguia explicar.

Afastando os sentimentos peculiares que o ato de pensar em seu marido lhe proporcionavam, Aisley abriu a boca para dizer que estava muito contente por não estar no santuário quente e escuro de Montmorency, mas ponderou suas palavras. Aquele quarto realmente tinha algumas semelhanças com as descrições da residência dos demônios, e Aisley não se deu ao trabalho de ouvir as comparações de Edith. Já tinha ouvido bastante tolices a respeito de seu marido vindas da criada.

— Esta câmara vai me servir bem, uma vez que esteja limpa — disse ela, com mais brusquidão do que pretendia. O quarto estava em péssimas condições, mas, assim como os outros cômodos, parecia estar aflito diante de tanta sujeira, algo que Aisley sabia que poderia ser remediado. — Se a lavadeira não puder ajudar, então, você e eu podemos fazer o trabalho nós mesmas ou podemos trazer algumas mulheres da aldeia — disse ela. — E não me importa o quanto irá custar.

Aisley interrompeu as próprias palavras, sentindo-se surpresa.

— Dinheiro — ela falou suavemente. — Edith, talvez este feroz

Cavaleiro Vermelho seja pobre, por isso tem poucos servos e poucas velas, porque não pode pagar por eles.

Embora Edith parecesse em dúvida, Aisley continuou falando, quase com ansiedade, agarrando-se a esta possível explicação para o estado do castelo.

— Se o problema for dinheiro, pode ser facilmente remediado com a renda de Belvry ou, melhor ainda, podemos nos mudar para lá. — Ela sentou-se ereta na cama, atordoada com a sensação de esperança que aquela ideia lhe proporcionou.

Talvez Montmorency ficasse feliz com uma propriedade próspera e estivesse disposto a viver lá ao menos por uma parte do ano. O olhar de Aisley, brilhando de expectativa, voou na direção de Edith, mas a criada sacudiu a cabeça, abatida.

— Talvez, minha senhora — disse ela. — No entanto, deve haver madeira suficiente nas proximidades para fornecer tochas para iluminar o corredor que ainda está escuro.

Aisley olhou fixamente para sua criada, enquanto sua crescente confiança se esmaecia. Edith estava certa, é claro. Não haveria mudança para Belvry. O Cavaleiro Vermelho, ela suspeitava, iria ficar em sua casa, na escuridão.



Capítulo Três

Com a cabeça erguida, Aisley acompanhou o sempre presente Cecil para o jantar. Tanto seus aposentos quanto a pequena sala anexa estavam agora arrumados e limpos, e seus pertences já se encontravam guardados. Tentava não pensar nos cômodos espaçosos de Belvry, nem no solar, com suas janelas de oriel, onde gostava tanto de passar seu tempo. Talvez ela pudesse mandar buscar algumas de suas tapeçarias, com as quais poderia tentar cobrir as paredes frias e úmidas de Dunmurrow para animar-se.

Aisley tentou livrar a mente daqueles pensamentos dolorosos a respeito de seu destino e concentrou-se em seus passos. Depois da refeição, ela pediria um banho, decidiu, tentando concentrar-se nos detalhes. Talvez, se prestasse atenção nos assuntos pequenos, não seria forçada a refletir sobre questões maiores, como a enormidade de seu erro.

Cometera um equívoco, Aisley admitiu para si mesma, embora não o fizesse para Edith. Seu plano dependera demais das decisões dos outros, e quando o rei e Montmorency se comportaram de forma inesperada, seu esquema fora arruinado. Longe de conquistar a liberdade que desejava, seus próprios atos a tornaram uma prisioneira para sempre.

Aisley sabia que deveria ter escolhido outra pessoa, mas todas as vezes que considerava os outros cavaleiros, não havia nenhum que desejasse. Seus rostos surgiam em sua memória, e ela os repelia, pois, na verdade, não queria se casar com ninguém. Naturalmente, se acreditasse no que Edith dizia, Aisley ainda não estava casada com ninguém, pois, a criada insistia que Montmorency não era mortal, mas um fantasma ou um demônio. Durante a limpeza do aposento, ela julgara conveniente repetir todos os rumores que conhecia sobre o Cavaleiro Vermelho, considerando-o desde o diabo encarnado até um espectro sem forma.

Aisley sorriu para si mesma pensando nas tolices de sua criada, uma vez que não acreditava naqueles boatos. Refletindo sobre eles, decidiu que, talvez, não tivesse escolhido assim tão mal o marido. Montmorency, sem rosto, poderia ser mais adequado a ela do que um homem real e vivo; uma sombra deveria ser muito mais maleável do que um nobre arrogante. Com um suspiro, ela deixou de lado as fantasias. Não importava o que ele era, o Cavaleiro Vermelho não seria facilmente governado; era o que suspeitava.

Seguindo Cecil ao longo de um corredor frio e estreito, aberto através de uma pedra, Aisley quase tropeçou na escuridão. Deixando escapar um xingamento, ficou, de repente, muito furiosa com a escuridão sem sentido e desejou ter escolhido qualquer outro que não fosse Montmorency como marido. Se ela tivesse escolhido um dos cavaleiros da corte, ela estaria enfrentando outros problemas agora, mas, pelo menos, seria capaz de ver. A

escuridão infernal de Dunmurrow estava começando a pesar em seu coração, frustrando seus esforços para fingir que tudo ficaria bem.

Aisley não se surpreendeu quando Cecil a levou para a câmara principal. Não era incomum que um senhor e seus vassalos mais favorecidos jantassem dessa forma, onde ele dormia, mas ela não estava satisfeita por estar de volta ao covil do Cavaleiro Vermelho. O quarto era ainda mais escuro do que ela se lembrava, apenas um brilho misterioso avermelhado limitava-se à área em frente à lareira, sendo o fogo a única fonte de luz.

Uma mesa estava posta nas sombras e Aisley pôde ver a enorme figura de Montmorency sentada lá, esperando por ela. Embora tivesse zombado das histórias de Edith sobre ele, não pôde deixar de sentir uma pontada de inquietação. Ele fazia com que ela se lembrasse de um caçador e sua presa, e quando um grunhido baixo emanou em sua direção, a moça quase sobressaltou-se.

— Quieto, Pollux — ordenou Montmorency. E Aisley percebeu, com alívio vertiginoso, que o som tinha vindo de um dos cães, e não de seu marido. Ainda assim, a escuridão profana e a presença dos animais dificultavam a tarefa de descartar as fofocas de Edith. Talvez o Cavaleiro Vermelho fosse uma besta, uma coisa horrenda cujo rosto era distorcido por um focinho, dentes afiados e olhos vermelhos sobrenaturais.

— Sente-se, minha senhora. Não vou mordê-la — disse Montmorency com aquele jeito seco, quase insultante. E a inquietação de Aisley desapareceu, sendo substituída por aborrecimento. Ela ergueu o queixo, engolindo uma retórica afiada, e sentou-se.

— Meu senhor — ela cumprimentou com um aceno de cabeça. Então, ela deliberadamente desviou o olhar da figura ameaçadora à sua frente,

procurando qualquer sinal da comitiva que a guiara naquela manhã. Até onde podia dizer, não havia nenhum outro lugar posto à mesa. — Onde está o padre? E o homem do rei, Delamere? — perguntou ela.

Montmorency ergueu a cabeça e sua voz soou irônica.

— Eles se foram — disse ele. — Saíram logo após o casamento, ansiosos para iniciarem sua jornada de retorno.

Aisley sentia frio e calor ao mesmo tempo. Não podia acreditar que seu pequeno grupo não fora convidado a ficar. Mesmo que os cômodos, no inverno, estivessem limitados, algumas cervejas e pão poderiam ter sido fornecidos. Era inédito expulsar os convidados de um casamento sem lhes oferecer uma refeição.

Estava horrorizada, indignada e mais do que um pouco inquieta, pois, com o conhecimento da ausência dos outros, veio o entendimento de que estava sozinha agora, presa com o Cavaleiro Vermelho, tendo cortado todo o contato com o mundo exterior.

— Você os mandou embora sem que sequer falassem comigo? — Aisley perguntou, tentando manter a voz firme.

— Eu não sabia que você queria falar com eles — respondeu Montmorency, balançando seus ombros maciços. — Estavam ansiosos para pegarem seu caminho.

Aisley franziu o cenho. É claro que estavam ansiosos para desaparecerem da casa do Cavaleiro Vermelho. Eram uns covardes, ela pensou com desprezo.

— Sem festa de casamento? Sem comemoração? — ela perguntou, da forma mais uniforme que conseguiu.

— Comemoração? Não vi motivos para isso — disse Montmorency, com um tom amargo.

Aisley sentiu como se ele a tivesse esbofeteado.

— Entendo — disse ela. — Muito bem. Talvez você tenha um motivo para se alegrar quando receber a contabilidade de Belvry. Não sei de quanto precisa, mas acabei de torná-lo um homem rico.

— Não quero suas riquezas! — Montmorency disse, batendo o punho sobre a mesa.

Aisley decidiu ignorar aquela explosão.

— Não quer? — perguntou ela com mais calma. — Só em uma primeira avaliação já posso dizer que dinheiro é exatamente o que você precisa. — Casualmente, ela alcançou um pedaço de pão e partiu um pedaço para si mesma.

— Talvez eu devesse lembrar que foi você que veio aqui sem ser convidada — disse Montmorency. — Foi você que me forçou a um casamento que não procurei e não queria. Você chegou ao menos a refletir? — perguntou ele, em uma voz enganosamente agradável. — E se eu estivesse comprometido com outra mulher? E se eu amasse outra pessoa?

Aisley ficou surpresa. Os casamentos entre famílias nobres eram geralmente apenas arranjos de negócios, mas havia histórias de amor na corte. Embora o Cavaleiro Vermelho fosse a última pessoa que ela imaginaria vivendo um romance, sabia que era possível que ele pudesse desejar que outra mulher se tornasse sua esposa. O assombro e a culpa a assaltaram.

— Você estava? — perguntou.

Montmorency inclinou-se para trás, como se a estivesse observando, embora Aisley imaginasse que ele não poderia vê-la realmente na escuridão. Ou poderia? Um homem comum não seria capaz, mas o Cavaleiro Vermelho era qualquer coisa menos comum. Ele não respondeu imediatamente, arrastando o silêncio entre eles por tanto tempo que ela sentiu vontade de gritar. Embora não tivesse ideia do porquê, a resposta à sua pergunta tornou-se, de repente, muito importante para ela. Queria, precisava, ouvi-lo negar que havia outra mulher.

— Não — ele finalmente disse.

— Oh! — ela deixou cair a faca sobre o prato, irritada pela provocação.

— Mas e se estivesse? — perguntou Montmorency, interrompendo qualquer outro protesto. — Você não pensou em mim e nem em ninguém quando inventou esse esquema selvagem para escapar do altar — disse ele, com um tom de desgosto na voz.

Aisley franziu o cenho. Ele estava distorcendo as coisas para que ela parecesse a vilã, quando fora Edward quem a forçara a se casar, e Montmorency fora tolo o suficiente para concordar.

— Claro que não pensei em você, senhor — disse Aisley. — Nunca sonhei que se casaria comigo.

Montmorency grunhiu em resposta, como se as palavras de Aisley confirmassem seus pensamentos.

— O que isso significa? — Aisley perguntou, sentindo o aborrecimento crescer. Já era bastante ruim que não pudesse ver o homem. Agora ele nem sequer falava de forma coerente.

— Quer dizer, minha querida esposa — disse Montmorency — que você

é exatamente o que eu suspeitava que fosse: uma pirralha mimada.

Aisley ficou atônita.

— Como se atreve? — perguntou ela, irritada.

— Atrevo-me porque sou seu marido — ele respondeu. — Talvez você devesse tentar se lembrar disso.

— Como se eu pudesse esquecer — murmurou Aisley. Pensou ter ouvido o som baixo de uma risada, mas imaginou como sendo apenas um ruído vindo dos cães. Atacou, então, a comida, irritada demais para continuar conversando com ele.

Montmorency não era um tolo, ela percebeu, e ela precisaria de toda a sua inteligência para superá-lo. Sua mente acelerava, procurando uma maneira de deixá-lo de joelhos ou, ao menos, remover aquele tom zombeteiro de sua voz. E a ideia lhe surgiu, tão claramente, que quase a fez engasgar, aturdida pela revelação.

A união podia ser anulada.

Casamentos poderiam ser dissolvidos com o fundamento de que tinham acontecido contra a vontade de uma das partes. Embora Aisley certamente não quisesse se casar com ninguém, ela escolhera Montmorency diante do rei e suas testemunhas, de modo que dificilmente poderia reclamar de coerção. Não, ela não poderia, pensou, enquanto um sorriso lento se espalhava por seu rosto. Mas Montmorency, sim.

O Cavaleiro Vermelho deixara claro que não a queria. Declarara veementemente que a aceitara como esposa apenas para obedecer a Edward. E não acabara de se queixar por ela tê-lo forçado a um casamento que ele não buscara nem queria? Fora contratado para ela, contra sua vontade, pelo

decreto do rei.

Aisley estava sorrindo agora, certa de que tinha encontrado a solução para o problema. Precisava convencer Montmorency, e eles poderiam acabar com aquela farsa. Ela estaria livre para voltar a Belvry, tendo escolhido um cavaleiro, como Edward lhe ordenara. E Montmorency não poderia ser culpado. Também obedecera ao rei ao se casar com ela. Ninguém, afinal de contas, tinha delimitado quanto tempo precisaria durar o casamento.

Assumindo sua atitude mais altiva, uma que costumava usar para negociar com vendedores ambulantes de especiarias, Aisley se preparou para apresentar sua ideia.

— Há uma saída, senhor — disse ela.

— O quê? — perguntou Montmorency com um grunhido.

— Uma maneira de se livrar de mim — ela respondeu.

Ele bufou.

— Se há, gostaria de ouvi-la.

— Casamentos contraídos contra a vontade de uma das partes podem ser anulados — explicou Aisley. — Portanto, temos apenas que esperar um tempo suficiente e, então, pedir que a união seja dissolvida.

— Dissolvida? — perguntou Montmorency. — Com que alegação?

— Com o argumento de que uma das partes foi forçada a casar contra sua vontade — repetiu exasperada. Será que ele não tinha entendido?

Na escuridão sombria, Aisley ouviu sons estranhos, como se o barão estivesse sufocando ou tossindo, mas não conseguia distinguir o que dizia. Ou

talvez fossem apenas os cães novamente.

— E então? Está de acordo? — ela perguntou.

— Você está mesmo falando sério! — gritou Montmorency, atordoado.

— Claro que estou falando sério, meu senhor — disse Aisley. — É a solução perfeita para o nosso dilema. Quando nossa união for declarada nula e sem efeito, nós dois estaremos livres para retornar às nossas vidas anteriores.

Mais sons emanaram da direção do Cavaleiro Vermelho, mas Aisley não tinha certeza se era Montmorency ou os animais de estimação rosnando aos seus pés.

— O que achou do meu plano? — ela perguntou.

— Acho que você está louca — rugiu o Cavaleiro Vermelho. Aisley o ouviu se levantar e depois sentar-se novamente, fazendo o banco ranger sob o peso de seu corpanzil. Parecia estar respirando pesadamente, e ela sentiu uma pontada de inquietação. Por que ficara tão zangado? Não acabara de se queixar que não a queria como esposa?

Quando Montmorency falou novamente, parecia estar mais calmo.

— Deixe me certificar de que entendi esse novo esquema — disse. — Edward ordenou que escolhesse um marido, e você me escolheu. Agora você quer pedir à Igreja e a Edward para dissolver nosso casamento sob o argumento de que foi forçada a isso?

— Não — disse Aisley. — Você não está entendendo, meu senhor. — Ela pensou ter ouvido um suspiro aliviado do outro lado da mesa e continuou. — Você é que foi coagido. Portanto, você deve fazer a petição. Vou apoiá-lo, naturalmente, e atestar que se casou comigo apenas por causa do decreto do

rei.

— Eu? — Daquela vez, o berro de Montmorency fez a sala estremecer, e ele se levantou, derrubando a cadeira. — Você quer que eu diga que fui forçado a me casar com você?

— Claro — disse Aisley lentamente, inquieta com aquela demonstração de péssimo temperamento. — É verdade, não é? Foi o que você me disse.

Montmorency rosnou como uma besta, e, por um momento, ela pensou que ele poderia se arrastar pela mesa até ela. Desacostumada àquele tipo de discussão, Aisley permaneceu imóvel, tentando lutar contra o sentimento de medo que a ameaçava. Não tanto pela maneira como ele se erguia sobre ela, como uma sombra grande e escura, invisível e desconhecida, mas era a força de sua ira que a deixava insegura.

Aisley sempre tirava fortes emoções de situações inquietantes. Temia os funerais, porque todo aquele derramamento de dor a perturbava. Mesmo no enterro de seu próprio pai, ela não fora capaz de demonstrar os lamentos que, para os outros e para Edith, eram tão simples. Ela lambeu os lábios nervosamente enquanto se perguntava se deveria permanecer onde estava ou se deveria fugir da ira do Cavaleiro Vermelho.

Quando ele não fez mais nenhum movimento em direção a ela, Aisley aventurou-se a fazer um comentário.

— Acho que você não está totalmente de acordo com meu plano, não é?

Montmorency gemeu. Aisley pensou que era um som melhor do que o rosnado anterior e relaxou ligeiramente. Ela o ouviu endireitar-se na cadeira.

— Não, não estou de acordo com seu plano — disse ele. — Em primeiro lugar, seria uma mentira, pois, ninguém jamais me forçou a fazer

qualquer coisa contra a minha vontade.

— Mas você disse...

Montmorency a interrompeu.

— Eu disse que não procurei nem quis este casamento, mas tampouco fui coagido. Casei-me para agradar a Edward, embora eu esteja pensando que o sacrifício está parecendo maior do que eu suspeitava.

Aisley incomodou-se com o comentário. Será que a língua dele era sempre tão afiada?

— Você age como se fosse o único a sofrer, mas também não estou satisfeita com nossa união — disse ela. — Acha que quero morar aqui?

Montmorency não era estúpido e não aceitaria o insulto. Aisley percebeu, lamentando sua língua afiada.

— Mas é aqui que você vai viver — disse ele, tão deliberadamente que o coração de Aisley chegou a pular uma batida. De repente, ela se lembrou de quem estava sentado diante dela e de quão perigoso ele poderia ser.

Quando o barão conversava facilmente com ela, irritando-a com seus comentários secos, Ailsley podia até esquecer sua reputação bizarra, o ambiente estranho ao redor e conseguia falar livremente. Se fechasse os olhos, quase podia imaginar-se sentada num palacete ensolarado ou em um salão espaçoso ao lado de um cavaleiro grande, embora um pouco mal-humorado. Mas não era o caso. Estava presa ali na escuridão, com um homem que nunca vira. E as histórias contadas sobre ele faziam com que seu sangue corresse frio.

Aisley respirou fundo. Seria prudente lembrar quem era Montmorency e

agir cautelosamente, especialmente até que descobrisse mais sobre ele. Pensando freneticamente, decidiu que seria melhor dar-lhe razão do que argumentar. Embora ele obviamente não a desejasse como esposa, não estava disposto a dissolver o casamento. Talvez ele concordasse com uma separação de corpos.

— Meu senhor — disse Aisley suavemente —, se está tão infeliz comigo, por que não me deixa voltar para casa? Poderíamos permanecer casados, mas viver separados. Você poderia ir e vir de Belvry quando desejasse.

— Você é minha esposa e ficará aqui, não importa se lhe agrada ou não — disse ele. Apesar de seu tom não dar margem à resistência, Aisley não poderia entregar sua liberdade tão facilmente.

— Mas eu preciso ficar em Belvry — disse ela, tentando outra tática. — É uma propriedade muito próspera, e se quisermos continuar recebendo uma boa renda, eu preciso estar lá para...

Montmorency nem sequer a deixou terminar a frase.

— Eu lhe disse que não quero seu precioso dinheiro! Não preciso dele — disse, sua voz soando como um rosnado baixo.

— Então, por que não foi oferecido um bom jantar aos convidados? Por que o castelo é tão mal cuidado? Por que não há mais criados para mantê-lo limpo? Por que não há mais fogo para nos aquecer e mais velas para afastar essa miserável escuridão? — A voz de Aisley começou a aumentar junto com sua frustração. Como Montmorency tinha coragem de negar sua necessidade de dinheiro? Por que estava rejeitando algo que todos os outros desejavam? E se não a queria, então, por que não a deixava voltar para Belvry? Nada disso fazia sentido, e ela queria respostas.

Mas ela não recebeu nenhuma. O barão permaneceu calado até que o silêncio começou a parecer-se com uma presença na sala. Aisley poderia pensar que o homem fora embora, mas ainda conseguia ver sua enorme forma, uma figura ameaçadora sob as sombras. Quando ele falou de novo, sua voz não evidenciava raiva, apenas aquele tom seco que se tornara muito familiar.

— Se tem medo do escuro, minha senhora — disse ele —, não deveria ter escolhido a mim.

Aisley já tinha engolido humilhação suficiente. Perversamente, considerou Montmorency culpado por não desafiar o rei. Ele poderia ter recusado, poderia ter lutado contra. Ela tinha apenas seu juízo para salvá-la e, daquela vez, sua inteligência falhara.

— Peço sua licença, senhor — disse ela. Não era uma pergunta, mas uma afirmação. Ela se levantou, com as mãos cerradas nas laterais do corpo. — Já ouvi o suficiente neste... jantar. — Sem esperar por uma resposta, ela se virou em direção à porta, penetrando na escuridão da escada em espiral.

— Cecil! — A voz de Montmorency soou e, como por magia, Aisley ouviu o som suave dos passos dos empregados, aproximando-se dela. Segurava uma vela, e Aisley ficou feliz por poder enxergar alguma coisa.

— Farei minha refeição no salão esta noite, Cecil — disse ela, e o empregado, que normalmente não demonstrava nenhuma expressão, lançou-lhe um olhar assustado. Aisley suspeitava que o homem temia a ira de seu mestre, mas ela disse a si mesma que não estava assustada com o Cavaleiro Vermelho.

Com esforços, ela desacelerou seus passos e tentou acalmar seu coração descompassado, pois, sabia que deveria voltar ao salão com a melhor aparência possível. Como a nova castelã, deveria fazer sua parte, não importava o que pensava de seu novo lar. Sentindo-se estremecer, Aisley

tentou adotar um comportamento mais gracioso, determinada a encontrar-se e comer com aqueles que viviam e trabalhavam em Dunmurrow, como se fosse uma noiva feliz e não a mais miserável das mulheres.

Movendo-se da escuridão dos degraus para o salão, Aisley se viu em seu habitat natural. Ser senhora de um castelo era um papel familiar para ela, por isso, avançou com confiança, sentindo seus pés hesitantes ao pisar nos juncos velhos. Por um momento, ficou de pé, apenas olhando ao redor, sem acreditar. Então, soltou um suspiro que era quase um soluço ao olhar para a câmara que estava diante dela.

Não havia cavaleiros, nem senhoras, nem servos aglomerando-se em torno das longas mesas. Não havia criados correndo pelas cozinhas, nem ninguém para colocar as paletes no chão durante a noite. A grande sala de Dunmurrow estava deserta, e seu silêncio sombrio era mais ameaçador do que qualquer coisa que Aisley tivesse visto no castelo que agora era seu lar. Ela estremeceu ao sentir seus últimos fios de esperança se dissolverem.

Edith estava esperando por ela em seus aposentos, meio adormecida, com sua figura pequena agachada e enrolada no sofá junto ao fogo, e havia uma xícara vazia ao lado dela.

— Oh, minha senhora — disse ela, levantando-se quando Aisley fechou a porta. — Peguei no sono? Já é tarde?

Ignorando seus planos anteriores de pedir um banho, Aisley decidiu tentar dormir sozinha.

— Ainda é cedo, Edith, mas você está cansada. Pode ir para seu quarto agora.

Edith parecia aflita, com suas bochechas normalmente coradas, pálidas,

enquanto torcia as mãos sobre o colo.

— Talvez eu pudesse dormir dentro do guarda-roupa — ela sugeriu, referindo-se ao pequeno espaço de armazenamento que era separado do quarto de Aisley por uma cortina.

— Se você tem medo de ir para seu próprio quarto, sim, você pode alojar-se lá dentro — disse Aisley.

— Por tudo que é mais sagrado — sussurrou Edith —, estou com medo do que possa acontecer comigo sozinha neste lugar perverso, e tenho medo por você, minha senhora. — Ela fez uma pausa, como se não pudesse continuar. E quando falou de novo, sua voz era pouco mais que um sussurro. — Você sabe o que terá que fazer em sua noite de núpcias?

Interrompida no ato de desafivelar seu próprio cinto, Aisley respirou fundo. Era bem verdade que tinha esquecido tudo o que a esperava naquela noite. Ela estivera muito ocupada, planejando e discutindo com Montmorency, para se preocupar com o fato de que teria que ir para a cama com ele. Ela lançou um olhar penetrante para a criada e descobriu que o rosto redondo de Edith mostrava um rubor que ia quase até a raiz de seu cabelo castanho, já adquirindo mechas grisalhas.

— Deveria ser sua mãe a lhe dizer essas coisas, mas Deus levou a sua alma, e ela não está mais aqui — as palavras calmas da mulher foram desaparecendo. — Você quer saber?

Aisley assentiu lentamente, com os olhos fixos em Edith, que agora respirava fundo.

— Quando um homem se casa, ele adquire direitos sobre o corpo da mulher, para usá-lo como quiser — ela disse, sacudindo a cabeça, como se

pensar no Cavaleiro Vermelho usando o corpo de alguém a enchesse de terror.

— Você já viu o suficiente do corpo de seus irmãos para saber que homens são feitos de forma diferente. Isso é para que eles possam se encaixar entre suas pernas e assim obterem prazer. É doloroso, minha senhora — disse Edith. — Mas você é forte, e precisa pensar que poderá ganhar um pequenino bebê com isso. — A criada voltou os olhos para as mãos entrelaçadas. — Isso era o que eu costumava esperar, mas Deus decidiu não me abençoar dessa forma. — Ela levantou a cabeça e sorriu de forma desanimada para Aisley. — No entanto, fui agraciada com você, minha senhora, e a vi crescer e tornar-se uma mulher linda e inteligente. E que o Senhor nos ajude, porque nunca pensei em vê-la casada com um homem como este! — Edith interrompeu o seu discurso para chorar suavemente pelo destino de sua menina.

Com pena da mulher mais velha, Aisley estendeu os braços desajeitadamente e deixou Edith chorar contra seu ombro. Seus próprios olhos permaneciam abertos, olhando fixamente para o fogo crepitante, lembrando-se de seus frágeis irmãos e, depois, da figura enorme do Cavaleiro Vermelho. Imaginava-o forçando a entrada em uma parte da anatomia de seu corpo, e isso fez o seu sangue correr frio. Era uma mulher forte, sim, mas...

Quando os soluços de Edith finalmente cessaram, Aisley a soltou e sorriu tranquilamente.

— Não se aflija. Não estou preocupada com isso — disse ela, corajosa.

Edith parecia um pouco confortada com as palavras de Aisley, enquanto fungava e enxugava as lágrimas.

— Pelo menos, não dura muito mais do que poucos minutos, minha senhora — acrescentou, esfregando os olhos. Então, ela levantou a cabeça. — Pelo menos, não deveria. A não ser que este diabo tenha um poder diferente.

Oh, minha senhora, tenho medo por você! — Ela balançou a cabeça. — Quem sabe o que a besta poderá fazer? Você conseguiu olhar para ele? Talvez ele tenha chifres, e seu corpo seja como o de uma cabra.

— Ele é apenas um homem, Edith — disse Aisley, interrompendo o que prometia ser outro comentário sobre a estranha reputação de Montmorency. Tardiamente, ela percebeu que sua frase mal começava a descrever o Cavaleiro Vermelho, mas não iria retirar suas palavras.

— Mas, minha senhora, as histórias que contam sobre ele e sua predileção por sangue pelos caminhos obscuros são terríveis — protestou Edith. — E se ele lançar algum feitiço sobre você para fazê-la obedecer suas ordens?

— Pare com isso agora — disse Aisley. — Seus absurdos estão ficando cansativos. — Edith era doce, mas um pouco tola. Embora a mulher a amasse como uma filha, Aisley nunca fora capaz de devolver essa afeição tão fortemente, e ela se sentia um pouco culpada por isso. — Descanse um pouco — ela disse com gentileza.

Edith assentiu, mas ficou com os olhos arregalados de apreensão.

— Bem, minha senhora, estarei por perto. E se você gritar, corro para cá — prometeu.

Os lábios de Aisley se curvaram com um sorriso amargo.

— E o que você vai fazer? — ela perguntou, sabendo que nem mesmo as forças das duas mulheres combinadas seriam páreo para um cavaleiro, especialmente aquele.

Edith pareceu nervosa por um momento, depois olhou para Aisley com determinação.

— Vou golpeá-lo na cabeça com alguma coisa — disse ela.

— E depois?

— Vamos fugir, minha senhora! — ela respondeu ansiosamente. — Vamos fugir deste temido castelo e nos livraremos do diabo!

O sorriso de Aisley ficou mais sombrio.

— E para onde irão, duas mulheres, sozinhas no campo, no inverno?

— Podemos procurar o santuário ou o convento mais próximo.

Aisley deu tapinhas no ombro de sua criada, não querendo destruir qualquer sonho que fosse um consolo para ela. Mas, de alguma forma, ela pensou que o rei faria uma careta se soubesse que ela tinha assassinado o novo marido em sua cama.

— Pode acomodar-se no guarda-roupa, Edith, e durma um pouco. As coisas parecerão bem melhores pela manhã.

Depois que Edith se foi, Aisley acendeu o fogo. Apesar de sua postura corajosa, sentiu uma necessidade de afastar-se da escuridão e acendeu várias das velas que Cecil lhe dera, colocando-as sobre um baú perto da cama. Então, finalmente, ela tirou as roupas e enfiou-se debaixo das cobertas. Deixando as cortinas da cama entreabertas, ela se sentou contra os travesseiros para esperar por Montmorency.

O tempo pareceu se arrastar mais devagar do que o normal, e ela desejava não ter deixado a presença do Cavaleiro Vermelho tão rápido. Pelo menos poderia ter esticado a refeição, adiando o inevitável enquanto tentava conversar com o homem... ou animal.

Aisley inspirou e expirou muito lentamente, enquanto se esforçava para

esquecer a conversa com Edith. Seu marido não era um demônio, mas um homem, disse a si mesma. No entanto, isso não lhe trazia muito conforto, pois, não conhecia sua personalidade e nunca vira seu rosto.

E ele não a queria como esposa. Esse fato fazia Aisley estremecer. Sabia que Montmorency estava zangado com ela por tê-lo escolhido. E se ele decidisse descontar sua raiva nela naquela noite? Agora que pensava no assunto, decidiu que talvez não devesse ter discutido com ele durante o jantar ou saído da mesa.

Mais tarde, à medida que a noite ia passando, Aisley começava a desejar que Montmorency surgisse e acabasse logo com aquilo, odiava aquela espera e a incerteza. No entanto, ele não chegou, e ela teve muitas horas para imaginar o pior, enquanto sua inquietação crescia. Desejou, então, que não tivesse deixado Edith dormir na sala adjacente, pois, a proximidade de sua criada significava que Aisley precisaria se lembrar de uma coisa acima de todas as outras.

Não importava o que acontecesse, ela não poderia gritar.



Capítulo Quatro

Aisley não sabia ao certo por quanto tempo manteve sua vigília, lutando contra sua inquietação enquanto esperava pela presença de seu marido, mas finalmente cochilou. Embora estivesse momentaneamente desorientada quando acordou, não demorou muito a se lembrar de Dunmurrow e seu senhor sombrio, já que tinha o hábito de não demorar muito para ficar em alerta pela manhã. Seus olhos se arregalaram, e seu coração começou a acelerar. Será que ele estivera ali?

Lutando contra seu pânico, Aisley ousou olhar para o lado, mas não havia nenhuma forma misteriosa espreitando sua cama. Estava sozinha. Percebendo isso, começou a respirar com mais facilidade e olhou ao seu redor. A câmara encontrava-se exatamente como ela tinha deixado, exceto pelas velas, que haviam derretido, e o fogo que queimava baixo. Teria

Montmorency entrado e ido embora sem tocá-la, enquanto ela dormia? Tentou, então, ignorar a estranha sensação que tais pensamentos geraram. Então, com uma risada trêmula, percebeu que nenhuma visita desumana a despertara. Fora despertada pelo amanhecer, que agora tentava encontrar uma maneira de penetrar em seu quarto através das cortinas pesadas.

Aisley sentou-se ereta e ofegou em surpresa. Montmorency não a tinha visitado. Sentiu um alívio tão grande que chegou a lhe provocar uma vertigem. O que isso significava?

Significava que ele realmente não a queria.

Aisley tentou ignorar o incômodo que esse pensamento lhe provocava, mas também não o queria. Era bom que ele a tivesse poupado de suas atenções, e como não a tinha procurado na noite de núpcias, era provável que não a procurasse nunca. Aisley mal podia acreditar em sua sorte. Não precisaria mentir para o Cavaleiro Vermelho, nem enfrentar seu desejo temível, nem tentar ser forte por conta de alguma provação dolorosa, que só poderia ser humilhante ao extremo.

Aquela era a primeira coisa boa que lhe acontecia desde que pusera os pés em Dunmurrow. Se ao menos não precisasse ficar ali. Obviamente, Montmorency não a desejava. Será que não conseguiria convencê-lo a deixá-la ir para casa? Aisley lembrou-se da discussão durante o jantar e franziu o cenho, frustrada.

Era difícil entender por que um homem com tão poucos sentimentos pretendia mantê-la com ele. Mas os homens eram possessivos por natureza. Gostavam de governar e dirigir os outros, por nenhuma razão além do hábito. Talvez ele quisesse prendê-la ali como um castigo por tê-lo escolhido, pensou Aisley de repente. Isso a fez refletir, porém, apesar de todos os seus rosnados,

não conseguia acreditar que Montmorency fosse tão cruel.

Encolhendo os joelhos até o peito, ela os abraçou e suspirou. Pena que não concordava em dissolver o casamento, porque precisava dele para fazê-lo. Não, ela não podia afirmar que fora forçada a entrar naquela união, mas... Aisley ofegou quando uma nova ideia lhe surgiu.

Havia outra maneira de pedir à Igreja que declarasse a união como nula e sem efeito, e que não exigiria o consentimento de Montmorency. Um parentesco, até mesmo um de quarto grau, tornaria um casamento ilegal. Naturalmente, Aisley não estava relacionada a Montmorency de modo algum, mas só precisava alegar que sim.

Ela sorriu. Sabia que os homens, às vezes, fabricavam falsos ancestrais para se livrarem de suas esposas. Tal esquema lhe parecia improvável, mas não impossível. Vestindo a camisola, Aisley saltou da cama, exultando ao pensar que poderia recuperar sua liberdade. E seria um prazer frustrar o Cavaleiro Vermelho.

O som deve ter despertado Edith, porque Aisley ouviu sua criada chamar da sala contígua.

— Venha — ela respondeu alegremente, e Edith entrou correndo, olhando ao redor com uma expressão de desprezo. — Bom dia, Edith — disse Aisley. — Já que terminamos de limpar o meu quarto, acho que podemos começar com o resto do castelo. — Não querendo compartilhar suas esperanças secretas ainda, ela voltou seus pensamentos para a nova casa, embora temporária, e as tarefas que precisava realizar. Queria ocupar-se até o momento em que poderia voltar para Belvry.

Edith olhou-a sem qualquer expressão.

— Vou mandá-la à aldeia para que fale com algumas mulheres, e antes do anoitecer teremos ajuda para cuidar da cozinha e da limpeza. Vamos precisar de homens para reparo das paredes e pintura — disse Aisley, enumerando as tarefas com os dedos, enquanto Edith a olhava. — Vamos precisar de tapeçarias e de um armário para o salão. Preciso dar mais uma boa olhada na casa para saber.

— Será que ele vai permitir que faça melhorias no castelo? — Edith perguntou, surpresa.

Aisley hesitou. Recusava-se a admitir que não tinha discutido o assunto com seu marido.

— Tenho certeza de que Montmorency aprovará as mudanças — disse ela. — Embora Dunmurrow não seja tão novo ou espaçoso quanto Belvry, tem uma certa beleza. Só poderemos ver como vai ficar quando terminarmos. Vamos começar com as cozinhas. Verificarei as despensas e adegas, nos porões, e vou descobrir quem está cozinhando aquela carne que Cecil serve.

Edith, reparando que o humor de sua patroa tinha melhorado, gemeu subitamente e engoliu em seco.

— Minha senhora, não! A senhora não pode visitar os porões!

— Por que não? — Aisley perguntou.

— Porque, provavelmente, é onde o Cavaleiro Vermelho faz seus feitiços! Sem dúvida deve ser quente como a casa do diabo, com fornalhas e mesas alinhadas, cheias de cartas de estrelas e frascos, cheios de substâncias horríveis!

Aisley riu em voz alta, achando difícil imaginar que Montmorency, aquele homem tão seco, se inclinava sobre sua grande mesa, trabalhando com

um frasco delicado.

— Oh, fique quieta, Edith! — ela disse com leveza. Depois da noite passada, seu marido passara a parecer menos ameaçador e muito mais manejável. Permitiria que rosnasse o quanto quisesse, pensou com um sorriso. No final, seguiria o seu destino.

— Minha senhora já está acordada — disse Cecil, ajudando seu mestre com um sobretudo. — Parece estar de bom humor, senhor.

Piers grunhiu por causa do comentário. Não precisava nem explicar para si mesmo que a felicidade de sua esposa provavelmente poderia ser atribuída à ausência do marido em sua câmara, na noite passada. Ele já suspeitava que Aisley ficaria feliz por ficar livre de seus deveres conjugais. Na verdade, não ficaria surpreso se ela chegasse a abrir a melhor garrafa de vinho para comemorar.

— Ela solicitou uma audiência com o senhor — disse Cecil.

— Isso quer dizer que ela exige me ver — Piers disse, secamente.

— Sim, meu senhor — respondeu o criado sem erguer os olhos.

Piers deu de ombros, alisando o tecido, e grunhiu.

— Peça a ela que se junte a mim para almoçar.

Cecil fez uma pausa em suas tarefas.

— Não acha perigoso, meu senhor?

Claro que poderia ser, Piers pensou com uma careta. Mas naquele dia, pela primeira vez, despertara pensando em algo diferente daquela dor que o

consumia. Naquela manhã, acordara pensando em cabelos claros e olhos cinzentos...

Ele ainda podia ouvir o som de sua voz e sentir o perfume almiscarado que usava. Provocante e convidativa, despertou seus sentidos quando a beijou na capela. Piers sentiu um arrepio em suas costas ao lembrar-se dos seios suaves apertados contra seu peito e tentou controlá-lo. Já fazia muito tempo, pensou tristemente, mas em silêncio, porque não tinha nenhum desejo de falar com Cecil sobre aquele assunto.

— Quero comer com minha esposa. Você tem alguma objeção? — ele perguntou suavemente.

Cecil ficou em silêncio por um longo momento antes de voltar a falar:

— Confia nela?

— Não, não confio — Piers respondeu sombriamente. — Mas a acho intrigante. — Era uma afirmação verdadeira. Embora pensasse que o esquema de Aisley para enganar Edward tenha sido estúpido, admirava sua coragem em planejá-lo. Ficara ainda mais impressionado com a graça com que fora até o fim com sua façanha, pois, quando seu plano falhara, Montmorency esperava que fugisse. Contudo, não podia negar o fato de que ela tinha complicado sua existência de uma maneira que ele não queria nem imaginar.

— É perigoso, meu senhor — Cecil disse antes de recuar.

Pelo amor de Deus! Claro que era perigoso, Piers concordou em silêncio.

— Talvez fosse melhor se o senhor anulasse o casamento — sugeriu Cecil.

Montmorency virou-se rapidamente para seu criado por não querer ouvir mais. Mas não era estúpido. Sabia que deveria pesar suas escolhas cuidadosamente quando se tratava em dispensar sua nova esposa.

— Como? — perguntou bruscamente.

— Talvez o senhor não tenha pensado nisso, mas a proibição contra as uniões consanguíneas fornece fundamentos para a dissolução — disse Cecil. — Mesmo o relacionamento pelo casamento pode ser invocado. Não seria difícil produzir algumas poucas testemunhas para afirmar que você e a senhora são ligados de alguma forma.

Piers sentou-se na beirada da cama e coçou o queixo.

— Claro — ele disse suavemente. — Por que não pensei nisso? — Ele se lembrou da noite anterior, quando Aisley lançou aquela bobagem sobre ele ter sido obrigado a casar-se com ela. Por que não pensara nisso?

Ele sabia o porquê, embora não quisesse admitir ao criado. Ficara demasiadamente entusiasmado com a voz dela, com sua conversa divertida, com seus absurdos, seu cheiro... tudo sobre ela. Aisley podia desafiar a inteligência de um homem com a mesma facilidade que o vento espalhava a palha por um campo.

Seria melhor se livrar dela, Piers reconhecia isso. Mas algo o detinha: a lembrança de sua presença diante dele, preenchendo a sala escura de vida. Atribuía a ela a interrupção imprevista de seu mundo solitário, por isso hesitou.

— Edward não vai permitir que a moça continue gerindo sua propriedade sozinha — Piers disse, passando os dedos pela barba áspera. — Mesmo se a igreja concordar em anular nosso casamento, o rei simplesmente

pedirá que ela escolha outro marido.

Cecil afastou-se, enquanto continuava sua habitual rotina matinal de arrumar a câmara.

— Sim, o senhor provavelmente tem razão. Mas assim ela não seria mais uma ameaça.

O barão grunhiu. Imaginou Aisley deixando Dunmurrow e tentou ignorar a sensação de perda que o atingiu ao pensar nisso. Quem escolheria em seguida? Piers desprezava muitos dos cavaleiros de Edward que ainda eram solteiros, embora não soubesse se alguns deles já tinham encontrado esposas, porque algumas circunstâncias o haviam forçado a cortar o contato com todos, exceto alguns amigos confiáveis. Imaginou Aisley casando-se com outro, e seus cabelos prateados espalhados sobre um travesseiro, suas coxas pálidas abertas enquanto alguém investia dentro dela. Era uma visão que não podia ignorar.

Ele se levantou abruptamente.

— Não quero que a moça sofra nas mãos de outro — disse Piers. Na verdade, não queria que outro homem lhe roubasse a esposa, mas quem poderia culpá-lo? — Edward também não ficaria satisfeito com tal truque. Ele é um firme defensor do matrimônio. É melhor deixar as coisas como estão — disse ele bruscamente.

— O senhor está certo, como sempre — concordou Cecil. — Mas certamente não pretende deixá-la ficar aqui, não é? Se ela tem uma propriedade tão próspera, o senhor a mandará para lá, certo?

— Não! — Piers sentiu uma onda de possessividade por sua esposa e uma onda de raiva pela intromissão de Cecil. Embora soubesse que o homem

falava com a razão, não se importava em ouvi-lo. — Ela é minha — disse ele. — E como qualquer outra esposa, viverá com seu marido. Não ultrapasse o limite, Cecil.

— Sim, meu senhor — disse Cecil, mas um forte suspiro provou a Piers que ele não estava de acordo. — Então, vai contar a ela?

— Não, eu não vou contar a ela! — vociferou Piers. — E você também não vai. Manterá sua boca fechada, mesmo se ela tentar coagi-lo a revelar algo. Aisley é inteligente, não se engane, mesmo que alguns de seus planos sejam ridículos.

— Mas, meu senhor, como vamos lidar com isso? O que você vai fazer? — perguntou Cecil. Embora o homem soasse preocupado, Piers o interrompeu com um gesto de mãos.

— Vamos continuar como temos feito desde que ela chegou — disse ele. — Vá agora. Ponderarei seus conselhos, mas preciso fazer meu próprio julgamento quanto a esta mulher que se tornou minha tão de repente.

Depois que Cecil saiu, Piers apoiou um braço na parede e grunhiu de aborrecimento. Os cães, sentindo seu humor, despertaram e aproximaram-se de sua mão livre, implorando por atenção. Distraidamente começou a acariciar-lhes as orelhas.

— O que me diz, Castor? E você, Pollux? O que acham de sua nova senhora? — perguntou. Os animais gemeram alegremente aos sons de seus nomes, e Montmorency bufou. — Cachorros espertos. Sim, ela é muito tentadora — disse ele, sorrindo para si mesmo. — Eu sei muito bem o que gostaria de fazer com nossa pequena Aisley — ele meditou em voz alta. — Quando a ouvi usar aquele tom arrogante comigo no jantar, tive vontade de derrubar tudo sobre a mesa e possuí-la bem ali. — Mas isso estava fora de

questão... não estava? Piers fez uma careta. — O que eu deveria fazer era enviá-la de volta para Edward, que provavelmente deve estar rindo como um louco por causa dessa história. — Como se concordassem, os cães começaram a abanar seus rabos.

Aisley tentou manter o tom de triunfo ausente de sua voz quando cumprimentou o marido, mas não pôde esconder a felicidade que havia nela. Estava certa. As coisas pareciam bem melhores pela manhã.

— Meu senhor — disse ela, aproximando-se da mesa. Até mesmo a visão da forma misteriosa de Montmorency, escondida sob as sombras, não lhe perturbava. De alguma forma, depois da noite passada, ele parecia menos ameaçador, e Aisley estava cheia de otimismo. Talvez eles pudessem fazer um arranjo para viverem em paz juntos, tal como ela fizera com seu pai.

— Minha senhora — cumprimentou Montmorency, enquanto ela se sentava de frente para ele.

Aisley o ouviu gemer ao provar a refeição. Ela tinha supervisionado a preparação, e aquele fora provavelmente o primeiro alimento decente que fora servido a Montmorency em um longo tempo.

— Espero que goste da torta de carne de veado — disse ela.

— Por quê? Você que fez?

— Sim — respondeu Aisley. — Eu dei uma olhada na cozinha hoje, a limpei, a arrumei. Teria arrumado melhor, mas preciso de mais ajuda. Gostaria de ir à aldeia esta tarde e trazer algumas mulheres livres ou aldeões que possam trabalhar aqui no castelo.

Aisley falou com cuidado, tornando as palavras não um pedido, mas uma

simples declaração de sua intenção. Então ela parou, contendo a respiração, até que percebeu que sua mão estava suspensa sobre a xícara, dada a sua apreensão.

Ela deixou cair o braço e esperou tensamente pelos argumentos do Cavaleiro Vermelho, mas já tinha decidido que não recuaria. Não se deixaria intimidar por sua silhueta obscura ou por seu mau temperamento. Se insistia que vivesse em Dunmurrow, então, que a deixasse reviver a propriedade. Pronta para lutar por aquelas melhorias, Aisley surpreendeu-se com sua resposta.

— Pode fazer o que quiser — disse Montmorency, suavemente.

Aisley sentiu-se relaxar e respirou profunda e calmamente.

— Obrigada, meu senhor — disse ela. — Tenho certeza de que você sabe que seu serviçal, Cecil, precisará supervisionar os deveres dos outros ao invés de ficar constantemente esperando por nós. Precisamos de servos e de alguns homens para ajudar em reparos, lavagem, pintura e assim por diante. Naturalmente, precisamos de mais velas, um tecelão e alguém que cuide da despensa. Eu poderia cuidar da lavoura e da agricultura também, se você quiser.

— Você é cheia de energia, minha senhora — disse Montmorency, com aquele tom seco, e Aisley sentiu um rubor corar suas bochechas. Ela abaixou os olhos e não fez nenhum comentário. Será que havia sarcasmo em suas palavras? O Cavaleiro Vermelho estaria satisfeito ou irritado com seu entusiasmo? Aisley não saberia dizer. Sua voz era tão enigmática quanto seu semblante sombrio, e ela precisou se lembrar de que o mestre de Dunmurrow não era como os outros homens.

Não desejando que ele a atraísse para uma nova discussão, Aisley ficou

em silêncio. Comeu rapidamente, ansiosa para assumir seus novos deveres, mas Montmorency ainda não tinha terminado com ela. Depois de um longo silêncio, ele falou com mais gentileza:

— Seu pai está morto? — perguntou.

— Sim — respondeu Aisley. — Faz um ano.

— E você não tem mais ninguém?

— Eu tinha três irmãos — disse Aisley, separando um pedaço de pão. — Dois morreram da febre quando eram mais novos; e o terceiro foi morto em batalha.

— Deve ter sido difícil para você, sobreviver sozinha — Montmorency suavizou a voz.

— Não, eu me saí muito bem. Na verdade, venho gerenciando Belvry há muitos anos. No último, tenho feito isso por conta própria, e a propriedade tem prosperado. Eu poderia ter continuado, mas nosso bom rei sentiu a necessidade de me forçar a me casar.

Montmorency resmungou:

— Você nunca desejou se casar?

— Não — respondeu Aisley, com sinceridade. — Eu mesma gerenciei Belvry. Qual seria a minha necessidade de me casar com um homem que levaria guerra e ruína às minhas terras?

Um silêncio inquietante seguiu suas palavras.

— Para lhe dar filhos? — Montmorency finalmente disse.

— Para que eles possam morrer? — Aisley perguntou amargamente. —

Não, obrigada.

Ela estendeu a mão para a xícara, pensando que a conversa tornara-se inteiramente pessoal, e tomou um longo gole de vinho.

— Então, estamos de acordo — Montmorency falou secamente.

— O quê?

— Sim — disse ele. — Você não deseja um marido, e eu não desejo uma esposa. Foi uma péssima ideia termos nos casado.

Aisley quase engasgou.

— Sempre posso contar com você, meu senhor, para arruinar minhas refeições e me lembrar do quanto fui louca ao escolhê-lo. — Ela pensou ter ouvido uma risadinha baixa, mas disse a si mesma que estava enganada. Montmorency era desumano demais para rir.

— Não havia mais ninguém que você pudesse ter escolhido? — ele perguntou. — Um amigo da família? Um conhecido distante? Um vizinho?

Aisley riu com amargura.

— Meu vizinho é um burro pomposo que sempre cobiçou minhas terras — respondeu ela. Não contou que Hexham costumava olhá-la de forma lasciva, não queria que Montmorency zombasse dessa afirmação. A opinião do Cavaleiro Vermelho sobre ela era tão baixa que tinha certeza de que ele imaginava que ninguém poderia desejá-la. Mas Hexham desejara, e Aisley sabia disso. A ideia não era reconfortante. — Conhece o Barão Hexham?

— Não — disse Montmorency.

— Que sorte a sua! — disse Aisley. — Posso te dizer que é uma

amizade que não lhe fará falta. Hexham é um mentiroso e um ladrão, sempre chegando a Belvry com sorrisos falsos e palavras doces, enquanto tentava invadir nossa propriedade por trás de nossas costas.

— Ele nunca atacou a propriedade? — perguntou Montmorency com uma voz dura.

— Não — disse Aisley. — Na verdade, acho que ele é covarde demais para lutar, mas usa de intrigas e conspirações. Tem um bom relacionamento com Edward, e eu tenho certeza que deve estar muito indignado agora, já que deve saber que me casei.

— Ele queria se casar com você? — perguntou Montmorency.

A ferocidade nas palavras do Cavaleiro Vermelho fizeram com que ela hesitasse, mas Aisley assentiu, esquecendo-se por um momento que estavam na escuridão.

— Sim — ela falou quando se lembrou disso. — Ele sempre quis Belvry e quando meu pai morreu, viu sua chance. Mas foi quando eu bloqueei sua entrada. Não confiava nele. — Ela lembrou do olhar nos olhos daquele homem quando a viu pela última vez. Um de seus criados a informou que Hexham poderia desonrá-la para forçá-la a se casar com ele. Desde então, ela se recusou a vê-lo, embora ele ainda enviasse uma enxurrada de mensagens, solicitando uma audiência. Aisley respirou fundo. — Acho que ele nunca aceitou que os de Laci fossem espertos o suficiente para não se deixarem enganar — ela disse levemente. — É tão cheio de si que provavelmente não poderia imaginar uma donzela dizendo-lhe não. Conquistou suas terras através do casamento, enganando sua pobre esposa com sua aparência e seu charme, sem dúvida.

— Ele era casado?

— Sim. A esposa de Hexham morreu há vários anos, depois de passar a maior parte de seus dias presa em uma torre — lamentou Aisley. Então, ergueu a cabeça, desejando poder ver Montmorency e analisar sua expressão. — Ele ficará bravo quando souber que eu o escolhi.

— Ele realmente pensava que você iria escolhê-lo?

Aisley riu do tom cético de Montmorency.

— Sim — disse ela. — Tenho certeza de que pensava, se considera um grande partido, e como o conheço há muito tempo, provavelmente presumiu que eu escolheria alguém familiar.

Montmorency resmungou.

— Você definitivamente não escolheu alguém familiar.

— Não escolhi, não é mesmo? — Aisley disse e, de repente, a brincadeira compartilhada fez com que Montmorency parecesse quase agradável.

Não demorou muito para que Aisley perdesse o bom humor, e quando ela foi levada para a grande câmara, para jantar com o marido, estava furiosa. A escuridão que parecera de pouca importância mais cedo, naquele momento surgia como uma barreira obscura, erguida pelo próprio diabo. Quando sentou-se, portanto, o fez sem cumprimentar a forma obscura diante de si.

— Minha senhora — saudou Montmorency.

— Meu senhor — respondeu Aisley com rigidez. Não disse mais nada, mas brincou com a comida, odiando aquele jogo de gato e rato que Montmorency aparentemente tanto gostava. Estava acostumada a lidar com as pessoas de forma mais direta. Seus irmãos e pais a tratavam com frieza, mas

eram razoáveis, e nunca teriam agido com falsidade como o homem que estava escondido sob as sombras. Ela comeu rapidamente, desejando o tempo todo que pudesse se levantar e brigar com ele cara a cara, ao invés de ficarem se bicando, separados pela escuridão.

O silêncio se estendia até o infinito, enquanto comiam a refeição, e apenas o baixo sussurro de seus movimentos e os barulhos dos cães lhes davam qualquer alívio. Aisley sentia-se oprimida. Mesmo quando jantava em seu quarto em Belvry, raramente ficava sozinha. Se nenhum hóspede se juntava a ela, as criadas estavam presentes servindo, mas ali, o solitário Cecil deixava a comida e partia, deixando os dois na escuridão. Aisley sentia como se estivesse enterrada, com uma máscara de maldade como seu único companheiro.

A sensação de ansiedade aumentou, e ela se perguntava como poderia desfrutar de algum momento da companhia do Cavaleiro Vermelho. Ele provavelmente era tão cruel quanto as histórias que Edith contava e só parecia humano quando queria arrancar informações dela.

Aisley rangeu os dentes enquanto pensava na longa conversa que tiveram durante o almoço, em como ele a levara a falar sobre sua família e Hexham. Qual era o propósito disso? O que queria dela? Seria alguma forma de punição por ela tê-lo forçado a se casar ou Montmorency tinha planos mais diabólicos em mente?

Ele deveria estar divertindo-se com seu entusiasmo e de seus planos para aquele castelo desolado! Cerrou as mãos em punhos ao pensar na zombaria. Dissera-lhe que podia ir em frente e fazer o que desejasse, mas sabia muito bem que não era possível.

A voz temida invadiu seus pensamentos.

— A comida está boa esta noite — disse Montmorency. — E o pão também está bem melhor.

Aisley recusou-se a agradecer pelo elogio.

— Você tem feito um bom trabalho com a cozinha.

Ele obviamente queria uma resposta, mas Aisley preferiria desafiar o fogo do inferno antes de agradecê-lo por seu insignificante elogio.

— Sim — ela disse, ao invés disso, sinalizando que o ouvira. Decidiu não pronunciar mais nenhuma palavra. Se Montmorency não descobrisse nada sobre ela e não conhecesse seus desejos, não poderia magoá-la como tinha feito. Outras feridas e os meios de infligi-las, ela não se dignaria a considerar.

Ela esperava terminar sua refeição e partir. Uma vez que estivesse em seu quarto, começaria a fabricar um novo plano que resultaria em um parentesco com o Cavaleiro Vermelho. Naquela manhã, pensara em pôr em prática seus direitos sobre Dunmurrow antes de partir, mas agora só queria que seu casamento fosse dissolvido o mais rápido possível.

— Como foi sua tarde? — perguntou Montmorency.

Aquela pergunta destruiu todas as suas resoluções para permanecer em silêncio.

— Você deve saber muito bem como foi — ela respondeu com os dentes cerrados. — Edith não conseguiu trazer nenhuma mulher da aldeia para cá, muito menos para morar no castelo. — Fez uma pausa, tentando acalmar-se, mas falhou. — Se você não aprova meus planos, por que não me disse isso? Por que nos fazer perder tempo? Simplesmente para me insultar? Despreza-me tanto assim? — Percebendo que sua voz entregava mais do que ela gostaria, Aisley fechou a boca.

— Eu não a desprezo — Montmorency disse suavemente.

— Não? Eu nunca poderia imaginar isso levando em consideração o que você me fez passar hoje. — Ela sentiu que perdia o autocontrole e respirou fundo. — E minha criada também. Edith voltou para casa ainda mais amedrontada do que antes, pois os aldeões simplesmente alimentaram seus medos. Todos pensam que você é um demônio!

— E você, pensa assim? — perguntou Montmorency.

— Não sou um desses camponeses ignorantes que nunca deram dois passos para longe da porta da própria casa — disse Aisley. — Estou bem ciente de que cavaleiros cultivam suas próprias lendas para aterrorizarem os corações de seus inimigos.

— E pelo que vejo, você não está aterrorizada — afirmou Montmorency ironicamente.

— Não sou seu inimigo. Acha que sou? — Aisley perguntou. Quando o Cavaleiro Vermelho não deu nenhuma resposta, sua ira cresceu. — Estou cansada de seu desprezo, meu senhor. Observando Dunmurrow, tudo o que você precisa é de um castelão habilidoso, e agora você tem um bem à sua frente. Cuidei dos bens do meu pai, antes e depois de sua morte, dirigindo os criados em todas as suas tarefas — ela disse. — Supervisionei os reparos da casa, a agricultura, a cozinha, a leiteria, a despensa... Calculei a renda, defendi ações judiciais e administrei orçamentos. Posso adestrar um falcão, ler e escrever, jogar xadrez e tenho uma ótima voz cantando. Tudo isso além da grande porção de dinheiro que lhe trouxe com o casamento. Qualquer outro homem ficaria feliz em me desposar.

O punho de Montmorency bateu contra a mesa, sacudindo os copos com a força do golpe.

— Mas eu não sou qualquer homem! — Aisley ouviu sua cadeira arrastar-se enquanto ele se levantava. — E você sabia disso quando forçou-se contra mim. Por Deus, eu não vejo nenhuma utilidade em uma esposa que queira se intrometer nos meus negócios!

Aisley levantou-se também, temendo-o pela primeira vez naquele dia, e recuou, para longe de sua ira.

— Você não sabe nada sobre mim, mulher tola — Montmorency disse. Sua voz era nada mais do que um grunhido baixo. Aisley o ouviu dar a volta na mesa e sentiu o desejo de correr, sair porta afora ao invés de encarar a enorme forma sombria que se movia em direção a ela com raiva. Mas ela era uma de Laci e jamais fugiria. Embora seu coração disparasse violentamente por conta da aproximação, ela se manteve de pé, com o queixo erguido.

As mãos de Montmorency se fecharam em seus braços, e Aisley pensou que ele certamente iria quebrá-los ou sacudi-la como um galho de árvore. Ela sabia que não era incomum que um homem fosse violento com sua esposa, mas nunca sonhara que algo assim lhe aconteceria. Abriu a boca para protestar, não iria se encolher diante do marido, não importava quem, ou o que, ele fosse. Mas ao invés de golpeá-la, Montmorency a puxou contra si.

Sua boca estava quente e áspera contra a dela, tomando, exigindo, e Aisley sentiu o medo passar por seu corpo em espiral, mas em uma direção diferente. Lentamente, o beijo mudou. Seus lábios se tornaram mais suaves, mais doces, agindo por conta própria. Embora uma das mãos de seu marido estivesse em sua nuca, mantendo-a cativa, Aisley sabia que já não era mais hora de fugir. Não tinha a intenção de fazê-lo agora, não sentia medo, apenas uma estranha excitação e a respiração ofegante, mantendo-a onde estava, pressionada contra o Cavaleiro Vermelho. O beijo de Montmorency não parecia em nada com o de Rothschilde. Não era nada que já tivesse conhecido.

Flutuando na escuridão, Aisley passou a existir naquele momento apenas pelo estranho toque em seus lábios. Quando sentiu o polegar dele no canto de sua boca, pressionando-a para que se abrisse, ela consentiu, e sua língua a invadiu em uma explosão de sensações quentes. O brilho daquele quarto misterioso desaparecia diante dela enquanto fechava os olhos, uma visão carmesim inundando seu ser. A escuridão resultante tornou-se um casulo envolvente, e ela apenas sentia aquele peito forte e vivo contra seus seios. Aisley levantou seus braços trêmulos para rodear o pescoço do marido e uni-los ainda mais, fechando-os para o mundo exterior.

A língua de Montmorency a marcava, acendendo seus sentidos, enquanto a acariciava. Os dedos estavam secos e calejados contra o pescoço de Aisley, enquanto a outra mão deslizava por suas costas, indo parar sob seus braços, erguendo-a do chão com força. O gemido de surpresa que ela soltou converteu-se em um grunhido de prazer, um som que pareceu inflamá-lo ainda mais, fazendo com que ela usasse a própria língua para provar da dele.

Montmorency grunhiu baixinho em resposta, um ruído primitivo que ressoou profundamente dentro dela, e Aisley sentiu-se deslizar para dentro de um abismo habitado apenas pelo Cavaleiro Vermelho. *Conduza-me, marido*, ela pensou. *Leve-me com você.*

— Aisley, Aisley, minha doce esposa. — A voz de Montmorency, despojada de sua usual ironia, parecia estar se desmoronando, e ela ergueu a cabeça ante a urgência dele. Suas mãos se moveram novamente para seus braços, enquanto gentilmente a afastava dele; e embora ela não pudesse ver nada de seus traços, Aisley sentiu que ele estava buscando palavras para dizer. — Preciso manter essa vida por minhas próprias razões, mas vou lhe conceder o que quiser — sussurrou Montmorency. — Pode fazer sua limpeza e seus reparos. Se as mulheres não vierem, faça com que os homens trabalhem. E se não vierem, diga-lhes que irei arrastá-los pessoalmente por seus pescoços magros até que venham realizar serviços para o seu senhor. Agora vá. — A

suavidade em sua voz afastou toda a rudeza de Aisley, mas quando ele retirou as mãos dela, a jovem sentiu uma perda física.

Ela se afastou, perplexa por sentir seus membros ainda tremendo por dar-se conta de que tinha acabado de ganhar uma grande concessão do Cavaleiro Vermelho. Já na porta, ela se virou, olhando para trás em meio a escuridão tão impenetrável quanto a mente de seu marido, e tentou controlar seu coração. Não tinha certeza do que a incomodava mais, se o fato de Montmorency tê-la mandado embora ou o reconhecimento de que não queria deixá-lo.



Capítulo Cinco

Aisley despertou na manhã seguinte sentindo-se estranhamente inquieta. Na noite anterior, ficara acordada por horas, sozinha em sua cama, mas não sentiu nenhum alívio com a ausência de Montmorency. A lembrança de seu beijo voltara para fazer seu sangue latejar em seus ouvidos, e ela se perguntou se ao invés de alegrar-se por ele não tê-la reivindicado, se deveria estar insultada. Talvez ela o desejasse também, refletiu Aisley sentindo uma estranha satisfação.

Aisley sabia que era graciosa, embora tivesse passado a maior parte de sua vida tentando ignorar este fato. Cuidar dos irmãos, ajudar o pai e ser reconhecida por suas realizações sempre fora mais importante para uma menina solitária em uma casa cheia de homens. Eles não se importavam com a aparência dela, mas sim, com quão bem se saía como castelã.

No entanto, outros homens valorizavam coisas mais superficiais como a

beleza, Aisley pensou, enquanto erguia uma mão e a pousava em sua bochecha pálida. E alguns eram conhecidos por outras preferências. De repente, ela começou a se perder tentando imaginar se os gostos de Montmorency pendiam para mulheres altas, morenas e voluptuosas. Então, respirou fundo, surpresa e repugnada por suas próprias reflexões. O que importavam os desejos do Cavaleiro Negro?

Aisley disse a si mesma que estava interessada apenas nas concessões que ele lhe fizera na noite passada e sua cabeça já estava girando com todos os planos que tinha para o castelo. Dunmurrow não seria assim quando voltasse à sua glória, e Aisley suspeitava que conseguiria transformá-la. Uma mudança acontecera naquele jantar. E que mudança! Em um momento, ele estivera rosnando como a besta maligna que todos diziam que era, e no próximo...

Aisley ergueu um dedo, levando-o aos lábios, espantada com a sensação de seu beijo e sua própria reação apaixonada. Pela primeira vez desde o casamento, perguntava-se o que estaria perdendo. Então, suspirou por tamanha tolice. Um beijo era uma coisa. Compartilhar uma cama era completamente diferente. Aisley lembrou-se que o Cavaleiro Vermelho não era um homem comum, mas um enigma, cujo rosto ainda não tinha visto.

Ela estremeceu, quase não acreditando que tinha colocado os braços ao redor dele de bom grado, sendo ele um desconhecido, e um tão estranho. Todas as coisas que ouvira de sua criada retornaram à sua mente e a deixaram inquieta. Edith estava equivocada em relação a uma coisa, pensou Aisley com um sorriso, Montmorency, definitivamente, não era uma sombra, mas era feito de carne rígida e sólida. Ela podia atestar isso. Estremeceu de novo, daquela vez sentindo um calor bastante delicado se espalhar por ela ao pensar em seu abraço.

Com um suspiro de aborrecimento, ela afastou seu humor estranho. Embora os beijos do Cavaleiro Vermelho não fossem censuráveis, e apesar de ter se dignado a permitir melhorias em sua casa, Aisley não estava preparada para deixar de lado seu mais novo esquema. Ainda planejava inventar o falso parentesco e ter seu casamento anulado o mais rápido possível.

Enquanto isso, ela ajeitaria Dunmurrow. Aquela era uma tarefa que ela sabia executar muito bem, pensou enquanto se levantava da cama. Se sua aparência não satisfazia Montmorency, havia muito pouco que pudesse fazer para alterá-la, mas poderia mudar Dunmurrow. E até mesmo o Cavaleiro Vermelho poderia ficar satisfeito com seus esforços. Aisley sorriu ante esse pensamento, depois o desprezou com desdém enquanto chamava Edith.

Na verdade, não se importava com o que Montmorency pensava dela. E certamente não estava com ele em mente quando vestiu uma de suas roupas favoritas: um vestido azul pálido, com uma brilhante túnica turquesa que proporcionava um contraste único. Seu pai, nunca dado a estampas floridas, dissera uma vez que aquela vestimenta fazia com que ela parecesse uma joia brilhante, feita em prata, de modo que Aisley tomou coragem, embora não houvesse nenhum espelho onde pudesse se ver.

Edith havia trançado seus cabelos e o arrumara sobre suas orelhas. Agora que estava casada, sabia que não deveria mais deixar suas tranças pálidas caírem frouxamente. E uma vez que estava indo para a aldeia, deixou que a criada lhe colocasse uma tiara de brilhantes, embora normalmente a rejeitasse por achá-la muito chamativa.

— Você está linda — disse Edith, com os olhos ficando úmidos. — Se ao menos estivéssemos na corte, e você ainda pudesse escolher entre aqueles cavaleiros, todos os homens do reino estariam pedindo a Edward a sua mão.

— Mas não estamos, e eu teria rejeitado a todos de qualquer maneira — Aisley disse. — Nunca me vesti para agradar a nenhum homem, nem pretendo fazê-lo agora.

Por um momento, ela se perguntou se Edith a estava provocando, mas a criada dificilmente a acusaria de tentar impressionar seu marido. Edith pensaria que ela era estúpida por tentar enganar o Cavaleiro Vermelho.

— Vou para a aldeia esta manhã e quero que me olhem como a dona do castelo de Dunmurrow — disse Aisley, defendendo o motivo para estar usando aquele traje.

Edith balançou a cabeça tristemente.

— Você pode parecer uma rainha, minha senhora, mas não vai conseguir mudar a mente dos aldeões. Dizem que o Cavaleiro Vermelho foi premiado com esta propriedade, mas dois anos se passaram, e ele estava muito ocupado lutando com Edward, no País de Gales, e ele não teve tempo de cuidar do lugar. Então, quando veio para cá, se trancou e não saiu desde então. Enquanto o lugar cai na ruína, ele trabalha em seus feitiços obscuros.

— Silêncio — Aisley cortou a criada, impaciente. — Estou bem ciente do que todos dizem e pensam de Montmorency, mas precisamos de ajuda aqui, e eu pretendo obtê-la. Duvida de mim? — ela perguntou, olhando diretamente para a criada. Edith balançou a cabeça novamente, como se estivesse entre o desespero da situação e a lealdade à sua patroa. — Então pense nisso — disse Aisley. — Você pode ficar aqui. — Ela parou de falar quando percebeu que Edith estava torcendo as mãos nervosamente.

— Nem pense, minha senhora — disse a criada, com os olhos brilhantes de excitação. — Considere isso, poderíamos escapar deste lugar horrível.

— Edith! Peço-lhe que pare de me incomodar com essa falta de sensibilidade — disse Aisley. — Estamos aqui, e aqui ficaremos, a menos que algo ocorra para alterar essa situação. Estou chocada por você pensar que um de Laci seria capaz de fugir de um desafio.

Edith olhou para ela com olhos arregalados.

— Você acha que Montmorency é um desafio?

Aisley franziu o cenho, preferindo não discutir essa possibilidade.

— Claro que não. Estou me referindo ao castelo e uma vida aqui — disse ela — Não há nada de errado com Dunmurrow que não possa ser consertado com um pouco de limpeza, pintura e acabamento.

— E Montmorency? — Edith perguntou.

Aisley a despediu com um aceno de mão.

— Ele vai permitir que façamos o que quisermos. — Então, ela se retirou do quarto, deixando a criada com o cenho franzido atrás dela.

Embora estivesse ansiosa para chegar ao corredor, Aisley precisou abrandar o passo para atravessar a penumbra. Ela disse a si mesma que seu entusiasmo tinha tudo a ver com as melhorias que ela tinha planejado e nada a ver com o Cavaleiro Vermelho. Ainda assim, sentia um pequeno tremor de antecipação, esperava encontrar Montmorency esperando-a na escuridão. Ela esperava que ele a levasse para a aldeia, tanto para cumprir sua promessa de que ela teria empregados quanto para passar algum tempo com ela.

Quando encontrou o vasto quarto vazio, exceto por Cecil, Aisley sentiu uma pontada afiada de desânimo.

— Meu marido não irá se juntar a mim esta manhã?

— Ele está ocupado em outro lugar, minha senhora — disse Cecil. — Mas ele deixou instruções para que eu a acompanhasse até a aldeia.

Aisley tentou esconder sua frustração, pois, pensar que poderia estar perseguindo o marido a deixou chocada.

— Vamos, então — disse ela, irritada por Cecil ser novamente a sua companhia. O sujeito era educado, taciturno e nada desagradável. Porém, parecia sempre estar por perto, todas as vezes em que ela se voltava para ele.

Ao invés de ficar impressionada com as muitas habilidades de Cecil, Aisley pensou que talvez ele fosse a razão de o castelo ter caído em um estado tão ruim. Apenas um homem não era capaz de fazer tudo, ela sabia muito bem disso, mesmo ela sendo cheia de talentos, muitas vezes ela fora forçada a delegar responsabilidades para outros. Seria melhor se Cecil fizesse o mesmo.

A aldeia de Dunney não ficava tão longe, e Aisley ficou satisfeita ao ver que não era tão sombria nem tão destituída quanto o castelo. Quando souberam que a esposa do Cavaleiro Vermelho estava passando, as pessoas gradualmente correram para as janelas para espiar. A princípio, Aisley sentiu-se embaraçada com os olhares de medo que lhe dirigiram, mas pouco a pouco, o temor dos habitantes da cidade começou a abrandar.

Ela sorriu ao ouvi-los sussurrar sobre sua beleza. Se seu rosto pudesse conquistar a confiança daquelas pessoas, então, Aisley estava determinada a usá-lo em sua vantagem. Sorriu novamente quando um bem-vindo grupo de crianças se separou de seus pais para cercarem seu palafrém.

— A senhora é mesmo a esposa do Cavaleiro Vermelho? — perguntou um menino, mais ousado do que os outros.

— Sou sim — respondeu Aisley. — Qual é o seu nome?

— Sou Kendrick — respondeu o rapaz, orgulhoso. — E esta é minha irmã, Moira.

Uma menina de cachos escuros, que se escondia atrás do irmão, espiou ao redor dele.

— A senhora é uma bruxa? — a criança perguntou, ofegante.

— Certamente, não.

Apesar de Kendrick ter olhado para sua irmã de forma severa, não se empenhou muito em acalmá-la.

— Mas a senhora é casada com ele, o Cavaleiro Vermelho — disse Moira.

— Ouça, Moira, e todos vocês também — disse Aisley, erguendo a cabeça e a voz. — O barão Montmorency não é o diabo e nem um demônio, mas um homem mortal, como qualquer um de vocês. Essas histórias sobre ele são apenas tolices destinadas a assustar seus inimigos. Vocês são seu povo e estão sob a proteção dele. Não há motivos para temê-lo.

— A senhora não tem medo dele? — Moira perguntou, com seus olhos negros arregalados.

Aisley riu suavemente.

— Não tenho medo de nenhum homem e, certamente, não do Cavaleiro Vermelho.

Ela ouviu os sussurros excitados dos aldeões, enquanto discutiam entre si sobre as palavras que acabaram de dizer. Que bom, ela pensou, a conversa

sugeria que algumas pessoas acreditavam nela. Embora soubesse que não conseguiria mudar a ideia de todos em apenas um dia, começara a plantar as sementes.

Lamentando não ter doces para as crianças, Aisley derramou moedas e os assistiu sair correndo, agradecendo à sua nova senhora. Se ao menos os adultos pudessem ser tão facilmente conquistados, ela pensou melancolicamente, enquanto olhava para a multidão, em busca de qualquer um que pudesse acompanhá-la.

Para a surpresa de Aisley, Glenna, a mãe viúva de Moira e Kendrick, foi a que lhe respondeu mais imediatamente. Ela concordou em ir cozinhar em Dunmurrow, porque passara a viver em total pobreza na aldeia sem seu companheiro. Então, a irmã de Glenna e seu marido, além de um menino órfão, decidiram ir também. Embora decepcionada com o pequeno número de pessoas, Aisley deu-se satisfeita por ter alguém, porque ouviu alguns comentários terríveis de que os que partissem com ela não seriam vistos novamente.

— Bobagem — disse Aisley. — Eu pretendo que essas pessoas me ajudem a fazer a vila prosperar. Vocês os verão frequentemente enquanto abastecem nossos estoques. — Então, Aisley se ergueu em sua postura mais altiva, olhando para aqueles que a rodeavam de uma maneira ensaiada, para que lembrassem que era uma nobre. — E ouçam isso — acrescentou —, todos os que desejarem prosperar por uma associação com Dunmurrow, sejam advertidos: não caluniem o bom nome do meu marido.

Enquanto se afastava, Aisley ouviu os murmúrios dos aldeões atrás dela e pensou que tinha feito um bom começo. Contente consigo mesma, Aisley lançou um olhar para Cecil e ficou surpresa ao vê-lo observando-a com cautela.

Percebendo que ele desaprovava suas palavras, sentiu uma momentânea desconfiança por seu corajoso discurso. Talvez tivesse falado demais. Talvez não devesse ter dito nada.

Na verdade, quem era ela para defender o Cavaleiro Vermelho? Nunca sequer tinha visto o seu rosto.

Somando tudo, Aisley considerou o dia como bom. A nova cozinheira imediatamente começou a trabalhar na cozinha, proporcionando uma refeição adequada para Aisley, Edith, os servos mais idosos e os mais jovens. E assim que terminaram de comer, ela colocou todos para trabalhar, limpando o salão.

No momento em que Cecil a convidou para jantar, seu vestido estava empoeirado, sua túnica já tinha sido retirada e suas tranças caíam por suas costas. Percebeu tardiamente que todos os seus esforços para parecer sedutora não serviriam para nada, e estava muito cansada para se importar.

De qualquer maneira, Montmorency estava de mau humor, e só um gato com uma ótima visão noturna poderia discernir as belas roupas que usava naquela câmara. Não era uma maravilha que não tivesse nenhum apelo para o marido, já que ele nunca desejara vê-la na luz? Sentiu uma breve irritação ao pensar nisso, mas ficou muito contente com o trabalho daquele dia para se permanecer irritada por muito tempo, e nem mesmo o silêncio do Cavaleiro Vermelho poderia dissuadi-la.

Embora não fosse falante, Aisley descobriu que gostava de relatar seu sucesso. Contou a ele sobre a resistência inicial dos aldeões, sobre as boas-vindas que recebera das crianças e das pessoas que levara com ela.

— É um bom começo, meu senhor. — Ignorando os grunhidos pouco entusiasmados de Montmorency, Aisley apresentou seus planos para aumentar o laço entre Dunney e o castelo. — Uma vez que os aldeões vejam que não

comemos humanos no jantar, teremos, seguramente, trabalhadores aptos à nossa escolha — acrescentou, enquanto partia um grande pedaço de pão.

— E como você pode ter certeza que eu não devoro pessoas? — perguntou o barão, com uma voz baixa e ameaçadora.

Aisley lembrou-se, subitamente, de sua estranheza, da aura de perigo que existia na sala, mas que fora brevemente dissipada por sua conversa. No entanto, seu ânimo ainda estava alto, então, ela resistiu ao desejo de estremecer diante de suas palavras assustadoras e lhe respondeu com rapidez.

— Levando em consideração que você ainda sequer me comeu... — Os ruídos que se seguiram foram realmente assustadores, até que Aisley percebeu que o Cavaleiro estava tossindo violentamente. — Você está sufocando? — ela perguntou, enquanto sua preocupação aumentava.

— Acalme-se — murmurou Montmorency. — Não é nada. — Certa de que ele não estava em perigo, ela imediatamente voltou sua atenção para a conversa.

— Estive pensando sobre os preparativos para o Natal — disse ela. — Uma celebração adequada pode muito bem conquistar os aldeões, e temos tempo para preparar uma pequena festa. Precisaríamos de mais especiarias, para bolos de gengibre, além de sementes, e a despensa está quase vazia. Mas, ainda assim, poderíamos fazer algo. Seria um bom caminho para conquistar a confiança deles, meu senhor.

— Aisley — o tom de voz de Montmorency não continha a secura habitual e isso, imediatamente, chamou a atenção da moça. Era uma coisa tão insignificante, o fato de tê-la chamado pelo nome, mas fez com que ela se emocionasse.

— Sim, meu senhor? — ela respondeu, um pouco ofegante.

— Piers. Meu nome é Piers — disse ele.

— Piers — repetiu Aisley. Decidiu que gostava do nome dele e do jeito que ele rolava em sua língua. Então, lembrou-se de sua língua rolando com a dele no dia anterior e corou, feliz por estar oculta pela escuridão. Será que a beijaria de novo? O coração de Aisley começou a bater ferozmente ante a ideia e, então, seus pensamentos começaram a correr selvagens por sua mente, enquanto imagens de seu abraço inundavam seu ser.

Ela percebeu, com uma pontada de choque, que queria que ele a beijasse. Realmente queria. Ele era uma grande sombra, um mistério e talvez fosse um homem cruel, mas Aisley não conseguia se conter. Ela respirou profundamente, cerrando as mãos no colo e ouviu um som de movimento diante dela.

Os cachorros bufavam e foram se instalar mais confortavelmente em outro lugar, sob os pés de Montmorency. Os pés de Piers, ela emendou. Embora repetisse aquele nome silenciosamente, como um apelo, o objeto de seu desejo parecia ignorar seus pensamentos ousados.

— Você se vangloriou de seu talento para cantar — disse ele, de repente. — Poderia exibir sua habilidade?

Aisley soltou o ar que estava segurando silenciosamente.

— É claro — ela sussurrou.

Qual era o problema com ela? Será que estava desejando as atenções do Cavaleiro Vermelho? Bebera muito vinho, concluiu. O dia fora longo, ela estava cansada e tinha bebido vinho demais com a comida. Isso explicava a mudança bizarra de seus pensamentos, não é?

Ela percebeu que Montmorency estava falando e tentou prestar atenção.

— Vou pedir a Cecil que vá buscar o garoto da aldeia para acompanhá-la. Eu o ouvi tocar flauta esta noite — disse ele.

— Acha que é prudente? — Aisley perguntou, subitamente preocupada. Não queria que o rapaz fosse levado ao covil do Cavaleiro Vermelho. Depois de seu relativo sucesso naquela manhã, ela não precisava de histórias sobre a figura ameaçadora de Montmorency quando o menino voltasse à aldeia.

— Não, imagino que não seja, mas pensei que você pretendia defender o meu nome contra todos os que o caluniaram — disse Montmorency. Aisley corou de novo, envergonhada por Cecil ter repetido suas palavras para o Cavaleiro Vermelho. — Alguma vez lhe ocorreu, esposa, que eu gosto das histórias que contam sobre mim e que estou contente por elas evitarem que as pessoas venham à minha porta? — perguntou ele.

— Mas por que, meu senhor? — Aisley perguntou, verdadeiramente curiosa.

— Piers.

— Piers — repetiu Aisley, enervada pelo acalorado discurso de sua voz. — Por quê?

— Não importa o motivo — respondeu o Cavaleiro Vermelho. — Por mais equivocada que seja sua lealdade, quero que saiba que ela é notada. Agora, já que julgou oportuno trazer todas essas pessoas para o castelo, vamos usá-las. Cecil! — gritou ele.

O criado entrou imediatamente, como se não tivesse mais o que fazer além de esperar à porta do quarto de seu mestre até ser convocado, e logo o jovem foi levado à grande câmara. Cecil o sentou junto ao fogo. Talvez o

jovem pensasse que seu recém-casado senhor desejasse compartilhar a escuridão com sua esposa, pois, não hesitou um segundo sequer.

Aisley cantou uma velha balada de amor e depois outra. Percorreu todo o seu repertório, e Piers ainda implorou por mais. Foi forçada, literalmente, a recusar, mas se sentia satisfeita quando terminou, corada com o sucesso. Embora seu marido a desconcertasse, uma coisa era certa: gostava de cantar. Ele não falou muito, na verdade, apenas algumas palavras sussurradas, mas foram ditas com uma reverência que atingiu o seu cerne. Aisley já tinha recebido elogios mais efusivos antes, mas nenhum tão sincero.

Piers adorara sua voz. Muito tempo depois de ela ter partido, ainda conseguia ouvir os tons claros tocando seus ouvidos, mais belos do que qualquer outra coisa que já tinha experimentado. Ainda estava sentado em sua cadeira, não querendo mover-se do lugar onde tivera tanto prazer, quando Cecil entrou para atendê-lo para os serviços noturnos.

— Ela acendeu tochas por todo o grande salão — disse o criado. E Piers sentiu uma raiva incontrolável do homem, por interromper seu devaneio. — A escuridão foi banida, e há pessoas da aldeia colocando o castelo abaixo esta noite.

— E? — perguntou Piers, com um ar de irritação em sua voz.

— Então, você terá menos espaço por onde caminhar em sua própria casa, e mais corpos sob seus pés, vagando pelo castelo — disse Cecil.

— E? — Piers perguntou novamente, com uma imprudência insólita. — Começou, como sempre soubemos que aconteceria.

— Sim, meu senhor, já começou — respondeu Cecil, muito sério. —

Mas o que será de sua senhora?

Sua senhora. Piers deixou que o silêncio se instalasse. Por estranho que fosse, Aisley era sua esposa. O que aconteceria com ela quando o mundo que ele lutara tanto para manter afastado de si caísse sobre eles? Ele não se importava em especular.

Praguejou baixinho e acenou para Cecil, mandando-o sair, ficando sozinho, sentado à sua mesa. Por que deveria se importar com a mulher que estava prestes a causar sua ruína, com aquela donzela voluntariosa, ultrajante, que mergulhara de cabeça na escuridão sem pestanejar?

Piers suspirou. Ele sabia que ela era responsável por seu destino iminente, porém, tudo o que conseguia pensar era na forma como ela cantava, clara e adorável, como se um anjo do céu tivesse caído especialmente para ele.

Aisley deixou Edith ajudá-la na banheira pequena. Passara o dia caminhando sobre o terreno, inspecionando a leiteria e os campos, e estava ansiosa para lavar a sujeira. Suspirou ao ver que Edith lhe entregava o sabonete. Não havia nada como um banho quente.

Observando sua criada sorrir ante o seu prazer, ela começou a se sentir ainda melhor. Já não previa mais uma morte iminente, então, Edith passara a dormir em sua própria câmara, mas ainda ficava desconfiada e carrancuda na maior parte do tempo.

— É bom vê-la alegre novamente, Edith — disse Aisley, enquanto afundava na água.

— Unf! — Edith bufou. — Não posso dizer que estou feliz aqui, e ainda

não confiaria nem mesmo o meu cuspe ao Cavaleiro Vermelho. Mas vendo que ele a está tratando de forma justa e deixando que se encarregue de tudo, como é de seu costume, acho que vou ficar por enquanto — disse ela.

Aisley riu, sabendo que Edith nunca tivera a intenção de abandoná-la. Ela relaxou por um longo momento, desfrutando do calor que parecia derreter seus próprios ossos, e percebeu que estava realmente muito satisfeita. O pensamento a fez sorrir com surpresa, nunca imaginara que pudesse se considerar feliz como a senhora de Dunmurrow. No entanto, ali estava ela, praticamente ronronando como um gato depois de um longo e agitado dia.

Apesar de sua hostilidade inicial, Piers a deixara assumir o seu devido lugar como castelã e iniciar as melhorias no castelo. Edith, que a conhecia bem, estava certa. A vida de Aisley sempre girara em torno de uma grande casa, e ela se deleitava com os deveres, as responsabilidades e os detalhes.

Dunmurrow não era tão grande quanto Belvry, mas as mudanças que necessitava apresentavam outros desafios. Belvry, entretanto, estava nas mãos de um administrador de confiança, então, ela sabia que poderia ficar afastada por um tempo. Talvez na primavera pudesse visitá-la.

— Posso, ao menos, dizer que o infeliz sabe como agradá-la. Embora isso não devesse ser surpresa para mim, levando em consideração seus poderes — disse Edith. Ela parou enquanto colocava um vestido novo sobre a cama. — Estou feliz que você esteja se acomodando tão bem, minha senhora, mas... — As palavras da empregada foram desaparecendo, e Aisley levantou-se para olhar para as costas rígidas de Edith. O que ela diria agora?, pensou cansada. — Às vezes temo que não esteja realmente contente, que seu humor seja apenas um truque de seus feitiços — disse Edith, com severidade.

— O que está tagarelando? — Aisley perguntou.

A criada virou-se e começou a retorcer as mãos.

— Ele não jogou um de seus feitiços sobre a senhora, não é? Tenho medo de que ele a esteja enfeitiçando. — Aisley poderia ter rido, mas o olhar de Edith era de pura preocupação.

— Pare de se preocupar, Edith. Montmorency não me enfeitiçou. — Ela se afundou um pouco mais na banheira, não querendo ouvir mais conjecturas sobre o Cavaleiro Vermelho e seus maus atos. Mas por que ele se encobria nas sombras? Bem, Aisley não deveria se importar se ele usasse penas na cabeça e dançasse como um frango, contanto que a deixasse fazer o que quisesse. Ela sabia que sua vida poderia ser muito pior, embora não quisesse dizê-lo a Edith. Realmente, Aisley suspeitava que poderia ter acabado com um marido muito pior do que Piers Montmorency.

O barão Hexham, seu vizinho viúvo, imediatamente surgiu em sua mente. Aisley lembrava-se muito bem de como o cavaleiro arrogante e pomposo tratara sua primeira esposa. A pobre senhora ficara trancada como se tivesse problemas mentais, enquanto ele colecionava uma amante após a outra.

Ou ela poderia estar lidando com o Barão Humphries, cujo frio olhar parecera mais cruel para ela do que a escuridão de Piers. E também havia Rothschilde, com seus lábios gordos e molhados. Aisley estremeceu de repulsa.

— Pelo menos ele não pede que você o banhe — disse Edith, tirando Aisley de seus pensamentos. Lançou um olhar surpreso para a criada e depois acenou para que ela se retirasse. A intimidade, ou a falta dela, entre ela e o marido era um tópico que se recusava a discutir.

Deixaria que Edith acreditasse no que quisesse, pensou Aisley enquanto começava a se lavar, conforme seu prazer se esfriava com a água. Não tinha a

intenção de deixar Edith saber que Piers não tinha lhe pedido para realizar nenhuma das tarefas pessoais normalmente associadas a uma esposa. Aisley franziu o cenho, pois, embora soubesse que deveria estar grata por tal indulto, por alguma razão, isso a incomodava.

Olhando para si mesma, nua na água, Aisley admitiu que não era exatamente bem dotada. Possuía um corpo mais esguio e infantil do que deveria, e não gostava de pensar que seu marido não a desejava. Jamais em sua vida precisara apelar para um homem. No entanto, durante sua recente visita à aldeia, fora observada por homens gananciosos por suas terras, embora também parecessem ansiosos por seu corpo.

Como fazer para atrair um cavaleiro? Aisley lembrou-se do que algumas senhoritas nobres faziam. Estavam sempre batendo os cílios, sussurrando e empinando os seios. Aisley bufou ao pensar nessas táticas. Sabia que, na escuridão da grande câmara, Piers não seria capaz de enxergar nenhuma mensagem que ela pudesse lhe enviar. Nem podia ver seus seios, que seriam difíceis de empinar, considerando seu tamanho pequeno. E nunca chegara perto o suficiente para ouvir seus sussurros. Exceto uma vez.

Aisley corou quando a lembrança daquela noite voltou à sua mente, e ela pôde revisar seus beijos em minuciosos detalhes. Saboreou o episódio como um delicioso vinho, estremecendo com um calor que não era provocado pela água. Mas, como qualquer outra memória, não tardou a desaparecer, e Aisley perguntava-se se fora tudo um sonho. Teria acontecido há apenas alguns dias? Parecia tanto tempo. Aisley levou um dedo aos lábios. Depois, zombando de sua própria tolice, lavou-os e esfregou os cabelos com determinação.

Quando ela terminou, e Edith veio lhe entregar as roupas elegantes que levara de Belvry, Aisley ainda não tinha conseguido deixar de lado seus pensamentos de antes. Talvez fosse apenas curiosidade, mas decidiu que o

melhor a fazer era ir jantar com seu senhor.

Ela usava uma túnica de um vermelho profundo, que abraçava seus seios pequenos com firmeza, e um pingente pendia pesadamente entre eles, chamando a atenção para seu corpete. Colocou até mesmo uma tiara em seus cabelos. E na escuridão da câmara do Cavaleiro Vermelho, batera os cílios e inclinara-se provocativamente sobre a mesa. Porém, tanto quanto podia, Piers lhe era indiferente.

Aisley nem sabia se ele estava olhando para ela ou por que se importava com isso. Tentando deixar de lado suas frustrações, decidiu convencer-se de que seu próprio comportamento estranho deveria ser produto de algum vento diferente ou de mudanças na lua.

Mas, no entanto, quando ele falou, os tons baixos e ásperos de seu marido fizeram sua pele estremecer.

— Vai cantar para mim esta noite? — ele perguntou.

— Se você quiser — disse Aisley. — Devo chamar o rapaz para tocar?

— Não — ele disse. — Sua voz é tão bonita que não precisa de acompanhamento. — Corando com o elogio, Aisley cantou uma canção após a outra. A favorita dele era uma melancólica balada de amor, e ela a repetiu duas vezes antes de parar por aquela noite. — Não mais? — ele perguntou, com sua voz repleta de ironia.

— Não mais — disse Aisley com uma risada —, ou estarei rouca como uma rã pela manhã.

— Muito bem — Piers disse. — Vou pedir que se retire, então, já está tarde.

De repente, Aisley percebeu o quão sozinhos estavam, juntos na escuridão, sem o rapaz da flauta ou Cecil. Ela se levantou e estava prestes a afastar-se da mesa, mas ao invés de se mover em direção à porta, hesitou. Virou-se para a silhueta do marido, tentando discerni-lo na sombras, e, então, impulsivamente, deu um passo em sua direção. Os cães, cuja presença tinha esquecido, grunhiram, detendo seu progresso.

— O que foi, Aisley? — perguntou Piers, com cautela em seu tom.

— Eu queria lhe dizer boa noite, meu senhor — disse Aisley. Seu sangue trovejava nas veias, e ela lambeu os lábios nervosamente, estava ciente de que suas palavras poderiam ser interpretadas de maneiras distintas. Mas não se importava. Ousada por natureza, naquela noite ela se sentia mais imprudente e atrevida, impulsionada por seus estranhos desejos e sua curiosidade de conhecer a grande figura sombria que estava a poucos passos de distância.

— Boa noite, Aisley — disse Piers. Suas palavras tinham um tom de dispensa, e por um momento ela ficou parada, confusa, não acostumada a ser desprezada. Então, girou os calcanhares para sair, achando-se uma tola por desejar um beijo de um homem como aquele.

Enquanto seguia Cecil até o quarto, Aisley meditou sobre a loucura de suas ações. Será que estava mesmo interessada em mais encontros com o Cavaleiro Vermelho, quando, há algumas noites, sentira um terror abjeto com a perspectiva de seu abraço? Não. Sim. Aisley balançou a cabeça em uma indecisão pouco característica. Normalmente, tudo estava claro para ela, mas a tristeza do castelo parecia encobrir seus pensamentos em pura confusão.

Gostara do beijo. E ele não era nenhum demônio. Suas mãos não possuíam garras, seus dentes não eram presas, e nenhuma labareda de fogo saía de seus olhos. Além disso, gostava de sua voz, profunda e seca, mas

estranhamente reconfortante.

Aisley suspirou. Não tinha certeza de nada a não ser que, depois de poucos dias de casados, o Cavaleiro Vermelho se tornara mais atraente do que proibitivo, para ela.



Capítulo Seis

Depois que Aisley partiu, Piers permaneceu sentado na escuridão, ponderando o comportamento de sua esposa. Estava bem ciente de que ela era tudo o que ele imaginava. Passara a existir apenas por aqueles jantares, embora soubesse que Cecil não aprovava o perigo de cortejá-la tão imprudentemente. Mas não podia evitar. Não podia evitá-la tanto quanto não podia deixar de respirar. Ela tornara-se um símbolo de vida para ele, já que andara pensando tanto na morte. Descobrira que queria viver. Apesar de tudo, queria viver.

Piers sentia-se atraído por sua voz suave e seu cheiro doce. Gostava de ouvi-la falar sobre seu dia, daquela forma eficiente, e, naqueles momentos, quase conseguia se iludir de que eram verdadeiramente marido e mulher, e que ele era como qualquer outro homem. Sabia que não poderiam continuar

indefinidamente daquela forma, mas ele não poderia fazer diferente. Uma batida na porta o despertou de sua contemplação, e ele gritou casualmente, pedindo que a pessoa entrasse.

— Entre — disse ele, esperando Cecil. Então, seu humor sombrio se elevou. Não era seu servo, mas seu vassalo, que atravessava a câmara a grandes passos.

Piers ficou de pé, satisfeito por poder cumprimentar o jovem que lutara ao seu lado por tantos anos; um homem que ainda supervisionava seus soldados e suas terras e que considerava seu melhor amigo.

— Você demorou a vir — disse ele, dando um tapinha nas costas de Alan.

— Demorei demais, aparentemente — disse o vassalo. — Assim que me aproximei da aldeia, recebi a notícia de que se casou! Como assim?

— Eu me casei — disse Piers, com a voz calma. — Foi arranjado por Edward.

— Você está brincando!

— Não estou — disse Piers.

— Mas o que ela disse? Ela sabe?

— Não! — exclamou. — E não vai descobrir.

— Mas como você pretende manter esse segredo? — Alan perguntou, aparentemente atordoado.

— Como sempre fiz — Piers respondeu amargamente. — Não se preocupe com isso. — Subitamente, ele desejou que seu vassalo estivesse em

qualquer lugar menos ali, em Dunmurrow, enquanto sentia uma onda de possessividade sobre sua esposa. Por Deus, não queria que ninguém questionasse seu casamento, nem mesmo Alan.

Piers franziu o cenho, tentando deixar de lado aquela raiva e voltar seus pensamentos para assuntos mais produtivos.

— Que notícias você traz de minhas terras e de meus homens? — ele perguntou. E, assim, manteve sua conversa firmemente afastada de sua esposa.

Aisley vestiu um de seus vestidos mais antigos. Tinha trabalho a fazer, e se não estivesse com sua melhor aparência, quem se importaria? Certamente não o seu marido. A escuridão que ele abraçava a mantinha escondida sempre que estavam juntos. De fato, Aisley decidiu que se não precisasse ser conduzida por Cecil para chegar até seu quarto, ela poderia jantar com ele completamente nua que Piers jamais notaria.

Aquela ideia ridícula fez com que Aisley sorrisse, ao perceber que seu marido poderia fazer o mesmo. E se ele realmente se sentasse de frente para ela sem qualquer roupa durante as refeições? Aisley colocou as duas mãos em suas bochechas em chamas e jogou-se com força sobre a cama, enquanto tentava imaginar aquele corpo enorme, ao qual uma vez fora pressionada, totalmente descoberto.

Gritando, ela repreendeu uma risada nervosa. Começara a passar uma quantidade excessiva de tempo pensando no Cavaleiro Vermelho, e de uma forma muito inadequada. Era um desperdício de energia que poderia ser gasta em outra tarefa, disse a si mesma com firmeza, e se levantou, determinada a tirá-lo de sua mente. Na noite passada, ele deixara bem claro que não tinha nenhum interesse por ela, lembrou-se Aisley, ainda irritada pela rejeição.

Aisley respirou fundo, chocada com a noção de que poderia estar chateada porque Piers lhe negara um beijo. Será que estava desejando ser tocada pelo Cavaleiro Vermelho? Franziu o cenho e olhou para seus próprios chinelos, com uma sensação estranha se tornando uma surpresa chocante. Talvez Edith estivesse certa e ele a tivesse enfeitiçado de alguma forma.

Aisley tinha que admitir que o homem andava muito presente em seus pensamentos, e ela se lembrava da forma como lhe pedira um beijo de boa noite. Talvez não fosse culpa sua, mas de Piers.

Uma poção do amor? Aisley riu ao imaginar a cena da enorme e sombria figura de seu marido mexendo ervas estranhas em uma xícara ou pulverizando pó em sua comida. Na verdade, ela acreditava que o homem não se interessava por ela o suficiente para fazer tanto esforço para assegurar suas atenções.

Aisley zombou de suas próprias fantasias. Devia estar ficando cada vez mais nervosa para acreditar no discurso de Edith. A cada dia, sua serva parecia contar uma nova história de terror sobre o Cavaleiro Vermelho, e, no entanto, desde que o conhecera, Piers nunca mostrara evidências daqueles supostos poderes. Nunca mencionara a feitiçaria, exceto em brincadeiras oblíquas, e se possuía alguma masmorra obscura onde as conjurava, ela certamente não a encontrara.

Com um suspiro, Aisley uniu seus fios de cabelo para trançá-los, mas acabou deixando as mãos caírem. Por que se incomodava tanto com a aparência quando não havia ninguém em Dunmurrow que pudesse franzir o cenho ao vê-la usando trajes de solteira? E, verdade fosse dita, ela ainda era uma donzela, de qualquer maneira. Erguendo o queixo, deixou os cabelos soltos e foi se juntar a Edith no grande salão.

Aisley encontrou sua criada de pé, perto da entrada das cozinhas, com

uma expressão amarga em seu rosto.

— Mandei dois criados até Dunney, como você pediu, minha senhora, mas acho que apenas uma pessoa conseguiria realizar a tarefa.

— Tranquilizará os aldeões se eles virem os dois — disse Aisley, deixando de lado a queixa de Edith com um sorriso.

Olhou ao redor do grande salão, com suas paredes recém pintadas, seus assoalhos esfregados e sua lareira ardendo brilhantemente, e sentiu-se orgulhosa de suas realizações. Queria exibi-las.

— O que você acha de fazermos uma festa de Natal? — Aisley perguntou. — Embora a despensa esteja quase vazia, poderíamos trazer alguns suplementos de Belvry mais tarde para complementar as prateleiras para o inverno. Com certeza seria muito bom trazer os aldeões, não seria? — Ela dirigiu um olhar para todo aquele vasto espaço, preenchendo-o mentalmente com mais mesas de cavalete para acomodar os convidados. Quando olhou para Edith, buscando uma aprovação para seus planos, a criada apenas sacudiu a cabeça tristemente. — O que foi? — Aisley perguntou.

— Encher os aldeões de comida e bebida não irá aliviar seus temores — disse Edith.

— Bobagem — disse Aisley. — Muitos corpos são conquistados com uma barriga cheia e presentes de Natal.

— Mas é Montmorency que os assusta, minha senhora — disse Edith, baixando a voz. — E nenhuma celebração mudará isso, a menos que ele se mostre. E sei que não fará isso.

— Ele pode comparecer — disse Aisley, embora ela também estivesse certa de que ele não apareceria. Até onde ela sabia, Piers nunca saiu de seu

quarto. Tal pensamento repentino fez a cabeça de Aisley girar. Seria verdade?

Quando chegou a Dunmurrow, toda a fortaleza parecia um domínio apropriado para seu senhor obscuro, mas agora as lareiras estavam limpas e acesas, e as venezianas foram abertas. Embora o lugar não fosse tão claro quanto Belvry por causa das janelas estreitas, havia mais velas e tochas, e as velhas cortinas foram arrancadas. As sombras que assustavam Dunmurrow haviam sido banidas, exceto na grande câmara. E era lá que Piers ficava.

Por que aquele homem não se mostrava? Por que se mantinha na escuridão? Aisley não conseguia pensar em outra explicação a não ser as afirmações bizarras de Edith sobre ele ser um demônio, mas certamente não eram verdadeiras.

Os resmungos da criada arrancaram-na de seus pensamentos perturbadores.

— Ele não comparecerá, e você sabe disso.

— Cale-se — Aisley disse, tentando pensar.

— Não! Não peça que eu me cale — disse Edith, agitada. — Estou feliz que esteja se mantendo ocupada, fazendo coisas do jeito que você gosta, mas isso não muda o fato de que está casada com o Cavaleiro Vermelho. E como se o próprio diabo não fosse suficientemente cruel, ainda temos que lidar com o criado dele, que parece estar em toda parte ao mesmo tempo — acrescentou, olhando para Aisley com cautela. — Mais parece uma besta que tem as formas de um animal e um homem só para obedecer as ordens de seu mestre.

— Oh, pelo amor de Deus, Edith! — disse Aisley. — Já ouvi o suficiente de suas baboseiras.

— Desculpe, minha senhora — disse a criada. — Mas só digo isso

porque você parece tê-lo aceitado, mas isso não muda a opinião do resto de nós. Como as pessoas podem confiar em um senhor que nunca viram? E o que vou dizer quando me perguntarem sobre ele? Como posso explicar a qualquer um que já estou vivendo no castelo há tantos dias e a única vez que peguei um vislumbre do barão foi durante a cerimônia obscura que você chamou de casamento?

Edith cruzou os braços beligerantemente contra o peito e lançou à sua patroa um olhar desafiador.

— Diga-me — insistiu ela. — Como é a aparência dele e por que se esconde?

Aisley olhou para a criada, sem conseguir uma resposta à pergunta contundente. Na verdade, seus dias tinham se tornado tão cheios que ela mal tivera tempo de analisar as excentricidades do Cavaleiro Vermelho. Odiava a escuridão da grande câmara, mas estava se acostumando a ela e já não achava que Piers fosse assim tão mau. No entanto, sentiu uma estranha sensação ao pensar que ninguém em Dunmurrow, com a possível exceção de Cecil, já havia visto seu senhor.

Era algo tão estranho que quase lhe tirava o fôlego, mas Aisley não tinha coragem de admiti-lo para Edith. Na verdade, a mulher era um problema. A criada fazia mais mal do que bem para Aisley em Dumurrow. Pela primeira vez em sua vida, pensou em mandar Edith embora, de volta a Belvry, sem ela.

Tal ação provavelmente magoaria Edith e partiria seu coração. Também deixaria Aisley sozinha com o Cavaleiro Vermelho. Diante disso, ergueu o queixo. Não acostumada a mentir, ela simplesmente tentou declarar os fatos com o seu melhor conhecimento. Voltou o olhar para a criada e disse com firmeza:

— Meu marido é alto e moreno.

Infelizmente, Edith a conhecia há muito tempo para se convencer por aquela breve resposta.

— Oh, minha senhora — disse a criada com um suspiro. — É como eu temia. Você ainda não o viu também. Aquela criatura malvada colocou um feitiço na senhora.

— Bobagem — Aisley disse novamente. — Pare com essa tolice — ela adicionou, em um esforço para enraizar suas próprias dúvidas, bem como as de Edith.

— Ahhhh! — O som do gemido agudo de uma criança fez com que a discussão parasse brevemente, e ambas as mulheres correram em direção à cozinha.

Lá, eles encontraram a pequena Moira chorando alto, enquanto sua mãe a abraçava. Glenna ergueu os olhos quando Aisley entrou.

— Foi uma queimadura, minha senhora, mas não está muito feia. Eu lhe pedi várias vezes que ficasse longe do fogo.

— Pobre Moira — disse Aisley, aproximando-se da criança. Ela ajoelhou-se e estendeu uma mão para a menina. — Posso dar uma olhada? — A criança sacudiu sua cabeça de cabelos escuros. — Eu não vou te machucar — prometeu.

— Não, eu não quero que você veja. Está feio — disse Moira.

As simples palavras fizeram Aisley quase cair para trás com a força da revelação que a atingiu.

— Está horrível — Moira acrescentou, confirmando o que tinha dito. —

Você pode desmaiar quando vir.

Aisley ouviu o choro inocente da menina, mas já não via mais a pequena mão branca segurando a manga de Glenna. Tudo o que via, em sua imaginação, era a figura alta de seu marido, espreitando na escuridão. Uma queimadura ou uma desfiguração poderia levar um homem a se esconder, pensou Aisley, respirando fundo. E sentiu um profundo alívio com sua descoberta. Esta era uma explicação razoável para o comportamento do marido, algo diferente de envolvimento com as artes obscuras. Seu rosto poderia ser marcado, mas ele não era um animal.

Voltando sua atenção para a criança, Aisley sorriu suavemente.

— Eu tenho um estômago forte — disse ela. Moira deu de ombros, obviamente cansada de seu joguinho, e estendeu o braço. A pele estava vermelha e manchada, mas nada terrível. — Isso aqui provavelmente vai se curar sem deixar uma cicatriz que você possa mostrar — Aisley assegurou-se. — Deixe-me preparar um cataplasma.

Ela se levantou, ainda atordoada com a possibilidade de que o isolamento tivesse uma causa real. Mesmo enquanto passava a medicação no braço da criança, sua mente continuava correndo diante das possibilidades. Já vira queimaduras antes, e algumas eram terríveis. Mas certamente nada poderia ser tão ruim quanto a escuridão constante.

Talvez não fosse uma queimadura o que o atormentava, pensou Aisley, enquanto voltava para o corredor. O Cavaleiro Vermelho era um guerreiro temível. Poderia ter perdido um membro ou ter sido mutilado em alguma batalha. Curiosamente, tal pensamento era muito mais reconfortante do que as histórias de feitiçaria que atribuíam a ele. Se a vaidade o mantinha na escuridão, talvez, com o tempo, pudesse tirá-lo de lá.

— Bom dia!

Assustada pelo som de uma voz estranha, Aisley ergueu os olhos e viu um estranho se aproximando do outro lado da sala. Ao invés de responder, ela ficou imóvel, chocada com a visão de alguém diferente no mundo fechado de Dunmurrow.

O homem tinha uma estatura média, mas tinha uma compleição física forte, e seus cabelos castanhos eram desordenados. Sorria para ela agradavelmente, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Com um choque, Aisley reconheceu o quão longe da civilização estava quando percebeu que a saudação daquele rapaz chegara a assustá-la.

— Bom dia — respondeu ela, lembrando-se tardiamente das boas maneiras.

Alan ficou satisfeito por ter decidido dar uma boa olhada na nova senhora de Dunmurrow. Quando ele se aproximou, tudo o que viu foi um vestido marrom e cabelos muito claros, mas agora que estava diante dela, tudo que pôde fazer foi ficar boquiaberto.

A mulher de Piers era a mais linda que já tinha visto.

O que Alan notou primeiro foi o cabelo. Ela o usava solto, deixando-o cair em uma linha reta por suas costas até sua cintura, como uma cortina cintilante de tão louro, quase branco. Não era alta, no entanto, era bem proporcionada. Delicada foi a palavra que veio à mente de Alan. Era esbelta, mas, aparentemente, possuía curvas nos lugares apropriados.

Seu rosto oval era pálido, o nariz era reto e estreito, os lábios possuíam um tom rosado e exuberante, e suas sobrancelhas arqueadas e inteligentes eram da cor de prata recém forjada. Alan tentou não olhá-la. Não conseguia

acreditar que aquela bela visão que tinha diante de seus olhos era a mulher casada com seu senhor.

Piers falara muito pouco sobre seu casamento, apenas que Edward o havia arranjado. Embora Alan não conseguisse entender por que o rei haveria de dar uma esposa a Piers, suspeitava que a mulher deveria ser uma donzela sem terras e que precisava de um marido, mas nem em seus sonhos mais loucos imaginara que Edward daria a Piers a mais bela criatura de seu reino. Que loucura era aquela? Será que a moça fora desgraçada pelo rei? Será que era uma megera?

Alan sentiu que havia muito mais coisas envolvidas ali do que a explicação concisa de Piers, e ele decidiu que iria gostar de compreender a história completa. Passara por ali, com nenhuma pressa particular em saudar a esposa do barão, mas agora ele sorria amplamente, percebendo que iria saborear uma longa e saudável estadia no castelo.

— Minha senhora — disse ele —, sou Alan Clinton, o vassalo do barão. Acabo de regressar de uma inspeção de suas terras, e estou à sua disposição. — Ele fez uma mesura graciosa, e Aisley sorriu de forma agradável.

— Eu sou Aisley de... Aisley Montmorency — Aisley corrigiu-se, ruborizando. — É um prazer conhecê-lo. Seja bem-vindo à nossa propriedade. — Isso, Aisley decidiu, era um eufemismo.

A presença de uma nova pessoa, especialmente um homem cheio de histórias do mundo exterior para compartilhar, era como um raio de sol em suas vidas sombrias, fazendo Aisley perceber o quão estranho seus dias tinham se tornado. A impiedade de Dunmurrow e a escuridão de sua nova existência foram momentaneamente banidas por seu hóspede.

O tempo parecia voar enquanto conversavam perto da lareira; Alan com

uma caneca de cerveja na mão, e Aisley ouvindo-o falar sobre a aldeia e as pessoas que viviam lá. O vassalo parecia verdadeiramente interessado em Dunmurrow e cumprimentou-a pelas mudanças que fizera. Sua receptividade facilitava que ela falasse sobre seus planos para uma festa de Natal e para expandir o número de criados do castelo.

— Posso ajudá-la com isso, minha senhora — disse Alan. — Quando eu passar pelos campos e por outras aldeias das terras do barão, vou espalhar a palavra de que a senhora está procurando por pessoas para morar e trabalhar no castelo.

Aisley suspirou, em uma surpresa satisfeita.

— Você realmente acha que alguém virá? — Então, ela baixou os olhos para o chão, incapaz de discutir a possibilidade de não conseguirem ninguém e, o mais importante, o motivo para não conseguirem.

O vassalo de Piers parecia imperturbável.

— Sempre há aqueles que precisam de emprego, minha senhora, e eles terão prazer em se juntar a você aqui.

Aisley sentiu uma onda de afeto por aquele homem, o primeiro a mostrar-lhe qualquer ajuda ou encorajamento desde sua chegada. Sorriu para ele com gratidão.

Alan precisou cerrar sua mandíbula para evitar que seu queixo caísse. Se a esposa de Piers era adorável quando estava séria, quando sorria, o próprio sol parecia se elevar para iluminar sua beleza. Alan praticamente precisou sacudir a cabeça para não correr o risco de cair em estupor. E isso fazia uma de suas teorias cair por terra: a mulher não era uma megera.

— Onde fica sua casa, minha senhora? — perguntou, procurando uma

pista para aquela estranha aliança entre ela e o senhor de Dunmurrow. — Morava perto daqui?

— Não — Aisley disse com um olhar melancólico. — Venho de Belvry. Creio que já tenha ouvido falar de lá.

Belvry? Quem não tinha ouvido falar? Era uma das propriedades mais ricas do oeste.

— Sim, eu conheço Belvry, embora nunca tenha estado lá — disse ele. — É uma propriedade muito grande.

— Ah, não é tão grande assim — Aisley desviou do elogio com um movimento de sua mão. — Mas é espaçosa e muito confortável. Claro que é uma construção mais recente do que Dunmurrow — ela se apressou a acrescentar. — Meu pai a construiu antes de eu nascer.

— Você é uma de Laci? — Alan não conseguiu esconder a surpresa que surgiu em sua voz. Balançando a cabeça, ele mentalmente descartou sua outra teoria. Aquela senhora não era uma criada, mas uma mulher muito rica. Como acabou precisando se casar com Piers? — Você era protegida de Edward, então? — ele perguntou, desistindo de ser sutil em busca de informações.

— Não exatamente — disse Aisley, com os lábios apertados, e Alan suspeitou que não havia nenhum sentimento entre a moça e o seu rei. — Embora ele tenha se interessado por Belvry depois da morte do meu pai.

O quê? Edward cobiçara suas terras? Alan sabia que os ditames da cortesia exigiam que ele parasse com as perguntas pessoais, mas não podia parar agora.

— E, então, você conheceu Piers... — ele deliberadamente deixou a frase no ar, esperando que ela a terminasse.

Mas ela não terminou.

— Eu não tinha conhecido Piers — ela disse, friamente. Então, olhou para ele com aqueles olhos prateados, que agora reluziam perigosamente, e Alan desejou desculpar-se por perguntar. Ele pigarreou.

— Receio que toda essa conversa tenha me deixado com fome, minha senhora, e devo dizer que estou ansioso para verificar pessoalmente as mudanças que fez na cozinha desde a minha última visita. Este foi um fato que nunca me animou em minhas voltas para Dunmurrow. — Quando ele fez uma careta, Aisley riu, e ele quase quis chorar de alívio por ela tê-lo perdoado.

De repente, Alan percebeu o porquê de Piers estar agindo de forma tão grosseira quanto um urso. Lady Montmorency podia anular a inteligência de um homem com sua beleza, sua voz suave, seus modos gentis e aquela fragrância almiscarada que, por si só, seria suficiente para amansar um homem selvagem. Ele, por exemplo, já estava comendo na sua mão. Mas, e quanto ao temível Cavaleiro Vermelho?

Aisley pediu que o jantar fosse servido no salão, sem sequer esperar que Cecil a atendesse, pois, não queria que o homem a convocasse para a mesa do marido. Sentia-se tonta com a perspectiva de escapar de uma refeição na grande câmara. A atmosfera do salão era agradável ao seu redor e os sons de todos desfrutando de suas refeições a deleitavam.

Mas sentia-se culpada por isso.

Apesar de seus melhores esforços para não comparar Alan com seu marido, a diferença entre eles era como da noite para o dia. Para começar, ela conseguia ver Alan. Podia realmente vê-lo se mover, olhar em seus olhos,

observar seus gestos, testemunhá-lo franzindo as sobrancelhas e sorrindo. Como tudo mais em sua vida, era algo que renunciara quando chegara em Dunmurrow, mas que agora parecia lhe fazer falta.

E era fácil olhar para Alan. Não a olhava com aqueles olhos gananciosos dos homens da corte, nem com a desaprovação do emissário do rei. Não a tratava com a hostilidade velada que sentia no comportamento do marido, mas à maneira de um amigo. E seus elogios, que costumava tanto evitar, agora eram apreciados após suas dúvidas sobre si mesma. Para alguém que sempre tentava se manter distante em relação aos outros, Aisley recebia aquela atenção como uma semente sedenta.

— Minha senhora — disse Alan, empurrando seu prato vazio. —, acreditei quando me disseram que a comida tinha melhorado. Até porque seria impossível piorar — acrescentou com um sorriso. — Mas nunca esperei uma refeição tão deliciosa. Na verdade, acho melhor manter os homens afastados, para que eles não fiquem gordos como porcos, rolando, incapazes de cumprirem seus deveres.

Aisley riu suavemente, mas Edith não participou da brincadeira.

— Por que os homens são mantidos em acampamento? — perguntou a criada, sem se preocupar em ocultar sua suspeita.

— As terras do barão são extensas e abrangem várias casas senhoriais e aldeias — explicou Alan, sem hesitação. — Mas não se preocupe, Edith. Nós nunca ficamos muito distantes e sempre há soldados no castelo, embora não tenhamos motivos para esperar um ataque.

Aisley quase riu disso, quem ousaria atacar o Cavaleiro Vermelho em seu próprio antro? Passara a sentir muitas coisas desde que chegara a Dunmurrow, mas jamais se sentira desprotegida. Não conseguia imaginar um

homem suficientemente corajoso para ignorar os rumores sombrios que cercavam Piers Montmorency ou que fosse forte o suficiente para igualar-se em sua temível reputação em batalhas.

— Se estiver preocupada, posso enviar um cavaleiro para guardar sua câmara — disse Alan. As sobrancelhas cinzentas de Edith se ergueram em surpresa, e ela acenou com a cabeça.

— Muito bem, obrigada — disse ela, parecendo aliviada, ao menos por enquanto.

Aisley lançou um olhar agradecido a Alan. Por um momento, ele olhou para ela, parecendo captar seus pensamentos.

— Bem, minha senhora, agora que estou satisfeito por essa refeição maravilhosa, sinto a necessidade de cavalgar um pouco e exercitar minha barriga gorda. Já viu as terras em torno de Dunmurrow? Gostaria de vir comigo?

Aisley acalmou-se, sentindo como se a perspectiva enviasse ondas de prazer puro e desinteressado ao seu corpo. Era uma coisa simples, andar a cavalo, algo que ela sempre fazia antes de chegar a Dunmurrow, mas que lhe fazia muita falta. Engoliu em seco, sem querer mostrar ao vassalo de Piers a profundidade de sua gratidão pelo convite casual.

— Sim — respondeu ela, resistindo ao desejo de correr para os estábulos.

Vestindo seu manto forrado de peles, Aisley olhou para seu vestido deselegante e sorriu. Estivera completamente errada naquela manhã ao pensar que não haveria ninguém para olhá-la. O dia tornara-se totalmente diferente do que ela tinha planejado. Com ansiedade, então, ela seguiu Alan pelo pátio.

Assim que se viu em meio ao ar puro, Aisley decidiu que nunca mais iria negar aquele prazer a si mesma outra vez. Se tivesse que arrastar Alan com ela todos os dias ou implorar por companhia a Piers, ela o faria. Sentiu como se tivesse sido levada de volta à vida depois de ser sepultada.

E sentiu-se culpada por isso.

Quando deixaram os muros para trás, Aisley olhou para aquela fachada triste, observando a torre onde ficava a janela da grande câmara, e, por um momento, teve a estranha sensação de que o Cavaleiro Vermelho estava olhando para ela com desgosto. Com um arrepio, ela baixou o olhar e empurrou o cavalo para frente.

As terras que pareceram-lhe tão sombrias em sua chegada, pareciam agora tocadas por uma beleza áspera. Alan parecia conhecer bem a área e levou-a através da floresta para um grande lago alimentado por uma cachoeira.

— É adorável — disse ela suavemente.

— Sim — disse ele. Por um tempo, os dois ficaram quietos, ouvindo os pássaros que pareciam chamá-los e os sons da vida animal ao redor deles, ocupados mesmo no frio do inverno.

Aisley olhou para o lago com desejo e decidiu que deveria ser um ótimo lugar para tomar um banho no verão. Então, ela respirou fundo e, mentalmente, condenou-se por pensar tão à frente. Quando chegasse o tempo mais quente, ela poderia já ter partido, de volta para Belvry, e ter seu casamento dissolvido. Então, Dunmurrow seria nada mais do que uma memória obscura. Era o que queria, não era?

Aisleu ergueu os olhos para encontrar o olhar de Alan sobre ela, sua testa franzida em consequência do bom humor. Ela sorriu.

— Obrigada por me mostrar este lugar. Juro que é o lugar mais romântico que já vi no mundo sombrio do barão.

Alan assentiu com a cabeça.

— É lindo, mas está frio. Talvez devêssemos voltar.

— É um frio suave para esta época do ano — Aisley protestou, odiando ter que desistir de seu dia ao sol para um retorno ao castelo.

Alan percebeu sua hesitação e sorriu:

— Bem, então, vamos dar mais uma volta na aldeia e retornar?

Aisley concordou alegremente.

— Eles conhecem você por lá? — ela perguntou, enquanto Alan iniciou um ritmo vagaroso, enquanto saíam da floresta.

— Sim. Muitas vezes fui lá para cuidar dos negócios do barão.

Ele faz isso porque não consegue cuidar de suas próprias coisas sozinho. Aisley desviou o olhar enquanto pensava em Piers, afastando a imagem do vassalo e colocando a de seu marido em seu lugar.

— Você serve meu marido há muitos anos? — perguntou ela.

— Sim, minha senhora.

E como ele é? Aisley não conseguia dar voz à pergunta, embora isso a atormentasse. Por que ele se esconde nas trevas? Havia tantas coisas que Alan poderia dizer a ela, mas Aisley sabia que não seria correto perguntar. E sabia que ele poderia não responder. Ela forçou seus pensamentos a se voltarem para a aldeia, mudando a conversa em conformismo. Ainda assim, durante todo o passeio, encontrou sua mente voltando para o marido e para o mistério sobre o qual Alan poderia ser capaz de lançar alguma luz.

Os moradores de Dunney eram acolhedores, mas ainda estavam desconfiados da senhora de Dunmurrow e do vassalo de seu marido. Aisley voltou a encontrar seus mais firmes aliados nas crianças, a quem entregava moedas. Ao conversar com uma bem pequena, ela riu e olhou para cima para ver Alan observando-a atentamente. Parando por um momento, ela ficou impressionada com o fervoroso desejo de que ele fosse Piers, ou que, ao menos, o Cavaleiro Vermelho se mostrasse, fosse à aldeia e acompanhasse sua esposa.

Aisley suspirou, afastando o pensamento e mandou os meninos e meninas correrem para brincar. Ela parou para falar com alguns dos aldeões e prometeu enviar um pouco de pomada a um velho que sofria de juntas endurecidas. Antes que ela percebesse, seu precioso sol estava se pondo no céu, e Alan a puxava para o seu lado. Estava na hora de voltar para Dunmurrow.

No caminho de volta, Aisley decidiu falar sobre o que a incomodava. Passara a maior parte do dia com Alan e descobriu que era um homem franco, honesto e de bom coração. Embora ela soubesse que poderia ser injusto, e até mesmo imprudente, comprometer sua nova amizade com perguntas sobre Piers, ela desejava desesperadamente assumir o risco.

— Os aldeões dizem que o barão nunca esteve em Dunney — disse Aisley, olhando para o homem que andava ao seu lado.

— Eu não sei — Alan disse, com um olhar velado recaindo sobre sua expressão que antes parecia tão contente. Embora falasse de seu senhor com afeição, Aisley sentiu que ele não se importava em discutir o comportamento do barão. — Não passei muito tempo em Dunmurrow, porque estive muito ocupado olhando pelas terras e mantendo os homens em prontidão, para o caso de sermos chamados para batalha.

— Piers não treina seus próprios homens? — Aisley perguntou.

— Não — respondeu Alan num tom cauteloso. — Ele costumava fazer isso, mas desde que foi premiado com o castelo, ele tem tido outras preocupações a ocupá-lo.

Quais seriam essas preocupações? Alquimia? Feitiçaria? Aisley quase perguntou sobre a má reputação do Cavaleiro Vermelho, mas controlou a língua. Disse a si mesma que não acreditava nessa tolice, mas não sabia por que Piers se escondia na grande câmara, sem se aventurar por entre seu povo, nunca aparecendo à luz do dia.

Por que será que ele se encobria nas trevas? Aisley quase deixou escapar a pergunta, mas algo a impediu. Com uma brusquidão que era quase dolorosa, ela percebeu que Piers não poderia se esconder nas sombras de seu vassalo. Talvez ele cumprimentasse Alan na luz, não escondendo suas feições e suas forças de seu cavaleiro, um homem mais confiável do que sua esposa. Aisley engoliu em seco ao pensar nisso.

Com muita vergonha de deixar Alan perceber que ela nunca tinha visto seu marido, Aisley desesperadamente procurou uma maneira de reformular sua pergunta. Ela cerrou os punhos em frustração. Ali estava um homem que poderia contar tudo a ela, mas como poderia perguntar sem revelar sua própria posição bizarra como esposa? Inspirou profundamente, não querendo deixar passar a oportunidade.

— Alan, você conhece meu marido há muitos anos, e você parece tê-lo em grande consideração. Devo perguntar, por que ele fica tanto tempo em seu quarto?

Parecendo um pouco triste, Alan recusou-se a olhá-la nos olhos. Ao invés disso, ele virou seu olhar para onde o sol logo se colocaria atrás das paredes de Dunmurrow.

— Minha senhora, não cabe a mim dizer — falou, finalmente. — Venha, temos que voltar para o castelo antes do jantar, ou Piers mandará cortar minha cabeça por afastar sua noiva encantadora de seu lado.

Decepcionada, Aisley deixou escapar um suspiro que estivera segurando e quase bufou em voz alta por conta das palavras de Alan. Como se o Cavaleiro Vermelho se importasse com o lugar onde ela estava ou quem mantinha como companhia. Era mais do que provável que estivesse alegre por ela estar fora de seu caminho por um dia e feliz por se livrar dela.



Capítulo Sete

Piers estava furioso. Ele andava de um lado para o outro, dentro dos limites da grande câmara, tentando se concentrar no que Cecil estava dizendo, mas era difícil. O criado estava lhe contando coisas que não queria ouvir, e cada palavra esfolava o seu temperamento como um chicote.

— E onde eles estão agora? — perguntou Piers, enquanto sua voz soava como um rosnado baixo.

— Fui informado de que eles foram para a aldeia, meu senhor — respondeu Cecil suavemente.

— Depois de uma conversa aconchegante, uma boa refeição e um encontro no bosque — disse Piers com os dentes cerrados.

— Parece que sim, meu senhor. Embora fosse negligente da minha parte

se eu não fizesse uma observação que acredito que nenhum dos dois poderia se comportar de maneira imprópria em suas terras.

— Imprópria? — O rugido do Cavaleiro Vermelho soou, fazendo as paredes tremerem, enquanto ele batia o punho cerrado na mesa com tanta força que o teto de madeira estremeceu. Imprópria era uma palavra fraca para descrever o que poderia estar acontecendo, e Piers a substituiu por palavras mais gráficas: infidelidade, adultério e deslealdade.

— Meu senhor, talvez você devesse estar mais preocupado com o que Alan pode estar revelando à sua esposa do que com suas ações — disse o criado. — Se ela descobrir a verdade sobre você, terá uma arma perigosa para empunhar.

De alguma forma, Piers sabia que Cecil estava certo, mas a preocupação sobre o que seu vassalo e sua esposa estavam fazendo provocou sua raiva e o fez andar em círculos pelo quarto, enquanto o ciúme apertava em seu peito. Ele lutava contra a fúria desamparada que se tornara uma parte tão importante da sua vida; o que ganharia zombando, delirando e atacando como uma criança?

Com muito esforço, ele controlou seu temperamento, e quando falou novamente, sua voz era suave e uniforme, embora ainda mortal.

— Por favor, informe minha esposa e meu vassalo que eu gostaria que eles jantassem aqui comigo esta noite — disse ele. Quando Cecil demorou-se, como se quisesse comentar alguma coisa, Piers vociferou. — Agora! Vá! E certifique-se de encontrá-los antes que fujam para algum outro lugar juntos.

A voz de Piers elevou-se mais uma vez.

— E pelo amor de Deus, quer eu a tenha ou não, ela é minha agora aos

olhos de Edward, da Igreja e dos homens! Eu quero os dois aqui comigo, onde posso julgar por mim mesmo se seu comportamento é inadequado.

Piers manteve-se encostado na parede até ouvir Cecil fechar a porta. Então, voltou a caminhar em seu ritmo, andando para frente e para trás, no espaço em frente à enorme e elaborada cama. Era mesmo uma ironia.

Ciente de que estava tarde, Aisley correu para tomar um banho e deixou que Edith a ajudasse com um vestido fresco. Pela primeira vez, a criada não falou sobre o sombrio senhor de Dunmurrow, mas, ao invés disso, falava sobre o guarda que Alan lhe enviara.

— Seu nome é William, embora ele tenha me pedido para chamá-lo de Willie. Como se fosse me dar a esse desfrute — ela falou com desdém. — Eu, por outro lado, lhe pedi para me chamar de senhora Edith, e você tinha que ver o jeito como ele olhou para mim. Digo-lhe, minha senhora, que me sentiria mais segura em minha cama se houvesse uma víbora em minha porta.

— Se você teme tanto este cavalheiro, posso pedir que Alan o substitua — disse Aisley.

Ignorando este conselho, Edith fungou alto.

— Duvido muito que ele seja um soldado, porque é baixo e mais magro do que um pedaço de trigo, dificilmente me ofereceria algum tipo de proteção. Talvez o seu belo vassalo tenha enviado aquele tolo para me ofender.

Aisley suspirou.

— Ele não é meu vassalo, mas do meu marido — ele disse com firmeza. — E eu tenho certeza que ele não pensou em qual dos homens você acharia mais agradável.

Edith franziu o cenho e colocou as mãos nos quadris.

— Bem, se esse William é um exemplo dos homens do patrão, o senhor Alan deve ter um grupo muito ruim — disse Edith, balançando a cabeça. — Se este é o grande exército que nos protege, acho que esses soldados são tão sombrios quanto o seu mestre.

Aisley gesticulou para que sua criada se afastasse, ansiosa para se livrar daquela conversa incessante.

— Apenas certifique-se que o homem tenha algo para comer — disse ela.

— Farei isso — respondeu Edith rapidamente. — Vou engordá-lo, minha senhora. Então, talvez ele pareça mais substancial do que uma folha de grama, pronta para explodir à primeira brisa mais forte.

Quando a porta se fechou atrás de seu criado, Aisley suspirou aliviada. Ela ergueu os cabelos compridos, que não estavam totalmente secos, então, os deixou cair soltos novamente, enquanto refletia sobre as palavras de Edith. Pelo menos a mulher tinha algo novo para reclamar, e seria ótimo se esse tal Willie mantivesse sua cabeça afastada do Cavaleiro Vermelho e de suas ações. Com um sorriso lento, Aisley percebeu que estava grata a Alan por providenciar o guarda. Teria que agradecê-lo.

Seu sorriso desapareceu, no entanto, quando se lembrou da forma como Edith se referiu ao vassalo como sendo “dela”. Seria mais fácil se os aldeões e o povo de Dunmurrow obedecessem a Alan na ausência de seu senhor, mas não seria certo. Aisley sabia, com um sentido mais forte do que a lógica, que Piers não gostaria. A própria ideia a deixou nervosa, e ela lambeu os lábios, sentindo-se ansiosa para que a noite terminasse logo.

Verdade fosse dita, Aisley não estava muito ansiosa para compartilhar uma refeição com Alan e seu marido. Um sentimento de culpa por ter desfrutado o dia do lado de fora daquelas portas a atormentava, embora ela soubesse que era uma bobagem. Não tinha feito nada de errado e só escapara do castelo por algumas horas. Por que, então, sentia como se tivesse traído o marido? Só porque preferia luz à escuridão?

Uma batida na porta arrancou Aisley de seus pensamentos, e ela correu até lá. No momento em que a abriu, soube que havia algo de errado só pelo olhar de Cecil. Aisleu surpreendera-se, também, ao perceber que o homem conseguia mudar de expressão. Não conseguia imaginá-lo rindo ou sofrendo, sempre parecendo severo, raramente demonstrando sua própria opinião ou puxando conversa. Mas naquela noite, algo estava diferente. O criado parecia positivamente interessado.

— Meu senhor pediu que junte-se a ele para o jantar — disse Cecil, e algo no jeito com que falou fez com que Aisley o olhasse novamente com brusquidão.

— Sim, claro, eu sempre janto com o barão — disse Aisley. Seria sua imaginação ou um semblante de medo atravessava as feições do criado? — Cecil, o que houve? — ela perguntou, de repente cautelosa. Será que Piers estava irritado?

— Minha senhora, naturalmente não é minha posição dizer, mas... — Cecil hesitou.

— Por favor, fique à vontade para falar — insistiu Aisley. Silenciosamente, desejou que o servo de Piers pudesse revelar alguma coisa de seu mestre. Mas quando o homem falou, ele não divulgou nenhum dos segredos do Cavaleiro Vermelho.

— Minha senhora, o barão parece um pouco insatisfeito por sua preferência pela companhia de seu vassalo. Parece temer que as pessoas comecem a falar... — As palavras de Cecil foram ficando inaudíveis, revelando seu desconforto.

Aisley sentiu-se assombrada.

— Comecem a falar? Quem poderia falar? — ela perguntou. Todo o medo que sentia de seu marido desaparecera por conta de sua raiva. Que direito Piers tinha de sentir ciúme de um passeio com alguém do mundo exterior? A culpa que a aborrecera ao longo de seu agradável dia desapareceu em um instante. — Qualquer coisa que digam sobre mim não poderia se comparar às histórias que contam sobre o Cavaleiro Vermelho. Parece que cada dia surge uma nova, contada à minha criada. Se não é sobre ele estar realizando sacrifícios humanos no porão, é sobre comer o coração de crianças no jantar!

Com tal rompante, o comportamento de Cecil voltou ao estado habitual.

— Sim, minha senhora — disse ele. E, então, recuou para que ela o seguisse, como fazia todas as noites, sem a menor indicação de que aquela conversa tivesse ocorrido.

Recusando-se a perder novamente o decoro, Aisley engoliu a raiva em silêncio, enquanto caminhava para a grande câmara.

Era um absurdo! Aisley estava indignada com o fato de que seu marido, que nunca a levara para fora daquela fortaleza, que nunca teve as refeições com ela no grande salão e que nunca lhe dera o menor encorajamento, tivesse a audácia de repreendê-la por ela entreter-se com seu vassalo, um homem de confiança que, presumivelmente, tinha jurado lealdade ao seu senhor.

As faces de Aisley pintaram-se de vermelho ao pensar que agora Piers poderia estar censurando Alan por suas atenções ou acusando-o de alguma perfídia. Como podia imaginar que ela o trairia tão facilmente? Por mais que gostasse de estar com Alan, nunca lhe passara pela cabeça que pudesse haver qualquer coisa entre eles.

Sim, Alan era um homem bonito, mas não muito. Era belo e bem educado, como muitos cavaleiros que ela tinha conhecido antes, mas que nunca olhara duas vezes. Na verdade, a única coisa que diferenciava Alan dos outros era sua presença ali, alegrando-a na escuridão de sua prisão.

Em Belvry, Aisley estava cercada de pessoas e podia escolher com quem conversar, mas ali em Dunmurrow, suas opções eram poucas. Piers nunca falava com ela, exceto durante as refeições, então, isso a deixava limitada ao falatório cada vez mais bizarro de Edith ou aos tópicos familiares dos criados. Alan fora um refúgio bem-vindo para a atmosfera solitária do castelo, porém, tudo fora arruinado pelo Cavaleiro Vermelho. E isso era o que mais a aborrecia, que sua simples alegria por passar um dia ao ar livre com companhia tivesse desaparecido para sempre.

Aisley entrou na grande câmara com um ar sombrio, enquanto seu olhar procurava pela enorme forma de seu marido nas sombras. Ela pretendia dizer-lhe tudo o que pensava, mas a visão de outra figura, sentada à mesa, a impediu.

— Minha senhora — o homem disse suavemente, e Aisley reconheceu a voz de Alan. Talvez Cecil tivesse exagerado sobre o descontentamento de Piers, e ela tivesse ficado irritada por nada.

— Minha senhora — Piers também a cumprimentou em seu tom familiar, tão seco como de costume, e Aisley sentiu um pequeno alívio quando tomou seu lugar em frente a ele. Ela ficou um pouco assustada ao descobrir que Alan

estava sentado ao lado dela. Qual seria o jogo do Cavaleiro Vermelho para fazê-los sentar assim?

— Piers, você não mencionou que a beleza de sua esposa rivaliza com a da melhor joia — Alan disse, e Aisley engasgou com o vinho. Estaria ele tentando irritar o Cavaleiro Vermelho de propósito, ou não tinha noção do desgosto do diabo? — Na aldeia, eles estavam comentando sobre um anjo para o nosso Cavaleiro Vermelho, mas não fazia ideia de que falavam tão literalmente — continuou o homem. Aisley ficou tão tensa, esperando a resposta de seu marido do outro lado da mesa, porém, esta demorou a vir.

— Sim, já me disseram que ela é considerada graciosa por todos os que têm o privilégio de contemplar sua beleza — disse Piers. Um tom de divertimento havia penetrado em sua voz, e Aisley lutou contra o pavor que ele, às vezes, lhe induzia. Sua raiva, que havia queimado tão ferozmente momentos antes, desapareceu diante da forma sinistra que se aproximava dela. O perigo que emanava dele pulsava na escuridão. Será que Alan não sentia?

Aparentemente, não, pois as palavras que saíram de sua boca logo em seguida não demonstravam cautela.

— Piers me disse que o casamento foi arranjado por Edward, minha senhora — ele falou. — Você não se surpreendeu ao se ver comprometida com o Cavaleiro Vermelho? Alguns ficariam intimidados com tal perspectiva, considerando sua reputação.

Será que o homem estava louco? Aisley engoliu rapidamente a mordida que tomara.

— Não, não fiquei surpresa — ela respondeu. — Porque fui eu que o escolhi. — *E que erro cometi*, ela pensou, mas não acrescentou.

— Você o escolheu? — Alan perguntou, como se não esperasse aquela resposta. — Eu não entendo.

Aisley afundou-se na cadeira. Queria poder rastejar por debaixo dela. Naquela manhã, pensara que a curiosidade de Alan tinha sido dissuadida por suas respostas frias e pelos ditames de cortesia. Mas ali estava ele, fazendo suas perguntas com mais ousadia do que antes, e na frente do Cavaleiro Vermelho.

— Edward me deu permissão para escolher um marido dentre todos os seus cavaleiros, e eu escolhi o barão Montmorency — disse Aisley. Uma vez que Piers não parecia demonstrar objeção àquela conversa, ela esperava que ele dissesse que aquela decisão não tinha sido do seu agrado, mas ele não fez qualquer comentário. O que será que estava pensando na escuridão? Se ao menos pudesse vê-lo.

— Sério? — Alan exaltou-se. — Mas você me disse que não havia conhecido Piers antes. O que motivou sua escolha?

Será que aquele homem nunca iria parar? Aisley estremeceu, já esperando que o punho do Cavaleiro Vermelho atingisse a mesa, com raiva, a qualquer momento, mas tudo estava muito quieto nas sombras.

— O barão tem uma reputação e tanto — ela disse simplesmente.

— Ah, você já tinha ouvido falar de suas proezas em batalhas? — Alan perguntou.

— Sim — murmurou Aisley. Sentindo-se duramente tentada pelas perguntas do vassalo, ela decidiu que se ele perguntasse mais alguma coisa, ela derramaria toda a história, quer Piers gostasse ou não. O que diria o bom Alan quando soubesse que esperara ser negada pelo Cavaleiro Vermelho e que

nunca sonhara que acabaria se tornando sua esposa?

— Então você queria um grande guerreiro para proteger suas propriedades? — perguntou Alan.

Aisley rangeu os dentes de frustração e, de repente, decidiu que não havia razão para que ficasse tão amedrontada. Alan devia estar ciente dos rumores em relação ao senhor de Dunmurrow. Se já era vassalo de Piers há muitos anos, o homem provavelmente sabia muito bem quem, e o que, era o Cavaleiro Vermelho.

— Eu o escolhi com base em sua reputação — ela respondeu. — Certamente você ouviu tudo o que se diz sobre o Barão Montmorency, ou devo lhe contar? Ele é um grande feiticeiro, que atrai feiticeiros de longe para aprender seus segredos, e depois os coloca para fora para conjurar seus feitiços sozinho. Ele é um alquimista, um astrólogo, e é responsável por todo o tipo de ação obscura. Na verdade, ele é o culpado por todo o mal que aconteceu na aldeia durante os últimos anos, desde cervejas azedas até doenças e mortes. Com tais poderes a seu comando, ele deve ser o mais poderoso da terra, maior ainda do que Edward. Você não acha isso, Alan? — Aisley perguntou, satisfeita em jogar a seu favor.

O vassalo do barão pareceu, pela primeira vez, estar perdido. Quando finalmente falou, suas palavras foram proferidas cautelosamente:

— Talvez as histórias do mestre de Dunmurrow sejam um pouco exageradas pelo povo comum.

Aisley sorriu, feliz por ninguém poder ver sua alegria.

— Talvez, mas não seria muito aconselhável irritá-lo, Alan, ou ele pode transformá-lo em um sapo bem aí, onde está sentado. — Ou ele pode mantê-lo

trancado com você, nas sombras, ela pensou imprudentemente. Qual seria o pior castigo? Ela estendeu a mão para o copo, decidida a não dizer mais nada, e captou o estrondo de uma risada na escuridão.

— Não se preocupe, minha senhora — assegurou Alan. — Sou muito mais útil para Piers como estou. Um sapo teria dificuldades para ganhar o respeito de seus homens. Seria difícil entender seu coaxar, imagino.

Ao vislumbrar a imagem de uma criatura fria montando um cavalo, Aisley engasgou um riso. Mas não ouviu nenhum som de resposta vindo da escuridão desta vez, e sua diversão desapareceu. Piers não parecia compartilhar do mesmo entusiasmo, e Aisley pensou que seria sábio da parte de Alan prestar mais atenção ao humor de seu senhor. Embora não acreditasse realmente que Piers pudesse transformar seu vassalo em um sapo, ela sabia que havia muitas maneiras pelas quais o barão poderia demonstrar seu desagrado.

E ele obviamente estava descontente. O mestre de Dunmurrow era uma presença obscura, meditativa durante toda a refeição. Durante algum tempo, Aisley conseguiu convencer os dois homens a falarem sobre suas experiências lutando contra os galeses, mas, então, como se por um acordo tácito, o assunto foi abandonado, deixando um longo período de silêncio. Até mesmo o entusiasmo natural de Alan parecia diminuir na escuridão.

Finalmente, Aisley falou sobre a tarde que haviam compartilhado, mas Piers parecia pouco interessado nos aldeões ou nas condições de sua terra. Ele grunhia uma resposta mal-humorada para qualquer pergunta dirigida a ele, e Aisley sentia seu humor obscuro como uma mortalha se espalhando pelo quarto. Será que poderia se retirar sem ofendê-lo?

— Preciso admitir que fiquei surpreso com as mudanças que a senhora

fez em Dunmurrow — disse Alan. — Eu nunca pensei que o antigo salão pudesse parecer tão acolhedor, e eu não vou reclamar sobre a comida desta vez.

— Minha esposa é muito adequada para a sua posição, não é, Alan? — Piers perguntou em um tom estranho.

— Ela é, meu senhor. Você foi verdadeiramente abençoado.

Aisley corou e empurrou o prato de lado. Por algum motivo, achava que o Cavaleiro Vermelho não compartilhava da opinião de seu vassalo a respeito de sua chegada àquela casa.

— Sim — disse Piers, com a voz baixa. — Ela é meu presente de Natal, um prêmio inesperado, mas muito apreciado.

Aisley franziu o cenho ante suas palavras, incapaz de acreditar, nem por um momento, que ele as quisesse dizer. Por razões de cortesia, seu marido concordava com Alan, fingindo estar satisfeito com seu casamento, mesmo que ela soubesse o quanto ele odiara o decreto de Edward. Aisley sentiu um estranho ardor em seu peito, e tudo o que queria era se afastar de sua companhia.

Mas como ela poderia culpar Piers por sua amargura? Não fora ele que a escolhera como esposa. Era um destino que ela escolhera para si mesma. De repente, Aisley sentiu-se verdadeiramente miserável, tendo o prazer de seu dia maravilhoso destruído e a vida que criara ali revelada como uma farsa. A picada em seu peito se transformou em uma dor, e ela percebeu, com surpresa, que estava magoada pela rejeição do Cavaleiro Vermelho.

Ela disse a si mesma que era apenas uma indigestão causada pela carne. Pois seria verdadeiramente tolo preocupar-se com o que Piers pensava ou

fazia. E ela já não tinha, há muito tempo, erguido barreiras em torno de si para que palavras grosseiras não mais a magoassem? Cerrando os punhos firmemente nas laterais do corpo, ela abriu a boca para se desculpar e retirar-se, mas ela não foi rápida o bastante.

— Ouvi dizer que você canta mais lindamente do que qualquer pássaro, minha senhora. Será que poderemos receber uma amostra de seu talento esta noite? — Alan perguntou.

Aisley respirou fundo. A última coisa que queria fazer era apresentar-se para aqueles dois como um animal de estimação treinado. Para dizer a verdade, ela estava profundamente enojada com ambos e com todos do sexo masculino. Mas antes que pudesse formular uma resposta não muito mordaz, seu marido falou por ela:

— Não esta noite — disse Piers. — Gostaria de me retirar mais cedo. Alan, você deve estar cansado depois de seu longo dia.

— Sim, estou — disse o vassalo. Pegando a dica, ele se levantou imediatamente da cadeira. Aisley quase se levantou também, até que percebeu que não seria sábio, para ela, retirar-se com o vassalo de seu marido. Alan curvou-se em sua direção. — Foi um prazer, minha senhora — acrescentou ele. Então, virou-se para Piers. — Novamente, permita-me felicitá-lo, meu senhor.

Piers grunhiu em resposta, fazendo as bochechas de Aisley queimarem de vergonha. Entre os dois homens existia alguma desavença, mas ela não sabia qual exatamente poderia ser. Só sabia que desejava escapar daquela sala o mais cedo possível. Sem dizer nada, sentou-se com as mãos cruzadas no colo até que a porta se fechasse atrás de Alan. Então, ela também se levantou. Foi interrompida pela voz de Piers, profunda e macia, falando seu nome como

se tivesse sido arrancado de sua própria garganta.

— Aisley.

— Sim? — Certamente ele não iria palestrar sobre seu relacionamento com o vassalo. Embora ela enfrentasse a figura de seu marido nas sombras com bravura, e por mais que soubesse que não tinha feito nada de errado, Aisley sentiu-se cansada demais para brigar com ele. Só queria que aquele longo dia acabasse e que pudesse perder-se no esquecimento do sono.

— Não deixe nenhuma vela acesa hoje à noite em sua câmara e deixe as cortinas de sua cama firmemente fechadas — Piers disse. Ela ouviu o suave clique enquanto colocava sua xícara sobre a mesa. — Irei ter contigo esta noite, minha esposa.

Aisley quase cambaleou, sentindo-se de repente inundada por uma surpresa, mas totalmente sem medo. Ela olhou para sua silhueta, tentando, sem sucesso, enxergá-lo na escuridão que o rodeava. Então, ela lambeu os lábios, sabendo que não poderia lhe dar outra resposta, exceto uma:

— Sim, meu senhor — disse ela suavemente.

Então, saiu cegamente pela porta que Cecil mantinha aberta para ela, mas com um meneio de cabeça informou que gostaria de caminhar sozinha. Precisava de tempo para pensar, para dominar as emoções que surgiam em seu peito.

Aisley decidiu deixar o medo de lado, porque realmente não achava que seu marido fosse um animal. Estava bastante certa agora de que Piers tinha sofrido alguma desfiguração que o mantinha nas sombras. Embora a ideia de recebê-lo em sua cama fosse assustadora por si própria, descobriu que seu pavor havia sido ofuscado por um rápido e agudo sentimento de excitação, que

fazia com que ela se sentisse mais incerta sobre se juntar ou não a seu marido. Ele não a rejeitara, isso era certo, e aquele pensamento fora suficiente para enviar um fluxo de exaltação por seu corpo, o que a confundia ainda mais.

Cecil estava no quarto dela, arrumando as cobertas, e Aisley o despachou, aturdida. Sentou-se na cama, contente por Edith não estar ali naquela noite, já que tinham desenvolvido uma rotina que concedia a Aisley sua privacidade depois do jantar. Até aquele momento, fora um tempo para que ela pudesse ler ou planejar as atividades do dia seguinte. Não tinha pensado, não desde aquela primeira noite, que aquele tempo seria usado para outros propósitos, mas, naquela noite, seria.

De repente, ela se sentiu em pânico, como se o senhor de Dunmurrow pudesse chegar a qualquer momento.

— Não deixe nenhuma vela acesa — ele finalmente dissera. Aisley olhou ao redor da sala rapidamente, procurando pelos talos de cera, até que percebeu que todas elas tinham sido removidas. Por um instante, ela se perguntou se Piers as tinha feito desaparecer magicamente. Então, seus pensamentos voaram para Cecil, que normalmente não ia até a sua câmara àquela hora. Ele devia ter levado as velas ao sair.

Aisley suspirou aliviada, mas o alívio durou apenas um segundo. Ela logo se lembrou que tinha deixado Cecil na grande câmara. No entanto, o encontrara ali quando entrou. Ofegou em voz alta e estremeceu, um longo e frio arrepio que perfurou sua própria alma; nem mesmo o movimento mais rápido do criado seria capaz de lhe proporcionar tal façanha.

A menos que ele realmente fosse um demônio. Todos os avisos de Edith começaram a revirar em sua mente, fazendo estragos em seus sentidos, e Aisley precisou agarrar a borda da cama. Naquela noite, dentre todas as

outras, por que tinha que ser confrontada com uma revelação tão monstruosa? Por que naquela noite, dentre todas as outras, enquanto esperava a chegada iminente do mestre de Cecil, o próprio Cavaleiro Vermelho, cujos direitos de marido sobre ela seriam reivindicados?

Como um suave gemido alarmado, Aisley estendeu a mão para agarrar o encosto da cama e apoiou a cabeça contra ele, buscando alívio para o tumulto que se agitava dentro dela. Não encontrou nenhum, quando olhou para baixo, observou, com consternação, que suas mãos tremiam.

Um ruído do lado de fora de sua câmara a fez ofegar e, pela primeira vez, desde o dia de seu casamento, Aisley temia mais ver o seu marido do que a escuridão. Com rapidez, despiu-se, subiu no colchão e puxou as cortinas, fechando a cama, protegendo-a do próprio incêndio e mergulhando na escuridão.



Capítulo Oito

Aisley esperou, segurando as cobertas como se elas pudessem afastar o Cavaleiro Vermelho e sua magia. Considerava-se uma mulher sensata, de lógica e fatos. Nunca fora a um adivinho, nunca implorara por poções a nenhuma das velhas mulheres da aldeia e nunca acreditara verdadeiramente em nenhuma das histórias sobre Montmorency. E, no entanto, não se podia negar que Cecil estivera em dois lugares ao mesmo tempo. Aisley não conseguia encontrar nenhuma explicação razoável, e todas as outras que surgiam em sua mente eram demasiadamente terríveis para contemplar.

O som de sua própria respiração, rápida e lenta, era tão alto naquele espaço fechado, que Aisley nem sequer o ouviu chegar. Quando as cortinas da cama se abriram de repente e se fecharam de novo, ela ofegou em surpresa, e quando sentiu uma figura enorme deslizar para o lado dela, com a pele nua

encostando em sua própria, ela estremeceu com um terror mortal.

— Está com medo de mim, minha esposa? — Aisley reconheceu o tom de voz seco de seu marido e suspirou em alívio. Era apenas Piers, afinal, não um demônio que soprava fogo. Ela sempre gostara da voz dele, mas também gostara da forma como a segurou quando a beijou, e ele nunca a assustara. Se ao menos... Ela queria contar-lhe sobre Cecil, perguntar-lhe sobre as aparições misteriosas do servo, mas sua língua parecia presa ao céu da boca. Na verdade, temia a resposta que ele iria lhe dar. — Aisley, minha esposa — disse Piers, com tanta ternura que as palavras tocaram a sua alma. — Diga-me agora, você tem medo de mim?

Aisley ergueu o queixo.

— Não — ela respondeu. Em seu coração ela realmente não o temia.

— Imaginei que não, ou não teria vindo procurá-la — disse Piers.

Aisley molhou os lábios nervosamente, incapaz de ver até mesmo sua silhueta na escuridão.

— Por que você veio?

Em resposta, ele grunhiu, um som que de modo algum indicava raiva.

— Acho que fiquei com um pouco de ciúme, minha esposa, por saber que você estava satisfeita por passar algum tempo com meu vassalo — disse ele, com uma espécie de desespero zombeteiro.

A ansiedade de Asiley se dissolveu, e ela sentiu um nó na garganta. Em um primeiro momento, ficou furiosa com a sugestão de que passara boa parte do dia com Alan. E deveria ter ficado indignada com qualquer insinuação vinda de seu marido. No entanto, ao invés de raiva, sentiu alguma outra

emoção, cálida e estranha, inundar seu peito. O Cavaleiro Vermelho estava com ciúmes? Aisley mal conseguia acreditar, mas, se ele estava, ela desejava acalmá-lo.

— Meu senhor, sou uma mulher honrada. Eu nunca...

— Que bom — disse Piers, pousando um dos dedos em sua bochecha. Ele se inclinou sobre ela, colocando-se tão perto que Aisley pôde sentir sua respiração, mas ela não estava aterrorizada, era apenas uma antecipação emocionante. — Fico feliz em ouvir isso, mas acho que é hora de torná-la minha esposa de verdade, então, saberemos que você pertence a mim e a ninguém mais. — Fez uma pausa, enquanto a grande palma de sua mão se posicionava sobre sua garganta. — Não é culpa minha que tenha me escolhido, Aisley — disse ele, com uma voz baixa e séria. — Mas você escolheu. Portanto, preste atenção, você é minha.

A ameaça estava implícita, e Aisley não tinha nenhuma dúvida de que ele mataria qualquer homem que pretendesse tomar o seu lugar, e talvez ela também, se o traísse. Ele tinha o poder, se quisesse sufocá-la até a morte ali, não havia nada que pudesse fazer.

Mas Aisley não estava assustada, nunca desejara outro homem além de seu marido. E naquele momento, uma ânsia por ele a atravessou de tal forma, que ela chegou a se sentir fraca. O que será que ele fazia que a afetava de um modo que nenhum outro homem jamais conseguiu? Seria sua voz, sua força, o mistério ou a própria escuridão o que a atraía?

Aisley não fazia ideia, mas novamente teve a estranha sensação de que o mundo havia caído, deixando apenas os dois juntos em um grande vazio negro. Não havia nada além de seu calor sobre ela e a palma de sua mão que, embora apenas descansasse em sua pele, parecia espalhar calor a todas as suas

extremidades.

Todos os seus planos para a dissolução do casamento desapareciam sob a pressão de seu toque, mas não sentia que estava perdendo algo com isso, afinal, seus planos eram tolos. A força poderosa do homem sobre ela afastou todos os outros desejos, banindo suas preocupações em uma promessa sombria de coisas que jamais desejara, mas que agora pareciam sedutoramente atraentes e ao seu alcance.

Por isso, estendeu a mão.

Respirando fundo, Aisley virou o rosto para o braço de Piers, encostando a bochecha como uma sutil carícia. Sentiu-o tenso de surpresa, depois ouviu uma baixa exalação de aprovação. Ela queria dizer alguma coisa, embora não tivesse ideia do quê, mas o polegar dele deslizou em seus lábios, efetivamente interrompendo seu discurso aos traçar novamente. Os dedos contornaram seus traços, seus olhos, seu nariz, suas sobrancelhas, em uma exploração gentil. A sensação era incisiva e doce, e o coração de Aisley batia no ritmo de seu áspero toque, conforme ele deslizava por seu pescoço.

Com um movimento rápido, Piers afastou os cobertores que a cobriam e a ação tão súbita fez com que Aisley se perguntasse se a dor que Edith lhe advertira que sentiria era iminente. Ela se enrijeceu, mas seu marido apenas segurou os fios de seu cabelo e os alisou.

— Seus cabelos são como a mais fina seda — ele sussurrou. Ergueu-os um pouco mais, e Aisley sentiu-se derreter quando ele o esfregou contra sua bochecha antes de deixá-lo cair contra seus seios nus; um movimento aparentemente inócuo que enviou uma onda de excitação por todo seu corpo.

Ele a beijou, então, ternamente, uma troca que fez Aisley ansiar por mais. Hesitante, ela colocou uma mão em seu rosto. Era suave e continha

apenas uma cicatriz ao longo da mandíbula forte. Então, não conseguiu mais pensar. Ela emitiu um som suave, e ele grunhiu em resposta, forçando sua boca para que abrisse ainda mais e introduzindo a língua. Daquela vez, ela gemeu mais alto, espantada com o estranho prazer que a atravessava, e Piers respondeu, saboreando-a até que Aisley se sentiu tonta e quente.

Ela deslizou as mãos por seus ombros largos, desfrutando da interação de músculos sob sua pele lustrosa. Ele era quente e agradável ao toque, e Aisley correu seus dedos ao longo da lateral de seu corpo e por suas costas repetidas vezes, conforme ele a beijava, impávido pelo poder contido em seu corpo maciço de guerreiro ou pelas cicatrizes que o marcavam.

Afastando os cabelos, Piers colocou a mão sobre o seio dela, como se fosse a coisa mais natural do mundo, e Aisley se perguntou se poderia compreender os sentimentos que a tomavam. Ela fez um barulho que logo a entregou.

— Minha adorável esposa. Aisley, você é tão adorável — ele sussurrou. — Pequena, mas formosa. — Os dedos ásperos dele a acariciaram suavemente, com seu polegar batendo contra seu mamilo, e ela ofegou, segurando seus ombros.

Ele a beijou de novo, em uma profunda e exuberante comunhão, antes de se afastar. Aisley ficou desolada por um momento, até sentir a língua dele em seu seio.

— Piers! — ela sussurrou, assustada com a excitação que pulsou dentro dela. Ele respondeu, fazendo círculos arrebatadores ao redor de seu mamilo, depois levando-o à sua boca.

Aisley arqueou-se na direção dele, e suas mãos, como por vontade própria, foram parar em sua cabeça. Seus dedos passaram por seus cabelos

lisos e grossos, e sem pensar em constrangimento, ela o puxou para mais perto. Em resposta, ele sugou o mamilo mais forte, com suas mãos se movendo ao longo das costas e deslizando por suas coxas, enquanto seus lábios mantinham a atenção em seus seios.

Então, sua boca deslizou para baixo, percorrendo todo o seu estômago.

— Abra suas pernas para mim, minha linda esposa — ele sussurrou. Sem hesitar, Aisley abriu os membros, incapaz de negar-lhe. Através da névoa de desejo, ela de repente começou a sentir medo de novo, perguntando-se loucamente se Piers não seria um feiticeiro que colocara um feitiço sobre ela para que ela se entregasse tão voluntariamente.

— Piers — ela sussurrou, com a voz rouca enquanto lutava para encontrar as palavras. As mãos dele começaram a subir por suas coxas, mas era incapaz de detê-lo. — Você me enfeitiçou?

Ele ficou tenso, e Aisley sentiu que observava seu rosto, embora não pudesse vê-lo.

— Eu não a enfeiticei, minha esposa; isso que temos é algo mais antigo do que o tempo: a atração entre um homem e uma mulher. Eu não preciso de feitiços; nós dois... — Sua voz tornava-se mais profunda, conforme suas palavras desapareciam. — Faremos nossa própria magia esta noite.

Com isso, Aisley sentiu a boca de seu marido no interior de sua coxa. Ela mal piscou e, então, ele já estava beijando-a entre suas pernas. Ofegou enquanto sua língua a localizava. Engasgou de novo e, então, seus suspiros se transformaram em gemidos de prazer que não podiam ser controlados.

Aisley não podia acreditar no que estava acontecendo. Pela primeira vez, ficou grata pela escuridão, de modo que não podia se ver naquela

posição, com seus joelhos erguidos e suas pernas escancaradas, enquanto o Cavaleiro Vermelho se ajoelhava entre elas. Grandes mãos cobriram suas nádegas firmemente, enquanto ele pressionava a boca quente contra a parte mais íntima de seu corpo. E ela não sentia nenhuma vergonha, apenas um desejo indecoroso por mais, enquanto seus quadris eram levantados.

— Mais.

Aisley não percebeu que tinha falado até que ouviu o grunhido de Piers em resposta.

— Mais? Sim, Aisley, você terá mais — ele sussurrou roucamente, movendo-se sobre ela. — Não pensei em mais nada desde o momento em que nos casamos. Sonhei em montá-la, minha esposa — ele falou sem fôlego, como se isso lhe custasse um grande esforço. — Sabe como eu sofro durante nossas refeições? Sim, preciso comer, mas não é a comida o que eu desejo — disse Piers, enquanto guiava a cabeça larga do seu membro até sua entrada. — Sei que, todas as vezes em que me sento em frente a você à mesa, quero agarrá-la, levá-la comigo e jogá-la na minha cama.

Ele falou com um calor tão fervoroso que o corpo de Aisley se arqueou e seus sentidos se estimularam. Ela o sentiu correr a ponta úmida de seu membro ao longo do ponto mais responsivo de seu corpo, acariciando-a uma e outra vez.

— Quero me enterrar em sua pálida suavidade — ele sussurrou com um grunhido rouco. O resto de suas palavras mal foram ouvidas, enquanto Aisley se perdia. Ela cravou as unhas nos músculos tesos de seus braços e gritou, enquanto o orgasmo trovejava dentro dela.

Quase desfalecida de tanta felicidade, ela só tinha consciência de que ele estava entrando dentro dela, tendo sua atenção mais atraída pela sua voz

do que por seus movimentos.

— Posso sentir sua satisfação — murmurou Piers como se estivesse à beira da morte. Então, ele ficou quieto por um momento, respirando ruidosamente na escuridão. Seu enorme corpo de cavaleiro pesava sobre o dela. Delicado, então, ele falou outra vez: — Também sinto sua barreira, por isso, sei que você é verdadeiramente intocada, minha esposa — ele murmurou. — Saiba agora que você é minha, somente minha. — Então, ele avançou sobre ela, e Aisley gritou de novo, engolindo o que teria sido um grito enquanto ele se enterrava até o fundo. Ela tentou se afastar dele, mas Piers segurou seus quadris rapidamente, retirando-se apenas o suficiente para deslizar para dentro dela repetidas vezes, preenchendo-a, até que, gritando seu prazer, ele se derramou profundamente dentro dela, tremendo em seus braços.

Por um momento, Aisley sentiu apenas uma dor persistente, mas logo tomou conhecimento de outros detalhes: o peso de Piers, estranhamente reconfortante, sobre ela. O suor que deixava seus braços e ombros maciços lustrosos enquanto os acariciava; as mechas de seu cabelo que descansavam contra sua têmpora; sua respiração, baixa, áspera e estranhamente vulnerável. Além do fato de estar deitada entrelaçada em seu marido, como se fossem um só. Aisley sentia algo mais do que dor ou prazer, algo que a deixava no limite.

Tocando o rosto de Piers, Aisley traçou sua sobrancelha, as cavidades de seus olhos, as fortes maçãs do rosto e a curva de sua orelha. Então, ela o beijou, pressionando os lábios contra seus cílios, bochechas e queixo até que suas bocas se encontraram, gentis no início, depois, ansiosas e famintas. Com o rosto de seu marido entre as mãos, segurando-o firmemente entre seus dedos esbeltos, Aisley notou algo inchando dentro dela e percebeu que ele ficava grosso uma vez mais.

Daquela vez não houve palavras enquanto se moviam juntos na

escuridão, apenas mãos e bocas explorando músculos rígidos e curvas suaves, manchas de suor e cheiros almiscarados. Piers ergueu as pernas de Aisley, e ela as enroscou ao redor dele, de modo que não havia nada entre eles além daquele sentimento intangível que ia além do entrelaçamento de suas respirações, que iam além do ritmo lento e seguro de seus corpos. Envolveu-os, cercando-os como uma coisa viva que prosperava em seus sons de prazer, a comunhão de seu toque, e o quanto se elevavam juntos.

Se Aisley não estivesse tão confusa, teria chamado de amor.

Quando Aisley acordou, pensou por um momento que fora atormentada por um estranho sonho. Ela estremeceu, sentindo um frio repentino dentro do casulo obscuro de sua cama. Foi quando os cheiros a assaltaram, junto com uma dor entre as pernas, e ela se sentou, levando uma mão trêmula a seus lábios inchados.

— Piers? — ela sussurrou na escuridão.

Cautelosamente, ela abriu as cortinas, apenas para deparar-se com as profundas sombras de seu quarto. Embora pudesse enxergar, por conta da parca luz do fogo moribundo, o silêncio sombrio dizia-lhe que Piers se fora, e ela esfregou os braços como se estivesse gelada. Deslizando para fora da cama, jogou uma túnica sobre o corpo nu e caminhou até a lareira. Alimentou a chama e se sentou no banco ali perto, espantada com o que tinha ocorrido naquela noite.

Olhou fixamente para as chamas, sentindo seu coração bater loucamente enquanto reconhecia que nunca mais poderia dissolver seu casamento, pois, não queria se separar de seu marido. Misteriosamente, Piers a atraíra antes, mas agora era muito mais do que isso.

Apertando os braços ao redor de si mesma, Aisley lembrou-se de sua comunhão. Ficou atônita ao perceber que se ele pedisse, ela faria tudo de novo e de novo. Sorriu para si mesma, incapaz de lançar toda a culpa em seu marido, porque mesmo se ele pedisse ou não, ela o queria. Desejava que ele ainda estivesse com ela na cama. Se estivesse, ela iria buscá-lo imediatamente, beijaria seus lábios e acariciaria seus músculos firmes, seu corpo de guerreiro maciço, rígido até que...

O corpo dele! Aisley inspirou profundamente ante a lembrança. Ela sabia que Piers era bem formado, além de suas imaginações, sem nenhuma desfiguração hedionda que pudesse fazê-lo espreitar nas sombras. Rastreara seu rosto com seus dedos finos e não encontrou sinais de feridas, queimaduras ou verrugas, nem mesmo pelos rebeldes. Uma cicatriz passava por um olho, mas era pequena, nada que pudesse fazer um homem buscar a escuridão.

Agarrando os braços com força, Aisley estremeceu, sem saber se seu novo conhecimento lhe trazia alívio ou se era uma decepção. Pois, se seu marido era perfeito, por que então vivia daquela forma? Pensando nisso, lutou contra as respostas que a assaltaram. Naquele desejo vertiginoso, deve ter deixado alguma coisa passar.

Mas e Cecil, que parecia mover-se através de paredes como fumaça? No quente prazer da consumação, Aisley esquecera-se que o criado estivera em dois lugares ao mesmo tempo. Lambeu os lábios nervosamente, enquanto criava perguntas para as quais não poderia fornecer soluções fáceis. A primeira entre elas era a que mais temia: será que seu marido era realmente um feiticeiro? Se assim fosse, Aisley não sabia se seus novos sentimentos por ele eram de livre e espontânea vontade ou se eram produto de alguma magia.

A lembrança da visita de Piers à sua câmara assombrou Aisley o dia todo, fazendo-a ruborizar e se contorcer em momentos estranhos. Estava agradecida por não ter visto Alan, pois, não tinha certeza se conseguiria encará-lo. Não se surpreendeu quando Cecil lhe disse que o cavaleiro tinha saído de manhã cedo em uma missão. Piers deixara seu ciúme bem claro. Ainda assim, não achava correto que ele punisse seu vassalo, e ela planejava dizer isso a ele.

A visão de Cecil voltou seus pensamentos em outras direções, e ela chamou de volta o servo, ansiosa para conhecer a verdade sobre ele.

— Cecil — disse Aisley, lançando-lhe um olhar frio e firme —, você tirou as velas do meu quarto ontem à noite?

O homem não hesitou.

— Sim, minha senhora — disse ele. — Foi por ordem do meu senhor.

— Mas... — Aisley lutou para falar mais alguma coisa. Molhou os lábios secos e abriu a boca, mas nada saiu, apenas uma respiração rápida que a deixou mais aflita. — Pode ir — ela finalmente disse, dispensando-o, enquanto ainda conseguia ao menos levantar a cabeça. Ele assentiu, fitando-a impassível, e se virou.

Os ombros de Aisley caíram quando ela foi atacada novamente por suspeitas vagas sobre seu marido e, então, lembranças da noite anterior voltaram para afastar suas preocupações, fazendo seu coração acelerar e seu corpo doer, ansiando pelo toque de Piers, apesar de tudo.

Com um ofego impaciente, Aisley vestiu sua capa e saiu para o pátio, para tomar um ar revigorante, com a esperança de que isso clareasse sua cabeça. Mas sua confusão permaneceu, e ela ergueu o olhar, irresistivelmente,

na direção da câmara onde seu marido esperava em seu escuro covil. E ela sabia que, fosse por bruxaria ou por seus próprios anseios, ela o desejava desesperadamente.

Mas Piers não a chamou para almoçar, e Aisley comeu no salão com Edith e os outros, tentando evitar os olhares de sua criada. Ela não sabia se conseguiria esconder suas novas suspeitas ou o florescimento de seu corpo de mulher da avaliação de Edith. Também estava um pouco decepcionada por Piers não ter procurado sua companhia depois do que se passara entre eles.

Então, Aisley se lembrou das palavras que ele lhe dissera na noite anterior, descrevendo suas refeições juntos como torturantes, e ela percebeu que era provavelmente melhor que não se juntasse a ele. Ainda assim, o pensamento de Piers derrubando a mesa e agarrando-a ou jogando-a sobre a cama não a enchia de medo e aversão, mas lhe proporcionava uma emoção bastante desconcertante, que ela tentava sufocar com firmeza. Sentindo as faces se tornarem escarlates, olhou ao redor e ficou grata por ver que Edith estava ocupada.

— E quem te deu permissão para comer comigo? — a criada perguntou a um homem baixo que se sentou diante dela.

Apesar do tom hostil de Edith, o homem não saiu em sua própria defesa, mas sorriu para ela, exibindo uma larga boca cheia de dentes saudáveis. Pelas profundas rugas em suas bochechas e ao redor de seus olhos, ficava evidente que ele passara boa parte de sua vida de bom humor. Que bom, pensou Aisley, desejando que sua disposição alegre se transferisse para Edith.

— Alan Clinton me deu permissão, senhora — respondeu o sujeito. — Pediu que eu ficasse ao seu lado dia e noite, e é o que farei — afirmou, dando uma piscadela para um dos criados que estava perto deles.

Então, pensou Aisley, aquele era o infame Willie, que Alan enviara para proteger Edith. Ali, mostrava-se ser um par interessante, os dois pareciam óleo e água juntos.

— Oh! — gritou Edith. — Mantenha essa língua dentro da boca, meu senhor, ou vou fazê-la sair pelo ouvido, não tenha dúvidas.

— Não me fale tais coisas, Edith, quando sabe que sentiria saudades de mim, especialmente durante as longas e frias noites — disse Willie com um olhar malicioso.

Aisley suspirou com surpresa, certa de que o homem levaria uma boa sova ou, ao menos, uma repreensão feroz, mas Edith só bufou.

— Como se você pudesse fazer qualquer coisa para me proteger sendo que não tem nem um pouco de carne em seus ossos — ela disse com desdém.

Willie se recostou, sorrindo ainda mais.

— Sim, mas tenho bastante carne onde preciso ter, não é, querida Edie?

— Eu não vou ficar ouvindo essa tagarelice, seu patife — Edith disse, bufando como um sapo diante daquele ultraje. Ela lançou um olhar em direção a Aisley. — Especialmente na frente da minha senhora.

O olhar de Willie seguiu o de Edith, e Aisley sorriu em saudação. Os cabelos pretos do homem estavam manchados de cinza, levando-a a suspeitar que ele já não tinha mais idade para se preocupar com reprimendas. Teve certeza disso quando Willie bebeu sua cerveja com um único gole.

— Minha senhora tem o aspecto de ser uma mulher bem amada, o que não é nenhuma surpresa, dado o tamanho de seu marido — disse ele. — Não acho que ela vai se ofender com algumas palavras como essas. — Enquanto

Aisley tentava não ruborizar com a astuta observação do guarda, Edith levantou-se do banco em um sobressalto. — Agora não, ainda não terminei minha refeição — Willie protestou.

— Você pode ir ou ficar, não me importo — Edith olhou por cima do ombro para ele. Willie resmungou brevemente, encheu a boca de comida, pegou o último pedaço de pão em suas mãos e saiu, seguindo Edith como um cão.

Observando-os com fascínio, Aisley notou um amassado familiar nas saias de Edith quando ela se afastou. Desde a morte de seu marido, a criada nunca flertara com qualquer homem que Aisley pudesse se lembrar. Será que ela estava menos irritada com seu novo guarda do que pretendia parecer estar? Aisley suspirou aliviada. Finalmente, Edith teria algo, ou alguém, em quem prestar atenção. Talvez, agora ela finalmente aceitasse sua nova vida em Dunmurrow.

O pensamento fez com que Aisley ficasse ciente de sua própria mudança diante das circunstâncias. Depois da noite anterior, ela não conseguia mais considerar o castelo como sua residência temporária. Estava ali, firmemente casada, e seu plano para dissolver o casamento fora abandonado no calor dos braços de seu marido.

Para dizer a verdade, ela desejava tomar seu lugar como a esposa de Piers em todos os sentidos, mas sabia que nada entre eles jamais seria simples como o que existia entre Edith e Willie. Ela suspeitava que Piers nunca se sentaria com ela no grande salão nem a acompanharia em seus passeios, e esse pensamento a deixou um pouco aborrecida.

O Cavaleiro Vermelho ainda estava mergulhado em mistério, talvez agora mais do que nunca. E, apesar da paixão que compartilhavam, Aisley

ainda se sentia desconfortável com seu marido. De muitas maneiras, ele continuava a ser um estranho para ela.

Embora Aisley tivesse passado a tarde envolvida em algumas tarefas, seus pensamentos continuavam voltando para Piers e para a ceia que dividiria com ele. Apesar de seus melhores esforços, não conseguia afastar a visão de seu marido fazendo amor com ela em sua própria sala misteriosa; e nem seus medos sobre possíveis poderes sombrios conseguiam aplacar seu desejo. Como algo proibido, parecia ainda mais atraente, e Aisley pôde imaginá-lo levando-a até a grande cama onde dormia, sendo subjugada por seu toque, sobre o corpo firme e suave dela, sua boca, quente e úmida, contra sua pele...

Para sua consternação, aquela imagem permaneceu em sua mente quando cumprimentou o marido na hora marcada.

— Boa noite, Piers — disse ela, esforçando-se para manter a voz firme.

— Esposa — ele respondeu rapidamente, com um aceno de cabeça na escuridão. Seu tom rude fez com que Aisley se sobressaltasse, não esperando aquele tratamento depois da noite de intimidades que tinham compartilhado. Seria sempre assim? As refeições, como de costume, sem palavras suaves para denotar a mudança em seu relacionamento? Ou talvez não houvesse mudança, pensou Aisley, desolada. A noite passada poderia ter significado nada mais para Piers do que um dever realizado apenas para torná-la sua esposa.

O pensamento era desanimador, e Aisley comeu em silêncio. No entanto, quando seus dentes afundaram em um pedaço de galinha, ela se lembrou das mordidas suaves do marido contra sua carne. Mais uma vez, alegrou-se por estar na escuridão, que encobria seu rubor e seus súbitos tremores ao estender

a mão para pegar o vinho.

— Você está quieta esta noite — disse Piers bruscamente. — Há algo errado?

Aisley baixou o copo lentamente, ponderando o que iria dizer. Embora isso a tivesse incomodado durante todo o dia, não queria perguntar sobre Cecil, pois, não desejava obscurecer ainda mais o mau humor de Piers, e, na verdade, temia a resposta que ele poderia lhe dar. Tampouco podia abordar a questão das sombras que o rodeavam, e ela certamente não estava inclinada a mencionar o desejo que sentia e que chegava a corroê-la.

— Não. Não é nada, meu senhor — disse ela.

Piers bufou como resposta, e eles continuaram em silêncio. Aisley esperava por algum sinal de que a figura em frente a ela era o mesmo homem que a procurara na noite anterior.

— Espero que não esteja esperando por Alan — disse Piers abruptamente.

— Não — respondeu Aisley cautelosamente. — Cecil me disse que ele partiu cedo esta manhã. — Ela fez uma pausa. — Acha que foi justo mandá-lo embora tão cedo e bem no Natal?

— Então você já sente falta dele? — A voz de Piers soava baixa e ameaçadora, e Aisley sentiu um arrepio correndo pela espinha. Aquele homem era perigoso, lembrou-se. Piers Montmorency era famoso por sua selvageria em batalha, e ela sabia muito bem o quão grande e forte era. As mesmas mãos que a haviam acariciado com ternura poderiam sufocá-la até a morte.

— Sinto falta da companhia — disse ela lentamente. — Não do homem.

Piers bufou, obviamente ainda com ciúmes de seu vassalo, e Aisley sorriu. Talvez, na noite passada, não tivesse sido um dever tão desagradável para ele, afinal. Talvez até mesmo agora ele a quisesse exatamente como ela o desejava. O pensamento fez com que Aisley respirasse fundo, e seu coração começou a bater violentamente. *Possua-me. Possua-me sobre esta mesa*. Ela tentou formar as palavras, mas a coragem falhou, e ela pegou sua taça, ansiando por um longo gole de vinho.

— Você não tem companhia suficiente? — perguntou Piers com desdém. — Edith e Cecil, além dos novos criados que insistiu que devemos ter. Fora os aldeões que lotam o meu salão...

Aisley engoliu em seco.

— Sim — ela disse suavemente. Mas por mais que tenha respondido, ela sabia que era a companhia dele que buscava, sua atenção que desejava. Era absurdo, pensou amargamente. Sempre fora ferozmente independente, sempre seguira seu próprio caminho, sem precisar de ninguém. — Mas não é a mesma coisa — disse ela. — Não conseguem discutir sobre variados assuntos; não sabem ler, nem jogar xadrez, nem saem em caçadas. — Embora ela não tivesse a intenção de soar amarga, ele poderia sentir o pesar em suas palavras, percebeu Aisley. Piers jamais poderia fazer-lhe companhia, porque muitas daquelas coisas exigiam luz. Ela acabara de colocar o Cavaleiro Vermelho na mesma classe de um criado sem educação ou um aldeão, e ela sabia que ele não iria gostar. Apressou-se em se corrigir antes que ele explodisse de raiva. — Talvez você possa se aventurar comigo algum dia.

— Não — ele respondeu com brutalidade.

Aisley suspirou exasperada.

— Por quê? — ela perguntou. — Por que devemos sempre estar

envoltos em trevas? Eu sei que você não é o diabo que quer que os outros acreditem que é.

Ao resmungar, a voz de Piers estava seca, como de costume, mas afiada com certa rudeza, e Aisley sentiu-se congelar com aquela provocação. Ela rapidamente se levantou do assento.

— Onde você vai? — ele rosnou.

— Quando você tenta me assustar, não quero ficar com você — respondeu Aisley, erguendo o queixo.

— Talvez você deseje estar com outro? — ele perguntou.

— Talvez se eu pudesse vê-lo, não me sentiria tão só, meu marido — Aisley disse por entre os dentes cerrados.

— Você me quer tanto para mim? — Piers perguntou em tom de zombaria.

— Sim — ela disse suavemente. — E se você atendesse ao meu desejo, saberia que isso é verdade. Foi uma alegria ontem estar com você. Por que não podemos ficar sempre juntos? Gostaria de mostrar-lhe os planos que tenho para a leiteria. Suas terras são lindas, e há uma cachoeira...

— Chega — disse Piers. — Não me fale sobre o que não podemos ter.

— Mas por que, Piers? — Aisley perguntou, exasperada. — Eu sou sua esposa. Não pode me explicar por que se mantém nas sombras?

— Minha esposa! — gritou Piers. — Uma jovem que eu nunca vi antes, exigindo que eu me casasse com ela — disse ele amargamente. — E você queria que eu confiasse nela? — Ele riu, mas o som não tinha nenhum humor.

Aisley olhou para aquela forma negra, horrorizada com suas piadas. E ela pensava que conseguiria amá-lo? Estremeceu diante de sua própria loucura. Erguendo o queixo, saiu do quarto, batendo a porta atrás de si.



Capítulo Nove

Em sua própria câmara, as velas estavam de volta no lugar, e Cecil não surgiu para levá-las. Embora Aisley já tivesse concluído que Piers não a visitaria naquela noite, ela ainda o esperava, sentada em sua cama na escuridão, desejando-o e zangada consigo mesma por seus próprios anseios tolos. Então seria assim, pensou amargamente. Seu marido cumprira seu dever, tirando sua virgindade apenas para provar sua posse, e não voltaria a procurá-la.

Aisley disse a si mesma que deveria se sentir aliviada por estar livre das atenções do Cavaleiro Vermelho, mas sua mente rebelde se voltava para a noite anterior, quando ele a abraçou, movendo-se sobre ela, fazendo-a sentir coisas que nunca sonhara serem possíveis. Ansiava por ele como uma mulher enfeitiçada.

Finalmente cochilou, mas quando ela acordou não foi por causa da presença de seu marido, mas pela voz apavorada de Edith.

— Minha senhora! Minha senhora! — sussurrou a criada.

— O que foi, Edith? — Aisley perguntou, ficando em alerta em um instante. Fogo, bandidos ou um assalto a Dunmurrow era tudo o que ela pensava quando seus olhos se abriram. As colchas de cama tinham sido puxadas para o lado, e Edith estava de pé sobre o colchão, segurando uma vela em uma mão e sacudindo Aisley ansiosamente com a outra.

— Ouça, minha senhora! — Edith disse. — É o Cavaleiro Vermelho fazendo os trabalhos do demônio! Conjurando alto o suficiente para acordar os mortos, e quando eu coloquei minha cabeça para fora da janela... — Edith fez uma pausa. — Vi alguém lá embaixo com ele. Um sacrifício humano, só pode ser, minha senhora. Eu juro! E aquele guarda inútil à minha porta não fará nada!

— Cale-se — disse Aisley. — Não consigo ouvir nada com você falando. — Levantando-se para vestir um roupão, foi até a janela e espiou pela estreita fenda. Uma pálida lua lançava um brilho sombrio no chão e na forma inconfundível de seu marido. Aisley ofegou quando percebeu que ele parecia estar atacando alguém com sua espada. Procurou por saqueadores no pátio e, não encontrando ninguém, voltou seu olhar para Piers.

Embora parecesse golpear repetidamente, seu inimigo nem se movia nem caía, mas permanecia imóvel e reto.

— Não é nada, mas uma espécie de treinamento — disse Aisley, aborrecida pelo alívio que a atravessava. Virou-se exasperada para sua criada. — Meu marido simplesmente está praticando com sua espada contra um pedaço de madeira e palha, e você acha que ele é um demônio.

— Edith! — As duas mulheres se voltaram para o som de uma voz, que chamava do lado de fora da porta da câmara, e Aisley imediatamente reconheceu a inconfundível voz de Willie, o guarda pessoal de Edith. — Volte imediatamente e pare de se intrometer nos assuntos do barão.

— Eu agradeceria se me deixasse em paz, seu soldado inútil! Um dos meninos da aldeia poderia muito bem me proteger e ainda seria melhor do que você — disse Edith. Com uma expressão de desdém, voltou-se para Aisley. — Minha senhora, seu senhor está gritando e xingando coisas terríveis. — E, como que para fazer valer aquelas palavras, um berro, obviamente de Piers, soava lá embaixo.

— Maldito seja, Cecil, seu covarde! — As palavras eram suficientemente altas, mas tão mal proferidas que eram incompreensíveis. — Onde está o meu vassalo? Chame Alan, quero lutar com ele!

Aisley franziu a testa ao ouvir o discurso, reconhecendo a razão dos sons inteligíveis.

— Ele só está bêbado, Edith — disse ela. — Você nunca ouviu homens bêbados antes, inclusive meus próprios irmãos?

A criada a olhou sem nenhum ceticismo.

— Tem certeza de que é só isso, minha senhora? — ela perguntou, com suas sobrancelhas franzidas em preocupação. Aisley assentiu.

— Edith, se você não sair neste momento, eu vou entrar. Peço perdão, minha senhora — Willie falou.

Edith teve a graça de parecer envergonhada e murmurou um pedido de desculpas.

— Está tudo bem — Aisley disse suavemente. — Estou feliz que tenha me acordado. Esses gritos de embriaguez são vergonhosos. — Ela tinha todas as intenções de ir cuidar de seu marido pessoalmente, mas não contou a Edith para que a mulher não temesse por sua segurança. Sangue e sacrifício! Que besteira. — Boa noite, Edith — ela disse tão calmamente quanto podia. — Por favor, volte para a cama antes que Willie entre no meu quarto. — Um resfolegante bufar foi sua resposta e Edith murmurou algo sobre a inutilidade de seu guarda, e sobre soldados e homens de baixa estatura em geral. Quando ela abriu a porta, Aisley percebeu o objeto de seu escárnio parecendo muito infeliz.

— Por que teve que vir incomodar sua senhora? — Willie sussurrou acaloradamente.

A retórica de Edith, sem dúvida nenhuma, perdeu-se com o fechamento da porta, e Aisley parou por um momento, sorrindo por causa do par que em nada combinava. Um grito de raiva vindo da janela puxou-a de volta para o marido, entretanto, e ela jogou um manto sobre o roupão, em seguida dirigiu-se ao pátio. Para sua surpresa, não havia guardas na entrada, e ela caminhou livremente em direção à noite. Embora tivesse a intenção de continuar até chegar a seu marido, a visão dele a deteve.

Vestido em uma armadura completa e leme, Piers era algo a ser contemplado, mesmo na escuridão. Alto e largo como um carvalho gigante, ele atingiu um alvo no chão. Seus movimentos eram graciosos, apesar de seu estado de embriaguez, mas o vinho estava obviamente afetando-o, pois, parecia ter dificuldade em atingir seu objetivo.

Ainda assim, ele era magnífico, e Aisley respirou fundo em admiração. O Cavaleiro Vermelho estava além da medida da maioria dos homens e o poder que emanava fazia seu coração disparar. Já vira seus irmãos praticarem

suas habilidades inúmeras vezes e fora testemunha de outros torneios na corte, mas nunca antes um homem a afetara assim.

Com um choque, Aisley descobriu que desejava tê-lo, bem ali, naquele momento, no chão, à luz das estrelas, com os lábios quentes por conta da bebida e seu pesado corpo ainda vestido para a guerra. Ela franziu o cenho, descartando o pensamento descarado, imaginando que se tratava de produto de um feitiço sombrio da lua.

De qualquer forma, seu marido parecia estar bêbado demais para essas coisas, observou Aisley, e provavelmente não aceitaria suas atenções. Ela franziu o cenho ante o pensamento, mas o deixou de lado. Fossem quais fossem os sentimentos de Piers a respeito do assunto, ela era sua esposa, e era seu dever ir vê-lo. Nesse caso, isso significava colocá-lo na cama para que o resto dos moradores da propriedade não despertasse por medo com o som de seu esporte. Abriu a boca para chamar por ele, mas o ouviu gritar uma maldição.

— Ela me acha metade de um homem! — grunhiu Piers, atingindo violentamente o alvo.

Será que seu marido falava dela?, Aisley perguntou-se surpresa. Não sabia de quem mais ele poderia estar falando, mas por que atribuía tais pensamentos a ela, quando sabia muito bem que ele era mais homem do que a maioria? A ferocidade dos golpes que ele lançava sobre o alvo a alarmou, fazendo-a perceber, então, que ele estava mais bravo do que jamais o tinha visto. Com uma respiração aguda, sentiu vontade de voltar a encolher-se em sua cama, mas Piers devia ter ouvido alguma coisa, pois, se ergueu, com o corpo rígido.

— Não é verdade! Ela se importa com você, meu senhor — disse uma

voz, e Aisley percebeu que Cecil estava nas sombras, a uma distância segura de seu mestre. — Se você pudesse ...

O discurso de Cecil foi abafado pelo rugido de Piers.

— Fique quieto, seu idiota!

A explosão dirigida a Cecil deu a Aisley nova coragem para enfrentar a raiva de Piers, pois, se o criado não podia influenciá-lo, quem poderia? A tarefa recaía para ela. Molhando seus lábios ansiosamente, caminhou em sua direção.

— Venha para a cama, marido — disse ela calmamente.

Embora tivesse testemunhado sua fúria, Aisley não estava preparada para sua resposta. Piers deu um giro ao redor de si mesmo; uma enorme figura sombria, um cavaleiro negro nas sombras, e como um anjo vingador, sua espada cortou o ar com bastante força para tirar a cabeça de um homem. Aisley sabia que, se não estivesse bem longe dele, poderia ter sido ferida. Respirou fundo.

— Aisley? — ele perguntou com a voz rouca.

— Venha para a cama, Piers — ela repetiu, tão alto quanto podia. — É tarde demais para tal prática.

Um inesperado berro de dor e ira a fez estremecer até sua alma, e Aisley recuou, chocada pelo som angustiado. Antes que tivesse tempo para recuperar o juízo, Cecil estava ao seu lado, arrastando-a para a propriedade novamente.

— É melhor que volte para o seu quarto, minha senhora — disse ele.

Embora naquele momento ela não quisesse nada além de correr e se esconder de seu marido, Aisley sabia que não podia. Cerrou os punhos nas

laterais do corpo, buscando força para enfrentá-lo.

— Não! Ele parece estar machucado — disse ela. Ela tentou livrar-se do servo enquanto procurava a forma do marido em meio à noite. — Devo cuidar dele.

— Não, minha senhora — disse Cecil. — Ele tomou muito vinho.

Aisley sentiu a mão fria do criado pressionada contra suas costas e se recusou a se mover.

— Cecil, eu exijo que você se afaste e me deixe me aproximar do meu marido — ela disse, tão fria quanto possível.

— Não, minha senhora. Não posso — disse o criado, tomando-lhe o braço. — Isso seria a minha morte.

Ele se moveu, puxando-a com ele, e Aisley capturou um vislumbre da forma de Piers. Enquanto observava, ele ergueu a lâmina e arrancou o topo do alvo de madeira. Embora não soubesse o motivo, Aisley reconheceu sua fúria como sendo uma coisa viva e pulsante. Maior do que qualquer coisa que ela já tinha conhecido, parecia preencher o pátio, e seu coração batia aterrorizado. Abandonando todos os esforços para ajudá-lo, ela se virou e fugiu escada acima, com tanta pressa que mal ouviu as últimas palavras de Cecil.

— Seria a morte dele — disse o criado.

Aisley evitou o marido. Ocupou-se com um passeio até a aldeia para que não precisasse compartilhar sua refeição matutina com ele. Teria se recusado a jantar com ele também, se não temesse sua raiva. Ela testemunhara isso na noite passada, aquela raiva que o havia transformado em uma fera mordaz e que fizera com que não sentisse vontade de vê-lo novamente.

De todas as coisas assustadoras sobre o Cavaleiro Vermelho, e haveria muitas mais, se desse ouvidos a Edith, nenhuma se comparava ao excesso de emoção que testemunhara. Fora algo tão profundo que perturbava Aisley de maneiras que ela não conseguia entender completamente.

Descartara os rumores que o rodeavam, até mesmo conseguira não prestar atenção à capacidade misteriosa de Cecil de estar em toda parte ao mesmo tempo, mas não podia negar o temperamento aterrorizante do Cavaleiro Vermelho.

Quando entrou em seus aposentos para jantar, Aisley esperou que ele estivesse rangendo os dentes e batendo no peito. Mas ele só estava sentado sob a escuridão, à mesa, como de costume. Tomou seu lugar, achando difícil relacionar a figura parada, imóvel, com o homem selvagem que tinha vislumbrado na noite anterior. Piers Montmorency era um homem de muitas facetas e Aisley hesitou em considerar o pouco que sabia sobre ele.

— Minha senhora — ele disse em seu habitual tom de voz seco.

— Piers — disse Aisley. — Como você está esta noite?

— Estou bem — ele respondeu com brutalidade.

— Achei que você poderia ter se ferido ontem à noite — Aisley disse lentamente. — Você está bem?

— Além de uma dor de cabeça que me manteve em péssimo humor na maior parte da manhã, estou bem.

Embora estivesse certa de que ele falava a verdade, Aisley captou o sarcasmo em sua voz. Ela decidiu ignorá-lo.

— Está feliz com isso? — perguntou ele, como se não acreditasse nela.

— Sim, estou feliz que esteja bem. Estava preocupada com você — disse Aisley. Ela olhou para a comida. Embora soubesse que o marido não podia vê-la, às vezes tinha a estranha sensação de que seu olhar perfurava seu ser, deixando-a nua diante dele.

E, de repente, de todas as memórias que a vinham atormentado desde a noite anterior, a que retornou foi a visão dele como ela o tinha visto pela primeira vez, grande, poderoso e gracioso, o que a encheu de nostalgia. Novamente, se imaginou deitada sob ele no chão iluminado pela lua enquanto ele se movia dentro dela, o que a fez respirar fundo e beber um pouco de vinho. Será que ainda estava enfeitiçada?

— Lamento que tenha sido testemunha da minha exibição — disse Piers. — Tenho idade suficiente para não exagerar na bebida, mas acho que perdi o juízo por uma noite. — Fez uma pausa, como se tivesse dificuldade para continuar, depois falou com raiva: — Cecil disse que você estava muito determinada a vir em meu auxílio, apesar do meu mau humor. Peço desculpas se a ofendi.

— Não, de jeito nenhum — disse Aisley, apressando-se em suavizar qualquer atrito entre eles. Um pedido de desculpas do Cavaleiro Vermelho? O homem sempre a surpreendia. — Espero — começou ela. Então, lambeu os lábios com ansiedade. — Espero não ser a causa de sua raiva. — ela se apressou em dizer, incapaz de deter-se depois de ter ido tão longe. — Sei que brigamos, mas odiaria pensar que você poderia estar tão irritado comigo.

Era verdade. Sua ira tinha assustado Aisley mais do que queria admitir. Não podia suportar que toda aquela raiva fosse dirigida a ela, especialmente depois da noite que tinham compartilhado. O interlúdio apaixonado podia não ter significado nada para Piers, mas Aisley o mantinha dentro de seu coração como sua única e imaculada lembrança do Cavaleiro Vermelho.

Piers ficou em silêncio por um momento, e Aisley sentiu a tensão que emanava de sua figura, embora ele não fizesse nenhum movimento.

— Não — respondeu brevemente. — Não foi sua culpa. Agora, vamos esquecer o incidente. Fale-me do seu dia.

Aisley o fez, e, enquanto ela falava, começou a relaxar. Um homem não agia como ele mesmo quando bebia e deveria ser perdoado pelo que fazia quando estava embriagado. Vira seus irmãos agirem da mesma forma várias vezes, mas, mesmo assim, nunca testemunhara nada como a ira do Cavaleiro Vermelho. Seria bom sempre relembrar que seu marido era capaz de emoções maiores do que quaisquer outras que conhecia.

Pronta para pegar mais um pouco de vinho, Aisley parou de repente com a mão estendida quando foi atingida com um ideia estranha. Se aquele homem era capaz de uma raiva tão feroz, o que dizer de seus outros sentimentos? Amor, por exemplo? Poderia o Cavaleiro Vermelho amar uma mulher com a mesma intensidade? Aisley se perguntava como seria ser amada por seu marido, não apenas ser abraçada e acariciada, mas verdadeiramente amada das profundezas de seu ser. A força de sua paixão deveria estar além de qualquer coisa imaginável.

Ela pousou a taça bruscamente, irritada por sua própria tolice. Sua mente estava tropeçando em caminhos inúteis. Nunca buscara a afeição de ninguém, nem mesmo de sua família, então, se achava que conseguiria conquistar aquele gigante e misterioso cavaleiro, certamente estava louca. Além disso, expor sentimentos de qualquer tipo era algo que a deixava desconfortável. Por que, então, os desejaria, vindos daquele homem perigoso?

— Gosto do seu cheiro — disse Piers abruptamente. — É almíscar, não é?

— Sim — respondeu Aisley, nervosa. — Gosto de seu cheiro, também. — Ela agarrou a taça com seus punhos pálidos, percebendo o quão tola soara e desejando retirar a observação. Mas o marido não zombou.

— Obrigado — ele disse roucamente, e Aisley sentiu seu corpo responder ao calor de sua voz. Talvez ele fosse um monstro. Talvez fosse uma criatura da escuridão. Mas lembrou-se de quando fizeram amor, quando a abraçou e beijou-a, e ela corou com a força de seu desejo.

— Você vai cantar para mim esta noite? — perguntou Piers.

— Sim, claro — disse Aisley. Empurrando seu prato para o lado, ela se levantou e começou a cantar uma canção popular. — *Eu estava nos prados de Maytime, onde rosas giravam em círculos ao meu redor, onde muitas flores frágeis brilhavam no chão.* Uma após outra, ela cantava baladas que sabia que Piers gostava, enquanto ele permanecia imóvel como uma rocha, ouvindo.

Embora ele nem se mexesse nem falasse, e ela não pudesse ver seu rosto, Aisley sentia que nunca tivera um público mais apreciativo. Quando terminou, sentiu-se cheia de contentamento e desejo, pois, as palavras de amor que cantara pareciam mais intensas e reais no brilho misterioso da grande câmara.

— Linda — disse Piers suavemente. — Você canta como um anjo, Aisley, meu tesouro.

Aisley piscou, surpresa com o elogio exagerado. O silêncio se estendeu entre eles enquanto procurava por uma resposta, mas nenhum gracejo inteligente saltou de sua língua.

— Obrigada — disse finalmente.

— Está tarde — disse Piers. — Você pode ir.

Depois de tantas observações ternas, a despedida brusca a atingiu, e Aisley ficou ainda mais consternada. Será que nunca conseguiria enfrentar o Cavaleiro Vermelho? Ela se levantou, tremendo, sentindo como se seus membros não fossem capazes de sustentá-la, e soube, de repente, que não queria deixá-lo.

— Espere — ela disse, antes que pudesse evitar. Estendeu a mão sobre a mesa para tocá-lo, despreparada para o choque que lhe subiu pelo braço, fazendo seus seios doerem. Lambeu os lábios, contente por ele não poder ver o seu desconforto, embora soubesse que ele podia senti-lo.

— Sim? — perguntou Piers, com a voz baixa.

— Você virá até mim esta noite, meu senhor? — ela perguntou, sentindo as bochechas flamejantes. Não sabia se ele iria recusá-la, zombar dela ou gritar.

Silêncio e mais silêncio foi a resposta para sua pergunta. Então, finalmente, Piers falou.

— Quer a minha companhia?

— Eu quero — Aisley sussurrou.

Com um grunhido, ele empurrou o banco para trás, com um ruído alto, e antes que ela compreendesse o que ele estava fazendo, Piers já estava dando a volta na mesa, indo em direção a ela.

— Você a terá — grunhiu. Ele estendeu a mão para ela, puxando-a para fora das sombras, e a ergueu do chão como se ela fosse leve como uma boneca de pano.

Colocando os braços ao redor do pescoço do marido, Aisley sentiu a

boca dele sobre a dela, fazendo-a gemer, um barulho baixo, radiante, enquanto sua língua procurava a dela. Ele a apertava contra seu peito enquanto caminhava para a cama. Então, a deitou e se posicionou sobre ela, impacientemente fechando as cortinas da cama com uma mão enquanto a outra trabalhava em suas roupas.

Com um puxão final nas cortinas, Piers mergulhou-os em total escuridão, e Aisley não pôde mais ver nada. Ela só conseguia sentir o peso de Piers fazendo-a deitar na cama, enquanto seus lábios quentes tocavam sua orelha conforme ele tirava seu vestido.

— Você é perfeita.

Piers fechou os olhos. Sentiu a dor retornar, o desejo sobrepujá-lo, e logo não havia nada além da mulher em seus braços e da necessidade quente em sua virilha. Era uma necessidade tão grande que o intimidava, e que forçava seu corpo a ficar imóvel. Aisley era tão pequena e delicada que ele sabia que deveria se conter para se manter sob controle. Já tinham feito amor na outra noite, e, embora tivesse sido difícil, porque era a primeira vez dela, daquela vez, Piers a desejava mais do que desejara alguma coisa em sua vida. Ele queria enterrar-se nela até que nada existisse, mas Aisley estava toda apertada e suave em torno dele. Permaneceu imóvel sobre ela, suas mãos apoiadas em sua cintura, sua boca em sua garganta.

— Você ainda quer minhas atenções?

Aisley não negaria a verdade.

— Sim. Eu quis você na noite passada e quis novamente na noite anterior, quando descobri que você tinha ido embora — ela sussurrou, deslizando a mão pelo cabelo dele. — E eu quero você esta noite, nesta cama.

A única resposta de Piers foi um grunhido de prazer, e ele caiu sobre ela com uma selvageria que ecoava a ferocidade de sua raiva inebriada. Ah, sim, pensou Aisley vagamente. Tudo a respeito de Piers Montmorency era maior do que a vida, tanto sua paixão quanto sua raiva.

Por um momento, quando ele rasgou seu vestido, o poder cru de sua necessidade a assustou. Mas então, como se seu marido a tivesse atingido de formas desconhecidas, Aisley encontrou-se correspondendo-o. Nunca sonhara que seria capaz de tirar sua túnica, morder sua carne e agarrá-lo com tanta audácia. Nunca imaginara que iria se contorcer, ofegar e gritar de prazer como uma mulher enfeitiçada.

— Por que você é chamado de Cavaleiro Vermelho? — Aisley perguntou suavemente. Estava encolhida ao lado de seu marido, em sua enorme cama, com a mente e o corpo completamente saciados pela fúria de seu amor.

Piers suspirou, e Aisley pensou por um momento que ele não responderia. Mas então ele falou, com a voz baixa e a respiração quente contra seus cabelos.

— Foi há muito tempo, quando lutei pela primeira vez com Edward, na Terra Santa. Por causa de um incidente particularmente sangrento, eu fiquei coberto de sangue da cabeça aos pés, mais do que é habitual, mesmo em uma batalha — disse ele. — Embora muito pouco fosse meu, nossos inimigos me chamaram de Sangrento, ou de Cavaleiro Vermelho, e ficaram maravilhados com a forma como lutei. Assim começaram os rumores de feitiçaria também — disse Piers secamente. — Diziam que apenas um mestre das artes sombrias poderia sobreviver a feridas tão terríveis. Claro que Edward achou tudo muito

divertido. Ele me chamou de Cavaleiro Vermelho, e o nome ficou atrelado a mim.

— E você o manteve — disse Aisley — Sua reputação está cada dia maior.

— Sim — sussurrou. Ele esfregou a bochecha contra as tranças de Aisley tão suavemente que ela se aconchegou contra seu peito enorme como que para mantê-lo mais perto. — Não foi uma boa ideia, e agora vejo isso — refletiu ele. — A reputação de imortalidade só incita desafios de outros.

Aisley respirou fundo.

— Muitos tentaram matá-lo?

— Muitos tentaram me matar — ele repetiu, segurando um punhado de seus cabelos loiros e deixando-os caírem contra sua pele.

— Mas você lutou até...

Ele parou de acariciá-la.

— Até que Edward me deu Dunmurrow — ele disse.

Aisley esperou que ele continuasse, mas Piers apenas começou a passar os dedos por suas tranças novamente, desfazendo-as.

— Então, você veio para cá e se isolou do mundo — disse ela.

Piers emitiu um som baixo e virou-se para o lado, ficando de frente para ela.

— Aparentemente, as fechaduras não eram suficientemente fortes — disse ele secamente, enquanto sua mão percorria a perna dela. — Porque uma bela donzela, que não temia o Cavaleiro Vermelho, invadiu minha fortaleza e

me reivindicou como marido.

Ele acariciou seu tornozelo e, então, pegou seu pé, levantando-o suavemente.

— Seus pés são tão pequenos e finos, minha delicada Aisley, minha corajosa e pequena esposa — ele disse suavemente. Então, ele beijou o arco delgado.

Aisley riu. Piers grunhiu em aprovação e começou a brincar com sua sola, acariciando-a levemente com o polegar. Ela riu e tentou se afastar, mas ele a segurou até deixá-la sem fôlego.

— Pare! Pare! O que você está fazendo? — Ela finalmente conseguiu falar, por entre ofegos.

— Estou te fazendo cócegas, esposa — respondeu Piers, sua voz revelando toda a sua surpresa. — Nunca ninguém lhe fez cócegas antes?

— Não — disse Aisley com sobriedade. Ela pôde sentir seu corpo enorme deslizando contra o dela conforme ele voltava a se deitar.

— Seus irmãos não lhe faziam cócegas?

— Não, nunca fomos tão próximos — disse Aisley, procurando palavras para explicar o relacionamento que compartilhara com seus irmãos. — Eu os amava, é claro. — *Mas eles nunca me faziam cócegas, nem me faziam rir nem me abraçavam.* Aisley virou o rosto em outra direção, embora a escuridão escondesse suas expressões. — Eles eram mais velhos e muito ocupados com tarefas viris para essas tolices.

Piers grunhiu em desaprovação.

— Se eu tivesse uma irmã como você, tão linda e tão brilhante quanto o sol, eu a mimaria terrivelmente.

Aisley sentiu um estranho nó na garganta. Lembrou-se de seus planos de dissolver o casamento alegando estar relacionada com seu marido, e isso a fez engolir em seco.

— Estou feliz por não ser sua irmã, Piers.

Ele riu, um suave rugido que a fez sorrir.

— Estou de acordo — disse ele. Sua voz se tornou um grunhido baixo que comunicava a ânsia por seu corpo, e ele pressionou um beijo em seu ombro antes de passar a língua sensualmente por seu pescoço. Sua mão cobriu seu peito, fazendo um calor lânguido se espalhar por todo o seu ser. Então, seus dentes beliscaram sua orelha. — É um desejo como nunca conheci, Aisley; faz com que eu te queira de novo, e de novo, e de novo, e de novo — sussurrou, virando-a de lado para encará-lo. — Certamente você me enfeitiçou, esposa.

As palavras deixaram Aisley em alerta.

— Piers — disse ela. — Não brinque com essas coisas. — Ela pensou em suas próprias suspeitas, na inclinação de seu marido pela escuridão e em seu servo misterioso, e gostaria de tê-lo interpelado. Mas os lábios dele se moviam por todo o seu rosto, espalhando beijos em suas bochechas e suas pálpebras. Antes que ela pudesse falar, ele reivindicou seus lábios, e ela sentiu seu coração tropeçar conforme ele usava a língua, e Aisley esqueceu todos os seus medos.

Piers puxou-a contra seu peito rígido, e ela gemeu com a sensação de seus seios pressionados nos planos lisos de seu corpo. Segurando a nádega de Aisley dentro de sua mão enorme, ele puxou uma de suas pernas magras por cima de sua própria, e antes mesmo que ela pudesse entender o que ele estava prestes a fazer, Piers introduziu seu membro quente dentro dela profundamente.

Aisley prendeu a respiração em um prazer surpreso e, então, a boca de Piers se fechou sobre a dela, e sua língua procurou a dela em um ritmo lento e seguro que combinava com os impulsos de seu corpo. Era muito diferente de seu acasalamento anterior, mas Aisley não o desejava menos por isso, e logo ela estava pressionando-se contra ele, implorando-lhe para ir mais rápido, para aliviar a dor entre suas coxas.

Quando ela pensou que iria chorar de saudade, Piers retirou a mão de suas nádegas e deslizou-a para entre suas pernas. Ele pressionou o polegar no ponto de prazer dela, e Aisley gritou, jogando a cabeça para trás, enquanto suas unhas cravavam nos músculos de seu braço, conforme espasmos percorriam seu corpo.

Em um instante ela estava de costas, ofegando com o peso dele enquanto ele investia dentro dela, tão rápido, duro e profundo que uma outra série de espasmos a atormentou antes que ele gritasse seu prazer na escuridão e que seu corpo enorme estremecesse com a força de seu orgasmo.

— Ah, Aisley, que amante feroz você é — Piers sussurrou quando finalmente rolou para o lado dela. — Quem poderia suspeitar que minha delicada e dedicada castelã seria tão passional? — Seus braços maciços a envolveram, prometendo tanto e fazendo-a sentir coisas que nunca tinha conhecido. Mas muitas perguntas surgiram.

— Piers — Aisley disse, conforme suas ideias clareavam após a força de sua união. — Todos os boatos sobre você ser um feiticeiro são infundados?

Ele ficou tenso como se lesse nas entrelinhas de suas palavras.

— Por quê? Quer que eu lance um feitiço sobre você? — ele perguntou ironicamente.

— Não. — Aisley lambeu os lábios. — Eu só sinto como se estivesse enfeitiçada.

Piers riu, jogando a cabeça para trás.

— Por Deus, esposa — ele disse, enquanto a abraçava. — Pensei que você se recusasse a acreditar em tudo isso.

— Claro que não acredito — Aisley protestou, sentindo suas bochechas arderem. — Foi só um pensamento. — Ela parou de falar de novo, sem saber o que dizer. — E quanto a Cecil? Ou você não sabe que aquele homem pode estar em dois lugares ao mesmo tempo?

Seu marido riu ainda mais alto, até que Aisley ficou confusa com toda aquela diversão.

— Eu não consigo ver tanta graça — disse ela. Irritada, tentou se afastar dele, mas seus braços fortes a seguravam rapidamente.

— Cecil! — berrou ele. E para sua consternação, Aisley ouviu a porta se abrir. Ela enfiou-se debaixo das cobertas, puxando-as até o queixo, enquanto Piers abria as cortinas da cama. Embora ela duvidasse que alguém pudesse vê-la na sala escura, não ficaria surpresa se os poderes estranhos de Cecil incluíssem visão noturna, como a de um gato.

— Sim, meu senhor — respondeu o criado. Será que ele estava esperando do lado de fora da porta?

— Traga seu irmão para mim — ordenou Piers.

— Sim, meu senhor — disse ele. Então, Aisley ouviu a porta se fechar.

— Coloque o seu vestido, minha esposa, para que esteja pronta a receber meus servos — disse Piers, rindo. Aisley, ainda furiosa com toda



#GênioDosLivros

Boa leitura!

Com os cumprimentos de Gênio Blomkvist.

aquela alegria, saiu imediatamente da cama e procurou suas roupas caídas na escuridão. Ela estava tão aborrecida que chegou a esquecer da presença dos cães, mas Piers, não.

— Castor! Pollux! Afastem-se! — ordenou quando os animais começaram a farejar e rosnar conforme Aisley se aproximava, e ela ouviu os passos de suas patas enormes, enquanto eles saíam de seu caminho.

A irritada Aisley começou a procurar suas coisas com um rubor, mas logo encontrou tudo e estava sentada com recato à mesa quando Cecil voltou.

— Fiquem perto do fogo — Piers, da cama, ordenou ao seu criado, e Aisley olhou para os dois homens, que se moveram para acatarem a ordem de seu senhor. Ambos eram baixos, de meia-idade, tinham cabelos castanhos e semblantes sérios. Eram muito parecidos. Aisley respirou fundo. Na verdade, eles eram idênticos.

— Digam à minha senhora os seus nomes — pediu Piers.

— Cecil — responderam os dois em uníssono.

— Vocês são gêmeos — disse Aisley, surpresa.

— Sim, minha senhora — disse um deles, enquanto o outro assentia.

— Mas seus nomes? — ela perguntou, intrigada.

— Nossa mãe disse que tinha apenas um nome escolhido e que seria o mesmo para nós dois — disse um. Aisley soltou um suspiro de surpresa e alívio.

— Vocês podem ir — disse Piers. E Aisley sorriu, unindo-se à risada do marido. Como fora tola, sucumbindo às suspeitas de Edith.

— Volte para minha cama, esposa — disse Piers. Seu tom rouco ecoou, e Aisley se virou para onde ele estava. Mas seu sorriso desapareceu quando percebeu que ele era apenas uma voz na mais profunda escuridão além da luz do fogo, uma forma sombreada, um enigma, seu cavaleiro da noite.

— Eu acabei de vestir minhas roupas — disse ela. Seus seios subiam e desciam rapidamente, à medida em que seu anseio por fugir da escuridão guerreava com seu desejo de voar para seus braços. Em verdade, quem era aquele homem, e como ele podia ter tanto poder sobre ela?

— Venha para a cama e não tema — disse Piers calorosamente. — Não vou possuí-la novamente, minha pobre esposa. Você está dolorida, Aisley?

Suas bochechas arderam enquanto ela permanecia indecisa. Sua mente procurava por desculpas para voltar para sua câmara, clara sob a luz de vela, mesmo quando seu coração desejava voltar para o marido, o homem escondido nas sombras.

— Não — ela murmurou.

— Então, venha.

Atraída irresistivelmente para ele, Aisley entrou na profunda escuridão, posicionando-se na beira da cama. Embora permanecesse parada, logo sentiu a mão dele em seu pulso, arrastando-a para mais perto, até que ele fechou as cortinas novamente. Quando Aisley percebeu o que ele estava prestes a fazer, ela tentou detê-lo.

— Piers, não! — ela gritou, mas suas palavras não o influenciaram. Ele retirou seu sapato e começou a acariciar seu pé, até que ela levou os joelhos contra o peito em um riso desamparado, chutando e se contorcendo. — Por favor — ela sussurrou, até que ele finalmente a ouviu. — Por que você me

tortura assim?

— Porque eu gosto de ouvi-la rir — disse Piers. Aisley, tomando grandes golfadas de ar, ainda estava fraca demais para protestar quando ele tirou seu vestido na escuridão. Sentiu as mãos dele contra sua carne nua, e ela formigou, sentindo cada parte de seu corpo viva e desperta.

— Por quê? — ela sussurrou.

— Porque me redime — respondeu Piers, puxando o corpo dela em um abraço. Fiel à sua palavra, ele não tentou possuí-la novamente, apenas a segurou contra o calor de seu peito. Seus braços fortes criaram um casulo para ela, e Aisley sentiu uma alegria repentina e feroz ao se aninhar ali. — Você me redime, Aisley — repetiu Piers, com uma voz rouca, e, por um momento, ele a agarrou com tanta força que ela pensou que poderia quebrar.



Capítulo Dez

Aisley queria dormir com ele. Enrolada ao lado do grande corpo quente de seu marido e enfiada sob um de seus braços fortes, com o som da respiração suave em seus ouvidos, ela estava contente. Aquela proximidade era diferente de qualquer coisa que ela conhecesse. Era estranho, mas Aisley não queria escapar. Ela respirou o cheiro viril de sua pele e quis permanecer no abrigo de seu corpo para sempre. Era estranho que sentisse tanto conforto com o Cavaleiro Vermelho, mas sentia. Sentia conforto e calor, e sentia-se desejada como nunca antes em sua vida.

Na escuridão, Aisley podia quase imaginar que o casamento deles era normal ou até melhor do que o normal, já que as uniões nobres geralmente não eram construídas com carinho. Aisley lamentava profundamente por Piers, e, apesar de sua hostilidade inicial, ela pensou que tinha intenção de cuidar dela.

Estava segura de que ele confiava nela de alguma forma, mas não o suficiente para mostrar-se.

Pensando nisso, sua impressão de normalidade desapareceu, ela era uma esposa que nunca tinha olhado para seu marido.

Aisley tentava imaginar como ele seria. Desenhara seus traços com os dedos, mas não era uma artista e era incapaz de conjurar uma imagem apenas com seu toque. Será que o cabelo que sentia sob suas mãos era negro como o de um corvo, loiro dourado ou de um rico vermelho, para combinar com seu nome? Por mais que tentasse, não conseguia colocar um cor, era apenas um borrão em sua mente.

— Aisley. — Sua voz, baixa e profunda, arrancou-a de seus pensamentos. Ele pressionou um beijo contra sua testa, fazendo-a sorrir. Será que aquele homem nunca a deixaria descansar? Aisley suspirou e se aproximou. Embora estivesse quase dormindo, sabia que poderia ser persuadida a se unir a ele mais uma vez. — Está ficando tarde — disse ele. — É melhor você voltar para seu próprio quarto.

Os olhos de Aisley se abriram, mas não encontraram nada além de escuridão. Ele a estava mandando embora? Ela não tinha permissão para passar a noite com ele? Os sentimentos cálidos e maravilhosos que começaram a crescer em seu coração se despedaçaram. Ela se sentou imediatamente, procurando impacientemente por seu vestido, e quando suas mãos não conseguiram encontrá-lo na escuridão, ela praguejou suavemente. Ou seria um soluço?

— Aisley, amor. — Ela desprezou o carinho. Não importava que a voz dele parecesse triste. Não havia nenhuma boa razão para ele expulsá-la de sua cama como uma meretriz, a quem ele pagaria com moedas. Estava enraizada

desesperadamente sobre as roupas de cama, como se estivesse procurando não só suas roupas, mas sua dignidade, até que duas mãos em seus punhos interromperam seus movimentos frenéticos. Ele estava atrás dela, seu peito quente contra suas costas, atraindo-a para ele como uma chama, mas ela se recusou a derreter-se contra ele. Deslizou para fora da cama, abriu as cortinas da cama e pisou em um dos cachorros.

— Oh! — Aisley voltou contra a cama enquanto gritava e se afastava do caminho. Àquela altura, ela estava pronta para envolver-se em um cobertor, só para chegar ao seu quarto, mas quando se virou, encontrou com suas coisas. Piers as estendia para ela, que as tomou, vestindo-as rapidamente, e se preparou para sair.

— Aisley, seus sapatos. — Ele estava rindo dela? Arrancou-os de sua mão e os calçou, saltando da cama grande, ansiando por alguma distância entre ela e o que tinha acontecido lá. Teria sonhado com seu afeto? — Boa noite, minha esposa — disse Piers suavemente. — Durma bem.

Sentindo-se ainda mais irritada, Aisley teria batido a porta, mas sabia que era muito pesada e um dos Cecils estaria esperando lá fora. Deixou-o acompanhá-la até seu quarto, embora soubesse que a noite seria longa. De repente, sua própria cama passou a parecer ampla, vazia e solitária.

Na manhã seguinte, enquanto Edith a ajudava a se vestir, Aisley disse a si mesma que deveria agir com mais sensatez. Passara a vida inteira protegendo seu coração. Por que ela se sentia tão obrigada a entregá-lo em uma bandeja para seu marido?

Sentada enquanto seu cabelo era penteado, Aisley foi assaltada pelo cheiro dele, arrastando-se por seu corpo, e ela corou com a lembrança. Mas se

ela implorasse por um banho no início do dia, Edith certamente comentaria. E Aisley não queria ouvir outra conferência sobre como o Cavaleiro Vermelho tinha lançado seu feitiço sobre ela.

Olhando para Edith com culpa, Aisley esperou que a criada resmungasse. Mas ela percebeu, com alguma surpresa, que a mulher não estava prestando nem um pouco de atenção nela. Ao invés de tecer comentários sobre Dunmurrow, Edith estava ocupada trançando os longos cabelos de Aisley e cantarolando.

Edith devia ter encontrado algo que a alegrava, pensou Aisley com uma pontada de inveja e, de repente, se sentiu mais sozinha do que nunca. Acostumara-se a tomar partido de seu marido contra as calúnias de seu serva. Agora, como sairia em sua defesa?

— Descobri como Cecil consegue estar em tantos lugares ao mesmo tempo — disse Aisley.

— Descobriu? — Edith perguntou, parando de cantarolar apenas pelo tempo necessário para fazer a pergunta. Então, começou uma outra melodia, tão horrivelmente diferente da melodia anterior, que Aisley sorriu.

— Sim — disse Aisley. — Ele não é um bruxo. Não é nem um homem, mas dois, porque eles são gêmeos. — Aisley esperou pelos suspiros de surpresa de Edith, mas eles não vieram.

— Ele é? — perguntou Edith, rindo baixinho. — Não é de se admirar que ele faça o dobro do que deveria. Ou talvez não estejam fazendo tudo o que deveriam, se houver mesmo dois deles.

Aisley virou-se para olhá-la, atônita com o sorriso radiante da mulher e suas palavras leves. Esperava espanto, discussão e um comentário sobre os

males da casa de Dunmurrow, mas, em vez disso, a criada parecia aceitar a explicação de Aisley com equanimidade.

— Está pronta, minha senhora — disse ela, acariciando as tranças de Aisley, dispostas em uma coroa. — Você está linda esta manhã. Vai precisar de mais alguma coisa agora?

Aisley negou com a cabeça. Se não a conhecesse bem, diria que fora Edith a enfeitiçada.

Com um cenho franzido por conta de sua própria tolice, Aisley se levantou para começar seu dia. Ela se jogou em seu trabalho, atacando uma pilha de remendos, mas como uma balada que precisa ser cantada, a lembrança de seu marido a provocava, fazendo com que ela o desejasse uma e outra vez.

O calor da lareira levou sua mente a lembrar do calor que ele emanava, e ela ansiou por seu toque e pelo som de sua voz, seu rosnado de prazer. Mas não era só a lembrança do amor que tinham feito o que a afetava. Aisley lembrava, talvez com mais consternação, de sua gentileza, suas cócegas e a segurança de seu abraço.

Embora Aisley duvidasse de que Piers possuísse poderes especiais para enfeitiçá-la, não havia como negar que sentia algo por ele, o suficiente para se jogar de cabeça, cair na cama com ele e ser revirada do avesso. Esse tratamento ainda pungia à luz do dia. Não havia aprendido há muito tempo que deveria fechar-se? Depois de todos esses anos, as rejeições não eram mais fáceis de serem suportadas. Na verdade, agora era mais doloroso, depois das intimidades que havia compartilhado com o Cavaleiro Vermelho, enfrentar sua rejeição.

Aisley disse a si mesma que nunca havia desejado ou precisado de

alguém em sua vida. Por que, então, se sentia tão atraída por seu marido, uma misteriosa figura escura que nem sequer se mostrava? Sentia-se como uma boneca inclinada sobre uma bengala, guiada pelo humor do marido, sem poder controlar seu destino. Era uma imagem perturbadora. Aisley reencontrava-a como uma intrusão constante em seus pensamentos e, de repente, desejou ser indiferente a ele, como sempre fora com todos os outros homens.

Abandonando sua tarefa, foi à cozinha com a esperança de que ter alguma companhia antes da refeição do meio-dia a afastaria de seu mau humor, e Glenna a cumprimentou calorosamente.

— Obrigada por cuidar tão bem da queimadura de Moira — disse a cozinheira. — Está se curando muito bem.

Aisley sorriu, mas as palavras da criada a fizeram estremecer. Fazia apenas alguns dias que tratara a criança e que imaginara que Piers também havia sido queimado ou que tinha alguma razão física para manter-se nas sombras? Ela suspirou, sabendo agora que não era o caso. Não havia nada de errado com seu marido, mas ela não sabia por que ele permanecia na escuridão.

Mais uma vez, Aisley sentiu-se assaltada por suspeitas, nunca reveladas, mas nunca descartadas, em relação ao Cavaleiro Vermelho. Ele alegava que todos os rumores sobre ele eram falsos, riu de seu desconforto, porém, quem seria capaz de admitir que praticava a feitiçaria?

— É bom ter uma curandeira em Dunmurrow — Glenna disse suavemente.

— Sim — uma voz concordou. — Eu confio muito mais em minha senhora do que na curandeira da aldeia. — Aisley olhou para cima, reconhecendo o jovem que a acompanhara na flauta quando cantou. Thomas,

pensou, lembrando-se do nome dele.

— Você está falando da Viúva Nebbs? — Glenna perguntou.

— Sim, eu preferia morrer do que aceitar um conselho dela — disse Thomas.

— A viúva Nebbs é a mais sábia de nós. Ela está velha agora e raramente pratica suas artes de cura, mas tem grande conhecimento de ervas.

— Hunf! Poções de amor e coisas do gênero — disse Thomas com escárnio.

— Não é prudente desrespeitar os mais velhos — observou Glenna com a melhor voz de mãe possível. O rapaz, aceitando a dica, ficou quieto, enquanto Aisley voltava para o grande salão, pensativa.

Viúva Nebbs. Aisley já tinha ouvido falar da curandeira da aldeia e planejara parar algum dia para compartilhar receitas com ela. Como outras mulheres com suas habilidades, a viúva era vista com admiração pela maioria dos aldeões, que falou de seu conhecimento como sendo de um santa ou uma bruxa, dependendo do resultado de seus tratamentos. Aisley estava inclinada a concordar com Glenna, no entanto. Aquelas mulheres idosas muitas vezes sabiam mais do que demonstravam, pois, haviam acumulado uma vida de sabedoria, talvez até um pouco de magia.

Magia. Aisley zombou de seus próprios pensamentos. Nunca acreditara nessa tolice, mas nunca fora enfeitiçada pelo Cavaleiro Vermelho antes, tampouco. Ela se perguntava se a Viúva Nebbs saberia como quebrar tal feitiço.

Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada de Edith, que ria alegremente de alguma piada de seu guarda. Embora estivesse sentada ao lado

de Aisley, ela dirigia pouca atenção para sua patroa. E Aisley não se importava, estava contente por Edith estar finalmente acostumada a Dunmurrow. Ainda assim, era fácil invejar as duas pessoas mais velhas, parecendo tão despreocupadas.

— Você vai precisar de mim esta tarde, minha senhora? — Edith perguntou. — Porque se não precisar, Willie prometeu me levar para um passeio. — Ela corou, e Aisley ficou impressionada ao perceber que a mulher parecia mais jovem e mais bonita também. Willie sorriu amplamente, com seus olhos negros brilhantes.

Aisley sacudiu a cabeça.

— Não, não vou exigir sua atenção. — Pensou nos montes de costura que tinha deixado para terminar, mas decidiu que Edith poderia ajudá-la em outro momento.

— Por que não vem conosco, minha senhora? — perguntou a mulher de repente. — Seria bom se saísse um pouco.

Aisley sorriu.

— Não, mas obrigada por me convidar. — Ela gostava de comer com eles, porque a brincadeira divertida e os olhares sugestivos que compartilhavam faziam com que fossem boas companhias.

— Você tem certeza de que não vai se juntar a nós, minha senhora? — Edith perguntou quando se levantaram para sair. Aisley sacudiu a cabeça novamente e os observou melancolicamente enquanto saíam.

— Vamos lá, minha menina — disse Willie para Edith. — Tenho um belo lugar para te mostrar.

— Espere, idiota — repreendeu Edith. — Você precisa esperar por mim, não é? Que belo guarda você é!

Aisley riu, depois ficou em silêncio. Verdade fosse dita, ela invejava aquela conversa leve, enquanto maldizia seus próprios laços com a escuridão sombria. Com a partida de suas companhias, seus pensamentos se voltaram para a grande câmara. Mesmo agora, se ele a chamasse, Aisley sabia que iria renunciar a uma saída ao sol para passar o dia em sua cama. Será que chegaria o momento em que se apegaria a ele, que nunca mais seria capaz de abandonar as sombras, tornando-se uma criatura da noite, uma sombra, assim como o Cavaleiro Vermelho?

Aisley estremeceu ao pensar. Queria ser sua esposa de todas as formas, mas agora reconhecia o perigo de se aproximar dele. Tivera uma vida antes, em um mundo cheio de deveres e contas, sem todos os sonhos e emoções que preferiria não sentir. Se ao menos pudesse voltar atrás. Levantando-se do banco, ela agarrou seu manto e dirigiu-se para os estábulos, sentindo uma súbita urgência em conversar com a viúva Nebbs.

Dois dos guardas do castelo insistiram em acompanhá-la, e Aisley permitiu, embora tivesse falado pouco durante a viagem. Ela os deixou e caminhou até a cabana da viúva Nebbs sozinha. Ainda que Aisley dissesse a si mesma que era apenas costumeiro que uma curandeira recorresse a outra, lambeu os lábios nervosamente ao bater na porta.

Uma voz grave de mulher a fez entrar e Aisley penetrou a escuridão que lembrava a câmara do Cavaleiro Vermelho. Era difícil enxergar e a fumaça tornava o quarto tão pequeno que, por um momento, Aisley achou que estivesse vazio. Em seguida, seus olhos descobriram a forma de uma mulher idosa sentada em um banquinho, mexendo uma panela sobre o fogo.

Aisley colocou a cesta que trouxe sobre a mesa.

— Viúva Nebbs? Sou Aisley Montmorency. Tenho pão e queijo para você.

— Então, você é a nova dama do castelo — disse a mulher. — Aproxime-se para que eu possa dar uma olhada em você.

Talvez fosse um reflexo do humor estranho que a dominara durante todo o dia, ou talvez fosse o tempo passado em Dunmurrow, ouvindo rumores negros sobre seu marido, mas Aisley sentiu um arrepio quando normalmente teria estendido a mão para a mulher. Suprimiu o impulso de sair porta afora e avançou.

A viúva Nebbs era muito velha, com cabelos brancos e espessos que caíam pelas costas. Seu rosto era marcado por rugas grandes e profundas, mas suas bochechas eram bronzeadas e, embora fosse pequena e curvada, não parecia frágil. Aisley sorriu.

— Então, você veio ocupar meu lugar, não é? — perguntou a viúva.

— De jeito nenhum — disse Aisley.

A velha sorriu.

— Está na hora, criança. Já estou cansada de cuidar dessas criaturas ingratas. — Com um gracioso gesto, a viúva apontou para o chão de terra batida e, como não havia mais assentos, Aisley caiu perto da mulher velha, com os sapatos enfiados debaixo do vestido. Sobre a fumaça, ela podia sentir cheiro de alho, lavanda e açafrão, e quando ergueu os olhos, viu grandes cachos de ervas pendurados no teto.

Aisley sentiu os olhos da velha sobre si, como pequenas estrelas

brilhantes escondidas nas rugosas dobras da pele, e ela olhou para o fogo. Os únicos sons eram o sibilo suave da chama e o raspado da colher contra a panela. A viúva não parava de mexer, deslizou o braço em um ritmo suave enquanto Aisley observava.

— Então, o que você quer, criança? — perguntou a velha.

Surpreendida, Aisley afastou o olhar da panela com dificuldade.

— Nada. Eu estou bem.

A viúva riu; uma risada baixa e seca.

— Ninguém vem a mim por nada. O que você pode querer? Está doente?

Aisley admirou os suaves movimentos do pulso ossudo da mulher enquanto ponderava sua resposta. Estou enfeitiçada, pensou consigo mesma. Então, ela sorriu, pensando em sua própria tolice.

— Ah! Entendo — disse a viúva. Ela se moveu silenciosamente por um momento antes de falar novamente: — Como uma curandeira, você deve saber que existem algumas doenças às quais não há cura.

— Sim — disse Aisley, balançando a cabeça lentamente. O fogo a estava deixando quente e sonolenta, tinha dormido muito pouco na noite passada, fazendo com que fosse difícil prestar atenção ao que a velha estava dizendo.

— E, claro, em alguns casos a cura é pior do que a doença — disse a viúva com uma risada suave. — É sempre assim em casos do coração.

Aisley respirou fundo, tentando ficar em alerta. O que a velha tinha dito? Algo sobre queixas de dores no fígado?

— Se fosse você, não lutaria assim, criança. Mas posso ver que você é muito teimosa. — A viúva fez um ruído cacarejante em sua garganta. — Muitos querem um grande amor. Eles vêm a mim em busca de poções de desejo para conjurar pálidas imitações do que você tem. Você realmente quer se livrar disso?

Se eu quero isso? Quero o quê? Aisley perdeu toda a linha de pensamento enquanto sua cabeça se inclinava e assentia.

— Menina tola. Eu lhe darei o que você deseja, mas não posso jurar que vai dar certo. Há algumas coisas, criança, que estão destinadas a acontecer, mesmo que nós, pobres humanos, não a queiramos, e intrometer-se nelas pode ser pior do que não fazer nada.

Aisley bocejou e olhou para a viúva só para encontrar o banquinho vazio. Quando foi que a velha se levantou? Aisley fez o mesmo, e lá estava a viúva à sua frente, entregando um pacote para ela.

— Misture isso em um pouco de cerveja quente e beba tudo. Pode ajudá-la — disse ela. — E venha me ver a qualquer momento, minha senhora. Gostei da nossa conversa.

Aisley enfiou o pacote de ervas em seu cesto agora vazio e assentiu com um aceno de cabeça, sentindo-se um pouco desorientada. Na verdade, não se lembrava muito de sua conversa com a velha, pois, o fogo estivera tão quente, e ela, tão cansada. Sacudindo a cabeça como se para clareá-la, saiu.

Apenas quando já estava de volta ao castelo, devolvendo a cesta para a cozinha, que ela foi lembrada do pacote.

— O que é isso, minha senhora? — Glenna perguntou, segurando-o.

— Oh, a Viúva Nebbs me deu isso — disse Aisley, distraidamente. Ela

podia ver Cecil a observando pelo canto do olho.

— É uma de suas poções — disse Glenna. Aisley assentiu e olhou para o pequeno papel, tentando relembrar exatamente o porquê de tê-lo trazido para casa. Glenna voltou a cozinhar, mas Aisley permaneceu onde estava, olhando para o pacote. Tinha a vaga noção de que estava relacionado a Piers, mas não fazia sentido. Erguendo uma mão até o rosto, ela esfregou os olhos.

Fora até a velha para discutir sobre remédios, mas a visita fora muito estranha. Será que tinha adormecido? Aisley recordou que desejara poder livrar-se de seu crescente apego ao marido, mas certamente ela não tinha expressado esse desejo à viúva, tinha? Com um sentimento de horror, percebeu que, se tivesse feito isso, as ervas poderiam ser destinadas a conter seu feitiço.

Deixou cair o papel de repente, como se ele queimasse suas mãos.

Era um absurdo. Aisley disse a si mesma que não acreditava em poções de amor e coisas assim. Piers não era nenhum feiticeiro, Cecil não era bruxo e uma mulher velha e inofensiva da aldeia não podia quebrar o laço que tinha crescido entre ela e seu marido, não importava o quanto Aisley quisesse cortá-lo.

Ou importava?

Ela recostou-se contra a parede de pedra, lutando para dar sentido à sua confusão. Estava ofendida pelo tratamento que Piers lhe reservara, ela admitiu para si mesma. E o fato de se importar com ele fazia com que parecesse desamparada, uma sensação que não lhe agradava em nada. Mas o que dizer de todas as outras sensações que ele lhe provocava?

Aisley se lembrou do que ele era capaz de fazer com seu corpo e do

modo como se elevara quando se juntara a ele. Relembrou o calor de seus braços quando ele simplesmente a abraçou, o humor seco em sua voz profunda e a companhia mais agradável que já tinha conhecido. Será que ela realmente queria deixar tudo para trás e voltar à sua vida anterior de calma, frio e vazio?

Fosse bom ou ruim, Piers lhe provocava sentimentos, e Aisley sabia, lá no fundo, que estava viva pela primeira vez por causa dele. Não arriscaria tudo isso ao tomar uma mistura estranha de mulher velha.

— Minha senhora! — Aisley foi tirada de seus pensamentos por um dos Cecils, que finalmente caminhou para seu lado. — Alan mandou alguns operários para nos ajudar, e eu não sei onde os alojar.

Aisley olhou para o criado, sem entender por um momento, antes de se recuperar.

— Ah, sim. Tenho certeza de que podemos encontrar um lugar para eles. — A atenção dela concentrou-se em Cecil, e ela começou a caminhar ao lado dele, de volta para o grande salão, e assim, ela não viu Glenna se curvar para recuperar o pacote caído.

— É para minha senhora — disse a cozinheira a seu novo ajudante. -— Ponha em sua cerveja.

Aisley estava com pressa para chegar à grande câmara. Não queria atrasar-se, disse a si mesma, embora suspeitasse que o pulsar rápido de seu coração era devido a outras razões. Será que o marido a cumprimentaria agradavelmente? Será que a jogaria na cama? Será que a deitaria sobre o colchão, onde a faria encontrar uma paixão selvagem e gentil até que cansasse de sua presença? Aisley não sabia ao certo o que desejar enquanto entrava no quarto de Piers.

— Minha senhora — disse ele, e Aisley sentou-se rapidamente.

— Piers — ela cumprimentou, um pouco sem fôlego. Então, pegou seu copo. A cerveja estava quente e doce naquele dia, mas sua garganta estava seca por conta de sua ansiedade nervosa, então, ela bebeu profundamente.

— O dia foi longo sem você, minha esposa — disse Piers suavemente, com um tom baixo e melodioso.

Aisley corou, sentindo seu corpo responder à voz dele. Era como uma carícia, que lhe roubava a respiração e o bom senso. Mas não sucumbiria a ele naquela noite sem um pouco de resistência, por mais frágil que fosse.

— Foi uma longa noite sem você, meu marido.

Ela ouviu a risada na escuridão e tomou outro gole de cerveja para se acalmar. Finalizando o copo em um gole, ela colocou a caneca sobre a mesa.

— A bebida está muito boa esta noite, não está? — perguntou ela.

— Está? Não consigo reparar em mais nada quando estou em sua companhia — disse Piers. Aisley sorriu ante as palavras, sentindo o magnetismo dele como uma isca na escuridão. A bebida a aliviava, assim como o bom humor de Piers. Apesar de sua irritação para com ele, ela percebeu que seus pensamentos estavam muito à frente, focados na noite que viria depois da refeição. Será que ele rasgaria suas roupas ou simplesmente a deixaria vestida, enquanto grunhia sua necessidade urgente por ela?

Cheia de desejo, Aisley inclinou-se para ele lentamente, mas algo a empurrou para trás. Com um sobressalto, sentou-se em linha reta no banco, dominada por uma sensação estranha e espinhosa.

— Aisley? — Ela ouviu a voz de Piers, mas parecia desconcertante e

estridente, e quando ela tentou se mover novamente, era como se estivesse presa entre forças opostas, que lutavam por ela nos dois lados. Então, seu estômago apertou-se violentamente e ela gritou, deslizando para o chão. — Aisley! — Piers estava ao seu lado com um único movimento, mas seu toque parecia queimar sua carne, e a escuridão do quarto parecia pesar sobre ela, sufocando-a.

— Não! — Aisley conseguiu gritar entre suspiros, agitando os braços. E finalmente os dedos pararam de tocá-la.

— Cecil! — berrou ele. E logo o criado a estava erguendo do chão com seus braços capazes e carregando-a para longe de seu marido, que murmurava maldições em um tom áspero. Quando a porta da câmara se abriu, a voz de Piers desapareceu, e o ar que a atingiu parecia mais fresco. Respirando profundamente, Aisley agarrou-se a Cecil durante todo o caminho de volta para seu quarto.

Então, ela foi deitada em sua própria cama, e Edith estava lá, sussurrando palavras de consolo. Falando suavemente, a criada pôs um pano em sua cabeça, mas não fez nada para amenizar a batalha que rugia dentro dela. Fechando os olhos, Aisley entregou-se à escuridão.

— E então? — Piers mal conseguia conter sua impaciência. Parecia que fazia horas que seu servo tinha saído, enquanto ele passeava pelo quarto, consumido pela preocupação por sua esposa.

— Ela não está bem, meu senhor, mas espera-se que vá melhorar — disse Cecil.

— Como assim, espera-se que vá melhorar? — disse Piers. — Não tente o meu temperamento com explicações adequadas para uma criança. O que a aflige?

— A cozinheira, Glenna, disse que sua esposa tomou uma poção obtida de uma curandeira da aldeia. A cozinheira assumiu que era algum tipo de purga e que foi misturado em sua cerveja, mas agora a mulher está fora de si, e há uma certa confusão sobre se sua esposa realmente pretendia tomar a bebida ou não.

— Um purgante? — Piers afundou na beirada da cama, intrigado. Por que Aisley procuraria uma curandeira? Será que estava doente? Ainda ontem ela parecia serena e bem em todos os sentidos, lembrou Piers, recordando-se com carinho de cada pedaço de sua carne lisa, que deslizara sob a ponta de seus dedos e que estremecera sob sua boca.

Talvez tivesse alguma queixa feminina, pensou de repente. E então algo o atingiu. Ele sabia de uma razão particular para as mulheres procurarem purgantes, mas certamente Aisley não faria isso.

— Não! — gritou ele, levantando-se.

A voz de Cecil era suave e razoável, como de costume, e ele parecia ler a mente de Piers.

— Ela poderia estar carregando uma criança — ele sugeriu.

— É possível — admitiu Piers com um grunhido feroz. Mas ela mal poderia saber de uma gravidez. Por Deus, tinham feito amor apenas alguns dias atrás.

— Sua esposa pode temer que qualquer descendência de vocês seja um demônio — comentou Cecil.

— Não! — O grito de angústia de Piers preencheu o quarto, interrompendo o discurso do criado. Não podia ser verdade. Aisley não temia o Cavaleiro Vermelho, nem acreditava nas histórias sobre ele. Por que, então,

imploraria uma poção de uma curandeira para se livrar de seu bebê? — Não! — Com outro berro irritado, Piers bateu o punho na parede. Não ergueu os olhos quando Cecil saiu da sala, nem percebeu o sangue que pingava por seus dedos e que escorria pelo chão.

— Pronto, minha senhora — disse Edith, suavemente. — Você vai ficar bem agora, vai sim. Não deve haver nada mais nesse estômago para sair, pobrezinha. Aqui. Beba isso, que aliviará suas dores e fará você descansar. — Aisley sentiu algo descendo por sua garganta ressequida, o que a fez gemer. — Calma, minha senhora — a mulher murmurou. — Parece que a curandeiro da aldeia tem algo contra você. Deveria tomar cuidado antes de confiar em uma velha camponesa. Deve ser uma louca, mas a maioria deles é. Agora você deve descansar, mas eu estarei bem aqui, se precisar de mim.

Os olhos de Aisley estavam fechados, e os membros, pesados, mas sua cabeça latejava e seu estômago revolvia-se, tornando o sono difícil. E quando ele chegou, foi atormentado por sonhos, estranhos e vívidos, como um quadro onde o Cavaleiro Vermelho figurava proeminentemente. Aisley se debateu, se virou e gritou, procurando escapar dos pesadelos, até sentir a mão reconfortante de Edith em sua testa. E, então, de algum modo, ela escorregou para a escuridão.

Notou quando a atmosfera no quarto mudou algum tempo mais tarde. Tornou-se carregada, de alguma maneira, como o ar pesado que se forma antes de uma tempestade de raios, e Aisley lutou para respirar. Sentiu uma presença, então, de pé sobre ela, mas não era Edith. Estava escuro e quente, e ela se afastou, voltando para seus sonhos.

— Aqui, minha filha — disse a viúva Nebbs. Seu rosto enrugado estava marrom, e ela segurava um pacote de ervas. — Você só precisa misturar um pouco na cerveja dele e estará livre para sempre.

— O que você está dizendo? — Aisley perguntou confusa. Será que tinha cochilado junto ao fogo? — Não entendo.

— Mas você precisa entender — disse a viúva. — Isto é para o seu marido, para Montmorency. Dê a ele, e ele não irá enfeitiçá-la mais.

Aisley recuou, horrorizada. A velha estava sugerindo que envenenasse Piers?

— Você ficaria livre, minha filha — disse a viúva com um sorriso. — Livre para retornar à sua velha casa, aos seus velhos hábitos, para dirigir sua própria casa sem interferências ou distrações.

Aisley assentiu. Isso seria muito bom para ela.

— Sim, mas...

— Você só precisa colocar uma pitada no copo dele, criança — disse a velha.

Aisley recuou, sacudindo a cabeça. Viu a grande figura escura de seu marido surgir nas sombras, relembrou os músculos lustrosos de seu corpo se movendo sob suas mãos, lembrou-se do doce conforto de seus braços ao redor dela. Imaginou os sons familiares e secos de sua voz sendo acalmados pela morte, o que a fez se encolher. Não importava quem ele era ou o que era, nunca poderia matar Piers. Nunca poderia matar qualquer pessoa! — Não posso — gritou ela.

— Menina tola. Você não terá que assassiná-lo. Basta colocar um pouco disso em sua cerveja e se livrará dele para sempre. É isso que você quer? Livrar-se dele? É o que você quer, não é?

Aisley se viu encolhida num canto apertado da cabana, e a velha ainda

se aproximava dela, com sua voz lenta e rítmica.

— É o que você quer, não é? — ela perguntou repetidas vezes, enquanto Aisley sacudia a cabeça negando. — Você deve decidir agora — disse a viúva, e Aisley sentiu-se lutando contra alguma força invisível. — É isso que você quer? — perguntou a velha mais uma vez.

— Não! — gritou Aisley, sentando-se na cama com a força de sua convicção. — Quero Piers!

— Estou aqui. — A voz profunda afugentou o pesadelo. E, de repente, seus braços estavam ao redor dela, embalando-a em seu calor contra o peito maciço, fazendo-a se sentir segura, sã e querida.

Em algum momento antes do amanhecer, Aisley acordou de novo. Ela respirou fundo de alívio, sentindo-se tão bem quanto apenas uma pessoa que estava doente pode sentir-se ao melhorar, e grata por isso. Tateando as cobertas, reconheceu sua própria cama, mas abriu os olhos para a escuridão. Um forte braço apertava-se ao seu redor, e ela percebeu que estava descansando contra o peito firme do marido.

— Piers? — ela perguntou suavemente, surpresa pelo grito que escapou. Sua boca estava seca enquanto ela lutava para falar e lembrar. Lembrava-se de ter visitado a viúva Nebbs, de retornar a Dunmurrow, sentar-se para comer com Piers e, então, só um vazio cheio de horríveis pesadelos.

A viúva lhe entregara algumas ervas, mas Aisley poderia jurar que as tinha jogado de lado. Sabia que não podia desistir de seu marido, por mais difícil e estranho que fosse. Por que, então, sentia como se tivesse tomado a poção e estivesse despedaçada por suas lealdades recentemente forjadas?

Aisley virou-se para Piers, passando a mão pelo seu enorme peito para

assegurar-se de que o seu grande e misterioso marido ainda era carne sólida e ainda respirava, apesar de sua tentativa de exorcizá-lo. Ele puxou-a para perto; seus dedos suavemente alisavam seu cabelo enquanto sua bochecha era pressionada contra sua túnica.

— Aisley? — ele perguntou suavemente. — Você está bem agora?

Ela assentiu, com a cabeça deitada sobre o tecido que o vestia, sem confiar em si mesma para falar. Agira como uma tola. Como poderia desejar quebrar o feitiço que brilhava entre eles, quente e pulsante? Aisley queria nunca ter ouvido falar da viúva Nebbs.

— Por quê? — perguntou Piers. Sua voz estava rouca, e Aisley desmoronava por ele. Quanto ele sabia? Sentia-se envergonhada por visitar a curandeira, envergonhada por sua própria fraqueza e estupidez. Nunca deveria ter levado o pacote para casa, porque, de alguma forma, a poção tinha entrado em seu estômago, prejudicando sua saúde, sua paz de espírito e sua tênue trégua com seu marido. — Para que era a poção? — perguntou Piers. Mais firme daquela vez, seu tom lhe dizia que ele tendia a ser persistente. Com o coração afundando, Aisley sabia que teria que lhe dizer alguma coisa, mas não podia suportar admitir a verdade. Sentiu Piers enrijecer-se em seu silêncio contínuo, e tudo o que ela queria era chorar ao seu lado. — Foi um purgante para livrá-la de um filho nosso? — ele perguntou.

Aisley piscou, surpresa, e sentou-se empertigada.

— Eu nunca faria uma coisa dessa — disse ela, horrorizada com a sugestão. A ideia de um bebê nunca tinha passado por sua mente, embora ela acreditasse que seria um resultado bastante natural de sua união.

Um bebê. Como seria um filho do Cavaleiro Vermelho? Tais perguntas trouxeram novas preocupações, mas Aisley as dispensou. Ela fizera sua

escolha, e era tarde demais para voltar à sua velha vida, uma vida sem Piers Montmorency.

— Você está dizendo que estou grávida? — Aisley sussurrou.

— Não — disse Piers. — É cedo demais para isso, a não ser que seu fluxo mensal esteja atrasado.

Aisley corou com suas palavras e murmurou uma negação.

— Mas eu poderia estar, não é? — perguntou ela, esperando a resposta. — Embora eu suponha que isto poderia tê-lo matado. — Ela respirou de forma aguda e procurou por seu marido na escuridão. — Oh, Piers, eu não queria pegar nada daquela mulher, eu juro. Foi tudo tão estranho, como um sonho. Fui até a cabana da velha para discutir sobre remédios, e quando voltei, Glenna encontrou o pacote de ervas. Deixei-o cair no chão e, então, Cecil me perguntou sobre alguma coisa, e eu... Glenna deve ter assumido... — Suas palavras se dissiparam num soluço. — E se eu feri o nosso filho?

Os braços de Piers se fecharam ao redor dela novamente, puxando-a de volta em um abraço.

— É muito cedo para dizer — disse ele, bruscamente. Ele parecia aliviado? Certamente não a achava capaz de matar seu próprio bebê, achava? Mas o que ele deveria pensar? Será que ficaria reconfortado ao saber que o verdadeiro propósito da poção era livrar-se dele? Aisley o abraçou com força, como para compensar a traição.

— Você quer filhos? — perguntou Piers.

— Sim, claro — ela sussurrou.

— Então, faremos alguns quando você estiver se sentindo melhor —

disse ele, com sua voz se tornando rouca. E, pela primeira vez desde que acordou, Aisley sentiu a força de seu fascínio, um fascínio que ela sabia que era mais real do que qualquer outro, forjado por magia. — Vou fazer amor com você uma e outra vez, minha esposa, até que minha semente esteja firmemente plantada em seu ventre. — Aquela promessa baixa a fez formigar por inteiro, e ela fechou os olhos, agradecida por as ervas terem falhado.

— Você não deve pegar mais nada da curandeira desta aldeia. Ela é louca — Piers disse firmemente.

Aisley assentiu, sorrindo.

— Estou curada — disse ela. Depois, aconchegou-se mais perto de seu marido e, nesse momento, pelo menos, ela não se arrependeu de escolher a escuridão.



Capítulo Onze

Quando Aisley acordou já era tarde, Piers já tinha partido e ela começou a se perguntar quanto da noite passada fora sonho e quanto fora realidade. Lembrou-se de ter visitado a viúva Nebbs, com a vaga esperança de quebrar o feitiço que a prendia a Piers, mas não achava que realmente tivesse pedido ajuda à velha. Ainda assim, a viúva lhe dera alguma coisa, e, de alguma forma, acabara bebendo, pois, recordava de ficar doente e purgar seu corpo de quase tudo, exceto dos sentimentos por Piers.

Estes, obviamente, iriam ficar com ela, não eram produto de feitiços ou poções. No período posterior à sua doença, Aisley percebeu que sua feitiçaria tinha causas naturais. Era um poço de emoções que não podiam ser negadas, nem descartadas por qualquer cura.

Gostasse ou não, ela se importava com Piers, e disse a si mesma que

poderia muito bem se acostumar com isso, porque suspeitava que era mais provável que o sentimento por seu marido crescesse ao invés de diminuir. Se ao menos pudesse ignorar as sombras que o rodeavam.

À tarde, Aisley já estava bem o bastante para ficar inquieta, embora Edith não a deixasse em paz.

— Tenho ordens estritas para que você não se esforce, minha senhora — disse ela. Uma vez que Aisley não conseguia imaginar Edith recebendo ordens de ninguém, ela supôs que aquele direcionamento era da autoria da criada. Embora estivesse eriçada por conta do descanso forçado, permaneceu na cama até a ceia, quando tentou levantar-se outra vez, dizendo a Edith que devia juntar-se ao marido em seu quarto.

— Não, minha senhora — disse Edith, empurrando-a contra os travesseiros. — Cecil disse que você não deve sair de seu quarto esta noite. Seu marido quer que você cuide de si mesma — disse Edith, com aprovação em sua voz. Aisley olhou para a criada, assombrada. Seria a mesma mulher que odiava e temia o Cavaleiro Vermelho mais do que qualquer outra coisa? — Aqui, minha senhora — disse Edith, empurrando uma tigela de sopa em sua direção. — Glenna enviou desejando que este alimento lhe caia bem.

Aisley tomou-o com um gesto de desagrado. Claro que Piers não a queria com ele. Ele, provavelmente, ainda estava bravo com ela por causa de sua doença. O pensamento prendeu o ar em sua garganta. Teria descoberto pela viúva Nebbs qual era o propósito da poção?

Seria uma grande ironia se, agora que ela o tinha aceitado, ele a deixasse de lado, e, pensando nisso, seu coração acelerou em pânico. Entregando a tigela vazia de volta para Edith, ela ergueu o queixo.

— Eu quero o meu marido. Quero vê-lo — disse ela com firmeza.

Embora soubesse que a súplica se assemelhava a de uma criança chorosa, não podia ajudar a si mesma. De repente, precisava do conforto que só o Cavaleiro Vermelho poderia prover.

Edith fez alguns ruídos suaves e deu um tapinha na mão dela.

— E você o terá, minha senhora. Mandarei que Cecil lhe dê a mensagem. Vai querer algo mais para esta noite?

Aisley balançou a cabeça, sentindo-se miserável. Parou pouco antes de pedir a Edith para certificar-se de que seu marido fosse até ela. Embora Edith estivesse mais acostumada ao Cavaleiro Vermelho do que antes, Aisley não conseguia imaginar sua criada irrompendo em seu covil e arrastando-o pelas orelhas até o quarto da esposa.

Com um sorriso trêmulo ao pensar na ideia, ela se afundou sob as cobertas. Então, antes que Edith pudesse sair, ela se sentou de novo.

— Edith, você pode apagar todas as velas, por favor? — pediu ela. — E pode fechar as cortinas da cama?

— Sim, minha senhora — respondeu Edith. — Eu vou fazer isso para que possa dormir um pouco.

Aisley deslizou de novo para debaixo dos cobertores, suspirando suavemente ao ouvir o erro de Edith. Ela não precisava das trevas para descansar, mas para receber seu marido.

E ela não teve que esperar muito tempo depois que Edith saiu. Uma fraca agitação no ar lhe disse que as cortinas estavam se movendo, e logo Aisley o sentiu ao lado dela, uma grande presença sólida na total escuridão. Ela estendeu a mão e ficou surpresa quando encontrou um tecido espesso. Piers, obviamente, estava vestindo uma túnica de algum tipo. Com um

pensamento súbito, Aisley percebeu que queria que ele não usasse nada.

— Você me convocou, esposa? — perguntou, com a voz rouca como de costume.

— Sim — disse Aisley, sentindo-se constrangida. Saber que não podia mudar o que sentia por Piers, não tornava as emoções profundas mais fáceis de suportar. Aquela necessidade fremente e carente era dolorosa. Não era de se admirar que ela se esquivasse. Mas resolveu não se esquivar mais. Embora não pudesse alterar seu desejo, ela sabia como aliviá-lo. — Foi imaginação minha, meu marido, ou você me prometeu filhos esta manhã? — perguntou ela. Aisley sentiu seu corpo tenso ao ouvir suas próprias palavras, mas não se afastou dele. Corajosamente, deslizou a mão por dentro do pano que cobria seu corpo. — Parece que me lembro de uma promessa de plantar sua semente dentro de mim, muitas vezes — sussurrou ela. Ela sentiu os músculos do peito e do estômago dele se contraírem ao seu toque, o que fez com que sua mão descesse ainda mais. — bem profundamente — repetiu, sem fôlego.

Piers já estava duro, mas ela o acariciou, desfrutando da sensação e do ruído baixo e grave que ele deixou escapar em resposta. Ficou imóvel por alguns momentos, como se aturdido por seus atos, e, então, em um movimento rápido, girou e colocou-se sobre ela, enquanto seu joelho separava suas pernas fazendo-a gemer ante o cumprimento da promessa.

Para seu alívio, ele não falou nada sobre sua doença, mas fez amor com ela com uma singular delicadeza. Ele a deixou enquanto ela ainda dormia, e, embora Aisley tivesse ficado decepcionada quando acordou e não o viu ao seu lado, era muito melhor do que ser expulsa de sua cama.

E assim eles estabeleceram uma rotina. Durante o dia, Aisley gerenciava o castelo. Durante a noite, jantava na grande câmara. E, por algumas horas

preciosas cada noite, ela se deitava com seu marido. Dizia a si mesma que era mais do que suficiente, que sua experiência com a poção da viúva Nebbs tinha afastado todos as ideias de feitiçaria de sua cabeça. Mas, ainda assim, perguntava-se por que Piers tinha predileção pelas sombras e por que ele nunca ficava com ela até o amanhecer. E, como ela bem sabia, o proibido muitas vezes era mais desejado.

Por algum tempo Aisley ficou satisfeita. Os preparativos para a festa de Natal a mantinham ocupada e ela tinha pouco tempo para refletir sobre os mistérios do marido. Em uma manhã, depois de verificar com Glenna sobre as refeições do dia, ela voltou para o salão, onde se sentou para escrever uma carta para seu administrador em Belvry. Sua concentração logo foi interrompida pela chegada de Edith com Willie a reboque. A criada era só sorrisos, enquanto seu guarda não parecia satisfeito.

— Acalme-se, mulher — queixou-se enquanto enfiava o coldre de espada em volta da cintura. — Eu disse que ainda não estava pronto para descer. Por que queria tanto fugir sem seu guarda?

Edith fez um ruído depreciativo.

— Tenho trabalho a fazer, William Gallway, e não posso permanecer na cama durante toda a manhã como alguns soldados que conheço.

— Você está me chamando de preguiçoso, moça? — ele perguntou. O sorriso em seu rosto removia o tom ácido de suas palavras.

— Se a carapuça serviu... — disse Edith, enquanto Aisley os observava fascinada. Recentemente, Edith andara se comportando como se estivesse em uma festa fúnebre, mas agora, ela estava agindo como si mesma novamente. Na verdade, a empregada tinha uma qualidade jovial, da qual Aisley não conseguia se lembrar. Será que seu relacionamento com o guarda tinha

ultrapassado o flerte?

Aisley não ficou preocupada quando a criada não a acompanhou naquela manhã. Verdade fosse dita, sua mente estivera em outro lugar, mas agora ela se perguntava o que poderia ter atrasado Edith.

— Espere aí, Edie! — ordenou Willie, num tom mais sério do que Aisley jamais o ouvira adotar. — Acho que é hora de você saber quem é seu mestre, minha menina.

— É mesmo? — perguntou Edith.

— Sim — disse ele. — Agora, sente-se — Embora estivessem a alguma distância dela, Aisley assistiu Willie empurrar Edith para um dos longos bancos. Tinha as costas voltadas para ela, mas não havia dúvidas quanto ao conjunto firme de seus ombros.

— Agora, minha menina, deixe-me dizer como as coisas são — disse Willie. — Já faz muitos anos desde que fomos casados com outros, e talvez precisemos refrescar nossas memórias um pouco sobre como um homem e uma mulher se relacionam.

— Parece que você se lembra muito bem de algumas coisas — disse Edith, sorrindo-lhe alegremente.

— Bem, sim, sim — admitiu, e Aisley desejou poder ver o rosto do homem enquanto ele respondia. — Mas há outras coisas que você pode ter esquecido, por exemplo, que uma mulher deve obedecer ao seu homem. Sei que você está acostumada a viver por conta própria, mas eu espero que a partir de agora você comece a me ouvir, pois, é a maneira natural das coisas.

Aisley inclinou-se um pouco para a esquerda para vislumbrar o rosto de Edith. A expressão da criada era enganosamente suave, e ela se perguntava

quando a tempestade iria romper.

— Você quer que eu seja submissa a você em todos os sentidos? — perguntou Edith.

— Sim — Willie respondeu, embora ele não soasse tão positivo quanto antes.

— Muito bem — respondeu Edith. Aisley quase escorregou de seu assento, atônita, até que viu a criada olhar fixamente para ela, com um olhar brilhante e piscando amplamente.

Willie, que andava de um lado para o outro na frente de Edith, fez baixos sons de aprovação.

— Bem, então, você é uma boa garota. Estou feliz que seja capaz de ouvir a voz da razão. Vou pedir-lhe que me obedeça sempre agora — acrescentou, com um pouco de bravata. Aisley achou difícil reprimi-la.

— Se estivermos de acordo, tenho que fazer alguns remendos para a minha senhora — disse Edith. Willie assentiu com a cabeça, e Edith afastou-se dele.

Aisley tentou manter o sorriso em seu rosto, mas era difícil quando o olhar da mulher parecia tão conspirador.

— Eu vou fazer os remendos agora — ela disse em voz alta quando parou diante de Aisley. Depois se inclinou para sussurrar no ouvido de sua patroa. — Sempre os deixe pensar que estão no comando. E, então, faça o que quiser.

Enquanto Aisley engolia uma risada, Edith piscou novamente, então, trotou para seus aposentos. Willie seguiu-a como um filhote treinado, mas

feliz.

Por um momento, Aisley sentiu uma pontada de inveja pelo relacionamento amigável de sua criada. Edith e seu guarda não estavam ligados pela noite, como parceiros secretos, mas zombavam um do outro, de dia, e de noite, com um afeto aparente. Aisley nunca tinha visto algo assim antes, e ficou surpresa com o estranho desejo que isso despertava.

Aisley sacudiu a cabeça. Não podia negar que era uma mulher de sorte. Fora entregue a um estranho, dono de uma reputação sombria, mas encontrara um homem que a deixava dirigir sua casa, lhe dava prazer na cama e, na maior parte do tempo, era uma boa companhia. Será que era tão superficial por sentir-se tão infeliz, mesmo com tantas bênçãos?

Não, disse Aisley a si mesma, e deixou de lado os pensamentos a respeito da escuridão que envolvia sua vida e a curiosidade que a atormentava. Voltou a atenção para a sua escrita, mas estava difícil compor novas palavras. Continuava a pensar em seu marido, naquela grande câmara, sozinho na escuridão.

O que será que fazia o dia todo? Será que ele gerenciava a caça, a falcoaria e treinava seus homens? Aisley sabia que há algum tempo, Piers devia ter feito todas essas coisas. Ela franziu o cenho, frustrada por todas as perguntas para as quais não conseguia encontrar respostas. Sempre resolvera os problemas familiares que surgiam, usando a lógica, mas o comportamento bizarro do Cavaleiro Vermelho parecia desafiar a razão.

Sentia que todos os seus esforços para descobrir mais sobre ele eram todos em vão. Cecil não lhe dizia nada, Alan ficara de boca fechada, e Piers ficava irritado sempre que o assunto era abordado. E se havia uma coisa que a afligia mais do que as sombras, era o temperamento de Piers. Não tinha

nenhum desejo de que ele o usasse contra ela.

Pelo canto do olho, Aisley viu Cecil dirigindo-se para as adegas e percebeu que estava tão perdida em seus pensamentos sombrios, que a carta a seu administrador não fora escrita. Com um suspiro, ela voltou a atenção para sua tarefa. Quando terminou, levantou-se e percebeu que o outro Cecil se apressava em sair. Era estranho, ela sabia, que nenhum dos irmãos assistisse ao seu mestre. Será que ninguém estava guardando os aposentos do Cavaleiro Vermelho? Aisley sentiu um súbito impulso de ver por si mesma.

Sem parar para considerar suas ações, ela rapidamente deslizou na direção da escada escura que levava à grande câmara, sentindo uma sensação de desafiar o proibido se tornando mais forte a cada passo. Naturalmente, ninguém era autorizado a entrar no quarto de Piers sem ser convidado, exceto os Cecils.

Embora um dos gêmeos estivesse geralmente do lado de fora, não havia real necessidade de um guarda. Quem se atreveria a aproximar-se do próprio Cavaleiro Vermelho? Mesmo aqueles com um convite tendiam a ficar relutantes. Aisley não podia imaginar ninguém entrando sem permissão.

E, no entanto, isso era exatamente o que ela planejava fazer.

Não podia evitar. Ali estava uma oportunidade de descobrir mais sobre o marido; o que poderia ser mais revelador do que sua própria câmara à luz do dia? Será que ele estaria lá? Quando estava sozinho, será que permitia que alguma luz penetrasse a escuridão? Aisley tentou imaginar o quarto de Piers à luz de velas, e não conseguia, mas poderia acontecer. E se fosse verdade, talvez conseguisse vê-lo. Ou, se estivesse fora, talvez pudesse encontrar alguma pista, uma resposta às suas perguntas eternas sobre o Cavaleiro Vermelho.

Seu coração batia violentamente quando ela chegou à porta dele e não encontrou ninguém esperando do lado de fora. Sem hesitar, ela empurrou a madeira pesada, depois deslizou para dentro e fechou-a silenciosamente atrás dela. Virou-se lentamente, contendo a respiração, pronta para a cena que veria, mas nenhuma revelação encontrou seu olhar questionador.

Como de costume, a grande câmara estava escura, brilhando em um tom de vermelho estranho, principalmente perto do fogo, mergulhada em sombras. Será que ele tinha saído? O único som era o assobio da madeira em chamas. Então, Aisley ouviu algo mais, um baque e um som macio de pés. Os cachorros! Tinha esquecido deles, reparou, enquanto percebia um movimento na borda da cama de Piers e ergueu a cabeça na direção dela.

— Aisley? — Seu espírito quase escapou de seu corpo ao som da voz de Piers, que emanava da escuridão. — O que foi, minha esposa? — ele perguntou. Aisley tentou julgar o humor de seu marido por seu tom de voz, mas seu coração estava batendo muito alto. Será que estava irritado ou satisfeito por ela ter entrado sem ser convidada?

Lambeu seus lábios e tentou falar.

— Piers, posso perturbá-lo por um momento? — Suas palavras inseguras ameaçaram condená-la, e ela se forçou a falar com mais calma. — Escrevi uma carta ao meu administrador em Belvry, gostaria de lê-la para você, para que possa aprová-la.

— Onde está Cecil? — perguntou.

— Eu o vi saindo quando subi — disse Aisley, atrapalhando-se para explicar sua precipitada corrida até a grande câmara. — Se você estiver muito ocupado agora, posso voltar mais tarde.

— Não. Sente-se, por favor. — Seu tom seco ficou evidente e demonstrou-lhe, em termos inequívocos, que ele compreendera seu ardil. — Leia-me esta missiva.

Aisley sentou-se ao lado do fogo, estendeu a carta na direção da luz e fez como seu marido pediu. Quando terminou, baixou-a, satisfeita por sua voz não ter vacilado. Agora tinha que esperar pela resposta.

Embora Aisley se importasse com Piers mais do que jamais imaginara ser possível, ele ainda tinha o poder de intimidá-la, e como uma criança culpada roubando um doce, ela sabia que havia procurado uma fruta proibida ao ir até ali. Será que ele a repreenderia? Ela ficou tensa, temendo seu temperamento feroz.

— Muito bem — disse Piers, e Aisley sentiu-se fraca de alívio. — Eu a enviaria o mais rápido possível. Você sentiu minha falta, esposa? — ele perguntou, tão de repente e de forma tão suave, que Aisley demorou a compreender a mudança de tema.

— Sim — respondeu ela, pois, era a verdade. Sempre sentia falta dele, embora tentasse controlar seu desejo da melhor forma que pudesse.

— Então, venha aqui — ele insistiu com voz rouca.

Surpreendida e satisfeita, Aisley penetrou nas sombras, ignorando os cachorros, que agora balançavam as patas em saudação. De alguma forma, ela encontrou Piers na escuridão.

— Você é uma garota atrevida, que não consegue ficar longe de seu marido — disse ele com voz rouca, passando os lábios contra os cabelos dela.

— É a triste verdade — respondeu ela, passando os braços pela cintura dele. Descansou a cabeça contra seu grande peitoral, enquanto seus dedos se

enroscavam em seus cabelos. Ele ergueu uma mecha pesada e beijou-a.

— Pode ser triste para você, mas é um prazer para mim — ele disse suavemente, com sua voz estranhamente séria.

Aisley o abraçou com força, embora fosse o mesmo que agarrar o tronco de uma árvore.

— Não. É uma alegria para mim — ela sussurrou.

— Aisley. — A palavra soou como um gemido arrancado de sua garganta, e, então, ele colou os lábios aos dela, fazendo seu sangue dar um salto em resposta. Os mistérios que rodeavam o Cavaleiro Vermelho foram momentaneamente esquecidos enquanto ele lançava sua inegável magia sobre ela, e Aisley deixava seus deveres de lado para passar a manhã na cama do marido.

À medida em que o dia da festa de Natal se aproximava, Edith mostrava-se cada vez mais disposta a ajudar. De fato, a mudança que havia ocorrido sobre a criada desde sua chegada a Dunmurrow surpreendeu Aisley. Quantas vezes não encontrara Edith cantarolando alegremente enquanto andava pela casa? E aquela manhã não era exceção.

— Acredito que teremos muitos bolos, minha senhora, mas devemos assar mais pão, para que os aldeões possam levar alguns para casa depois — disse Edith.

Aisley sorriu para si mesma.

— Então, você acha que um pouco de pão extra irá trazê-los até aqui? — ela perguntou enquanto observava mais bancos sendo posicionados para a festividade.

— Sim, minha senhora — respondeu Edith prontamente. — Será bom para o povo ter um dia de abundância e celebração.

O comentário de Edith era tão diferente de suas opiniões iniciais sobre o banquete que Aisley não pôde deixar de provocá-la.

— Mesmo que o Cavaleiro Vermelho não se junte a eles? — ela perguntou.

— Bem, saiba que eu ainda não posso aprová-lo, mas Willie diz que ele é um homem bom e que deve ter suas próprias razões para fazer o que faz, então, acho que posso rever meu julgamento — disse Edith .

Aisley sentiu um leve incômodo pelo fato de sua criada acreditar mais em Willie do que nela mesma, até que percebeu que não poderia ter defendido seu marido de forma adequada ou veemente. Embora sempre tivesse zombado dos rumores sobre ele, será que poderia contar a Edith que seu marido era bom e amável, gentil e apaixonado? Aisley corou.

— É claro que ele é um bom homem — disse.

— Bem, acho que ele deve ser, já que Willie pensa tão bem dele, embora eu admita que ainda tenho minhas dúvidas. — Edith sacudiu rapidamente a cabeça. Suas reflexões foram interrompidas pelo próprio Willie, que se aproximou da cozinha, com uma caneca de cerveja na mão.

— Edie, Glenna está te chamando na cozinha — ele murmurou com a boca cheia.

— E o que você estava fazendo lá? — perguntou Edith, com o dedo erguido. — Foi se encher com os bolos de sementes destinados para a festa, eu suponho!

Willie sorriu, mostrando migalhas reveladoras em seus dentes, mas sem um pingo de remorso, e Edith marchou para a cozinha, gargalhando alto.

Com um sorriso, Aisley voltou sua atenção para as mesas adicionais e, de repente, olhou de relance para Willie, que se sentara em um banco perto do fogo. De repente, como se o visse pela primeira vez, ela se lembrou de que ele conhecia o seu marido.

De acordo com Edith, Willie tinha o Cavaleiro Vermelho em alta conta, então, deveria conhecer o homem, talvez até o conhecesse bem. Provavelmente Willie estivera a serviço do barão por algum tempo, então, ele poderia ter respostas para algumas das perguntas que a atormentavam.

Aisley sentiu seu coração acelerar ante a possibilidade, e ela sentou-se perto dele, todo o tempo mantendo os olhos em Edith. Ela queria que aquela conversa fosse privada.

— Willie — começou, sem se atrever a olhá-lo. —, você serviu ao Cavaleiro Vermelho por um longo tempo, não foi?

— Exatamente — ele respondeu bruscamente antes de tomar um gole de cerveja.

Aisley esperou, mas não houve mais comentários. Willie simplesmente limpou a boca com o dorso de sua mão e olhou para as chamas da lareira. Aparentemente o soldado era bem humorado somente quando queria ou quando estava conversando sobre um assunto de sua própria escolha.

— Quanto tempo? — Aisley perguntou.

— Oh, anos, minha senhora — ele respondeu, mas não era uma resposta satisfatória.

Como ele é? Aisley queria desesperadamente perguntar, mas sentiu o constrangimento aquecer suas bochechas. Como poderia admitir àquele homem, o sábio e esperto amigo de Edith, que nunca tinha visto seu próprio marido?

— Aqueles que se juntam ao Cavaleiro Vermelho geralmente permanecem com ele, porque é um homem justo e um grande guerreiro — Willie acrescentou.

Mas como é sua aparência? Tão perto, mas ainda tão longe de descobrir alguma verdade sobre seu marido, Aisley cerrou os punhos firmemente em seu colo.

— Imagino que só o seu tamanho já faça um inimigo estremecer — disse ela.

— Sim — Willie respondeu com um aceno de cabeça. — Ele é um homem grande.

E? Aisley sentiu vontade de cutucar Willie com sua faca para obter as informações que procurava. E o cabelo, os olhos, o rosto?

— Ele os assusta?

— Bem, é claro — disse Willie. — Especialmente depois que ele recebeu seu nome, Cavaleiro Vermelho, de Edward. E, então, começaram a inventar todo o tipo de histórias sobre ele. — O homem fez um som que indicava seu desgosto em relação aos rumores estranhos.

Então, Willie não aceitava as histórias de feitiçaria tampouco. Mas o soldado admitira que Piers tinha uma aparência assustadora. Ela inspirou profundamente ante tal revelação. Piers devia ter nascido com alguma deformidade ou ter sido marcado horrivelmente na batalha, mas não de uma

maneira que ela pudesse detectar com as pontas dos dedos.

— Willie — disse ela seriamente. —, por que ele não treina mais os homens?

O soldado olhou para a caneca e depois para ela.

— Bem, eu não sei dizer com certeza. Muitos de nós, sob o comando do Cavaleiro Vermelho, pensávamos que, quando ele conseguisse um lugar como este, merecia um descanso, e eu imagino que seja isso o que está fazendo.

Um descanso? Aisley quase engasgou com aquela resposta, que nada fazia para explicar a miríade de mistérios que cercava Piers Montmorency.

— Mas ele nunca sai de sua câmara — disse ela.

— É verdade? — A voz de Willie era suave, dando a impressão de que ele não achava que o comportamento do Cavaleiro Vermelho fosse estranho ou curioso. — Eu não sabia, minha senhora — ele disse, levantando-se. — Agora, se puder me desculpar, devo ficar de olho em Edith.

Aisley ficou onde estava, observando-o afastar-se e sabendo que ele não revelaria nada. Piers escolhera muito bem os homens que o rodeavam, reconheceu ela, enquanto o gosto amargo de ser deixada na ignorância tornava-se mais amargo em sua boca.

Com uma carranca, ela se moveu para pegar o copo esquecido de Willie. Ainda continha um pouco cerveja, que fora aquecida pelo fogo, e a sensação de bebê-la fez com que se lembrasse da poção da viúva Nebbs. Se ao menos houvesse alguma erva que pudesse fazer os homens falarem livremente, então, ela teria todas as respostas que procurava.

Respirou fundo quando uma ideia a atingiu. Desgraçadamente, não

conhecia nada que pudesse fazer um homem falar a verdade, mas havia muitas outras ervas, cada uma com seus próprios poderes especiais, e uma em especial que poderia satisfazer seu propósito.

Aisley segurava o sonífero em uma mão enquanto ela levantava a outra para bater na porta da grande câmara. Ela ouviu o chamado brusco de Piers, pedindo que entrasse, mas mesmo assim seus pés hesitaram na entrada.

Não era tarde demais para abandonar aquela ideia. Aisley sabia que só tinha que guardar o que segurava no decote de seu vestido e acabar com isso. Mas ela raramente vacilava em uma missão, uma vez que a colocava em sua mente, e naquela noite não era diferente. Lambendo seus lábios nervosamente, ela abriu a porta e entrou.

— É Aisley, meu senhor — disse ela.

— Chegou cedo, minha esposa — disse Piers. — Está ansiosa para comer esta noite? — Ela ouviu a nota de ironia na voz dele e hesitou. Embora estivesse sempre pronta para as atenções de seu marido, não podia dar-se ao luxo de recebê-las agora, pois, poderia estragar seus planos. Precisava de Piers em sua cama mais tarde naquela noite, não ali e agora.

— Sim, estou com fome — disse Aisley, ignorando aquelas sugestões. Embora Piers não tivesse falado mais nada, ela podia sentir sua decepção. Emanava dele, e a teria feito sorrir se não fosse tão cautelosa.

Ela sentou-se no seu banco de costume e, ao descobrir a mesa vazia, soltou um longo e lento suspiro. Geralmente a comida já estava posta quando chegava, mas, naquela noite, como suspeitara, tinha chegado antes de Cecil. Para preencher o silêncio, Aisley falou sobre seu dia e seus deveres, enquanto seus ouvidos se focavam na chegada do criado de seu marido.

Finalmente, ouviu a batida na porta, e Aisley escolheu sentar-se imóvel até que Cecil terminasse de servi-los. O homem devia ter os olhos de um gato para enxergar naquela escuridão, pensou Aisley, sentindo um arrepio de apreensão. E se ele descobrisse suas intenções? Mas era tarde demais para mudar de ideia. Quando Cecil pousou a taça de seu marido na mesa, ela estendeu a mão, e nesse momento, ela sacudiu o conteúdo do pacote que ela estava segurando.

Naquela noite ela dormiria com o marido.

Cecil foi dispensado, e a refeição progrediu, como de costume, na escuridão. Aisley contou a Piers sobre seus preparativos para a festa de Natal, enquanto se servia, mas ela só se acalmou quando ele ergueu a xícara e bebeu. Será que lhe dera uma dose suficiente para que ele dormisse? Ou seria insuficiente? Ele era um homem grande, e o momento era tão crucial. Quando Aisley o ouviu bocejar, colocou-se de pé.

— Venha até mim, Piers — disse ela suavemente. — Vou esperar por você no meu quarto. — Ela ouviu o som suave de sua risada satisfeita e, então, saiu porta afora, tentando diminuir o ritmo de seu coração acelerado enquanto corria de volta para seu quarto.

Embora já tivessem compartilhado tanto a sua cama quanto a dele, Aisley sabia que Piers preferia ir até ela para que pudesse partir antes do amanhecer. Na escuridão, compartilhavam tudo o que podia haver entre um homem e uma mulher, e, ainda assim, se visse seu marido à luz do dia, não o reconheceria.

Aisley esperava que, com o tempo, Piers viesse a confiar nela, que ele se revelaria como fizera com Alan e com os Cecils. Mas, apesar das intimidades entre eles, nada havia mudado. Sua contínua falta de fé era

enlouquecedora e dolorosa. Talvez algum dia ele se arrependesse, mas Aisley não era uma mulher paciente. Não esperaria mais.

Naquela noite, ela veria o rosto e as formas de seu marido.

Aisley deitou-se contra o peito largo de Piers, escutando sua respiração uniforme e a batida lenta e segura de seu coração. Seu próprio estava acelerado, embora ela tentasse ficar quieta e julgar se ele só estava descansando ou se realmente tinha dormido. Piers se movera mais lentamente naquela noite, como se as ervas já estivessem fazendo efeito, incitando-o à sonolência, embora Aisley não tivesse apreciado menos suas atenções. Ante a memória de sua paixão, um soluço se formou em sua garganta. Será que estava fazendo a coisa certa? Agora que chegara a hora, sentia mais medo do que alívio diante da perspectiva de ver o Cavaleiro Vermelho.

— Piers? — ela sussurrou. Ele não respondeu.

Embora odiasse se apressar, Aisley não sabia ao certo por quanto tempo a poção iria mantê-lo adormecido, e ela não tinha nenhum desejo de ser pega olhando para ele. Pensar nisso fez com que o medo subisse por sua espinha. Aquele era o Cavaleiro Vermelho, o flagelo do norte, um homem conhecido por estar em aliança com o próprio diabo.

Ela se levantou e abriu as cortinas da cama, determinada a dizer que precisava atender a uma chamado da natureza se Piers acabasse acordando. Silenciosamente, vestiu um robe, moveu-se para onde seu vestido estava deitado e procurou em seu bolso uma grossa vela que tinha escondido. Em sua pressa quase a deixou cair, e ela praguejou suavemente antes de caminhar em direção à lareira e acendê-la com mãos trêmulas. Então, forçou-se a caminhar de volta para a cama.

Respirando fundo, Aisley inclinou-se para o seu marido adormecido e

ergueu a chama cintilante. A luz caiu sobre um homem de enorme estatura, e, embora receasse, retirou os cobertores que o cobriam para olhar o corpo de seu marido pela primeira vez.

Suas pernas eram grandes e musculosas, e sua masculinidade, grande mesmo em repouso, pendia de sua virilha. Acima, seu estômago teso subia e descia com cada respiração. Uma de suas mãos repousava ali, larga e comprida, e uma vez que não via nenhuma desfiguração, Aisley ergueu os olhos.

O peito era grande, a pele dourada, os ombros largos e os braços espessos. Aisley engasgou um suspiro de admiração e consternação quando percebeu que nada prejudicava sua forma, exceto as marcas típicas de um homem que lutara muitas batalhas.

Tremendo de ansiedade, Aisley ergueu a luz até o seu rosto, com uma mistura de curiosidade e pavor, pois, com certeza ali estava a resposta para sua reclusão. Lentamente suas feições foram iluminadas e um som de choque e espanto morreu em sua garganta com o que viu.

Piers Montmorency era o homem mais bonito que Aisley já vira.

Era o rosto de um guerreiro, com certeza, e não de um belo cortesão. Mas a cicatriz que atravessava uma testa só aumentava a força de sua beleza, assim como o restolho que sombreava uma mandíbula forte e uma boca generosa. Os grossos cachos castanhos, desgrenhados pelo sono, caíam sobre sua testa sobre profundos olhos fechados no sono.

Aisley se aproximou. Segurando a vela com uma das mãos, enquanto a outra estava pousada em seu peito, ela procurava por algo, qualquer coisa, para explicar a escuridão na qual aquele homem se escondia. Hesitante, ela estendeu a mão para tocar a cicatriz, não muito antiga, que corria por seus

olhos e impedia sua perfeição. Era como se o anjo Gabriel tivesse acabado de sair de uma luta com o diabo.

O diabo. Aisley se recusava a pensar em tais coisas e chegou a recuar, sussurrando uma oração. Enquanto olhava fixamente, Piers se moveu e, de repente, a enormidade do que ela havia feito a atingiu em seu âmago. Ela quase deixou cair a vela ao correr para fechar as cortinas da cama. Então, ela apagou o talo de vela e apressou-se para escondê-lo em seu vestido. Finalmente, colocou-se na lateral da cama, mas permaneceu de pé, inquieta.

Aisley lambeu os lábios, com medo de voltar a deitar-se ao lado do marido, envergonhada de seus próprios receios. Antes de casar-se, ela nunca tivera medo de nada, nem da escuridão, nem da ausência de uma mãe, nem de histórias de fantasmas que faziam Edith tremer, nem mesmo do vazio de uma vida preenchida com deveres ao invés de amor.

Com um soluço, Aisley tirou o roupão e afastou os cobertores. Lágrimas silenciosas, que não haviam marcado suas bochechas por anos, caíam quando ela colocou os braços ao redor de seu marido e descansou a cabeça contra seu enorme peito. Depois de vê-lo, Aisley percebeu que não importava quem ou o que ele era, o Cavaleiro Vermelho tinha preenchido um vazio dentro de si que ela nem sabia que existia.

E ela o amava.



Capítulo Doze

Aisley acordou suavemente, sentindo-se aquecida e confortada. Esfregou a bochecha contra a pele aquecida, aproveitando o cheiro e a sensação de ter seu marido consigo. Será que estava sonhando, ou seu grande peito estava mesmo subindo e descendo sob sua cabeça? Ao pensar nisso, ficou em alerta em um instante, pois, sabia instintivamente que ele não deveria estar ali com ela.

Aisley sentiu uma rápida onda de pânico enquanto se lembrava da imprudência que cometera na noite anterior. Seu delito fora multiplicado por dez, ela pensou descontroladamente, pois, Piers estava dormindo demais. Era óbvio que o tinha mantido com ela durante toda a noite, e agora não havia como fingir que nada tinha acontecido. Não podia continuar como antes.

Pela primeira vez, a imagem de seu marido tomou forma em sua mente, e

Aisley estremeceu. Vira pela primeira vez o guerreiro obscuro com quem se casara, conhecia cada aspecto dele, exceto a cor de seus olhos, e percebera que não havia nenhum motivo para que se mantivesse na escuridão, apenas um pacto com o diabo.

Como se seus pensamentos o perturbassem, Piers se agitou ao lado dela, e Aisley se perguntou se seria a hora. Então, ela teve a resposta, porque Edith bateu à sua porta.

— Minha senhora, você está bem? — perguntou a criada ao entrar. — Já passou da hora de você se levantar.

Aisley engoliu em seco.

— Sim, estou bem, Edith, mas quero ficar um pouco mais na cama. Vá cuidar de seus afazeres e me deixe em paz.

Apesar da recusa, Edith se dirigiu à janela, pois, Aisley ouviu seus passos e o rangido das cortinas.

— Você tem certeza de que está bem? — ela perguntou, e Aisley amaldiçoou a preocupação de sua criada. E se a mulher abrisse as cortinas?

— Estou bem, Edith. Estou com o meu marido. Deixe-nos em paz!

Nada poderia ter feito Edith se afastar com mais pressa do que a menção do Cavaleiro Vermelho, e Aisley não pôde deixar de sorrir quando ouviu a porta se fechar com firmeza.

Seu sorriso desapareceu ao ouvir o gemido amargo de seu marido.

— Já é de manhã? — ele perguntou ainda sonolento.

— Sim — respondeu Aisley. — É véspera de Natal. E você está na

minha cama. — Aparentando mais calma do que sentia de verdade, ela abriu as cortinas e sentou-se sobre os calcanhares. Por um momento, hesitou. Será que o encontraria transformado em um animal horrível com o amanhecer? Quaisquer que fossem as consequências, ela sabia que devia olhá-lo e, com o coração batendo no peito, virou-se para ver a luz do sol incidindo sobre a cama, iluminando seu marido.

Aisley respirou fundo. Apesar de seus medos, Piers não se transformara em uma criatura com chifres pela manhã. Era ainda mais bonito do que se lembrava. Suspeitara que a luz da vela poderia ter aumentado seus encantos, mas estava enganada. Mesmo sob a luz do sol, Piers era glorioso.

Ele era um homem enorme, mas bem proporcionado. Seu peito largo afilava-se para um estômago duro e quadris estreitos que desapareceram sob os cobertores. Estava deitado de costas, um grosso braço cobria os olhos, as sobrancelhas escuras, angustiadas, como que para negar sua presença. Mas não havia como disfarçar os traços bem formados que ela vislumbrara na noite passada.

— Você é tão bonito, meu marido — disse Aisley, suavemente, enquanto seu olhar viajava por ele. Ansiava por estender a mão e tocá-lo, como se por meio de seu toque ela pudesse tornar aquela visão mais real, mas Piers rolou para longe dela e jogou suas pernas para o outro lado da cama, batendo furiosamente contra as cortinas.

— Deixe-me! — ele berrou. — Chame Cecil para mim e me deixe em paz, sua mulher estúpida!

Analisando suas palavras, Aisley levantou-se e vestiu um robe. Mas ao invés de convocar Cecil, ela deu a volta na cama, aproximando-se do ponto onde seu marido estava sentado, com a cabeça entre as mãos. Ela sentiu algo

pesar em seu peito quando se aproximou dele, algo que deixou sua garganta seca e suas pálpebras pesadas.

Não era medo, embora Aisley soubesse que ele poderia facilmente jogá-la para o outro lado do quarto com apenas um balanço de seu braço. Sabia quão intensa sua ira poderia ser, quão assustador ele ficava quando estava com raiva, e, ainda assim, não conseguia se afastar. Engolindo com dificuldade, ajoelhou-se diante dele e tocou seus dedos, colocando-os em seu rosto.

— Não me mande embora — ela sussurrou.

Com um gemido, Piers levantou a cabeça, e Aisley piscou ao deparar-se com um rosto tão bonito que lhe tirou o fôlego. Então, as grossas pestanas se ergueram, e ela viu olhos quase tão escuros quanto seus cabelos, ricos, profundos e misteriosos como a própria noite. Abafada por emoções que ameaçavam sufocá-la, ela lutou para encontrar seu fôlego, incapaz de desviar a atenção dos olhos que eram tão bonitos e que ainda não olhavam para ela.

Aisley caiu sobre seus calcanhares, cambaleando com a força da revelação que lhe acometeu e, de repente, tudo ficou claro: a escuridão, o isolamento e os servos sempre presentes. O Cavaleiro Vermelho não era um feiticeiro, e ele não possuía nenhuma desfiguração.

O Cavaleiro Vermelho era cego.

Piers permanecia parado, com seu rosto severo e duro como se estivesse preparado para algum golpe. Lançava-lhe um olhar arrepiante, que teria feito o mais imprudente se afastar, mas Aisley era forte e não se moveu.

— Quando aconteceu? — ela perguntou.

Não estava preparada para o movimento súbito que ele fez, então, sobressaltou-se quando ele pulou da cama. Piers empurrou-a para longe,

derrubando-a no chão, enquanto amaldiçoava viciosamente, com sua voz normalmente seca rugindo em fúria. Aisley levantou-se, sentindo o coração na garganta enquanto o observava. Parecia uma fera rampante quebrando o quarto, chutando o assentamento e tudo o mais em seu caminho. Quando ele tropeçou contra um baú, levantou o objeto bem alto e jogou-o contra a parede, quebrando a madeira pesada em pedaços enquanto Aisley se encolhia.

Ela estava assustada; mais assustada do que nunca estivera em sua vida. Todos os medos de encantamentos, feitiços e sombras não eram nada comparados ao terror que a dominava agora, pois, ali estava um estranho, um estranho enorme, feroz, imprevisível, que poderia ser capaz de qualquer coisa. Colocando as mãos trêmulas sobre as orelhas para não ouvi-lo, Aisley fechou os olhos com força, tentando escapar da visão de uma emoção tão crua e descontrolada.

O silêncio que se seguiu fez com que Aisley abrisse os olhos novamente, e ela viu que Piers estava ofegante, com seu rosto virado para ela e seus belos traços retorcidos de ódio.

— Eu deveria matar você — disse ele suavemente.

Aisley sentiu as palavras como um golpe e sentiu, verdadeiramente, que preferia ter sido atingida. Será que significava tão pouco para ele? Toda a gentileza, toda a provocação, toda a paixão que existia entre eles não valiam de nada? E, tão repentinamente como surgiu, o medo desapareceu, sendo substituído por um vazio, uma calma antinatural que se instalou sobre ela como se estivesse morta por dentro.

Aisley ergueu o queixo, lutando contra as lágrimas inúteis. Deus sabia que ela tinha chorado muito na noite anterior, e para quê? Naquela manhã, seu precioso marido queria matá-la.

— Não fale comigo dessa maneira, nem mesmo com raiva — ela disse calmamente. — Eu perguntei quando isso aconteceu e quero uma resposta.

Piers virou-se e estendeu uma mão, tateando as paredes. Então, ele apoiou o braço contra elas, ficando de costas para ela, enquanto sua ira aparentemente se dissipava. Ele ainda estava nu e Aisley tentou ignorar os músculos abaulados de suas costas, suas nádegas esticadas e suas longas pernas, o corpo que ainda a maravilhava.

— Meses atrás.

— Como? — Aisley perguntou.

— Em batalha — murmurou. — Eu não estava usando um elmo, apenas uma coifa, de modo que meus olhos estavam desprotegidos quando um maldito galês me derrubou. Ele cortou meu rosto, e quando estava prestes a finalizar, Alan o pegou por trás. Seu machado caiu em uma rocha ao lado de minha cabeça. Eu estava coberto de sangue e faíscas, sentindo algo arder. — Piers parou de falar. — Não me lembro de nada além da dor.

O coração de Aisley se contraiu e inchou, espalhando vida por todo o seu corpo novamente. Desejava caminhar até ele, envolver seus braços em torno daquela maciça cintura, abraçá-lo e acalentá-lo. Mas ficou parada, não querendo enfurecê-lo novamente e incapaz de suportar se ele a magoasse ainda mais com sua língua afiada.

— Eu sei um pouco de curas. Talvez possa ajudá-lo — disse ela.

Piers afastou-se da parede, bufando alto.

— Você não acha que eu tentei? — ele perguntou. — Eu fui examinado por cada feiticeiro, cada charlatão e cada curandeira, mas nada pôde ser feito!

Aisley se manteve firme quando ele se aproximou dela, com seu grande punho levantado no ar como se quisesse feri-la.

— Eu não sei quem são essas pessoas, mas eu tenho um conhecimento bem razoável de cura. Deixe-me tentar, pelo menos — disse ela.

— Por quê? — perguntou Piers, em um tom sarcástico. — Porque você deseja ter um homem real como marido? Um cavaleiro capaz de protegê-la, não um tolo cego, apegado a coisas que podem ser tiradas dele a qualquer momento.

— Você não é incapaz — respondeu Aisley. — Você tem homens e Alan para liderá-lo.

Piers resmungou.

— Seria um grande espetáculo, mas não adiantaria de nada quando a verdade viesse à tona! Essas histórias de feitiçaria só nos protegerão por pouco tempo — disse ele grosseiramente. — É apenas uma questão de tempo até que alguém questione a lenda e tente me expulsar ou desafiar meu direito à propriedade que ganhei.

— Mas, certamente, o rei... — Aisley protestou.

Piers riu amargamente.

— Você acha que Edward precisa de um vassalo cego para proteger seus interesses? Para combater as suas guerras e guardar as suas fronteiras? Eu acho que não! Ele sabe da minha inutilidade e me deu esta terra, mas não pode me proteger. Mais cedo ou mais tarde, o mito se desfará e seremos vencidos. E depois, o que acontecerá com você?

— Então, faremos o que precisarmos fazer — disse Aisley.

Piers riu de novo, um som cruel.

— O que você acha de sua escolha agora, minha senhora? — ele perguntou, com uma voz provocadora. — Não está arrependida?

— Não! — ela gritou de volta para ele. — Não me arrependo de nada, e você não vai me fazer mudar de ideia com suas palavras de ódio. — Aisley deixou escapar um soluço, e antes que pudesse perceber, ele se aproximou, puxando-a contra seu peito rígido. Ela deslizou seus braços ao redor dele e pressionou a bochecha contra sua pele. Na verdade, ela poderia esquecer até mesmo de seu discurso áspero no calor de seu abraço.

Ele não queria dizer nada daquilo. Aisley sabia disso, com toda a certeza, porque podia ouvir as batidas constantes de seu coração. Piers não a queria morta, nem queria que renunciasse à sua escolha de marido. Ele lhe falara sobre vulnerabilidade e sobre uma dor tão grande que ela não conseguia sequer começar a compreendê-lo. Ali estava um grande guerreiro, um líder forte e inteligente de homens, que fora condenado a esconder-se, primeiro em Dunmurrow, e depois que ela chegara fora exilado para a grande câmara, sem visão e sozinho.

Era uma imagem dolorosa, mas, de repente, ao perceber o absoluto absurdo de suas anteriores suspeitas, Aisley riu. Embora sentisse o corpo de seu marido se enrijecer, não pôde evitar a trêmula bolha de riso que escapou de sua garganta.

— E eu pensando que você fosse uma criatura demoníaca, ligada à escuridão por um pacto por sua alma — ela sussurrou, balançando a cabeça contra o peito dele. — Eu jurei não dar crédito a todas as histórias horríveis que Edith me contava sobre você, mas em que mais eu poderia acreditar? Digo a você agora, Piers Montmorency, que eu prefiro estar apaixonada por um

cego do que por algum demônio maligno — ela disse.

Piers ficou tenso e sua cabeça se ergueu.

— O que foi que disse? — ele perguntou.

— Eu agradeço a Deus por você não ser o homem que todos pensam que é — Aisley sussurrou. — Mesmo que você não acredite, eu temia a verdade.

As mãos de Piers encontraram o seu rosto, e ele o ergueu, passando os dedos por seus traços como se quisesse enxergá-la com o próprio toque. O rosto à sua frente mantinha uma intensidade que ela nunca vira em ninguém antes, e Aisley foi novamente atingida pela força de suas emoções, que se elevaram e mergulharam em profundidades além das que conhecia. Ele ainda estava se controlando, Aisley podia dizer, mas mesmo assim, a força delas a fez estremecer.

— E? — ele perguntou roucamente.

— E eu te amo — Aisley disse simplesmente. Ela tremeu em seus braços com a liberação de seus medos, com a aquisição de novos e a certeza de que o amava. E embora fosse um sentimento agridoce, Aisley preferia conhecer aquele amor do que viver uma vida longa e vazia sem ele.

Ela pensou que ele iria beijá-la, mas ele só a abraçou, tão forte que ela mal conseguia respirar.

— Aisley — Piers sussurrou; a palavra soando rasgada e vinda de sua garganta. Ela podia ouvir o coração do marido martelando no peito, como se houvesse uma grande paixão dentro dele, que poderia, muito em breve, explodir. Por um momento ela pensou que ele diria mais alguma coisa, perdendo o controle, mas ele apenas continuou a abraçá-la silenciosamente.

Finalmente, ela recuou e levantou a cabeça.

— Venha, sente-se junto ao fogo e deixe-me olhar seu ferimento, pelo menos — disse ela. Tomando-o pela mão, Aisley levou seu marido até a lareira, onde ela endireitou o banco e ordenou que ele se sentasse. Então, colocou uma mão em sua bochecha áspera e olhou para seus lindos olhos castanhos.

Eram de uma cor tão rica que era difícil acreditar que estavam inúteis.

— Eles te machucam? — ela perguntou, sentindo o coração partir com aquele pensamento. Piers apenas grunhiu, o que lhe respondia que ele sentia muito mais dor do que jamais admitiria. Aisley engoliu em seco. — Pelo que me disse, suspeito que fragmentos de rocha ou metal ainda estejam enterrados em seus olhos — disse ela, embora ainda não pudesse ter certeza. — Você os lavou depois do que aconteceu?

— Sim, de todas as formas — disse ele.

Aisley apertou os lábios. Normalmente, aquelas coisas saíam, mas talvez os fragmentos tivessem cicatrizado em seus olhos de alguma forma, de modo que Piers nunca mais enxergaria. Ela franziu o cenho, recusando-se a aceitar que sua condição pudesse ser permanente.

— Aprendi muito com um antigo herborista da nossa aldeia antes de ele morrer — disse Aisley, enquanto sua mente buscava possíveis soluções.

Seu paciente resfolegou.

— Eu bebi misturas nocivas o bastante para me matar — disse ele. — E a última quase me matou. Fiquei me contorcendo durante dias com cólicas no estômago, e foi o suficiente. Não procurei mais nenhuma cura — disse secamente.

— Mas você se consultou com um médico? — Aisley perguntou.

Piers resmungou.

— Consultei muitos médicos, embora não tenha lhes dado o meu verdadeiro nome. O último foi um cirurgião nômade, que queria remover um dos meus olhos para que eu pudesse recuperar minha visão no outro.

Aisley engasgou de horror e acariciou a bochecha do marido enquanto tentava pensar em algo que pudesse ajudá-lo.

— Há um poço perto de Woolpit, em Suffolk, que dizem ser milagroso para doenças dos olhos — disse ela.

— Não! Eu não acredito nessa tolice — Piers resmungou.

Aisley suspirou.

— Então, eu vou fazer uma poção que irá aliviar sua dor.

— A última que tomei quase comeu meu fígado, obrigado — disse Piers.

— Vou fazer uma poção — repetiu Aisley. — E você vai beber, porque sou sua esposa e não temo a ira do Cavaleiro Vermelho. — Retirando a mão de sua bochecha, ela subitamente tomou ciência de que seu marido estava sentado nu diante dela, com seu corpo enorme brilhando à luz do fogo.

Seu coração pulsava com a visão, e Aisley ergueu um dedo, deslizando-o lentamente pelo peito rígido do marido.

— Você é lindo, Piers — ela disse suavemente. Ouviu a respiração de Piers acelerar e temeu que ele pudesse jogá-la no chão em um frenesi. Não que se importasse. Mas finalmente podia olhar para seu marido, e ela desejava explorar cada centímetro dele em seus momentos de prazer.

— Mantenha-se imóvel, para que eu possa completar minha inspeção — sussurrou. Inclinou-se para ele, apoiando uma mão em cada um de seus ombros largos, e pressionou beijos na bochecha, no queixo e no pescoço forte. Sua boca deslizou de sua pele lisa para seu peito largo, onde ela passou a língua em torno de um de seus mamilos, sugando-o em sua boca.

O corpo enorme de Piers pareceu reviver, e ele grunhiu ferozmente, mas Aisley ergueu uma mão para calá-lo. Um poder emanava de seus músculos e ela sentiu uma onda de calor acariciá-la. Aquele era seu marido em toda a sua glória varonil: amante gentil, guerreiro feroz e homem vulnerável. Aisley traçou com sua língua cada cicatriz que o marcava, passou as mãos por seus braços e pernas grossos, e o fez sentar-se outra vez no banco quando ele fez menção de levantar-se.

— Deixe-me tocá-lo, Piers — ela sussurrou. — Deixe-me olhar para você, finalmente. — Ele rosnou baixo e suas articulações ficaram brancas quando ele agarrou a borda de seu assento. Com seu coração acelerado, Aisley se ajoelhou entre suas pernas e beijou a parte interna de sua coxa. Seu membro estava enorme e duro na luz, e Aisley pairou sobre ele, ouvindo a respiração áspera do marido, antes de tomá-lo na boca.

Por um momento, todo o corpo de Piers ficou rígido, então, ela sentiu suas grandes mãos em seu cabelo, apertando as mechas, puxando a cabeça em direção a ele, além de um rosnado baixo, um som que veio de sua garganta e a deixou molhada entre as pernas, fazendo com que intensificasse ainda mais a sua tarefa. Seus dedos cavaram na musculatura de sua coxa, e ele arquejou, batendo contra ela, grunhindo e gemendo, até que seu grande corpo estremeceu de novo e de novo, e um grito de prazer foi rasgado de sua garganta.

— Como conseguiu manter um rosto tão bonito em segredo do mundo? — perguntou Aisley, enquanto fazia círculos preguiçosos com seus dedos finos

nos grandes planos do peito do marido.

Piers bufou ao lado dela. Ele cruzou os braços atrás da cabeça e descansou contra eles enquanto Aisley admirava seus músculos. A luz do fogo dançava sobre o corpo dourado deitado em sua cama, e Aisley suspirou satisfeita.

— Eu odeio desiludir você, esposa — disse Piers com seu tom peculiarmente seco. — Mas as mulheres nunca comentaram sobre minha beleza antes.

Foi a vez de Aisley resfolegar.

— Hah! Não acredito, Piers Montmorency. Porque uma mulher teria que ser...

— Cega? — perguntou Piers.

— Desculpe — Aisley murmurou, aconchegando mais o rosto sobre o ele. — Mas é verdade. Uma mulher teria de não possuir o sentido da visão ou estar meio morta para não desmaiar a seus pés.

Piers riu. O som profundo e estridente gerou-lhe arrepios de prazer, e Aisley achou que ele era tão maravilhoso que ela poderia explodir de alegria.

— As únicas mulheres a desmaiar aos meus pés foram as que ouviram que eu estava prestes a entrar em suas terras.

— Mas, certamente, na corte... — Aisley mal pôde terminar suas palavras enquanto imaginava Piers cercado por senhoras que batiam seus cílios e riam, empinando os seios para ele.

— Eu raramente fui à corte — disse ele. — Passei a maior parte da minha vida no campo, com pouco tempo para conversar com donzelas.

— Tenho a certeza de que havia muitas damas ansiosas por suas atenções.

A boca de Piers curvou-se nos cantos.

— Talvez algumas poucas na minha juventude, mas nenhuma como você.

Aisley riu contra seu peito.

— Mas como é que você não se casou mais cedo?

Seu sorriso era de zombaria.

— Eu estava muito ocupado lutando na guerra.

— Criando a fama de ser um demônio sedento por sangue — disse Aisley.

— Isso também — disse Piers. — Anos de batalha não melhoraram minha aparência, e minha reputação dificilmente atrairia o interesse feminino, com uma notável exceção — disse ele, estendendo um braço para descansar uma mão sobre o cabelo dela.

— Estou feliz que seu belo rosto seja o segredo mais bem guardado do reino, pois, não quero compartilhar você com ninguém — disse Aisley. — Acho que, agora que sou casada, tornei-me muito possessiva com o que é meu.

— Eu não disse algo assim há alguns dias? — perguntou Piers com um sorriso, e Aisley apaixonou-se pela visão de seus fortes e brancos dentes.

— Acho que disse, na noite em que veio à minha câmara pela primeira vez.

— Exato. Estou satisfeito por concordarmos em algo — disse Piers. Sua expressão suave mudou, então, e Aisley reconheceu a intensidade que recaía

sobre seus traços enquanto ele abaixava o outro braço. — Devo lembrá-la de que você é minha, esposa? — ele perguntou, suas mãos vagando pelo corpo dela em movimentos lentos e requintados.

— Por favor — Aisley sussurrou e ergueu a cabeça para receber seu beijo.

— Bom dia, Marido — disse Aisley suavemente, enquanto se afastava da janela. Abrira as cortinas e, agora, afastava-as da cama, de modo que a pálida luz da manhã de Natal brilhasse, através da estreita abertura, sobre a forma adormecida do Cavaleiro Vermelho.

Aisley embriagou-se de seus traços como uma pessoa cuja garganta está seca. Sua figura fora um mistério obscuro para ela por tanto tempo que sabia que nunca se cansaria de olhar para ele. Cabelos grossos e escuros envolviam a glória de suas feições másculas: a mandíbula forte, o nariz reto e os lábios firmes curvados em repouso.

— Você abriu as janelas — disse ele.

Aisley sobressaltou-se com as palavras, pois, pensara que ele ainda dormia. Mas Piers era um cavaleiro em primeiro lugar, e os guerreiros não eram treinados para dormir pesadamente enquanto estavam à mercê dos outros.

— Como você sabe?

— Eu posso sentir a luz. Você estava me admirando de novo, esposa? — ele perguntou em seu tom seco. Abriu os olhos, e ela se assustou novamente pela riqueza de sua cor, quente e complacente.

— Sim — disse Aisley. — Eu juro que você é o homem mais bonito que já vi. — Ela suspirou com prazer enquanto os lábios dele se curvavam em

diversão. — Oh, Piers, você tem um sorriso maravilhoso. — Ela foi impedida de prosseguir por um braço forte que a puxou para baixo, fazendo-a cair sobre seu peito rígido, e por lábios quentes que assaltaram os dela.

Aisley sentiu a atração da magia de um homem que sabia bem como amar sua esposa, mas ela não podia sucumbir desta vez. Afastou-se, apoiando uma das mãos em um de seus ombros enormes.

— Devo me apressar, ou vou perder a missa da manhã — disse ela, afastando-se dos braços de seu marido e da cama.

— Missa? Como? Com que padre? — perguntou Piers, soando um pouco aborrecido por ter seu prazer adiado.

— É por isso que não posso me atrasar — disse Aisley, correndo pelo quarto. — Eu serei o padre.

— Vai vestir uma batina agora? — perguntou Piers ironicamente. Sentou-se na cama, revelando seu peito largo ao olhar ávido de Aisley.

Ela parou ante a visão.

— Adoraria ficar e amar você de novo à luz do dia, mas preciso ir — disse ela, com a voz pesada de decepção.

— Fale-me primeiro sobre sua nova vocação — pediu Piers. — Devo promovê-la ao bispado?

Aisley riu enquanto colocava o vestido.

— Não. Embora eu tenha pedido a um capelão para vir a Dunmurrow para ministrar a seu povo e aos moradores, ainda não recebi uma resposta. — Ela hesitou enquanto abotoava as mangas. — Você não se importa, não é, Piers?

Sua resposta foi algo entre um gemido e uma risada.

— Importaria se eu me opusesse? — ele perguntou.

Aisley mordeu o lábio.

— Se eles mandarem um padre, você não vai assustá-lo, vai? Nem atormentá-lo tanto até ser excomungado, não é? — Ela olhou para o marido cautelosamente, do outro lado quarto, mas ele estava sorrindo para ela. Cruzando seus braços fortes atrás do pescoço, ele balançou a cabeça. — Obrigado, Piers — disse Aisley enquanto calçava seus sapatos. Então, ela correu para a cama. — Por enquanto não temos ninguém para rezar a missa de Natal, por isso, vou fazer algumas orações na capela antes da festa.

— Ah — Piers grunhiu, ainda sorrindo. — Que bom que você não irá vestir a batina em caráter permanente; eu muito me importaria com o voto de celibato que acompanha esses deveres.

— Pare com essa conversa — Aisley advertiu, embora estivesse rindo. Completamente vestida, ela pulou para a cama, colocando-se ao lado do guerreiro glorioso com quem se casara. — Seu apelido não combina com você, meu senhor — disse ela suavemente enquanto estendia um dedo para tocar a dura extensão de seu peito. — Na verdade, você é um Cavaleiro Dourado, mesmo depois de tantos dias enclausurado.

Ele agarrou seu pulso rapidamente, fazendo-a perceber que suas reações não haviam sido retardadas pela cegueira.

— Vá logo embora, minha senhora, a não ser que você queira que eu tire as roupas que acabou de vestir.

Aisley suspirou.

— Você está certo. Devo ir, não só para a capela, mas para verificar as preparações para a festa. Vamos abrir as portas para os moradores e estamos preparados para alimentá-los. Não temos cabeça de javali, mas serviremos muitos bois, carne de veado, lebre e peixe, uma abundância de pratos para aguçar seu apetite, meu senhor — disse Aisley.

— Aisley — disse Piers num tom mais sério. — Eu não posso comparecer à sua festa. Você sabe disso, não sabe?

Ela hesitou, apenas por um momento de tristeza, embora soubesse que não deveria entristecer-se. Ambos estavam cientes de que, se sua cegueira fosse descoberta, não demoraria muito para que algum inimigo ganancioso tentasse tomar suas terras.

— Eu sei — disse ela. — Eu me juntarei a você mais tarde, mas imploro um presente para mim neste dia de Natal.

— E o que seria? — ele perguntou, baixando as sobrancelhas.

— Que passeie lá fora comigo — disse Aisley. Ela colocou um dedo nos lábios dele para deter sua resposta enquanto procurava convencê-lo. — Seríamos apenas nós dois. Você poderia usar um elmo, e nós poderíamos cavalgar por algum tempo. Quero que venha comigo procurar o veado branco.

— O veado branco? — perguntou Piers.

— Sim — disse Aisley. — Dizem que ver um veado branco no dia de Natal é um presságio de boa sorte.

Piers bufou.

— Nunca ouvi falar de tal talismã.

— Talvez seja um conto de família, Edith me contou quando eu era

pequena e todos os anos saí para tentar procurá-lo. — Embora não pudesse ver, Aisley sabia que seu marido sentia muito mais coisas do que era visível aos olhos, e ele provou isso. Ergueu a mão para passar os dedos pelos cabelos dela.

— Você está me dizendo que minha castelã, eficiente e organizada, minha esposa tão lógica, tem um coração romântico?

— Não — Aisley zombou, sentindo-se envergonhada de repente — É simplesmente uma tradição, só isso.

Piers riu, um som profundo e rico que a fez formigar até os dedos dos pés.

— Não é um crime, Aisley, ter o coração de uma mulher. — Ela abriu a boca para discutir, mas ele deslizou uma palma de mão pesada até onde seu coração latejava no peito, como se para provar que havia um ali, e a rápida reação de seu corpo a manteve calada. — Mas quanto à sua solicitação, não há mais nada que eu possa lhe dar de presente de Natal? — perguntou, com os dedos ainda sobre o peito dela.

Aisley respirou fundo.

— Não, não há nada que eu queira mais do que sair com você.

Ele deixou cair a mão e franziu a testa.

— É perigoso demais.

— Então, peça a Cecil para vir conosco e ficar a uma distância discreta. — Piers bufou, mas ela não desistiu. — Por favor? — Ela pegou uma de suas mãos e cobriu-a com a sua própria.

Ele franziu o cenho, sustentando um olhar verdadeiramente inquietante,

que transformou seus belos traços em um rosto severo, e Aisley pôde imaginar de onde surgira sua temível reputação. Ela não recuou, no entanto, mas cerrou os dedos firmemente.

— Mais tarde, quando seus convidados estiverem muito bêbados — ele respondeu brevemente.

— Oh, obrigada, Piers. Você não vai se arrepender. Teremos momentos maravilhosos, e talvez o vejamos este ano.

— Quem? — perguntou Piers, com um rosnado.

— O veado branco. — Então, ela depositou um beijo rápido em seus lábios e levantou-se da cama. — Eu preciso ir. Devo separar uma roupa para você?

— Não — Piers disse, ainda com a voz severa. — Apenas peça que Cecil venha até mim. E, pelo amor de Deus, feche as cortinas.



Capítulo Treze

Eles cavalgaram silenciosamente. Piers estava tenso e alerta para qualquer som, incluindo o trilhar de pássaros e seus movimentos. Até mesmo o suspiro contente de sua esposa não lhe trazia nenhuma facilidade, pois, já lamentava os problemas que aquele passeio poderia lhes trazer. Diante de sua calma aceitação perante a condição de seu marido, tornava difícil negar-lhe qualquer coisa, mas ele amaldiçoava sua fraqueza em conceder seus caprichos.

Depois de um tempo, ela começou a descrever o campo para ele: o brilho quando o sol incidia sobre uma poça, as formas dos galhos contra o céu, um rato enterrado sob um tronco. Como de costume, sua doce voz o acariciava e cortejava, mas logo ele percebeu o rangido das árvores e o farfalhar das folhas mortas.

Ele dominou o cavalo, fazendo-o parar.

— Estamos na floresta — disse ele, acusadoramente.

— Sim — disse Aisley. — Quero lhe mostrar uma coisa.

— Me mostrar? — ele perguntou sem sarcasmo.

— Eu queria levá-lo a um lugar especial, um belo local em sua própria região.

— Aisley — começou Piers, sufocando a emoção. — Não vamos para os bosques. — *Porque eu não posso te proteger.* Ele não falou a última frase em voz alta, não conseguiu proferir palavras que nunca pensara em dizer.

Sendo o filho bastardo de um conde, Piers aprendera muito cedo como cuidar de si mesmo e a lutar por si próprio. Provara-se capaz várias vezes, até que finalmente ganhara Dunmurrow.

Não era a mais próspera das terras, mas Piers ficaria bem satisfeito se não fosse a ironia de que quando finalmente conquistou o que lutou tanto para conseguir, ele não tinha mais os meios para mantê-lo. Oh, ele tinha Alan e seus homens alojados bem longe dele, raramente vendo seu senhor, mas em prontidão ainda. Mas sem eles, será que poderia realmente defender o que lhe pertencia?

Aquela pergunta o preocupava constantemente, mas nunca de forma tão pessoal ou tão feroz como agora. O valor dos campos, dos aldeões e de um velho exército não eram nada em comparação àquela mulher perfeita, aquele ser delicado mais precioso para ele do que tudo. E saber que não podia mantê-la segura o enchia de autoaversão.

— Há um lago — disse Aisley. A hesitação e a dor em sua voz deveriam

ter esfriado sua raiva, mas não aconteceu. Será que ela não percebia os perigos que existiam entre as árvores? Embora Cecil seguisse atrás com seis homens montados, a ameaça de salteadores e bestas selvagens aumentava seu próprio senso de deficiência de tal forma que ele quase conseguia provar a amargura em sua própria língua.

— Sim, eu sei — disse ele.

— Você conhece o lago e a cachoeira? — A voz de Aisley era tão doce quanto o som de uma harpa, e seu excitamento estava bem evidente. — Já esteve lá?

— Sim, já vi.

— Pensei que nunca tivesse visto suas terras — disse ela.

Piers resmungou.

— Ainda conseguia enxergar quando vim aqui pela primeira vez — disse ele, com mais rudeza do que gostaria. Suas possessões tinham perdido o brilho desde então, porque seria capaz de desistir de tudo só para ter sua vista restaurada. Mas não era culpa de Aisley, então, ele tentou suavizar suas palavras. Afinal, aquele era o presente de Natal pelo qual ela implorara.

— Era um local encantador quando visitei no verão. As folhas exuberantes e verdes em abundância em torno do lago. Eu me lavei nele, e a água estava limpa e clara.

— Eu sabia que deveria ser um lugar maravilhoso para se banhar — disse Aisley. — Venha. Não está longe.

Contrariando o seu melhor julgamento, Piers atendeu a seus desejos, deixando seu grande corcel guiar o seu caminho junto ao peregrino de sua

esposa, conforme entravam mais fundo na floresta.

— Chegamos — disse Aisley. Eles pararam, e Piers pôde ouvir o fluxo da água correndo sobre pedras e enchendo o lago. Ele podia imaginar a beleza, mas ele não queria. Ficou quieto e silencioso, recusando-se a compartilhar o prazer de sua esposa e ansioso para ir embora.

— Piers — a voz de Aisley, baixa e cheia de admiração, o arrastou de seu humor sombrio. — Eu o estou vendo!

— O quê? — perguntou ele, alarmado.

— O veado branco!

Piers bufou. Será que ela pensava que ele era uma criança pequena para se divertir com suas fantasias?

— Não zombe de mim — ela sussurrou. — Ele está parado na borda das árvores, todo branco; um grande fanfarrão com chifres gigantescos. Está olhando para nós.

Piers teria revirado os olhos se a ação não lhe causasse tanta dor. Por que sua esposa tinha decidido pregar-lhe uma peça? Esperta e dedicada, ele pensara que Aisley ficava mais feliz assumindo os deveres de uma casa do que aventurando-se em brincadeiras infantis, como algumas das mulheres da corte. Talvez ela suspeitasse que a perda da visão de seu marido tivesse afetado sua inteligência.

— Chega — grunhiu Piers. Em resposta, ele ouviu um movimento ao seu lado. Esforçou-se para ouvir enquanto Aisley ofegava.

— Vá para a esquerda, Piers! Ele está correndo em nossa direção!

Ele? O quê? De repente, os olhos cegos de Piers começaram a lhe

mostrar imagens de javalis selvagens, que eram comuns naquela época do ano. Pelo amor de Deus! Enquanto ele puxava a sua montaria para a esquerda, sua mão se aproximou da espada, mas não tinha certeza da posição de Aisley ou o que ela faria, então, temeu feri-la.

O som de cascos trovejando e passando por ele assaltou seus ouvidos, e, então, o cavalo de Aisley começou a resfolegar com medo e a chutar a terra. Ao mesmo tempo, Piers agarrou o cabo de sua espada, sentindo-se à deriva em um sonho horrível, cego e indefeso.

Então, seu pior pesadelo veio à tona. Aisley gritou e um barulho alto irrompeu enquanto sua montaria escapava. Quando os ruídos desapareceram, o que sobrou foi ainda mais assustador. A floresta estava completamente em silêncio.

— Aisley? — Piers sussurrou seu nome no silêncio, mas não recebeu resposta. Ou ela havia sido raptada rápida e silenciosamente por um cavaleiro solitário, ou estava no lago, incapaz de respondê-lo. Sua dor ao pensar nas possibilidades era física, e ele jogou a cabeça para trás, soltando um rugido de angústia que cortara o ar mais alto do que qualquer um de seus gritos de batalha. Piers sabia que seus guardas viriam, mas quanto tempo demorariam? Quanto tempo poderia Aisley sobreviver?

Sem hesitar, ele saiu de seu cavalo, arrancou seu elmo e seu manto, e circulou as ervas mortas na beira da água. Conhecia o lago e tentava formar uma ideia dele em sua mente, mas o cérebro que funcionara friamente através de inúmeras batalhas estava embaçado pelo medo. Ele gritou de novo, com medo e frustração, e amaldiçoou sua própria inutilidade. Então, um gorgulho de movimento na água chamou sua atenção e, com a esperança que era Aisley, e não algum animal, mergulhou.

Estava gelado. Piers emergiu por um momento, ofegante, mas forçou os pulmões a absorverem mais ar e voltou a mergulhar, nadando em direção ao ruído que o atraía. Voltou a emergir, soprando o ar com força, e depois tentou ouvir novamente. Mas não ouviu nada. Nesses segundos, tão breves quanto uma batida do coração, Piers rezou algumas orações mais profundas e humildes do que todas aquelas que proferira desde que se tornara cego.

A súplica parecia abafar um pouco do seu pânico, e ele disse a si mesmo que o lago não era tão grande, que ele teria tempo e que teria sucesso. O outro pensamento, a noção insidiosa, horrenda e sombria de uma vida sem Aisley, tocou em sua consciência, mas não pôde enfrentá-lo. Suspirando de forma lenta e profunda, Piers mergulhou bem fundo e começou a nadar, com os braços estendidos, naquele vazio frio, escuro e molhado, buscando algo que não fossem as plantas que lutavam contra ele, impedindo seu progresso.

Ele emergiu por tempo suficiente para tomar um gole no ar e voltou à sua busca, movendo-se o mais rápido que podia ao longo do espaço irregular, enquanto suas mãos tateavam as profundezas. Se ao menos pudesse ter certeza de que se mantinha no caminho certo, sem desviar-se, sem retroceder os passos já dados ou sem explorar a mesma área repetidamente.

Ele afastou uma massa de ervas daninhas e tropeçou, depois parou e se virou. Seria sua imaginação ou seus dedos tinham esbarrado contra algo liso, que poderia ser um membro frio? Desorientado, ele afastou a vegetação até que tocou a doce curva do corpo delgado de Aisley. Tonto pela falta de ar e pelo alívio, Piers agarrou o corpo de sua esposa e arrastou para fora da água.

Engolindo grandes golfadas de ar, ele nadou com fortes e seguras braçadas até a borda do lago. Lá, ele a levantou em seus braços e carregou para fora, tropeçando entre os juncos secos que ladeavam a área. Praguejando suavemente, Piers a segurava ainda mais apertado, pisando tão

cuidadosamente quanto podia até sentir terra firme sob seus pés mais uma vez.

O frio o assaltou, mas ele o ignorou, sua esposa jazia como algo sem vida em seus braços. E se todas as suas orações e esforços tivessem sido para nada, e tudo que lhe restaria fosse carregar o corpo dela, morto, até em casa?

— Não! — Piers gritou a palavra na escuridão de sua existência. Como se a sua força de vontade pudesse reanimá-la, colocou sua esposa em pé. Inclinando-a sobre um braço para apoiá-la, ele bateu em suas costas, tentando desesperadamente fazê-la colocar para fora o líquido que poderia ter engolido.

— Aisley, meu amor, por favor — ele sussurrou enquanto o pânico o atravessava. — Respire!

Quando Piers a ouviu começar a sufocar, cuspir e tossir, sentiu-se tão fraco quanto um bebê recém-nascido, e quando a ouviu falar, poderia ter chorado de alegria.

— Piers — ela ofegou, encostando-se em seu peito. Depois de um longo e doloroso minuto esforçando-se para recuperar o fôlego, ela finalmente conseguiu falar novamente. — O que aconteceu? Estou congelando!

Piers chegou a cambalear, tão dominado pela emoção que queria poder se jogar de joelhos no chão. Ao invés disso, ele a apertou com força contra ele, enviando seus agradecimentos como uma ladainha aos céus.

— Meu senhor! — Ao ouvir a voz de Cecil, Piers ergueu a cabeça. Embora parecesse que uma eternidade se passara desde que Aisley tinha desaparecido nas águas, ele sabia que, na realidade, muito pouco tempo tinha passado. Seus homens haviam chegado o mais rápido possível, e Piers não poderia culpá-los. Na verdade, eles nunca foram mais bem-vindos.

- Cecil! Entregue seu manto para minha senhora — Piers disse. Ele ouviu seu servo dar ordens aos membros da guarda, mandando-os para longe e, então, sentiu o pesado manto forrado de pele em suas mãos. — Ela vai montar comigo — disse ele. — E nunca mais vai montar aquele maldito pangaré.

— Foi o veado — Aisley protestou, enquanto seus dentes batiam. — O veado branco veio direto na minha direção, como se quisesse me fazer mal! Juro pela nossa Santa Mãe que nunca mais acreditarei nas histórias de Edith.

Piers sorriu para ela, contente por estar segurando uma mulher irritada ao invés daquela forma fria e magra que agarrara no lago. Viva e respirando, ela se parecia muito mais com sua esposa, e ele enviou louvores a Deus quando a conduziu até a montaria.

Com os braços vazios, Piers ficou de pé, sozinho por um momento, sentindo seu corpo agitado por tremores. Se era do frio ou simplesmente sua reação ao desastre que quase ocorrera, ele não sabia. Esfregando os braços para tentar aquecer-se, percebeu que, contra toda a lógica, ele tinha salvado sua esposa de se afogar, um feito que espantava até ele mesmo.

Gotejando e gelado até os ossos, ele piscou, de repente perplexo, pois, em meio a todo o descontrole que sentira durante o resgate, percebeu que algo estava diferente. Foi percebendo lentamente, como um segredo nascido no vento, muito inacreditável para ser facilmente discernido e muito milagroso para ser ignorado.

Pela primeira vez em meses, seus olhos não doíam.

— Um talismã, um presságio de boas-vindas — murmurou Aisley. — Que besteira!

Com um lento movimento de cabeça, Piers caminhou em direção à voz dela.

— Talvez seja verdade — ele sussurrou para si mesmo, maravilhado. — Ou talvez não.

Aisley se encolheu junto ao fogo na grande câmara, enquanto Cecil trazia água para encher a banheira de madeira e Piers tirava as roupas molhadas sem cerimônia. Quando a cuba estava cheia e fumegante, ele dispensou seu servo.

— Pode ir, Cecil. Minha esposa vai me ajudar.

Se ele pudesse vê-la agora, molhada, tremendo e esfolado como um rato afogado, provavelmente pensaria duas vezes, pensou Aisley pesarosamente. Olhou para ele e ficou espantada com a visão de seu marido em toda a sua glória diante do fogo.

Apesar de sua cegueira, Piers certamente não tinha modéstia em relação ao resto de seu corpo, uma grande obra de músculos fortes e duros nas formas mais viris possíveis, enquanto corajosamente descansava suas mãos nas laterais da banheira. A chama lançava um brilho carmesim em sua pele, e Aisley respirou fundo. Aqui e agora, ele realmente parecia o Cavaleiro Vermelho, grande e poderoso e mortal.

— Venha para a água, Aisley — disse ele. — Você precisa de ajuda com suas roupas molhadas?

— Não — respondeu ela, levantando-se, pois, mal podia imaginar convocar Edith para o covil do marido. Ela retirou seu vestido molhado e ouviu o respingar da água enquanto Piers entrava na água. Logo, todas as roupas dela estavam empilhadas num monte perto da lareira, e ela se via

totalmente nua com Piers a alguns centímetros de distância. De repente, Aisley sentiu-se quente, fria e tímida, haviam compartilhado intimidades muitas vezes, mas geralmente na escuridão.

Havia algo de erótico na luz quente que incidia na extensão molhada do peito do marido, nos ombros largos e nos cabelos brilhantes.

— Você quer que eu o banhe? — ela perguntou, com voz de repente rouca.

Piers sorriu.

— Eu mesmo posso fazê-lo, mas entre logo antes que congele até a morte.

— Você quer que eu me junte a você? — Aisley perguntou, lambendo seus lábios.

— Eu quero. Ficou tímida de repente, minha esposa? — ele perguntou ironicamente. — É a mesma mulher que, naquela noite, me forçou a ficar quieto enquanto me acariciava com as mãos e a boca? — Ele estendeu a mão para ela, com um sorriso largo e sensível.

Aisley não podia negar-lhe. Sentiu os dedos quentes de Piers se fecharem sobre os dela e entrou na banheira. Sentando-se em frente a ele, ela afundou até que a água lambeu seus ombros. Embora fosse de um tamanho considerável, a banheira de madeira não era grande o suficiente para que ambos se esticassem, então, Piers tinha levantado os joelhos, e Aisley estava totalmente consciente de suas pernas, também dobradas, roçando nas dele. Sentia-se tonta.

— Devo banhá-la primeiro? — perguntou Piers. A luz do fogo brilhava em seus olhos, e por um momento ela podia jurar que ele a enxergara. Ela se

lembrava bem deles daquela manhã, sombria e misteriosa. Aisley não conseguiu responder, mas não importava, ele se aproximou dela, ensaboando-a. Então, ele segurou seu tornozelo e levantou seu pé, lavando-a com as mãos quentes e molhadas.

Aisley observou-o, achando libertador o fato de ele não poder vê-la. Podia analisar todos os seus movimentos e vê-lo fechar os olhos com prazer enquanto a tocava. Ela sentiu o calor espiralado de sua carícia queimando-a dentro conforme seus dedos deslizavam ao longo de suas pernas e seus braços. Quando suas palmas, manchadas de sabão, se moveram sobre seus seios, ela gemeu em voz alta.

Ele se inclinou para mais perto e, pela primeira vez, Aisley realmente o viu colocando a boca nos seios dela, macio e reluzente. Pela primeira vez, ela viu os cabelos escuros de seu cabelo descansando contra sua pele enquanto ele a sugava, e ela gemeu suavemente ao ver, se contorcendo na água, desejando estar pronta para o ápice. Ele puxou mais forte, e ela ergueu os quadris, aliviada quando ele tocou a junção latejante de suas coxas.

Piers acariciou-a por debaixo d'água, enquanto sua língua tocava seus seios, provocando-lhe calafrios, e Aisley não pôde fazer nada além de choramingar enquanto se inclinava na direção dele. Quando seus dedos a penetraram, ela gritou de prazer, e ele estremeceu com o som, que combinava com sua própria libertação.

Colocando seus braços ao redor dele, Aisley pressionou seu rosto contra o pescoço molhado, espantada com o poder que ele exercia sobre ela, não para o mal ou efeito de uma bruxaria, mas de amor.

— Agora deixe-me banhá-lo, marido — ela disse, e Piers grunhiu seu consentimento, sentando-se de volta na banheira.

Aisley percebeu que o rosto dele estava tenso de desejo, mas ela tomou seu tempo, não se apressando em sua tarefa. Ficou maravilhada com a sensação do corpo sólido sob seus dedos ensaboados, seus músculos brilhantes e lisos, suas pernas duras. E foi exatamente ali, entre elas, que Aisley posicionou a mão, fechando-a com força, e ouviu-o rosnar de prazer . O som a incitava, e ela o viu inclinar a cabeça e fechar os olhos.

Ela se emocionou ao ver suas reações, demonstrando um prazer de intensidade assustadora. Aisley estremeceu, perguntando-se novamente se aquela paixão, completamente incontrolável, a dominaria. Então, de repente, seus olhos se abriram, e ele a agarrou pelos quadris, levantando-a e baixando-a sobre ele. A água salpicava o chão enquanto ele a movia, guiando-a em um ritmo que fazia seu sangue borbulhar. Aisley sentiu a força de suas pernas bem atrás dela enquanto ele levantava os joelhos.

— Maravilhosa. Está tão bom, Aisley — murmurou ele, enquanto suas mãos vagavam pela superfície lisa de sua pele, acariciando seus seios e apertando seus mamilos.

Quase com reverência, Aisley observava seu rosto, seus olhos fechados, suas feições ásperas, vivas de prazer.

— Beije-me, Aisley — ele exigiu, e ela selou sua boca com a dela. Seus lábios estavam inchados, e sua língua penetrou dentro de sua boca, ao mesmo tempo em que ele a penetrava. A água flutuava ao redor deles, enquanto a fricção escorregadia entre seus corpos espiralava, tornando-se uma cúpula insuportável.

Finalmente, Aisley afastou os lábios dos dele para gritar seu nome, estremecendo de forma quase dolorosa de tão intensa, enquanto as mãos de Piers agarraram seus quadris em um aperto esmagador. Ele a puxava para

baixo com força, encobrindo-a até o fundo e esvaziando sua semente dentro dela enquanto grunhia de prazer, um grito de triunfo feroz que ecoou na escuridão.

Aisley estava fraca e ofegante quando eles finalmente trocaram a água arrefecida pela cama, e ela se encolheu contra seu marido, que estava absolutamente sereno pela primeira vez desde que ela havia entrado no Castelo de Dunmurrow. Eu te amo, Piers, ela disse para si mesma e sorriu. Quem teria pensado que sua escolha para marido provaria ser tão certa?

Nunca sonhara em se apaixonar pelo Cavaleiro Vermelho, e certamente nunca imaginara as delícias que seriam encontradas em sua cama e banheira. Aisley corou ante a lembrança do amor de Piers. Naquela noite, ele fora positivamente exuberante, talvez porque ambos compreenderam o quão preciosa era a vida. Tendo chegado tão perto de se afogar, Aisley passara a apreciar sua existência mais plenamente e não conseguia pensar em melhor maneira de comemorá-la do que amando seu marido.

— Obrigada por me salvar — ela sussurrou.

Piers resmungou.

— Vale a pena salvá-la — ele disse enquanto apertava suas nádegas.

Aisley descansou a cabeça sobre o peito dele, contente ao ouvir suas palavras roucas. Embora não se dignasse a dizer, Aisley sabia que o Cavaleiro Vermelho, que ficara tão irritado ao ser forçado a casar, sentia algo por ela. Por que outro homem cego se jogaria em um lago no inverno? A simples ideia do perigo que ela lhe causou a fez estremecer.

— Você poderia ter se afogado ou congelado até a morte — disse ela.

— Acho que o mergulho me fez bem — disse Piers. Algo em seu tom a

fez levantar a cabeça para olhar para ele. Os lábios dele estavam suavemente curvados.

— Como? — Aisley perguntou. Ela esperava que ele a repreendesse por arrastá-los para o bosque. Piers provara estar certo sobre os perigos de sair do castelo, mas, ainda assim, não parecia irritado. Parecia, o que era muito estranho, bastante satisfeito.

— Pela primeira vez, desde a batalha, não sinto dor — disse ele. — Meus olhos não estão me incomodando. — Ele disse isto de forma suave, como se temesse as próprias palavras, e Aisley ofegou de surpresa. Alguma coisa o acalmava.

— Por quê? O que você acha que foi? O frio? — Aisley sentou-se e olhou para o marido de perto, como se seu rosto pudesse revelar uma pista. Mas a cama estava enegrecida na escuridão, e seus traços não lhe diziam nada. — Talvez a temperatura tenha amortecido a dor por um tempo — disse ela.

— Pensei a mesma coisa, mas cada centímetro de mim foi aquecido por aquele banho — observou Piers com veemência. — E eu ainda não sinto nenhum desconforto.

Aisley sorriu. Isso explicava muito o porquê de ele ter lhe dado ainda mais prazer naquela noite. Piers não estivera lutando contra a dor.

— Mas se não foi o frio — disse Aisley. — Deve ter sido a água. Você costuma lavá-los?

— Eu costumava, depois do que aconteceu, mas as várias soluções que me deram não serviram de nada — disse Piers. — A dor continuava.

— Mas isso foi há muito tempo — disse Aisley. — Se você estivesse com fragmentos de pedra em seus olhos, alguns poderiam estar tão

profundamente enterrados que levariam meses para se soltarem. A água provavelmente os afrouxara ainda mais, mas agora eles podem ter desaparecido. Talvez a sua visão volte! — Sua voz soou muito animada.

Ela sentiu o grande corpo de Piers estremecer ao lado dela, mas ele apertou o braço em volta dela, puxando-a para si.

— Cale-se — ele ordenou grosseiramente. — Eu não acredito em milagres.

— Não? — Aisley perguntou, recusando-se a sufocar sua excitação. — Você não acreditou no veado branco, e veja o que aconteceu. Ele apareceu e não causou nenhum mal me atirando ao lago.

Piers resmungou.

— Você é muito supersticiosa, esposa.

Talvez, pensou Aisley, mas lembrou-se da maneira como o animal a olhara, com olhos sábios, cheios de intenções, e sorriu. Havia algumas coisas nas quais valia a pena acreditar, e, no Natal, ela sabia, tudo era possível.

Aconteceu gradualmente.

Alguns dias depois da epifania, Piers começou a notar que algo estava diferente. Todas as manhãs, Aisley abria as persianas da grande câmara, quer ele quisesse ou não, e não se sentia dissuadida por encontrá-las fechadas quando retornava de suas tarefas.

Uma vez que ela continuava tão tolamente a dar tanto valor à sua aparência, sem se cansar de admirá-lo, e que geralmente era facilmente persuadida a voltar para a cama depois de simplesmente olhá-lo por alguns minutos, Piers não lhe negava nada. Assim que ela saía, no entanto, ele pedia a

Cecil que mergulhasse novamente o quarto na escuridão. Tinha um medo mórbido de que alguém pudesse vê-lo e descobrir seu segredo, traindo-o a seus inimigos e derrubando a fortaleza que criara em Dunmurrow. A escuridão o protegia.

Aquele era mais um dia como qualquer outro, exceto pelo fato de que, quando ouviu o rangido das persianas e sentiu o ar frio da janela, Piers tomou consciência de outra coisa: a luz. Ficou imóvel, estupefato pela estranha sensação, pela estranha mudança na escuridão na qual vinha sendo mantido há meses.

— Piers, preciso me apressar — disse Aisley, chamando sua atenção. — Estou montando a sala de tecelagem hoje. Talvez em breve todos nós tenhamos algumas roupas novas para nos manter aquecidos.

Piers resmungou.

— Eu prefiro você sem roupas — disse ele. Aisley riu, um som leve e musical que geralmente fazia seu coração bater mais forte, mas, naquela manhã, ele estava focado na luz abençoada. O que será que tinha causado isso?

— Ah, se eu pudesse demorar mais um pouco com você — Aisley sussurrou, e ele sentiu os dedos dela deslizando ao longo de seu peito.

Ele grunhiu novamente.

— Não me provoque, moça — ele a advertiu e deu um tapinha em suas costas. Ela riu, mas ele pôde ouvi-la se movendo pela câmara, vestindo-se para iniciar o dia.

— Hoje à noite, então, marido — prometeu, inclinando-se sobre ele, que foi envolvido por seu cheiro, almiscarado e convidativo.

— Talvez no jantar — disse ele, roubando um beijo cálido, antes que ela se afastasse. — Espero que sinta falta de meus beijos.

— Devo chamar Cecil? — ela perguntou do outro lado da câmara.

— Não. Posso chamá-lo quando precisar dele — disse Piers. Ele ouviu a porta se fechar atrás dela, e, pela primeira vez, ficou contente por sua partida. Embora sentisse sua falta com uma intensidade alarmante, naquela manhã ele queria que ela partisse, pois, ainda não estava pronto para compartilhar sua descoberta.

Ele nem sequer convocou Cecil, mas permaneceu onde estava, congelado, relutante em se mover. Suspeitava que a luz que enxergava era apenas uma coisa fugaz, uma nova faceta de sua doença destinada a provocá-lo. Será que o quarto escureceria novamente quando fechasse os olhos? Piers estava consciente de que seu coração aumentava o ritmo como se estivesse entrando em combate, mas ele estava mais temeroso naquele momento do que estivera em qualquer batalha.

Mas ele sabia que devia agir. Lenta e firmemente, fechou os olhos. Então, contou até dez e os abriu de novo, apenas para descobrir que não era sua imaginação. O mundo que fora preto por tanto tempo agora parecia mais leve.

Piers virou-se para a janela e o brilho que o encontrou encheu seus olhos d'água. Era uma mudança estranha, e por que será que estava acontecendo? Com um estremecimento, recostou-se nos travesseiros e fechou os olhos novamente, daquela vez com uma nova emoção e o florescimento da esperança.

Piers não disse nada à sua esposa naquele dia. Nem lhe contou, depois de outros, que podia ver sombras, formas acinzentadas. Certa noite, ele

ordenou a Cecil que acendesse velas na grande câmara, mas se Aisley achou estranho, não comentou. Presumivelmente, ela pensou que ele devia estar fazendo isso por ela, e Piers não alegou o contrário.

Como já havia acontecido tantas vezes no passado, ouviu seus passos e levantou a cabeça, procurando o som. Mas, daquela vez, lá estava ela: sua esposa.

Estava de pé ao lado da lareira, e Piers achou difícil manter sua postura enquanto a observava. Pela primeira vez em sua vida ele pôde ver o esboço de sua figura esguia diante do fogo. Um som profundo escapou de sua garganta, algo além de seu controle.

Aisley o interpretou como um ruído de necessidade, pois, ele ouviu sua bela voz provocando-o.

— Não quer esperar o jantar, Piers?

— Não — disse ele com voz rouca, enquanto seus pensamentos se voltavam facilmente para o suave calor entre suas pernas. — Quero possuí-la agora. — Ele a imaginou montando-o, com seu corpo iluminado pela chama, e ficou duro imediatamente. Piers a ouviu respirar fundo.

— Mas Cecil... — ela protestou.

— Que Cecil se dane. Os dois — disse Piers, incapaz de conter sua alegria. Então, ele se colocou de pé, movendo-se em direção a ela, que estremeceu quando ele a tomou em seus braços. Suas mãos se posicionaram em seus seios pequenos, sua boca reivindicou a dela, enquanto eles se deitavam juntos, no chão, sob o brilho dourado.



Capítulo Quatorze

Aisley estava no salão quando o mensageiro de Belvry chegou.

— É um jovem chamado Benedict, minha senhora — disse o guarda.

— Deixe-o entrar — disse Aisley, encantada com a perspectiva de receber notícias de sua antiga casa. Ela conhecia Benedict há muitos anos, e ele era assistente de seu administrador.

— Edith, traga cerveja e comida para o nosso convidado — disse Aisley. Ela deu uma olhada no salão, mas não encontrou nada de errado. Embora não fosse tão bonito quanto Belvry, era quente e confortável e não parecia mais sombrio, sendo assim, era uma satisfação receber o jovem.

Ela atravessou o salão para cumprimentá-lo, estendendo as mãos.

— Benedict, como é bom vê-lo de novo. — Ele tomou sua mãos estendidas, mas as dele estavam frias, e seu olhar a deixou desconfiada. Será que havia algo de errado em sua casa?

— Você parece bem, minha senhora — ele disse, e Aisley sorriu. Talvez a expressão estranha de Benedict não tivesse a ver com Belvry, mas Dunmurrow em si. Passara dias tão felizes desde o Natal que acabara esquecendo dos rumores negros que cercavam o Cavaleiro Vermelho e sua fortaleza.

— É amável de sua parte dizer isso — disse ela. — Eu estou bem. Por favor, sente-se. — Benedict pareceu relaxar quando uma caneca de cerveja e um prato de guisado foram colocados diante dele, ou talvez fosse a presença de Edith, cacarejando da maneira habitual, que deixava os homens à vontade.

Ou talvez ele só estivesse com fome, já que abocanhou a comida com entusiasmo, enquanto Aisley lhe contava as melhorias que fizera em Dunmurrow e perguntava pelos amigos que deixara para trás, em Belvry. Foi só quando ele empurrou o prato para o lado, limpos até a última migalha, que seus traços novamente ficaram sombrios, e Aisley soube que não era Dunmurrow, mas Belvry que o estava incomodando. Algo estava errado, algo que seu administrador, Matthew Brown, não confiara contar em uma carta.

— O que foi, Benedict? — ela perguntou. — Por que você veio até aqui?

— Minha senhora, receio ter notícias ruins para você. Lord Hexham tem criado muitos problemas em sua ausência. Ele disputa nossas fronteiras, assedia os aldeões e os proprietários livres, e tomou a mansão em Isenglade como sua.

Aisley ofegou.

— Como ele ousa?

Benedict balançou a cabeça.

— Ele é um homem sem lei, minha senhora, e cada dia que passa ele se torna mais ousado. Matthew espera que algum dia ele acabe atacando Belvry. — Seus pálidos olhos azuis pareciam impotentes, enquanto Aisley olhava para ele com horror. Então, ele pigarreou desconfortavelmente.

— Mais alguma coisa? — Aisley perguntou, com a voz engasgada.

O jovem olhou para suas mãos, que descansavam diante dele sobre a mesa.

— Hexham alega que seu casamento não é verdadeiro e que seu pai a prometeu a ele.

— Aquele maldito mentiroso!

— Sim, minha senhora — disse Benedict com uma triste inclinação de cabeça. — Ele diz que você lhe pertence por direito e que, portanto, Belvry também é dele.

A ira de Aisley se elevou rapidamente, e ela cerrou os punhos em frustração.

— Esse bastardo! O próprio Edward arranjou meu casamento. Como se atreve Hexham a contestá-lo? Precisamos falar com o rei. — Ela parou de falar quando viu um estranho brilho nos olhos azuis de Benedict. Hesitou, então, porque sabia o que o homem estava pensando, sem que ele nem precisasse falar. Por que deveria incomodar Edward quando estava casada com o mais temível cavaleiro da terra?

Aisley sentiu seus ombros caírem em derrota, sabia que seu marido cego

não poderia ajudá-la. Então, quem poderia? Precisava enviar uma mensagem ao rei, mas quando o encontrasse, será que ele se importaria com Belvry? Não havia nenhum sentimento positivo entre Edward e ela, e o rei certamente não aprovara sua escolha de marido.

Embora Edward não gostasse muito de Hexham, ele poderia prometer um braço forte a seu rei. O que ela tinha para oferecer? Nada. E Piers? Seus dias de luta tinham terminado, e suas terras não eram suficientemente ricas para comprar um favor real. Quanto seu triunfo do passado pesaria no equilíbrio? Aisley sentiu a garganta apertar de desespero, e engoliu em seco.

Era impensável que Hexham, seu arrogante e impiedoso vizinho, pudesse levar Belvry. Era impensável, mas muito provável. Aisley se levantou. Por mais desesperada que estivesse, não iria ceder.

— Venha, Benedict. Gostaria de contasse tudo isso ao meu marido, o barão Montmorency — disse ela. O alívio que o jovem sentia era palpável, embora Aisley não pudesse compartilhá-lo. Não espere que o feroz Cavaleiro Vermelho o ajude, pensou ela, mas não sentiu amargura. Ela amava seu marido e ficaria ao seu lado, mesmo que isso significasse a perda de tudo o que tinha conquistado.

Quando entraram na grande câmara, Aisley sentiu que Benedict ficara intimidado pelo ambiente escuro. Ela tentou se lembrar de quando o misterioso brilho vermelho da sala também a intimidou, e Piers, sentado entre as sombras e flanqueado por seus grandes cães, parecera-lhe ameaçador. Mas tudo que ela via agora era um paraíso cheio de calor e amor suficiente para afugentar qualquer deserto da escuridão.

— Meu senhor — disse Aisley. — Este é Benedict, de Belvry, meu administrador. Ele nos traz notícias que eu gostaria que você ouvisse.

— Sente-se — disse Piers, e Aisley fez um gesto para que jovem se dirigisse ao banco. Então, ela entrou na escuridão, ignorando os cachorros enormes, posicionando-se atrás de seu marido. Ela apoiou as mãos nos ombros enormes, e ele levantou um de seus braços para pegar sua mão, um gesto reconfortante que a fez querer chorar.

— Fale, Benedict — disse Piers. Ele ouviu silenciosamente enquanto o jovem repetia, num tom nervoso, o que dissera a Aisley. — E o que esse Hexham fala de mim, Benedict? — perguntou Piers.

Houve um silêncio mortal.

— Vá em frente, Benedict — insistiu Aisley. — Você pode falar livremente aqui.

Ela se perguntou qual seria a nova calúnia que Hexham andava contando sobre o Cavaleiro Vermelho, pois, o jovem parecia ter medo de responder. Finalmente, ele acenou com a cabeça, como se aceitando seu destino.

— Hexham diz que o Cavaleiro Vermelho deve estar morto e que Aisley se esconde aqui, atrás de uma sombra, mas que não escapará dele.

Aisley sentiu a raiva irromper através de seu marido, e, por um momento, ela temeu que ele pudesse explodir em seus pés em um de seus rompantes de raiva desenfreados. Mas ele permaneceu sentado, embora tenso sob seus dedos.

— Não é uma teoria interessante? — ele perguntou com ironia. Quando Benedict, que parecia estar tremendo, não respondeu, Piers falou novamente: — Nosso inimigo quer atacar Belvry ou Dunmurrow? — perguntou ele.

Aisley enxergou o olhar vazio de Benedict e sentiu-se consternada antes

que começasse a compreender.

— Entendo o seu ponto de vista, meu senhor — disse ela, então. — Talvez o covarde víbora tenha esperanças de atraí-lo e, em seguida, tomar Dunmurrow em sua ausência. Tal esquema lhe serviria muito bem.

— O que você acha que o homem quer mais, Belvry ou a minha esposa? — perguntou Piers.

Enquanto Aisley observava, Benedict parecia ponderar a pergunta. Seus olhos se moveram para a senhora, embora o rapaz provavelmente só enxergasse uma figura escura nas sombras. Então, ele finalmente falou com mais confiança.

— Hexham quer a minha senhora, não se engane, mas ele sempre cobiçou Belvry, terras mais prósperas do que as dele, com mais mão de obra. Ele já tomou uma mansão. Se quiser minha opinião, eu acho que ele não vai parar até ter tudo.

Aisley acompanhou Benedict para dizer adeus. O jovem parecia muito animado, tendo recebido instruções de Piers em relação às ameaças de Hexham. Era difícil não ter fé no Cavaleiro Vermelho, percebeu Aisley, mas quando Benedict se afastou, seu sorriso encorajador desapareceu e ela ficou lá fora, olhando para longe, sem vontade de voltar para seu marido.

Se ela chorasse pela perda de sua casa, isso só frustraria Piers, que estava desolado o suficiente com essa nova ameaça à sua masculinidade. Na verdade, Aisley não queria voltar para a grande câmara, pois, lembrava-se da última vez em que Piers se julgara menos que um homem, e ela estremeceu ao lembrar do que vira.

O crepúsculo finalmente a fez entrar, e, acreditando ser uma covarde, foi

enfrentar a raiva de Piers. Ficou surpresa ao encontrar velas acesas no quarto e Cecil servindo o jantar como de costume.

— Mandei chamar Alan — disse Piers quando entrou. — Vou consultar meu vassalo, mas tenho a intenção de dividir minhas forças. Talvez se Alan levar a maior parte dos homens para Belvry, uma demonstração de força possa fazer Hexham recuar.

Aisley suspirou de surpresa, e seus olhos voaram na direção do marido. Ele estava sentado à mesa, com seu corpo enorme e poderoso, parecendo tão inteligente e feroz como sua lenda dizia que era. Tinha a testa franzida, evidenciando seus pensamentos, e parecia absolutamente sério.

— Você quer desafiar Hexham? — ela perguntou.

— Não, mas não pretendo deixar que leve Belvry — disse Piers. Suas sobrancelhas baixaram, e ele inclinou a cabeça para o lado. — Você achou que eu não faria nada?

— Não! Claro que não — mentiu Aisley, nervosa. Deus sabia que ela não queria irritá-lo. — Mas você tem homens suficientes?

— Já que Benedict não pôde fornecer muitas informações sobre as forças de Hexham, não posso responder a essa pergunta ainda — disse Piers. — Eu certamente não tenho tantos quanto gostaria, mas Dunmurrow nunca recebeu nenhuma ameaça, então, não havia necessidade de mais.

Aisley sentiu a culpa se infiltrar em seus poros e correr através de seu sangue. Embora Piers não a acusasse de nada, ela sabia que era a culpada. Se não fosse por ela, sua casa não estaria em perigo. Se não fosse por ela, seria deixado ali, imperturbável. Aisley se virou e caminhou até o fogo.

— Talvez devêssemos deixá-lo vencer, Piers — disse ela suavemente.

— O quê? — Ele falou com espanto, como se pensasse que não a tinha ouvido direito.

Aisley pigarreou.

— Talvez devêssemos deixar Hexham ficar com Belvry. — Ela se virou, então, para encará-lo e viu consternação e fúria em sua expressão. — Belvry não significa nada para mim agora — explicou, embora isso não fosse inteiramente verdade. — Minha vida está aqui em Dunmurrow com você. — Ela esperou, com o corpo tenso, por sua resposta, mas sentindo-se relaxar quando viu a raiva abandonar seu rosto.

— Aisley, minha esposa. — Ele gesticulou para que ela se aproximasse. Ela o fez, e ele a puxou para seu colo, fechando seus braços musculosos firmemente ao redor dela. A força que ela demonstrara durante todo o dia ameaçava desaparecer, e Aisley desejava fazer nada mais do que chorar em seu peito, no conforto de seu abraço, por sua antiga casa, por sua culpa e por ele estar perdendo a paz de sua vida por causa dela.

— Se eu não fizer nada será pior — Piers sussurrou contra seu cabelo. — Mas se eu lhe mostrar que não seremos fracos, talvez ele recue.

Aisley sorriu diante de suas palavras, já que ele já entendia Hexham muito bem.

— Não tenha medo, Aisley. Só porque eles não estão acampados aqui não significa que não tenho homens. Eles seguem Alan agora — ele disse, com um tom de amargura em sua voz. — E Alan vai para onde eu mando. Ele levará isso adiante, levando consigo a lenda do Cavaleiro Vermelho, e talvez seja suficiente para desencorajar nossos inimigos.

Alan chegou alguns dias mais tarde com todos os homens do exército de

Piers. E quando Aisley os viu, acampados além das paredes e aglomerados no pátio, ela se sentiu animada pela primeira vez desde que a notícia da traição de Hexham a alcançara. Certamente, aquele número de homens bastaria para fazer o inimigo mudar de ideia, pois, Aisley sabia que, apesar de sua vanglória, seu vizinho era um covarde.

Piers e seu vassalo passaram a tarde fechados juntos, presumivelmente planejando sua estratégia, enquanto Aisley se assegurava de que todos os corpos extras fossem alimentados. No momento em que Cecil veio buscá-la para o jantar, ela perdeu a noção do tempo, e a refeição já estava pronta quando entrou na grande câmara.

— Boa noite, meu senhor — disse Aisley, notando com aprovação o brilho quente da luz das velas. Foi um alívio poder enxergar a comida. E lá estava o vassalo de Piers, parecendo cansado da viagem, ao lado de seu marido. — Alan, que prazer vê-lo de novo — disse ela.

— Minha senhora. — Caminhando na direção dela, Alan tomou-lhe ambas as mãos e balançou a cabeça. — Não me parece possível, mas você ficou ainda mais bela na minha ausência.

— Obrigada — disse Aisley com um sorriso, mas ela rapidamente soltou as mãos. — E você se tornou mais eloquente.

Alan riu, enquanto Aisley, consciente do ciúme de Piers, rapidamente se posicionou ao lado do marido. Ele deslizou um braço ao redor dela, puxando-a para ainda mais perto em um gesto possessivo.

Alan não parecia nem um pouco surpreso com o comportamento de Piers. Ele simplesmente sorriu ainda mais.

— Suponho que vocês dois tenham se entendido. Está tudo a céu aberto

agora? — perguntou, sentando-se à mesa.

— O quê? — disse Piers, um pouco irritado.

— Seu casamento — disse Alan. — Estava claro o suficiente para todos que era um caso de amor. O que foi toda aquela baboseira de antes? Eu não pude deixar de rir quando os dois afirmaram serem estranhos um para o outro e que o casamento fora organizado por Edward. Por que tanto sigilo?

Quando Piers e Aisley olharam para ele sem entender, Alan balançou a cabeça.

— Algum dia, quando vocês me contarem toda a história, vou descobrir que tem algo a ver com este bastardo do Hexham, sem dúvida — ele disse, partindo um grande pedaço de pão. Segurando-o, Alan apertou os dois pedaços, um em cada mão. — Vocês não conseguiram me enganar — ele repreendeu com uma risada. — Eu sabia que nenhuma mulher em seu juízo perfeito escolheria alguém com a reputação de Montmorency, a menos que o conhecesse bem. — Aisley olhou para Alan, aturdida por um momento, então, enterrou seu rosto no pescoço de Piers, rindo incontrolavelmente, enquanto o som de sua risada crescente preenchia a sala.

No dia seguinte, Aisley estava preparando alimentos para o exército do Cavaleiro Vermelho quando Edith correu até ela, com seu rosto redondo pálido. Acostumada a ver sua criada feliz nos últimos dias, Aisley ficou surpresa com a angústia tão claramente gravada em seu rosto.

— O que foi, Edith? — perguntou ela.

— Oh, minha senhora, é Willie — disse ela, juntando as mãos. — Ele foi chamado de volta para se juntar às forças de Alan.

— Bem, ele é um soldado — disse Aisley.

— Mas já não é mais um jovem, minha senhora!

— Foi a vida que ele escolheu — disse Aisley, ignorando os argumentos de Edith. Então, fez uma pausa para imaginar como se sentiria se fosse Piers liderando os homens em vez de Alan.

Aisley sabia que ela ficaria orgulhosa do marido, mas uma desconfortável sensação de dor formou-se em seu estômago ao pensar em seu marido partindo para a batalha para talvez nunca mais voltar. Ela olhou para Edith.

— Talvez possamos persuadir Alan a deixar que Willie permaneça como um membro da guarda aqui — sugeriu ela. Sabia que Piers planejava dividir suas forças, deixando alguns homens para proteger Dunmurrow.

— Não, minha senhora — disse Edith, retorcendo as mãos. — Ele não vai fazer isso. O tolo teimoso quer ir lutar!

Perdida por palavras, Aisley olhou para sua criada sem poder ajudá-la. O que ela faria se fosse Piers decidido a partir? Ela respirou fundo.

— Talvez você devesse dizer a Willie como você se sente, como está preocupada e implorar que fique aqui com você.

O rosto de Edith corou.

— Nunca supliquei a um homem por nada, minha senhora, e não pretendo começar agora — disse ela com altivez. Então, se afastou, praguejando em voz baixa.

Aparentemente, a criada mudou de ideia, pois, mais tarde naquele dia, Edith voltou a aparecer diante de sua patroa. Daquela vez, estava sorrindo presunçosamente, enquanto Willie, pendurado ao seu lado, tocava o cinto

nervosamente. — Queremos nos casar, minha senhora — disse Edith.

— Edith, que maravilha! — Aisley disse com um sorriso. Mas este desapareceu assim que percebeu que não havia uma sacerdote para realizar a cerimônia. — Mas como?

Decidiu-se, depois de levar o caso ao próprio Piers, que Edith iria com os soldados de volta para Belvry, onde o capelão poderia oficializar a união. Na viagem, Edith seria escoltada não só por sua própria guarda, mas por dezenas de outros, então, ela seria bem protegida.

A possibilidade de que eles pudessem se encontrar com o exército de Hexham no caminho pouco fez para abafar o espírito de Edith, ela estava ansiosa demais para se casar. Aisley sorriu, espantada com a mulher que tinha chorado de medo do Cavaleiro Vermelho, mas que agora marchava em direção à batalha com toda a coragem. Com um suspiro, ela pediu que sua criada fosse fazer as malas.

Aisley não viu Edith novamente até que a mulher veio para atendê-la antes do jantar.

— Posso trançar seu cabelo, minha senhora? — perguntou Edith. Parecia constrangida, e Aisley sabia que ela estava ali para dizer adeus, já que Alan partiria com os homens no dia seguinte.

— Não, obrigada, Edith — disse Aisley. Sabia que Piers gostava de seu cabelo solto. — Mas você pode escová-lo para mim. — Edith sorriu, como se estivesse contente por ter uma tarefa para manter suas mãos ocupadas, e ela pegou a escova, puxando-a suavemente através de longas madeixas de Aisley.

— Quero agradecê-la, minha senhora, por fazer todos os arranjos para que eu possa ir até Belvry — disse Edith.

— De nada, Edith. Fico feliz em ajudá-la, e se você e Willie quiserem ficar em Belvry, tenho certeza de que Matthew poderá encontrar algo para vocês dois fazerem por lá — disse Aisley.

— Oh, não, minha senhora — protestou Edith, erguendo os braços bruscamente. — Eu nunca iria abandoná-la aqui. — Por um momento ela pareceu estar tão horrorizada com Dunmurrow como costumava ser antes.

Aisley riu.

— Eu lhe asseguro que vou ficar bem. Estamos conseguindo mais empregados todos os dias. Tenho certeza de que posso encontrar alguém para me atender.

Edith pareceu irritada.

— Bem, nós voltaremos, e, além disso, trarei alguns de nossos próprios criados para cá.

Aisley virou-se para encontrar o olhar de Edith.

— Só se eles estiverem dispostos a se mudar. Não quero que ninguém seja infeliz aqui — disse ela.

Edith teve a graça de parecer culpada e depois assentiu. Voltando a manejar a escova, disse:

— Minha senhora, receio que tenha lhe passado informações erradas, embora não tenha sido minha culpa. — O tom estranho de sua voz fez com que Aisley erguesse os olhos na direção de sua criada. O que seria agora?

Edith fez uma pausa para respirar fundo.

— Em sua noite de núpcias, minha senhora, eu lhe falei algumas coisas

que, desde então, descobri não serem totalmente verdadeiras.

— Oh? E quais seriam? — Aisley perguntou, tentando não sorrir.

— O ato matrimonial, minha senhora. Eu lhe disse que era breve e doloroso, mas nem sempre precisa ser — disse Edith com firmeza. — Na verdade, pode ser bastante agradável e demorado.

Aisley precisou cerrar os dentes para não rir. Quando finalmente conseguiu falar, disse:

— Está tudo bem, Edith, porque descobri isso por mim mesma.

— Você, minha senhora? — Edith perguntou, cheia de surpresa na voz. Ela parou a tarefa e segurou a escova no ar, com um olhar assustado em seu rosto. — Você quer dizer que o Cavaleiro Vermelho...

— Quero dizer — disse Aisley, incapaz de conter um sorriso perverso — que a reputação do Cavaleiro Vermelho não chega nem perto de suas habilidades na cama.

Quando Piers acordou, a escuridão o encontrou e, por um momento, ele se viu novamente preso ao inferno escuro no qual tinha vivido durante tantos meses. Então, a sua memória voltou, e ele soube que se tratava apenas do cortinado ao redor de sua cama. Na verdade, sua visão estava ficando cada vez mais forte, embora ele se recusasse a afirmar que estava retornando, temendo esperanças frustradas.

Todas as manhãs, não esperava nada mais do que havia recebido no dia anterior, apenas que a escuridão absoluta não retornasse. Mesmo com Aisley ao seu lado, duvidava que pudesse suportar enfrentar aquele inferno de novo.

Aisley. Ela se moveu ao lado dele, e ele ergueu uma longa mecha de

cabelo em suas mãos, deixando-a cair por entre seus dedos. Seu cabelo era tão suave, tão fino. Como prata, foi o que lhe disseram. Piers tentou imaginá-lo, loiro-branco, brilhando ao sol. Embora agora visse algumas cores, a tonalidade do cabelo de sua esposa ainda lhe escapava, e quando ele tentava imaginá-la, como fizera tantas vezes, sua imagem se recusava a tomar forma.

— Hmm. Bom dia, Marido. — ela disse suavemente, e ele sorriu. Como aquela mulher conseguia despertar tão facilmente, enquanto sua própria cabeça parecia enevoada? Com um leve beijo em sua testa, ela passou por cima dele, despertando sua ereção quando uma coxa sedosa deslizou por sua pele.

— Volte aqui, moça — ele rosnou, mas as cortinas da cama já estavam se abrindo. Ele fechou os olhos com um doce prazer, sem pressa em deixar o calor da cama. Como ele gostava de acordar com ela, compartilhar esse tempo juntos até que as responsabilidades do dia começavam, e ele era deixado sozinho para enfrentar seu longo isolamento em frustração, enquanto ela trabalhava. Piers ouviu o rangido das persianas e o suave suspiro de sua esposa.

— Está um dia lindo, Piers — disse ela. Sua voz, tão musical como uma cachoeira, viajava até ele, fazendo-o abrir os olhos e virar-se para ela. Era uma manhã como qualquer outra de seu passado, mas, naquele instante, ele pensou que seu próprio coração iria parar de bater em seu peito. Este trovejou e depois se acalmou quando ele olhou para a janela, e viu, sem compreender o que acontecia, algo diante dele.

Era a sua esposa.

Diante dele não havia uma sombra ou um brilho indistinto de cor, mas Aisley. Ela era a primeira visão que seus olhos encontravam em muito tempo, e ele não podia acreditar no que via. Piers já imaginava que ela era adorável.

Tinha ouvido outros se maravilharem com seus encantos, mas, ainda assim, estava impressionado. Nenhum de seus sonhos jamais se aproximara do que via. Aisley era tão penetrantemente bela que chegou a lhe tirar o fôlego.

Ela estava olhando para fora da fenda estreita, com a luz matinal brilhando em seu rosto, iluminando suas feições delicadas, finas, brilhantes e cheias de vida. Seu cabelo era tão pálido que parecia branco, mas tão lustroso que parecia refletir a manhã, enquanto caía em uma longa massa reta até a cintura.

Estava nua. Em seu espanto, Piers mal tinha notado isso, mas agora reparava, observando sua pele luminosa e seus seios, pequenos, mas firmes, seus mamilos minúsculos eriçados pelo ar frio. Sua cintura era esguia, as pernas esticadas e bem formadas, e tudo isso fez sua virilha imediatamente doer. Mas ele ignorou. Por mais que a desejasse, Piers não queria quebrar o feitiço que o prendia, por medo de que ela desaparecesse num borrão de cores, para nunca mais ser vista claramente.

Sua atenção retornou ao seu rosto, sua beleza tranquila quebrando seu coração enquanto ela olhava pela janela. Por um longo momento, ficou assim, sem respirar enquanto a observava, bebendo a imagem de sua esposa. Com quase dolorosa claridade, Piers soube que se lembraria desse momento pelo resto de seus dias.

Aisley! Queria gritar seu nome. E, de repente, foi como se tudo o que ele sentisse por ela despertasse e crescesse até que mal pudesse contê-lo. Tudo o que ele tinha contido, diminuído e escondido por causa de sua cegueira, agora ameaçava explodir para fora de seu corpo. Era como uma represa quebrando, a água bloqueada subindo através de suas barreiras, e Piers estremeceu com o esforço que fazia para contê-lo.

Talvez ele tivesse emitido algum som, pois, ela virou o rosto para ele, e ele pôde ver seus olhos, brilhantes e claros como prata recém forjada. E seus lábios eram os mais suaves, rosados e deliciosos, assim como o resto dela, mas capazes de incendiá-lo com apenas um toque.

— Piers? — ela perguntou, com as sobrancelhas delicadas unidas. — O que houve?

Ele não conseguia falar. Emitiu apenas um barulho, que fez com que ela se colocasse ao seu lado em um momento, inclinando-se sobre ele na cama. Ela olhou para ele atentamente, com uma preocupação nublando suas feições, mas ele não conseguia fazer nada a não ser olhar para ela, incapaz de afastar o olhar de suas feições tão inteligentes, tão amorosas. Ele quase podia enxergar seu coração. Enxergar…

— Piers! — ela soluçou. Ele nem sabia que ela chorava, mas as lágrimas escorriam por suas bochechas, silenciosas, enquanto ela cravava os dedos em seus braços. Ela sabia o que estava acontecendo, ele percebeu, e, ainda assim, ele não podia responder. — Piers! — Ela tentou sacudi-lo, mas seus fracos esforços, contra o corpo pesado, arrancaram um sorriso dele.

— Aquiete-se. Não é motivo de choro, mas, sim, de regozijo, esposa — disse ele com a voz rouca. Ele tinha quase medo de tocá-la; medo de desencadear as emoções que vinha contendo dentro de si mesmo.

Durante toda a sua vida ele lutou para manter-se sob controle, e vinha conseguindo muito bem até que ficou cego. Então, ficou perdido, furioso, por conta de sua situação. No entanto, Aisley amenizara sua fúria, enchendo-o de sentimentos que nunca sonhara ter, e eram tão fortes que ele não podia mais contê-los.

Piers ergueu a mão para tocar em sua face, adorável e sedosa.

— Aisley. — ele gemeu. — Aisley. — Tudo o que ele mantinha dentro de si explodiu quando ele gritou seu nome. Ele a deitou na cama, debaixo de seu corpo, e encontrou sua boca com uma urgência que não podia ser negada. Suas mãos se moveram sobre a pele pálida grosseira, possessivamente, enquanto forçava a língua em sua boca. Ela não reclamou, mas o retribuiu ansiosamente, e ele rosnou com a força de sua paixão desencadeada.

Ele agarrou seus seios, levantando-os para a boca, e chupou-os com força, longamente, incapaz de parar. Podia ouvi-la ofegar baixinho e sabia que não estava sendo gentil, mas não podia evitar. Ela abriu as pernas para recebê-lo.

— Aisley. — ele gemeu como um pedido de desculpas, enquanto levantava a cabeça, mas ela se arqueou para encontrá-lo, aproveitando a investida enquanto ele a preenchia até o fundo. Ele apertou suas nádegas, tentando mantê-la mais próximo, penetrá-la mais fundo, e ele deixou escapar um som compulsivo quando ela entrelaçou as pernas em torno dele, ajudando-o, buscando-o.

Piers olhou para ela, então, com aqueles cabelos prateados espalhados sobre o travesseiro, o rosto delicado ruborizado, os olhos fechados, os lábios entreabertos, respirando de forma superficial.

— Aisley — ele rosnou baixo. Tomou sua boca em um beijo selvagem, tentando libertar tudo o que havia dentro dele. Então, começou a se mover sem pensar, mais forte, mais rápido, apenas vagamente consciente de que sua esposa estava mordendo seus ombros e que suas unhas estavam ferindo sua pele.

Uma desesperadora onda de convulsões, enquanto ela o apertava com força e gritava o nome dele, fez Piers cravar os dedos em sua carne, atraindo-a

para ele para um impulso final que deixou seu corpo estremecendo infinitamente.

— Aisley.

Quando conseguiu pensar de novo, Piers rolou para o lado, levando-a com ele, passando as mãos por suas costas, tentando amenizar os machucados que sabia que tinha lhe causado. Enquanto o trovejar de seu coração se abrandava, ele beijou a testa da esposa com ternura, e ela ergueu o olhar para ele, com seus belos olhos prateados nadando em amor e lágrimas de alegria.

— Eu sempre temi que sua paixão, se desencadeada, me dominasse — ela sussurrou.

Piers congelou, suas mãos enredadas no cabelo prateado e o olhar fixo ao dela.

— E? — ele perguntou, encontrando sua voz com muito esforço.

— E, como todos os meus outros medos relacionados você, era completamente infundado — disse Aisley, sorrindo. — Quando foi que sua visão voltou?

— Aconteceu gradualmente — ele disse, enfiando os dedos nas mechas dela.

— Por que não me contou?

— Eu não queria aumentar suas esperanças ou as minhas — disse ele. — Temia que isso não durasse, que qualquer dia eu acordasse novamente mergulhado na escuridão.

— O quê? O Cavaleiro Vermelho com medo? — Aisley perguntou, enquanto um sorriso vacilava em seu lindo rosto. — Não acredito.

Acredite, pensou Piers, mas não disse nada em voz alta. Na verdade, não se julgava capaz de falar mais nada. Olhava nos olhos prateados de sua esposa, inundados por lágrimas, e, com um gemido, puxou o rosto dela contra seu peito, incapaz de olhá-la. Se o fizesse, temia começar a chorar como um bebê.



Capítulo Quinze

— Piers! Venha — disse Aisley de repente. — Levante-se! — Ela saiu da cama, segurou seu braço com ambas as mãos, e tentou em vão arrastá-lo de sua posição. Era como tentar mover um carvalho gigante, firmemente enraizado. — Você não pode me negar mais.

Quando Piers olhou para ela com ceticismo, ela disse:

— Você não entende? Podemos sair desta câmara juntos! Nós estamos livres, Piers! — Soltando o braço dele para que pudesse se vestir, Aisley quase tropeçou nos cães, que, sentindo sua excitação, começaram a cheirar suas pernas. Empurrando-os para o lado, ela pôs seu vestido rapidamente, porque estava com pressa para mostrar ao povo de Dunmurrow que seu senhor não era um demônio, mas o homem mais bonito na terra.

Aisley abriu a cômoda do marido, procurando por algo apropriado para a ocasião, e encontrou um sobretudo vermelho-sangue. Era bonito, ela pensou, e com a coloração de Piers, faria dele um espetáculo para contemplar. Ela o segurou, decidindo que era a roupa perfeita para o retorno do Cavaleiro Vermelho ao mundo.

— Vista isso — disse ela. — Quero te exibir. — Ela se sentou sobre seus calcanhares. — Ah, se Edith estivesse aqui! Ela estava sempre me enchendo com histórias absurdas, até que cheguei a suspeitar que você tinha duas cabeças e garras no lugar de pés. Gostaria que ela pudesse te ver agora.

A resposta de Piers foi um resfolegar, mas ele se levantou da cama. E quando ele se colocou diante dela em toda sua elegância, Aisley quase desmaiou. Ele parecia resplandecente com aquele carmesim sobre uma macia túnica amarela, com um pesado cinto tão escuro e polido quanto seus cabelos. Com admiração, Aisley ergueu a mão até a cabeça dele.

— Seu cabelo é lindo — murmurou ela.

Ele riu e segurou uma das longas tranças que ela usava em suas mãos.

— O seu é que é, minha esposa. Embora eu tenha tentado imaginá-lo muitas vezes, jamais chegaria perto. Fico feliz por poder vê-lo — disse ele com voz rouca. Ele esfregou os fios contra seus lábios, com os olhos fixos em Aisley, e ela sentiu uma onda de calor se espalhar por seu corpo, que deixou seus joelhos fracos.

O Cavaleiro Vermelho só podia ser um feiticeiro, e tecia seu feitiço com sua voz, e agora, também com seus olhos. Ela respirou fundo e sorriu.

— Venha, antes que sua mente se volte para outras coisas — ela brincou.

Aisley sentiu como se não conseguisse respirar até que eles deixaram a

grande câmara e caminharam pela escada escura em espiral até chegarem ao salão.

Se ela esperava causar uma impressão surpreendente na primeira pessoa que encontrou, ficou desapontada, pois, foi Cecil quem os viu inicialmente, e sua expressão séria permaneceu inalterada.

— É bom vê-lo, meu senhor — disse ele, sem se surpreender com a visão, e depois seguiu seu caminho.

A súbita aparição do barão provocou uma reação mais intensa em Glenna, que entrou da cozinha, carregando uma bandeja cheia de xícaras.

— Glenna, meu senhor se juntará a nós para o jantar hoje — Aisley disse, feliz. A cozinheira deu uma olhada no Cavaleiro Vermelho e deixou cair o prato no chão. — Oh, deixe-me ajudá-la — disse Aisley, correndo para o lado da mulher. Assim que recolheram as taças, Aisley lançou um olhar malicioso ao marido e, incapaz de conter seu entusiasmo, baixou a voz para que apenas Glenna pudesse ouvi-la. — Bem, o que você acha? Ele não é bonito?

Glenna virou os grandes olhos castanhos, que sustentavam uma expressão atordoada, em direção a Aisley, depois de volta a Piers.

— Bem, uh, minha senhora, ele parece um pouco feroz.

— Feroz? — Aisley girou nos calcanhares para olhar novamente para o marido. Ele era enorme, é claro, mais alto do que qualquer homem que ela já conhecera, e seus músculos estavam evidentes sob a linha esticada de suas roupas. Estava de pé com as mãos nos quadris, observando as mudanças em seu salão. Sua generosa boca fechada em uma linha firme, e suas sobrancelhas franzidas demonstrando concentração. A cicatriz que corria de seu olho era

aparente. Mas feroz? Piers era muito bonito para parecer ameaçador. Contendo sua admiração, Aisley soltou um suspiro de puro contentamento antes de reparar que Glenna olhava para ela com admiração.

Era óbvio para a criada que a esposa de Montmorency estava cega pelo amor, e não demorou muito para que a notícia trilhasse seu caminho por todo o castelo, chegando até a aldeia. O feroz Cavaleiro Vermelho saíra de seu quarto, domesticado por sua bela esposa, que, por sua vez, suspirava sonhadoramente por ele.

Com o retorno da visão de Piers, o mundo de Aisley assumiu um brilho perfeito, como uma joia requintada que brilhava cada dia com novas facetas. Ele caminhava, montava e conversava com ela, comia no grande salão, visitava a aldeia e concedia todos os seus caprichos, embora, na verdade, ele parecesse desfrutar daquelas excursões tanto quanto ela.

À noite, jogavam xadrez na grande câmara, iluminados pelo suave brilho das velas, enquanto os cães descansavam a seus pés. E faziam amor. Tendo ele superado seu medo de se entregar, Aisley abraçou a emoção que vinha de Piers como uma maré. Ela tinha razão, é claro. Quando desatada, a força de sua paixão era avassaladora, mas ela correspondia plenamente, embora nunca tivesse sonhado que fosse possível.

As semanas passaram cheias de dias idílicos, e gradualmente o tempo mudou, anunciando a primavera seguinte. Piers começou a trabalhar com seus homens novamente no pátio e fora dos muros, treinando-os e aprimorando suas habilidades. Embora Aisley, às vezes, assistisse admirada enquanto o Cavaleiro Vermelho manejava uma espada pesada, com seu enorme corpo gracioso e mortal, seus músculos duros e inchados, cada vez mais se sentia maravilhada com a cena.

Infelizmente havia um inconveniente para o milagre que acontecera. Com Piers capacitado para lutar, Aisley não podia suportar a ideia de vê-lo entrando em batalha. Hexham era o único pedaço de escuridão na alegria nua de suas horas.

Até agora, Piers se contentara em permanecer em Dunmurrow, pois, tudo estava quieto em Belvry. Alan e seus homens estavam confortavelmente instalados lá e não tinham visto nada do barão traiçoeiro. Edith e Willie também permaneciam lá, felizes. Parecia, pelo menos por enquanto, que Piers tinha razão. Uma demonstração de poder fizera Hexham voltar correndo de volta para o seu próprio lar. Mas como uma víbora em seu ninho, será que ele estava prestes a atacar, talvez com a chegada da nova estação?

Aisley foi assaltada por dúvidas e pela horrível sensação de que os dias e noites que compartilhava com o Cavaleiro Vermelho estavam contados.

Ela estava na leiteria, classificando ervas e preparando um tônico para um dos criados, quando Kendrick lhe deu a notícia. Um grupo de soldados tinha acabado de chegar de sua antiga casa, e seu líder estava se encontrando com o barão naquele momento. Kendrick estava animado, de uma forma que somente os homens jovens podem ficar ao falar de cavaleiros e batalhas, mas o coração de Aisley afundou no peito.

O momento que tanto temia havia chegado, então, ela permaneceu onde estava, terminando lentamente seu trabalho, guardando seus materiais e enxugando as mãos com cuidado antes de ir para a grande câmara, para ouvir um relatório que só poderia ser muito ruim.

Quando Aisley entrou na câmara, ela notou as mudanças que haviam sido feitas desde que estivera ali pela primeira vez, intimidada pelo Cavaleiro Vermelho. Embora o cômodo ainda brilhasse, porque as paredes tinham um

tom de vermelho, não havia mais escuridão para esconder o senhor de Dunmurrow. As persianas estavam abertas, deixando entrar uma boa quantidade de luz, que recaía sobre a mesa onde Piers estava sentado com um soldado.

Assim que notou sua presença, Piers acenou com a cabeça para o homem em despedida, e o estranho levantou-se para sair. Embora seus pés parecessem chumbo, Aisley caminhou até onde seu marido estava sentado, e quando ouviu o rangido da porta se fechando, ergueu os olhos para olhar para ele. Estava sombrio, como ela esperava, o que a fez respirar fundo.

— Hexham me emitiu um desafio direto — disse ele. — Não posso recusar.

Ela ergueu o queixo e balançou a cabeça em aceitação.

— Quando você vai partir? — perguntou ela, surpresa pela firmeza de sua voz.

— O mais cedo possível. Um dia ou dois, não mais do que isso — Piers respondeu. Aisley podia ver a tristeza em seu rosto, e ela desviou o olhar, caminhando em direção à janela, fechando os olhos firmemente pela dor de partida. Tão acostumada estava a dirigir-se pela câmara escura que, mesmo sem olhar, encontrou o caminho. Então, abriu os olhos para olhar para as terras de Dunmurrow, frescas com os primeiros sinais da primavera.

Aisley ouviu passos e soube que ele estava parado atrás dela, seu grande corpo irradiando calor para suas costas.

— Você se lembra de quando eu visitei a curandeira da aldeia? — ela perguntou.

— Sim. — A resposta de Piers foi rude, e ele não fez nenhum

movimento para tocá-la.

— Eu pensei que você tinha colocado um feitiço em mim — Aisley disse suavemente. — Mas era um feitiço que nenhuma poção simples poderia quebrar — disse ela. — A velha sabia isso, é claro, mas queria ensinar-me uma lição, eu acho.

— Aisley. — Sua voz estava baixa e entrecortada.

— E ela ensinou — Aisley disse. — Eu decidi, então, aceitar meus sentimentos por você, e eles cresceram, e agora eu me regozijo neles. Mas, neste momento, eu gostaria de me livrar dessa dor.

Seus braços a cercaram, puxando-a de volta contra o peito maciço.

— Aisley — ele sussurrou contra seu cabelo. — Eu sinto muito. Também me sinto da mesma forma. Acha que quero deixá-la agora, quando finalmente tenho tudo o que poderia desejar? — Ela não respondeu, e ele continuou. — Quando perdi a visão, rezei, chorei e fiquei desesperado para recuperá-la, mas depois que você chegou, comecei a pensar apenas em mantê-la comigo.

Aisley não pôde evitar. Precisava dizer isso.

— Então não vá — ela sussurrou.

Ela ouviu seu suspiro e sentiu, também, ele erguer seu peito contra o dela.

— Mesmo se não fosse por causa de suas terras ou por causa de minha honra, seria por nosso futuro. Se eu não proteger o que é meu agora, passaremos o resto de nossas vidas lutando contra vizinhos gananciosos. Gostaria de fazer deste um lar seguro para nossos filhos — disse Piers

suavemente.

Aisley sorriu amargamente. Ela sabia que ele estava certo, mas essa certeza não tornava a dor mais fácil de suportar. Ela o amava, e agora devia pagar o preço.

— Tudo bem, mas quero você de volta em casa em breve e seguro.

— O quê? — perguntou Piers, parecendo ofendido. — Você não tem fé no Cavaleiro Vermelho?

Aisley levantou-se antes do amanhecer para lhe dizer adeus. Embora as árvores estivessem repletas de brotos verdes, a manhã ainda estava úmida e gelada, e ela agarrou seu manto firmemente ao redor de seu corpo enquanto saía da fortaleza.

Piers estava montado em seu grande corcel, com os homens que tinham chegado de Belvry ao seu redor, junto com os guardas de Dunmurrow. Não desejava ser derrubado antes de chegar ao seu destino.

Aisley pensou que ele nunca parecera mais poderoso, nem mais mortífero, vestido com seu uniforme de guerra, com sua armadura brilhando na luz fraca e seu elmo dobrado debaixo de um braço. Ele ergueu os olhos, surpreso ao vê-la correndo pelo pátio.

— Aisley, amor — disse ele bruscamente quando ela o alcançou. — Eu não esperava vê-la agora.

— Você não pode se afastar da minha cama sem que eu perceba — Aisley disse, com um sorriso muito brilhante em seu rosto. Os lábios generosos de Piers se curvaram em um sorriso que golpeou seu coração dolorosamente. — Mas eu tenho algo para você — disse ela.

Com a garganta fechada por suas lágrimas não derramadas, Aisley ergueu o que ela havia feito durante as horas que ele tinha passado treinando e se preparando para este dia. Com um movimento de seu forte pulso, Piers o desdobrou. Era uma bandeira escarlate com um veado branco costurado sobre ela.

— Eu não sabia se você tinha um brazão próprio, então, coloquei o emblema de Laci no fundo carmesim — ela disse suavemente.

— É linda — disse Piers bruscamente. — Obrigado. — Ele chamou seu escudeiro, que o enrolou e guardou com suas coisas. Então, ele olhou para ela atentamente, como se a paixão que vinha escondendo dentro de sua armadura de guerreiro estivesse prestes a escapar.

— Aisley. — Ele abriu a boca para dizer algo mais, mas não o fez. Em vez disso, inclinou-se e levantou-a do chão para um breve beijo que a deixou sem fôlego. Quando ela deu-se conta de que seus pés se encontravam no solo novamente, Piers já estava cavalgando na escuridão antes do amanhecer.

Aisley inclinou-se sobre o seu banco na leiteria, misturando uma poção para aliviar a dor de um dos aldeões que tinha uma perna ruim. Quando terminou, endireitou-se e colocou de lado seus remédios, enquanto seus pensamentos se voltavam para sua própria aflição. Se ao menos houvesse algo que pudesse tomar para apaziguar a dor que não tinha diminuído nas semanas desde que Piers havia partido...

Mas ela sabia que nem ela nem a viúva Nebbs tinham uma cura para o que a afligia. Ela sentia saudades dele. Embora estivesse ainda mais ocupada, supervisionando o plantio, cuidando dos jardins e uma miríade de outros deveres, Aisley sentia a ausência dele como se fosse uma lesão. Seus dias estavam cheios, mas uma parte dela estava vazia.

Aisley foi arrancada de seus pensamentos melancólicos pela aparição de um dos novos residentes do castelo; um garoto que trabalhava na sala de tecelagem.

— Sim? — Aisley disse, tentando soar animada, pois, Clovis ainda era um pouco tímido.

— Eu fui à aldeia hoje para ver a viúva Nebbs — disse Clovis, olhando para os remédios de Aisley, em tom de desculpas.

Aisley sorriu, sabia que velhos hábitos demoravam para morrer, e ela certamente não se sentia mal porque o garoto havia procurado tratamento em outro lugar.

— Sim?

— Ela me deu algo para você, minha senhora — disse Clovis, revolvendo os bolsos.

— Ah, sim? — Aisley não tinha voltado a ver a viúva, a lembrança da poção que a havia deixado doente ainda estava fresca em sua mente. Embora Aisley se sentisse culpada por negligenciar a velha, não se sentia culpada o suficiente para retornar à estranha e escura cabana que a viúva chamava de lar.

— Sim, minha senhora - disse Clovis, entregando um pequeno pacote. Aisley olhou fixamente para ele por um momento e logo colocou-o sobre o banco. Disse a si mesma que não era supersticiosa, porém, havia algo em relação à Viúva Nebbs que a deixava nervosa.

— Ela disse que você deve tomar isso para que o bebê fique bem em sua barriga — Clovis disse de forma natural. Assustada, Aisley olhou para o menino sem entender. Bebê? Que bebê? Antes que ela pudesse começar a analisar essa informação, Clovis retorceu seu rosto como se tentasse repetir

algo de memória. — Ela pediu que lhe dissesse também, minha senhora, para que não tenha medo. — Fez uma pausa, como se o resto da mensagem o tivesse deixado perplexo, e, então, seguiu adiante com valentia. — *"A magia do veado vai com você"*.

Aisley simplesmente olhou fixamente para ele, sem palavras que pudessem responder a um comentário tão escandaloso. Clovis não pareceu esperar uma resposta. Balançou a cabeça alegremente, finalizou sua missão e saiu da leiteria.

Aisley ficou boquiaberta. Respirando fundo e estremecendo, ela percebeu que sentia vontade de rir. E ela teria rido, mas os cabelos na parte de trás do seu pescoço estavam de pé, e o momento não era propício para diversão. Um veado mágico? Antes ela pensara que a viúva era uma velha estranha, mas sábia. Agora, ela se perguntava se a mulher tinha enlouquecido. Pegou o pacote, tentada a jogá-lo fora, pois, nem se estivesse morrendo, poderia aceitar algo da viúva Nebbs. A última bebida da mulher a deixara muito doente.

Um bebê e uma poção para assentá-lo. Aisley controlou um sorriso torto ao pensar. Então, seus dedos congelaram, enquanto ela tentava recordar da última vez em que tivera seu fluxo mensal. Sua mente percorreu as últimas semanas, durante as quais ela tentara manter-se tão ocupada quanto possível, e nas anteriores, enquanto estivera tão chateada com a partida de Piers.

Era possível. Na verdade, agora que considerava a ideia, era mais do que provável que ela estivesse carregando um filho de Piers e estivesse muito ocupada e preocupada para reparar. Mas como a viúva descobrira?

Aisley abruptamente afastou a mão das ervas e levantou-se do banco com uma careta cautelosa. Saindo da sala, encontrou Cecil e quase saltou de

medo. O servo impassível a olhava de forma desapaixonada, como se fosse a cena mais comum do mundo, e Aisley não se explicou.

— Cecil — ela disse, apressadamente. — Deixei um pacote no banco lá dentro. Você poderia, por favor, livrar-se dele para mim?

— Certamente, minha senhora.

— Obrigado, Cecil. Você é muito bom para mim — disse Aisley. Em seguida, dirigiu-se para a grande câmara para pensar, planejar e sonhar com o filho ou a filha, enquanto a impaciência dentro dela se manifestava repentinamente e outra vez.

Aisley não pensou mais na poção descartada, suspeitando que era apenas uma desculpa para chamar sua atenção para o bebê. Contudo, se pegou perguntando sobre o resto da mensagem da viúva, e se Clovis a tinha lhe transmitido errado de alguma forma. O que a velha quisera lhe dizer? Aisley estava curiosa, mas não o suficiente para visitar a viúva e descobrir por si mesma.

Aisley estava no corredor quando lhe disseram que havia um visitante nos portões.

— É um homem chamado Benedict, disse que é de Belvry — disse o soldado.

— Mande-o entrar — disse ela, o coração girando no peito. Não queria imaginar por que Benedict tinha ido vê-la em vez de um homem de seu marido. Ela só se perguntava se ele trazia notícias de Piers.

Aisley pediu cerveja e comida, e caminhou em direção à lareira para esquentar as mãos, que de repente ficaram geladas, embora não sentisse frio. Se algo tivesse acontecido com seu marido... Piers! O nome dele pulsava em

seu sangue, mas ela tentou não pensar nas possibilidades.

Ela levantou a cabeça quando Benedict entrou, encoberto, encapuzado e mais alto do que ela se lembrava. Ele não falou, mas ficou de lado enquanto um criado trazia um prato e um copo, e voltava para a cozinha, deixando-a sozinha no corredor com o homem. Só que não era Benedict.

Aisley permaneceu imóvel, incerta se deveria chamar os guardas ou gritar por ajuda. Embora a figura não tenha feito movimentos ameaçadores, ela sabia que algo estava muito errado. Quem era ele? Por que se disfarçara de Benedict? Aisley sabia instintivamente que era seu inimigo, mas o que esperava ganhar, sendo um homem sozinho, no salão de Dunmurrow, com guardas do lado de fora da fortaleza e uma pequena guarnição no pátio?

Quem quer que ele fosse, obviamente não sentia medo, a observava em silêncio, e, agora, como se lesse seus pensamentos, deu um passo à frente e lançou para trás seu capuz em um gesto dramático.

Aisley olhou para o rosto familiar e arquejou, incrédula.

— Hexham! — ela sussurrou. — Você está louco? O que você está fazendo aqui?

— Eu vim para resgatar a donzela, naturalmente — ele disse em sua típica maneira arrogante. Hexham era mais sombrio do que Piers, com sua pele quase pálida e seu cabelo negro como uma asa de corvo. Ele era considerado bonito por alguns, mas muito mais por si mesmo. Ele estendeu a mão para ela. — Venha, Aisley. Vou levá-la deste lugar terrível de volta a Belvry.

Aisley afastou-se de seu braço estendido.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que vim para te livrar da vida terrível que leva aqui e te devolver ao luxo ao qual está acostumada e que é seu por direito — disse ele. Hexham estava ereto, com o peito inchado orgulhosamente, seus olhos escuros piscando, e ela percebeu abruptamente que ele se via no papel de seu salvador.

Aisley reconhecia que ele tinha planejado tudo com muito cuidado. O desafio feito apenas para tirar o Cavaleiro Vermelho de Dunmurrow, deixando o lugar desprotegido, fora emitido apenas para que Hexham pudesse agarrá-la. Mesmo assim, o desgraçado e bastardo não ousara tentar romper as defesas, mas entrara furtivamente usando um disfarce.

Aisley não conseguiu evitar o olhar de desprezo que surgiu em seu rosto. Hexham era uma cobra. Enquanto Piers cavalgava corajosamente até a porta e exigia entrada, Hexham usaria sempre o engano e a traição para encontrar seus fins. Embora estivesse sozinho diante dela, ela sabia que ele deveria ter homens esperando do lado de fora da fortaleza; não era corajoso o suficiente para ir sozinho, mesmo que acreditasse que estava prestes a salvar uma donzela em perigo.

E ele realmente acreditava nisso. Estendeu os braços, esperando que ela corresse até eles, grata por ter afastado seu marido e invadido sua casa para levá-la embora.

Aisley quase riu em voz alta.

Embora houvesse um tempo em que se sentira desconfortável em Dunmurrow e que seu marido a incomodara, nunca pensara em fugir. Apesar de muita insistência de Edith, ela nunca teria tentado escapar, seria um ato covarde. E ali, diante dela, em toda a sua glória, estava um grande covarde.

— Venha, Aisley — disse ele, com as mãos apontadas para ela.

Se ela pudesse pensar que seus motivos eram puros, que ele viera apenas para ajudá-la, Aisley poderia ter perdoado a missão daquele tolo. Mas Hexham não fazia nada que não o beneficiasse.

— Por quê?

Ela viu um lampejo de raiva atravessar suas feições, mas logo foi substituído por um sorriso gratificante.

— Teremos tempo para falar sobre isso durante a viagem. Vamos agora antes que sejamos descobertos.

Aisley sacudiu a cabeça.

— Por que, Hexham? O que você pretende ganhar vindo aqui?

— Eu só quero libertar você deste lugar. Agora venha! — ele disse. Então, se aproximou dela, incapaz de esconder a irritação diante do atraso.

— Não — Aisley disse calmamente. — Não vou a lugar nenhum, Hexham. Esta é a minha casa.

O rosto do barão ficou tenso de raiva.

— Isso aqui é uma pequena pilha de pedras! — ele rosnou. — Sua casa está em Belvry, ao meu lado!

— O que você poderia ter a ver com Belvry? — perguntou Aisley, friamente. — Ela pertence ao meu marido agora.

— Marido? Não estou vendo nenhum marido. — Hexham zombou. — Seu pai a prometeu para mim. Ele queria garantir que suas terras fossem protegidas, e que melhor maneira de fazer isso além de juntá-las às minhas?

Aisley arfou ao ouvir tais mentiras.

— Meu pai não lhe prometeu nada. Ele te achava um fanfarrão inútil e não queria nada com você! Ele se levantaria do túmulo se o visse casado comigo.

— Basta! — Hexham disse, não mais sorrindo. Seu lábio estava retorcido de desgosto, como se Aisley exalasse algum odor nocivo. — Terei sua precioso Belvry em breve.

— Você nunca terá Belvry!

Ele se aproximou dela ameaçadoramente.

— Eu vou, porque uma vez tendo você comigo, ninguém irá me desafiar.

— Se você me tocar, Hexham, meu marido vai matar você — disse Aisley. Ela falou com tanta segurança que o barão hesitou.

Então, ele gritou, gargalhando.

— Hah! Você não tem marido! Que o Cavaleiro Vermelho apareça e se mostre — disse ele, zombando, erguendo um braço e dando voltas no salão com um gesto arrebatador.

Aisley sorriu severamente.

— Ele não pode, porque agora mesmo ele foi enviado para derrotar seu desprezível exército.

Hexham a olhou bruscamente, mas Aisley não desviou o olhar.

— Você está mentindo! — ele disse, como se estivesse tentando convencer a si mesmo. — Ninguém viu Montmorency! Ele está morto ou é um velho fraco que foi atender minha convocação, só para ser morto por meus soldados. Se você está verdadeiramente casada, o que eu duvido —

acrescentou Hexham com um sorriso sarcástico —, podemos dissolver o casamento quando chegarmos a Belvry.

— Não, Hexham — disse Aisley. Deliberadamente, ela baixou a mão para a barriga. — Pois, acabei de descobrir que carrego um filho dele no ventre. — Ela viu o brilho de surpresa em seus olhos escuros, acompanhado de repulsa e incerteza. — Montmorency está vivo. E ele não é um fraco, mas o Cavaleiro Vermelho; um grande guerreiro com forças além de sua imaginação.

Um lampejo de medo passou pelo rosto de Hexham, e Aisley comemorou sua vantagem. Será que ele tinha ouvido falar da reputação de Montmorency? No quanto acreditaria?

— Ele se isolou por um tempo, aprimorando suas habilidades, ganhando mais conhecimento e poder do que você jamais sonhou — disse ela. — Por que outro motivo ele sairia daqui, já que ninguém se dignaria a desafiá-lo? Somente um tolo como você, Hexham, irritaria o Cavaleiro Vermelho, cuja ira é tão rubra quanto o sangue que ele derramará.

— Cale-se, vadia — gritou Hexham. Ele ergueu a mão para golpeá-la, mas os cachorros, esquecidos sob as mesas, rosnaram, impedindo seu movimento. E Aisley recuou para fora de seu alcance. Ele deixou cair o braço, mas tremia com a força de sua raiva.

A princípio, Aisley pensara apenas em livrar-se dele, convencê-lo de que não era um salvador e afastá-lo de sua vista. Mas sua violência e suas palavras a fizeram mudar de ideia. Lembrou-se de sua duplicidade e de seu desafio ao marido. Piers poderia muito bem estar lutando por sua vida, enquanto o homem que o convocara fora esgueirar-se para sua casa para roubar-lhe a esposa. E ela sabia que não poderia deixar o vilão ficar impune.

O barão tentou de novo. Aisley observou-o ganhar controle de si mesmo,

vestindo sua máscara graciosa e sua voz mais eloquente.

— Se este cavaleiro é tão temível como você afirma, então, estou lhe dando uma chance de escapar dele. Venha comigo para Belvry — ele disse. — Eu não me importo com o bebê.

Embora o homem tivesse gesticulado para demonstrar que realmente não se importava, Aisley sabia que ele estava mentindo. Ele ficara horrorizado pelo bebê, e se ela fosse com ele, ele nunca deixaria que o mantivesse. O pensamento fez seu sangue correr por suas veias e pulsar em seus ouvidos, enchendo-a de raiva, desprezo e um ódio como nunca tinha sentido.

— Nós ainda podemos dissolver o casamento. Pertencemos um ao outro, Aisley. Você sabe disso — disse Hexham, em um tom gentil.

Ela riu.

— Eu sempre o detestei, Hexham, e não posso acreditar que seja tão cego que não tenha percebido isso. Mas mesmo que não o odiasse, não iria querer você. Eu pertenço a Montmorency. O Cavaleiro Vermelho é o meu senhor — ela disse calmamente. — Ele é muito mais do que eu poderia desejar.

— Você está enfeitiçada — disse Hexham. — Deitar-se com este diabo e ainda gerar uma criança dele é insanidade. Venha, e eu vou livrá-la do feitiço rapidamente. — Ele tentou agarrá-la novamente, mas Aisley foi mais rápida.

— Castor! Pollux! Venham! — disse Aisley suavemente, e antes que Hexham pudesse dar mais um passo, os cães, grandes e intimidantes, se posicionaram, um de cada lado dela. Hexham recuou, xingando. — Quanto a você, meu galante salvador — acrescentou Aisley, com a voz carregada de

sarcasmo —, vou levá-lo até o calabouço para que possa esperar pelo meu marido.

Aisley viu um choque atravessar o rosto de Hexham. Obviamente, ele nunca esperara que ela o recusasse, e muito menos o tomasse como prisioneiro. O desespero que brilhou em seus olhos deveria tê-la amedrontado, mas Aisley sentia-se ousada e corajosa com os cães ao seu lado. Não tinha medo do velhaco traiçoeiro diante dela.

— Precisa de mais cerveja, minha senhora? — Aisley estava tão focada em seu inimigo que não percebeu a aproximação de Glenna. Mas quando deu por si, a criada já estava muito perto de Hexham, segurando uma bandeja e inclinando a cabeça em direção à mesa onde a refeição para Benedict estava intacta.

— Não — disse Aisley. Ela abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas antes que ela pudesse pronunciar uma advertência, Hexham agarrou a criada. A bandeja caiu no chão, a cerveja se derramou e ele segurou uma adaga contra a garganta de Glenna.

— Afugente os cães, minha senhora — disse ele. — E venha comigo, ou eu vou cortar a garganta desta mulher.

Aisley respirou fundo. Não tinha dúvidas de que Hexham faria isso. Ele era inescrupuloso e estava desesperado. Ela pensou em Moira, correndo para encontrar sua mãe sangrando até a morte, e engoliu em seco.

— Tudo bem. Eu vou com você.

— Mande os cães para a cozinha — ordenou Hexham.

— Castor! Pollux! Fora! — Aisley disse, apontando para o corredor. Os cachorros choramingaram e rosnaram, mas obedeceram, e ela se aproximou do

barão, espantada com a rapidez com que ele tinha conquistado uma vantagem. Tarde demais, ela percebeu que ela o tinha subestimado, considerando-lhe apenas um tolo fraco. E agora ela pagaria o preço por seu erro de cálculo. — Solte a criada — disse ela.

Com um movimento rápido, Hexham empurrou Glenna para longe e agarrou Aisley pelo braço, puxando-a para perto e colocando a faca em sua garganta.

— Não faça nada ou matarei a sua patroa, mulher — disse, olhando para Glenna. A empregada caiu no chão e se encolheu perto da mesa, com seu vestido molhado de cerveja e seus olhos escuros arregalados.

— Você nunca vai atravessar o portão com vida, Hexham — alertou Aisley.

— Oh, sim, eu vou. — Ele a empurrou até a porta. Erguendo a mão, puxou a capa e passou-a sobre seus cabelos e em torno de seus ombros, para que ninguém pudesse ver a arma que a ameaçava. — Você vai facilitar tudo para mim — disse ele. — Vai dizer aos guardas que vamos para a aldeia, e é melhor fazê-lo de forma convincente, ou vai morrer.

Aisley cerrou os punhos com frustração. Será que ele realmente a mataria? Hexham sempre a cobiçou. Podia lembrar, mesmo quando era jovem, de como o vizinho olhara para ela de forma lasciva, mesmo enquanto sua esposa ainda vivia, trancada em uma torre.

Sim, Hexham queria ter seu corpo e seus conhecimentos como castelã de Belvry. Mas estava desesperado agora, e sabia que não iria se render. Seu rosto estava duro e frio, com o olhar de um homem levado até o limite, o que a fez estremecer. Se fosse apenas ela presa em seus braços, ela lutaria, gritaria por um guarda, ou fugiria. Mas Aisley pôs uma mão protetora em sua barriga e

soube que não poderia pôr em risco o filho de Piers.

Como ela suspeitava, um pequeno grupo de homens de Hexham os cercou assim que eles deixaram a fortaleza, e Aisley ficou enjoada ao ver que eles usavam as cores de Belvry, como demônios mascarados. Nos estábulos, Hexham tomou uma nova montaria, além do peregrino de Aisley. Ela pensou em montar e sair cavalgando, gritando pelos homens do marido, mas como se estivesse lendo sua mente, Hexham segurou firme em suas rédeas.

Aisley esperava que a ponte levadiça os impedisse, mas ela fora baixada para facilitar o tráfego entre Dunmurrow e a aldeia, e só era levantada à noite ou se um perigo se aproximasse. Ninguém sabia que aquele pequeno grupo, aparentemente amigos de sua antiga casa, poderia representar uma ameaça para ela.

Embora houvesse soldados reunidos no pátio e nos muros, ninguém deu mais do que um olhar superficial, e Aisley percebeu com horror crescente que eles não a reconheceram sob a capa pesada. Ela cavalgou pela ponte levadiça, sem que ninguém levantasse uma mão para detê-la ou erguesse a voz para fazer perguntas. Impotente, ela percebia-se cada vez mais longe de Dunmurrow e ouvia cada barulho dos cascos de seu pangaré soando em seus ouvidos como uma melodia de morte.

Eles estavam quase do lado de fora quando um guarda, de pé fora dos muros, finalmente percebeu sua senhora sob a capa volumosa.

— Minha senhora — gritou, aproximando-se deles. Embora eles tenham parado mediante a ordem, Aisley viu a mão de Hexham apertando suas rédeas.

— Minha senhora nos mostrará a aldeia — disse Hexham com suavidade.

O soldado, um sujeito maciço de cabelos grisalhos, olhava para seu companheiro de forma especulativa, e depois voltou o olhar para Aisley.

— Não posso deixá-la sem uma escolta de meus próprios homens, minha senhora — disse ele. — Foram as ordens de meu senhor.

Aisley, em silêncio, agradeceu ao homem, que obviamente estava bem treinado a julgar por sua recusa. Certamente ele devia sentir que algo estava errado, mas será que poderia agir rápido o suficiente para salvá-la? Ela abriu os olhos arregalados, enviando-lhe uma mensagem cheia de medo e perigo, e esperava que seu capuz não dificultasse sua comunicação.

Tudo aconteceu num instante. Quando o guarda pôs a mão na bainha da espada, Hexham inclinou-se para Aisley e a agarrou em seus braços. Posicionando-a à sua frente, ele encostou o punhal em sua garganta.

— Saia do meu caminho! — ele gritou. Então, estimulou o cavalo a se mover, e o guarda foi forçado a sair da frente ou seria pisoteado.

O mundo começou a dar voltas quando Hexham saiu em disparada, e Aisley pôde ouvir gritos ecoando atrás deles. Ela suspeitava que alguns homens estavam se reunindo para persegui-los, mas o que poderiam fazer os guardas de Dunmurrow, além de apontar uma flecha com muito cuidado? Qualquer tentativa de ferir Hexham também a mataria. Se os homens fossem rápidos, podiam cercar o grupo de Hexham, mas ela ainda estaria adiante, com uma adaga contra a garganta.

O coração de Aisley afundou ao perceber que não poderia contar com a ajuda do castelo. Estava sozinha, contando apenas com o seu juízo para salvá-la.



Capítulo Dezesseis

A inteligência de Aisley era de pouca ajuda. Embora Hexham tivesse baixado a espada, ela só conseguia agarrar-se ao cavalo enquanto corriam pela prado que levava à floresta, pois, não tinha nenhum desejo de cair e ser pisoteada. Hexham retardou o animal um pouco quando entraram na floresta, e Aisley assistiu, consternada, alguns dos homens dele tomarem caminhos diferentes para frustrar a perseguição. Ela percebeu que o barão tinha planejado todos os detalhes, mas temia os soldados de Dunmurrow, mantendo a cavalgava dura.

Aisley tinha pouca esperança de ser resgatada, mas não conseguia inventar um plano próprio. Seu corpo se rebelava contra a horrível proximidade de Hexham, e ela tinha certeza de que seu cavalo acabaria tropeçando entre as raízes e os galhos no chão da floresta. Seus pensamentos,

normalmente ágeis, pareciam dispersos enquanto avançavam.

Fechando os olhos, Aisley deixou o tempo vagar, até que finalmente uma visão de seu marido veio em sua mente, trazendo algum sentido de ordem. Ela pensou em Piers, em seu poder e em seu amor por ela, e a calma que quase tinha perdido se assentou sobre ela como se por algum milagre ele lhe tivesse enviado um pouco de sua força.

Com a cabeça mais clara, Aisley percebeu que não podia fazer nada no momento, pelo menos até que parassem. Então, talvez ela pudesse escapar. Hexham era cruel, mas não era tão esperto quanto ela. No entanto, mesmo enquanto tentava se tranquilizar, Aisley se perguntava como seu intelecto superior poderia prevalecer sobre o poder corporal e a força das armas.

Hexham finalmente desacelerou e, então, parou para ouvir, encostando a lâmina novamente nela, fazendo-a prender a respiração. Para sua consternação, ela ouviu o farfalhar das folhas e as canções distantes dos pássaros, mas não o som de perseguidores. Os homens ao lado deles riram com confiança e, colocando os cavalos em alta velocidade, eles passaram pelas árvores até o campo aberto em linha reta, onde havia um grupo de soldados fortemente armados.

Aisley ofegou de surpresa. Seu susto inicial deu lugar à esperança, pois, por um breve momento, ela pensou que eram soldados de Dunmurrow. Mas logo se tornou óbvio que os homens que se reuniam ao redor deles não eram do castelo de Piers nem de sua própria Belvry. Eram homens de Hexham, deixados ali para esperá-lo. Foi fácil concluir, então, o porquê de o covarde Hexham não ter hesitado. E ele continuava a rir, corando com a emoção de sua vitória.

Enquanto Aisley engolia aquela amarga descoberta, Hexham a deixou

cair no chão e desmontou logo em seguida, colocando-se atrás dela. Agarrando-a com força pelo braço, disse algo em voz baixa para o homem mais próximo, e o sujeito entregou a Hexham uma corda, que o barão usou para amarrar seus punhos nas costas.

— O que é isso, senhor? — perguntou um dos outros homens. — Pensei que você estava resgatando a moça.

— A moça precisa de um pouco de persuasão — disse Hexham. — Ela foi enfeitiçada por aquele diabo do Montmorency.

Com a menção do nome de seu marido, Aisley ouviu o estrondo familiar de rumores se erguendo ao seu redor, e ela olhou fixamente para os homens que falavam dele.

— O Cavaleiro Vermelho! É a esposa dele? — perguntou um soldado.

— Já ouvi falar dele — disse outro, interrompendo. — Dizem que ele é parecido com o próprio diabo.

— Bah! — Hexham mostrou seu desdém cuspindo no chão a seus pés. — Ele não é mais do que uma sombra, invisível para Deus há muito tempo. Ou está morto ou é tão velho que mal pode erguer uma espada.

Aisley voltou-se solenemente para Hexham.

— Ele é jovem, forte e mais poderoso do que você pode imaginar — disse ela. — Já deve estar sabendo de sua crueldade e vai persegui-lo.

— Ele não sabe de nada! — gritou Hexham. Ele levantou uma mão para golpeá-la, mas então a deixou cair, rindo. — Eu vou cavalgar você com tanta força e por tanto tempo que irá esquecê-lo muito em breve. — Vários dos homens riram da promessa de Hexham, mas Aisley notou que outros a olhavam

cheios de dúvidas, e foi para eles que ela falou.

Erguendo-se empertigada e olhando para Hexham calmamente, ela disse:

— Guarde minhas palavras, Hexham, o Cavaleiro Vermelho virá e comerá seu coração no jantar.

A lenda de Montmorency pareceu ganhar vida, tornando-se quase uma presença naquele grupo. Aisley ouviu mais murmúrios e viu alguns homens recuarem para longe dela. Então, sorriu com confiança.

— Fique quieta ou eu vou te bater até que perca os sentidos — disse Hexham. Ele se voltou para seus homens. — Parem de conversar. Coloquem a cadela em um cavalo. Nós vamos para casa.

Alfred Morling ergueu o elmo e olhou para os campos vazios, enquanto seus olhos treinados procuravam sinais de Hexham. Esfregou o pescoço grosseiramente, como se já pudesse sentir sua cabeça se separando dos ombros. Ele sabia que, a menos que encontrasse o barão e sua senhora, isso certamente aconteceria, pois, ele era o responsável pela proteção de Dunmurrow.

Montmorency o selecionara para guardar a propriedade, e tinha especificamente alertado que deveria proteger a dama da fortaleza, e Alfred falhara. Alguém invadira o castelo e a roubara de seu próprio salão, logo debaixo de seus narizes. E de acordo com uma das criadas, tratava-se do bastardo Hexham, o mesmo que lançara um desafio direto ao próprio Montmorency.

Alfred sacudiu a cabeça. Só o mais covarde dos homens convocaria um cavaleiro para uma batalha, fazendo-o sair de sua propriedade, para poder roubar sua esposa. Era impensável, e, contudo, tinha acontecido. Ele esfregou

o pescoço novamente, sabendo que se não recuperasse Lady Montmorency logo seria um homem morto. No entanto, a noite estava caindo e a trilha na floresta fora perdida.

— Clyde! - gritou ele. Um jovem guerreiro atendeu ao seu comando, e Alfred lhe passou o dever que sabia que todos temiam. — Siga à nossa frente, direto para Belvry, e encontre o barão Montmorency. Diga-lhe que Hexham raptou sua esposa.

— Sim, senhor — disse o rapaz com o rosto empalidecido. Todos os que conheciam o temperamento do Cavaleiro Vermelho se esquivavam da tarefa, mas tinha que ser feito. O barão tinha o direito de saber. — Vou contar a ele — disse Clyde. Depois, virou o cavalo e foi embora.

Aisley virou-se no chão duro. Durante dias eles haviam cavalgado como demônios, como se os cães do inferno estivessem em seus calcanhares, ou diante deles, ela pensou com um sorriso sombrio. Apesar de Hexham declarar não ter medo de seu marido, ainda assim ele definira uma velocidade brutal, e Aisley suspeitou que estava começando a ficar curioso em relação a Montmorency. Por sua vez, ela gritava com o barão todos os dias, dizendo que o Cavaleiro Vermelho viria buscá-la. E embora ele zombasse dela, podia ver que a desconfiança ardia como uma urtiga debaixo de sua pele.

Aisley estava contente com o ritmo; a cada noite, Hexham ficava cansado demais para fazer qualquer coisa além de mastigar sua comida e adormecer. Às vezes, ela o pegava olhando para ela, e o medo a tomava, pois, sabia que mais cedo ou mais tarde ele iria tomá-la. O fato de ela ser a esposa de outro homem e de carregar um filho no ventre não significava nada para ele.

Sentia que ele só a deixava em paz porque estava cansado, e embora planejasse violá-la, o enorme orgulho de Hexham não o deixaria forçá-la na

frente de seus homens. Ele se mostrava muito senhor de si, muito bonito e muito gentil para violá-la ali no chão, de modo que Aisley se considerava segura, por enquanto, a menos que ela o irritasse de verdade.

Mas quando chegassem a seu destino, Hexham não sentiria mais nenhum constrangimento. Aisley franziu o cenho ao pensar nisso, enquanto apoiava uma mão esguia em seu estômago delgado, embora ainda tivesse esperanças de que o Cavaleiro Vermelho a resgatasse antes.

Isso era tudo o que podia fazer, já que uma chance de escapar não se apresentara e parecia improvável fazer isso até que chegassem à casa de Hexham. Suas mãos ainda estavam atadas, ela cavalgava durante o dia inteiro, e, à noite, dormia rodeada pelo barão e seus homens.

Aisley olhou para o grupo, procurando qualquer fraqueza. Embora todos estivessem dormindo, dois guardas permaneciam acordados, um examinando o perímetro do acampamento, e outro muito próximo, observando-a. Era sempre a mesma coisa e, por mais que tentasse, não poderia planejar fugir deles. Contendo um suspiro, Aisley sentiu a exaustão dominá-la, e o pesado nevoeiro do sono desenhou um manto sobre seus ocupados pensamentos.

Ela cochilou com a imagem do guarda em sua mente, apenas para acordar com o toque de uma mão em seu braço. Ficando em alerta instantaneamente, ela abriu os olhos para encontrar o mesmo guarda se curvando sobre ela.

— Venha — ele sussurrou grosseiramente. — Vou te ajudar a fugir.

Aisley se ergueu sobre um cotovelo, enquanto seu coração enviava uma corrente de sangue até sua cabeça que quase a fez desmaiar. Fugir?

— Depressa! — disse, cravando os dedos em seu braço. Aisley olhou

para o rosto dele, mas estava escondido pela escuridão. Lutando para ficar de pé, ela olhou para ele novamente, e viu seu sorriso, cruel e cheio de dentes, ao luar. Abruptamente, como se estivesse tendo uma visão, Aisley se imaginou saindo com o homem apenas para ser estuprada, morta e seu corpo sem vida sendo jogado em um arbusto qualquer. Ela estremeceu.

Ele a puxou até que ficasse de pé e Aisley lutou contra ele, determinada agora a chamar a atenção de seus outros captores. Mas antes que ela pudesse proferir qualquer som, as árvores próximas de repente explodiram em vida. Seu companheiro endireitou-se e empurrou-a de volta ao chão, desembainhando a espada. Aisley, sem fôlego, lutou por ar, ouvindo os homens no acampamento se agitarem, enquanto algo caía das árvores.

Vários dos homens começaram a xingar; Depois, houve um breve frenesi de atividade, seguido de riso de alguém. Aisley virou-se para ver o que estava acontecendo, mas o que quer que fosse, tinha acabado. A maioria dos homens estava de pé. Alguns seguravam suas armas, outros guardavam as suas, porque, provavelmente, não previam nenhuma ameaça.

— Maldito seja, Rhys, como pôde ser tão burro? — disse Hexham. — Aquele veado poderia ter nos alimentado muito bem.

O homem que tentara forçá-la a sair com ele recuou, praguejando para si mesmo. Outro homem passou a mão pelos cabelos e sacudiu a cabeça na escuridão.

— Não se pode atirar em um veado branco, meu senhor — disse ele. — Traz má sorte.

— Vocês são idiotas! Tão ignorantes quanto mendigos cegos e duas vezes mais lentos. Rhys vai ficar de vigília esta noite, e você se juntará a ele — disse Hexham, apontando para o homem que tinha falado. — Então você

talvez possa aprender o que é ser um homem de verdade.

— Era um veado branco? — perguntou Aisley no silêncio que se seguiu.

— E se fosse? — Hexham perguntou com raiva. — Sua carne seria tão saborosa quanto qualquer outra.

— Não era para comer — disse Aisley. — Foi um sinal do Cavaleiro Vermelho. Ele está chegando.

Por um momento, Aisley pensou que tinha ido longe demais e que até mesmo a máscara de um comportamento civilizado que ele sustentava seria retirada. Mas ele apenas olhou para ela, enquanto os homens compartilhavam de vários tons de descrença e horror.

— Alguém cale a boca desta vadia — Hexham disse suavemente. Quando ninguém respondeu, ele deu um passo à frente. — Dê-me aquele trapo — disse ele a um dos homens. Pegou um pano sujo, colocou-o em sua boca e amarrou-o. — Agora todos nós seremos poupados de suas lindas histórias — ele sussurrou. Com um olhar presunçoso, acariciou sua bochecha. — Seja boazinha, Aisley, e logo você estará com algo muito mais agradável na boca.

Piers ergueu o elmo e esfregou a testa. Depois de esperar por dias por algum sinal do exército de Hexham, eles saíram em busca dele, apenas para derrotá-lo. Muito facilmente. Admitindo que o retiro poderia realmente ser uma armadilha, Piers deixara o inimigo voltar para suas próprias terras calmamente. Mas Hexham ainda não tinha mostrado seu rosto.

Desde que o barão emitiu o desafio, Piers suspeitou de alguma traição. Aisley advertira-o de que seu antigo vizinho não lutaria de forma justa em um campo de honra. Na verdade, ela não queria que ele partisse, e essa memória aumentou sua frustração. Sentia uma estranha sensação de formigamento na

parte de trás da cabeça, como se algo estivesse muito errado.

A chegada de um dos soldados que tinha deixado em Dunmurrow não foi muito eficaz para melhorar seu humor, e ele olhou imediatamente para Alan. Talvez o desafio tivesse sido nada mais que uma artimanha para afastá-lo de seu domínio. Se aquele bastardo do Hexham tivesse atacado Dunmurrow enquanto Aisley estava lá...

— O que foi? — ele perguntou ao jovem soldado. Piers não pensara no estado do homem, desgostoso, com fome e cansado, como se tivesse cavalgado por dias sem descanso. Nem pensou nas formalidades. Não podia pensar, mal conseguia manter o controle de si mesmo.

— Meu senhor — disse Clyde, enquanto seu olhar pálido se encontrava com o de Montmorency. — Meu senhor, Hexham raptou sua esposa.

O rugido que irrompeu enviou um arrepio aos próprios homens do Cavaleiro Vermelho, enquanto os soldados inimigos restantes se acovardavam e corriam para se esconder. Piers ergueu a espada, como se quisesse ferir Clyde, mas Alan aproximou-se em seu cavalo.

— Para onde ele a levou? Está pedindo um resgate? — perguntou Alan. Era a voz da razão, uma influência calmante na raiva de Montmorency, e o braço do Cavaleiro Vermelho caiu enquanto ouvia o vassalo falar.

A mão de Clyde tremia em suas rédeas, porque sabia o quão próximo estivera da morte, então, silenciosamente, agradeceu ao vassalo de seu senhor. No entanto, quando olhou para o Cavaleiro Vermelho, sentiu como se a lâmina tivesse, de fato, perfurado seu coração, pois, a angústia no rosto do grande guerreiro era muito dolorosa de ver.

Montmorency amava sua esposa. Era uma revelação para Clyde, um

simples soldado que não entendia nada dessas coisas. Sendo assim, ele desviou o olhar do Cavaleiro Vermelho, como se tivesse descoberto um segredo do barão. Ele conseguiu balançar a cabeça.

— Nós não sabemos. Ele veio nessa direção, então, nós achamos que ele a estava levando para Belvry. Uma criada disse que era Hexham, mas ele não nos pediu resgate.

— Talvez ele nos atraia para uma armadilha — disse Alan.

— Agora? — disse Piers, com sua voz áspera de raiva. — Já estou perfeitamente preso nela!

Aisley quase caiu de sua montaria, uma vez que o cansaço lhe drenava a vida. Ela só queria dormir. Independentemente de seus pulsos amarrados e sua boca seca, inchada, ainda amordaçada, ela poderia dormir para sempre, se pudesse. O bebê diminuía sua energia e o ritmo extenuante era castigador. Aisley apenas se perguntava quando Hexham os deixaria parar durante a noite.

Uma forte sacudida a forçou a abrir os olhos, e ela olhou ao redor, tentando ficar acordada. O anoitecer estava chegando, e ela esperava que fizessem uma parada. Então, respirou fundo enquanto reconhecia o riacho que percorria aquele trecho da estrada. Estavam se aproximando de Belvry.

Aisley sentiu o desespero se derramar sobre ela, estava muito cansada para lidar com as perguntas que se acumulavam em sua mente. O que Hexham faria agora? Será que estava indo para o seu próprio castelo, para Belvry ou para uma das mansões nos arredores? Será que tinha tomado posse de sua casa? Onde estava Piers? Hexham obviamente não esperava por nenhuma ameaça, porque andava sem nenhuma cautela.

Havia quase uma dúzia de homens fortes e armados, o bastante para

lutar contra qualquer bandido. Mas, e contra os de Piers? Seu nome voltou a ela, uma e outra vez. Hexham não sabia do exército do Cavaleiro Vermelho, ou estaria demasiadamente confiante para ser cauteloso? Aisley sentiu-se encorajada pela esperança de que caíssem em uma armadilha. Nesse caso, ela sabia que devia permanecer alerta o suficiente para evitar a batalha que se seguiria; ela não queria ser morta junto com Hexham e seus homens.

As esperanças de Aisley foram alimentadas pela aparição de um cavaleiro solitário em seu caminho. Estavam ao crepúsculo e as árvores próximas criavam um esconderijo perfeito. Aisley olhou para a floresta ansiosamente, mas Hexham não se preocupou, aproximando-se do homem.

— Afaste-se ou morra — disse o barão.

O cavaleiro não se mexeu.

— Você sabe que está na terra dos de Laci? — perguntou o homem. Aisley olhou para o estranho na penumbra profunda, sua excitação inicial sombreada pelo medo. Vestido como um cavaleiro e usando um elmo, ele poderia muito bem ser um dos homens de Piers, mas por que, então, não tinha chamado aquele local de terra de Montmorency?

— Esta é a minha terra, seu idiota, e é melhor você desaparecer ou vou cortar a sua cabeça — advertiu Hexham. Seus homens se aglomeraram em torno dele, e Aisley sentiu pena do único cavaleiro, que certamente encontraria a morte diante da ira do barão.

Aisley afastou sua montaria do que poderia ser um assassinato a sangue frio, mas assim que ela fez isso, os gritos soaram, e outros cavalos surgiram pelo bosque. Embora ela não pudesse dizer quantos, sabia que havia o suficiente para dominar o pequeno grupo de Hexham. Mesmo cansada como estava, ainda conseguiu afastar-se, não querendo ser apanhada entre os

guerreiros quando estavam consumidos pelo desejo de sangue e quando ninguém podia ver claramente no crepúsculo.

Se os primeiros pensamentos de Aisley se dirigiram à sua própria segurança, os próximos tinham a ver com fuga. Ela não conhecia aqueles estranhos e não tinha intenção de se entregar a seus cuidados. Tentou libertar-se do grupo, mas um dos gigantescos corcéis se moveu para a frente dela, cortando o caminho e fazendo com que seu cavalo recusasse. Com dificuldade, ela tentou dar a volta, mas a batalha rugia densamente atrás dela. Não havia saída.

Aisley balançou a cabeça, como para clarear sua mente, e, então, avistando o córrego, dirigiu o animal para dentro da água. Ela sabia que o curso do rio era fraco, embora veloz, e se afastou da briga o mais rápido que pôde. Seu coração batia mais rápido a cada passo de seu cavalo, e a liberdade a chamava. Esperava-a logo à frente, se ao menos ela pudesse escapar daqueles que lutavam logo atrás.

Assim que começou a pensar que estava segura, Aisley ouviu o barulho de cascos às suas costas.

— Pare! — um homem gritou, e ela abrandou o ritmo, não ousando arriscar seu bebê ou sua vida por liberdade. Respirando profundamente, ela virou-se para encarar seu adversário, sabendo imediatamente que Hexham não tinha vencido.

A cena tornou-se ainda mais confusa. Ao olhar para o rosto cruel que a fitava de volta, Aisley soube que poderia estar em uma situação muito pior do que Hexham lhe provocara.

— É uma mulher — gritou o homem por cima do ombro para seus companheiros, e Aisley rezou para que fossem os soldados de Piers, que não

lhe fariam nada, mas que a protegeriam cuidadosamente até que estivesse segura ao lado de seu marido. Deveria fazer com que seu nome fosse reconhecido, ou os bandidos usariam esse conhecimento para pedir um resgate?

— Traga-a aqui! — outro gritou. Aisley tentou dar uma olhada na pessoa que falava, sendo obviamente o líder, mas só podia ver as costas dele. Ela avançou, decidida a julgar o tipo de homem que era antes de lhe dizer seu nome. Então, perguntou a si mesma se algum dos homens de Hexham ainda estava vivo para contradizê-la se não dissesse a verdade.

Aisley tentou usar de sua inteligência enquanto se aproximava do líder. Na escuridão crescente, ela viu que ele era mais alto do que Hexham e mais musculoso, mas não podia dizer muito mais. Então, ele se virou e ficou quieto, olhando para ela como se tivesse visto um fantasma.

— Santo Deus! — disse ele.

Enquanto Aisley procurava uma resposta apropriada àquela estranha saudação, ele gritou para um de seus homens:

— Tire a mordaça de sua boca! — Sua voz soou estranhamente familiar, fazendo-a se perguntar se já a tinha ouvido antes. No entanto, não teve tempo de procurar em sua memória, logo sentindo o tecido sendo removido, permitindo que lambesse os lábios secos com gratidão. — Aisley! Não está me reconhecendo? — perguntou o homem. Então, ele retirou o elmo de sua cabeça, liberando uma coroa de cabelos escuros, e Aisley ofegou. Deu uma boa olhada naquele rosto familiar e começou a escorregar lentamente de sua montaria em um desmaio.

Ela teria atingido o chão se não fosse pelas mãos rápidas do homem de aspecto cruel ao lado dela. Infelizmente, Aisley não tomou ciência de seu ato

gentil, e quando despertou, ao ver-se esparramada em seu colo, ela gritou. Não sentiu nenhum conforto ao vê-lo sorrir, como se estivesse muito acostumado a segurar mulheres desmaiadas.

— Aisley! É Nicholas, seu irmão — disse alguém. Afastando o olhar do rosto logo acima dela, Aisley olhou para o líder, como se seus olhos pudessem convencê-la de que estava vendo um homem morto. Ela os fechou novamente e gemeu. — Você está bem? — perguntou Nicholas, impaciente, e Aisley suspeitou que ele estava mais irritado do que preocupado. Já fazia muito tempo, mas ela reconheceu o tom de voz de um dos machos de sua família. — O que você estava fazendo com aquele bastardo do Hexham? O que ele quis dizer, dizendo que essas terras eram dele?

Percebendo que o espectro não tinha a intenção de deixá-la, Aisley finalmente abriu os olhos novamente e olhou para ele. Mesmo na escuridão, ela poderia dizer que era seu irmão. Nicholas possuía toda a altura que faltava a Aisley e que fora herdada de seu pai. Tinha os cabelos castanhos de seu pai, também.

Ninguém suspeitava que fossem irmãos, embora suas feições fossem bastante parecidas ao ponto de um escrutínio rigoroso poder revelar sua ligação. Nicholas era um homem extraordinário, um traço que ele desprezava, e estava sempre brigando com os irmãos por causa de sua beleza. Será que aquela beleza tinha desaparecido ou apenas se acentuado com a idade? No crepúsculo, ele parecia ter envelhecido muito mais do que seria de se esperar nos cinco anos desde que Aisley o vira pela última vez.

— Você está morto — disse ela.

Se Aisley esperava que ele se surpreendesse com seu pronunciamento, não foi o que aconteceu.

— Eu sei. É uma longa história, irmã, e já é noite. Diga-me, para onde vai Hexham?

— Para onde vai? Para o inferno, espero — respondeu ela, cansada.

— Aisley! — Diante do comando urgente, ela finalmente se ergueu, sentando-se sobre o homem que a segurava em seu colo.

— Hexham fugiu? — ela perguntou.

— Sim — respondeu Nicholas amargamente. — A víbora fugiu, como de costume, mas não escapará. Para onde ele ia?

— Não sei — disse Aisley. — Ele nunca me disse. Imaginei que íamos para o castelo dele, mas ele agiu como se fosse o dono de Belvry agora.

— E ele é? — perguntou seu irmão com um tom de voz que ela não reconheceu, uma voz tão cheia de remorso que a fez recuar.

— Também não sei — ela respondeu. — Ele me arrancou de Dunmurrow depois de atrair meu marido com um desafio.

— Seu marido? — Nicholas semicerrou os olhos, e Aisley, de alguma forma, ficou irritada por sua surpresa. — Você se casou?

— Sim — disse ela. — Meu marido é o Barão Montmorency, o Cavaleiro Vermelho. Conhece ele?

Nicholas sacudiu a cabeça.

— Não, mas eu estive fora por muito tempo — disse ele bruscamente.

— Então, foi por isso que disse que a terra é dos de Laci — Aisley sussurrou quando a verdade finalmente a atingiu. Com o filho de seu pai vivo, aquela luta não era mais de Piers. Não só isso, mas... Aisley ficou boquiaberta

ao perceber que não precisaria ter se casado.

Pensar em tudo o que poderia ter sido evitado pela presença de seu irmão deixou Aisley fraca, mas ela sentia uma dor física só em considerar uma vida sem Piers. Ficou contente, então, por Nicholas ter desaparecido, quaisquer que fossem suas razões, pois, não lamentava seu casamento. Lamentava apenas que Piers estivesse em perigo por causa das terras de seu irmão.

— Você é o legítimo herdeiro de Belvry — disse ela.

— Sim, embora não duvide que Hexham conteste isso. — Ele fez uma pausa. — Ou seu marido, talvez?

— Piers? — Aisley quase riu. — Não, ele tem suas próprias terras. Nunca quis Belvry. Ela é sua, irmão, mas primeiro precisamos encontrar o meu marido. — Ela saiu do colo do homem que a segurava, sentindo seu cansaço desaparecer e seu corpo ser revigorado pela esperança de que seu irmão poderia ajudá-la a reunir-se com Piers. — Você tem um cavalo para mim?

Nicholas assentiu.

— Arrumem uma montaria para a minha irmã. Por enquanto, deixaremos nossa cobra rastejar até o seu covil, mas logo a traremos de volta. — Voltando-se para Aisley, ele disse: — Vamos cavalgar até o seu homem. Ou até Chiswill. O resto dos meus homens estão lá.

— Você tem mais? — Aisley perguntou com uma voz atordoada, enquanto alguém a ajudou a montar em um grande corcel preto.

— Sim — disse Nicholas. — Tenho homens meus e alguns mercenários.

— Então, você sabia que encontraria problemas quando voltasse? — disse ela, apertando as rédeas.

— Sim — disse Nicholas secamente. Como de costume, suas respostas eram curtas e sem emoção, e Aisley pôde ver que seu breve interesse por ela havia diminuído, já que não poderia lhe fornecer mais informações.

Ela suspirou ao vê-lo lançar-lhe um breve olhar de despedida, e não pôde deixar de comparar seu irmão com seu marido, que poderia ser descrito como qualquer coisa, menos frio. Ambos os homens eram surpreendentemente bonitos, mas aí as semelhanças terminavam.

Aisley não queria levantar de sua cama em Chiswill Manor, que lhe proporcionava uma calorosa e acolhedora lembrança de sua antiga vida como filha de Clarence de Laci. No entanto, sabia que Nicholas exigiria sair cedo, e ela queria tomar um banho depois de tantos dias na estrada. Era estranho pensar em seu irmão vivo e são no salão logo abaixo.

Embora nunca tivessem sido próximos, Aisley sentia certo prazer em ter o irmão de volta, e sentia-se incomensuravelmente mais leve por se ver livre do fardo de Belvry. Nunca pensara em se separar voluntariamente de sua velha casa, e, no entanto, sabia que poderia fazê-lo agora sem remorso. Sua beleza e seus luxos não eram mais tão atraentes quando comparados com a atração mais poderosa que seu marido exercia.

Depois de seu tempo como prisioneira de Hexham, acuada e assustada, um banho simples era um luxo, e a paz e a segurança de Chiswill, por menor e mais insignificante que fosse a propriedade, eram preciosas. Tomada por um novo humor, Aisley quase chorou de alegria ao descobrir que alguns de seus velhos vestidos ainda estavam guardados no guarda-roupas, nunca tendo sido

removidos depois sua última visita antes de seu casamento.

Deslizando uma mão até seu estômago, ficou impressionada com o quanto estava mais feliz agora, apesar de todas as dificuldades que tinha enfrentado. Sim, estivera satisfeita ocupada com Belvry, mas era completamente sozinha. Podia agora admitir que lotara seus dias com o trabalho para evitar sentir o vazio que finalmente fora preenchido por seu marido.

Respirando bem fundo, ela fez uma oração por Piers. Queria encontrá-lo vivo e bem, para poder contar-lhe sobre a criança que ele nem sabia que fora concebida.

Alguma coisa havia forçado Hexham a lutar, pensou Piers enquanto conduzia seus homens ao encontro do exército que se aproximava. Teria sido o sequestro de Aisley? Embora ele soubesse que tinha que considerar a possibilidade, não podia suportar pensar nela em posse de outro. Voltou sua mente para a luta, pois, qualquer que fosse a razão, Hexham finalmente agira. Piers tomara uma boa decisão de não entrar na armadilha do barão, porque Hexham tinha mais homens esperando, soldados que ele enviara de forma ousada.

Eles eram oponentes à altura da força armada de Piers, o que o fez lamentar deixar um contingente em Dunmurrow, porque não fizera a menor diferença lá. Haviam falhado até mesmo em proteger sua esposa, pensou ele sombriamente. Não deixava de perceber a ironia daquela luta, teria arriscado seus homens e sua vida por causa de um vazio sem sentido, enquanto a mulher que ele apreciava mais do que tudo lhe era roubada.

Orgulho, pensou Piers, balançando a cabeça. O orgulho e a honra muitas vezes significavam a queda de um homem, e ele percebeu, pela primeira vez

na vida, que estava arrependido de entrar em guerra.

Enquanto avaliava o inimigo, Piers também lamentava a cegueira que o mantivera afastado de lutas por tanto tempo, fazendo-o perder muitos homens. Ainda assim, Alan reunira os que permaneceram, e agora eles teriam que provar seu valor. Era hora de o Cavaleiro Vermelho viver de acordo com seu nome. De forma ferozmente calculada, Piers deixou de lado todos os outros pensamentos e voltou sua atenção para a batalha.



Capítulo Dezessete

Embora Piers soubesse que seus homens estavam lutando corajosamente, Hexham chamara novas reservas, além de uma infinidade de mercenários, que atacavam em todos os flancos. Retirando-se para avaliar sua posição, Piers ergueu o elmo e limpou a testa, o suor escorrendo em seus olhos sob a pesada coifa. Quando ele viu Alan se aproximando com um olhar sombrio em seu rosto, soube que seu vassalo não trazia boas notícias.

— O homem de Hexham disse que ele está disposto a discutir os termos — disse Alan.

Piers zombou, como costumava fazer ao ouvir tais palavras.

— Por que você me atrasa com essas notícias? Você sabe que eu nunca faço acordos quando posso lutar.

Alan parecia desconfortável, e um rubor espalhou-se por suas feições enquanto sustentava o olhar de Piers.

— Pensei que talvez o barão pudesse dizer algo sobre sua senhora — explicou.

Piers sentiu suas entranhas revirarem à menção de sua esposa, que fora esquecida no calor da batalha.

— Ele pediu um resgate? — perguntou Piers com sua voz grossa.

— Não, mas o homem de Hexham não falou muito. Talvez ele planeje oferecer a sua senhora em troca de Belvry.

Piers não acreditava. Uma mulher em troca de um enorme conjunto de propriedades lucrativas? Ele resmungou qualquer coisa inaudível e franziu o cenho ao pensar que uma vida de soldado, de honra e orgulho, estava em conflito com o que era realmente importante: sua esposa.

— Vamos ouvi-lo, então — disse Piers bruscamente.

Eles se entreolharam cheio de dúvidas quando entraram na tenda de Hexham. O barão estava sentado em uma grande cadeira, com um tapete sob os pés, como se fosse um xeque do Oriente ou um rico comerciante italiano. Embora ele estivesse vestido com o seu melhor traje de guerra, estava claro, pelo brilho impecável de sua armadura, que Hexham jamais fizera parte da luta. Piers só conseguia olhar com desdém para um homem que não conduzia o seu próprio exército para a batalha.

— Então este é o temível Cavaleiro Vermelho? — perguntou Hexham. O barão ergueu as sobrancelhas em uma expressão decididamente zombeteira, e Piers percebeu o olhar de advertência de Alan. Hexham o estava provocando deliberadamente? Ele não tinha certeza, mas aquela saudação o obrigou a

manter o controle, apesar de seu temperamento.

— Sim, meu senhor — disse o homem que os trouxera. Este saiu, e os dois ficaram sozinhos diante do barão e seus homens armados. Embora houvesse um contingente à sua espera lá fora, Piers começou a se sentir desconfortável. Hexham era um vilão escorregadio que já havia provado sua capacidade de traição. Teria planejado algum mal ao invés de falar?

Hexham os analisou por fim. Depois, apoiando-se nos braços da cadeira, ergueu a mão e colocou-a sob o queixo.

— Deve estar óbvio agora, Cavaleiro Vermelho, que você está em desvantagem. Por que não se rende voluntariamente, e eu deixarei você e o resto de seus homens viverem? — Ele gesticulou magnanimamente. — Já houve derramamento de sangue suficiente hoje.

Piers não respondeu, mas olhou para o burro arrogante que se exibia diante deles. Aquela "discussão" era inútil. Com certeza o homem não o tinha feito parar de lutar por isso. E quanto a Aisley?

Aparentemente enervado pelo olhar estoico de Piers, o barão gritou:

— Está ouvindo? Me responda!

Piers levou a mão ao cabo da espada.

— E a minha esposa, Hexham? — perguntou ele, apertando os dedos contra a arma. — Onde ela está?

Hexham pareceu surpreso com a pergunta, e, por um momento, Piers se perguntou se o homem realmente tinha capturado Aisley. Ele rapidamente recuperou seu equilíbrio e sorriu maliciosamente.

— Sua esposa? Ah, você está falando de Aisley de Laci.

— Aisley Montmorency — disse Piers, com os lábios apertados numa linha dura. — O que você fez com ela?

— Ora, nada, é claro, exceto amarrá-la à minha cama e tomá-la como minha — disse Hexham suavemente. Saiu de sua elaborada pose para dar um tapa em uma mosca em seu braço. — É uma pena que eu a tenha montado forte demais, e que ela tenha perdido o bebê que estava carregando, mas isso não importa. Vou plantar outras sementes naquela barriga branca dela.

O rugido de raiva de Piers fez a barraca estremecer. Sua espada voou para fora de sua bainha com tal velocidade e tal objetivo mortal que Hexham teve que sair de seu caminho para evitar ser empalado na cadeira. Ainda assim, a lâmina cortou seu braço, arrancando sangue, e ele gritou.

Os homens que estavam atrás dele correram para a frente, mas Piers os cortou como grãos de trigo, tamanha era a intenção assassina em seu objetivo: Hexham, que estava fugindo da tenda sem sequer pensar em defender-se. E, ao mesmo tempo, o som de ira de Piers cortava o ar como um grito de morte pagã.

Aisley sentiu sua impaciência crescer quando se aproximaram de Belvry, e ela acelerou seu cavalo, aproximando-o do grande corcel de seu irmão. Estavam na estrada desde o amanhecer: Aisley, Nicholas, os homens que haviam lutado contra a banda de Hexham e um número ainda maior que esperava em Chiswell, mantendo um ritmo constante para chegar a Belvry antes do anoitecer.

Ela olhou de relance para as fileiras atrás dela. Eram uma visão impressionante, na qual cada homem parecia uma muralha endurecida e perigosa. Às vezes, Aisley vislumbrava uma pele bronzeada e olhos escuros misteriosos, e ela se perguntava onde Nicholas tinha conseguido reunir seu

exército. Eles se moviam silenciosamente, obedecendo-o sem palavras de uma maneira que parecia muito estranha, e Aisley estremeceu, feliz por ter seguido seu irmão e não estar mais com Hexham.

— Aisley! — ela se virou para ouvir a voz de seu irmão, baixa e cortante. — Recue até que consigamos ver o que nos espera.

Aisley abriu a boca para protestar. A crista do morro estava à frente, e, além dele, estava Belvry e talvez Piers. Tinha chegado tão longe e não queria ficar para trás. E embora alguns sons fracos de homens pudessem ser ouvidos, ela podia jurar que não era o barulho da batalha. Antes que Aisley pudesse responder, no entanto, a quietude foi quebrada por um rugido feroz, como se alguns animais selvagens estivessem em pura agitação.

— Piers. — O nome escapou de seus lábios em um sussurro abafado.

— Que diabos foi isso? — perguntou Nicholas.

— Era Piers — disse Aisley com mais firmeza. — Acho que ele perdeu a paciência.

— Isso foi um homem? — Nicholas perguntou, seus olhos se estreitando em descrença. — Este é o seu *marido*?

Aisley olhou para os campos diante de Belvry, apenas para encontrá-los cheios de soldados, e em meio a eles surgira o bramido inconfundível de Piers.

— Oh, Nicholas, ele pode estar em perigo.

— Vá para trás, então, Aisley. — Virando-se para seus homens, ele disse: — Certifique-se de que ela tenha uma guarda ao redor dela o tempo todo. O resto de vocês, estejam preparados para atacar ao meu sinal. —

Nicholas fez uma pausa, seu belo rosto se retorcendo friamente. — Lembrem-se de que Hexham é meu.

Quando Piers finalmente saiu da tenda, ele estava suando e sangrando o suficiente para merecer o apelido que lhe tinham dado. Hexham não podia ser visto, mas ele, Alan, e o pequeno contingente de Dunmurrow estavam sendo esmagados por uma grande parte do exército do barão. Se Hexham tinha criado aquela armadilha, Piers não sabia, mas porque ele tinha perdido o controle, eles estavam agora em total desvantagem.

Eles correram para seus cavalos e conseguiram montar durante a confusão causada, mas quando Piers escaneou a área para uma rota de fuga, não viu nenhuma. Eles eram como uma pequena ilha num mar de soldados de Hexham, com uma distância muito grande entre eles e os seus próprios homens para possivelmente chegarem a um lugar seguro. Lutando por sua vida, Piers tentou abrir caminho em direção ao terreno alto, mas quando olhou para cima, de repente, viu mais homens, cavaleiros e mercenários, descendo a colina e marchando em linha reta em direção a eles.

Estamos perdidos. Pela primeira vez em todas as suas batalhas, as palavras entraram na mente de Piers, e ele pensou o quanto era irônico que apenas alguns meses atrás ele teria voluntariamente se entregado à morte com orgulho, porém, agora... Agora, por Deus, ele queria viver.

— Que diabos? — gritou Alan ao seu lado.

Piers seguiu o olhar de seu vassalo até o alto da colina e contemplou, perplexo, enquanto um dos cavaleiros se aproximava, carregando uma bandeira preta. Alan gemeu quando um veado branco foi revelado.

— Já vi isso em Belvry. É o símbolo do castelo — disse ele, com desespero rastejando por seu rosto.

— Não — disse Piers. Voltando-se rapidamente, encontrou a bandeira que sua esposa lhe dera. Ele a atirou para Alan, que segurou a outra ponta, deixando voar ao vento o tecido escarlate que exibia um veado idêntico. Elevando-a acima de seu pequeno grupo, seguraram-na como uma viva advertência para todos os que pudessem ameaçá-los. — É o brasão dos de Laci — gritou Piers, sorrindo.

Foi mais rápido do que eles poderiam imaginar. As forças de Hexham recuaram sob a nova investida, enquanto seu líder não era encontrado em lugar nenhum. Piers se posicionou em frente aos muros de Belvry e ordenou que a ponte levadiça baixasse, para que os feridos pudessem receber os devidos cuidados. Embora conduzisse uma força para o pátio, não tinha a intenção de demorar-se, pois, jurou perseguir Hexham e terminar o trabalho que tinha começado na barraca do barão.

— O Cavaleiro Vermelho! O Cavaleiro Vermelho! — Dentro dos muros, os moradores de Belvry aplaudiram sua chegada, e Piers percebeu que ele estava, de fato, coberto de sangue, embora muito pouco lhe pertencesse. Como Edward uma vez disse, ele parecia atraí-lo. Com um suspiro, desmontou de seu cavalo e teria solicitado uma túnica limpa, mas não quis fazê-lo para não perder tempo. Já havia subestimado Hexham uma vez, não faria isso novamente. Não podia deixar o bastardo escapar, e, mais importante, não podia permitir que levasse Aisley com ele.

Com a disciplina de um guerreiro, Piers arrancou de sua mente imagens que poderiam interferir em sua tarefa, especialmente visões de Aisley amarrada à cama do barão. Agora precisava reunir os homens mais aptos para a tarefa que tinha diante dele e buscar a víbora em seu ninho.

Alan aproximou-se, e Piers acenou com a cabeça em direção ao estandarte negro, ainda visível nas encostas, diante das muralhas do castelo.

— Quem lidera nossos salvadores? — perguntou.

O vassalo balançou a cabeça.

— Os homens não abrem suas bocas. Dizem apenas que servem a de Laci.

— Qual de Laci? — perguntou Piers. A única de Laci que ele conhecia não possuía homens e provavelmente estava aprisionada, à mercê de Hexham. Um bebê, o barão tinha falado. Seria verdade? Será que Aisley tinha carregado seu filho, só para perdê-lo à brutalidade de Hexham? Removendo seu elmo, Piers limpou o suor de seus olhos e disse a si mesmo que não deveria sentir nada ou ele poderia ser esmagado por essas emoções.

— Montmorency? — Uma nova voz falou atrás deles, e Piers ergueu os olho, deparando-se com um estranho cavaleiro, montado em um cavalo.

— Sim. Sou Montmorency — disse Piers, aproximando-se. O guerreiro desmontou de seu corcel negro e aproximou-se. Era alto, quase tão alto quanto Piers, embora não tão largo, e movia-se com uma graça natural que sugeria uma nobre linhagem. Enquanto caminhava, ele retirou o elmo, revelando uma cabeça de cabelos grossos e escuros.

Seu rosto, embora finamente desenhado e bonito, possuía um olhar frio e endurecido que Piers vira em muitos soldados. Talvez fosse isso que o fizesse parecer familiar, pensou Piers. Então, seus olhos se encontraram e Piers sentiu uma estranha sensação de surpresa. Ele reconhecia aqueles olhos, em um tom de cinza tão peculiar que eram quase prateados.

— Sou Nicholas de Laci — disse o homem.

— Mas você está...

— Morto — Nicholas terminou a frase para ele. — É uma longa história, que prefiro compartilhar quando estivermos à vontade no salão. Mas posso adiantar que sou grato a você por ter guardado tão bem minhas propriedades na minha ausência. Minha irmã fala muito de você.

Piers não pôde deixar de agarrar o braço de Laci, talvez com força até demais.

— Aisley! Ela está aqui? — Ele reconheceu o desespero em sua própria voz, mas nem sequer se importava com isso.

— Sim — disse Nicholas. Ele balançou a cabeça em direção a um grupo de homens atrás dele. — Ela está...

Piers não esperou que o irmão de Aisley terminasse. Não parou para discutir as batalhas que teriam pela frente, nem para compartilhar seus planos sobre Hexham, nem para resolver as questões de Belvry. Jogando seu orgulho e sua honra de lado, como fez com as luvas de sua armadura, ele correu para sua esposa.

Aisley já estava desmontando quando ele a viu e logo começou a correr para ele. Eles se encontraram na grama verde diante das paredes de Belvry. Sem se preocupar com a sujeira, o suor ou o sangue que o encharcava, sua esposa se jogou em seus braços, contra a armadura que cobria seu peito, e ele a ergueu do chão, pressionando a boca em suas pálpebras e seu rosto.

Piers percebeu que estava chorando, mas também estava rindo, muito feliz por vê-la. Sendo assim, ignorou as lágrimas para beijá-la profundamente. Foi somente quando a deixou deslizar para o chão que ouviu os assobios dos homens ao seu redor. Embora se constrangesse com o som, não conseguia desviar a atenção de sua esposa.

— Você está bem? — ele perguntou com a voz rouca.

— Sim — disse Aisley, com um sorriso radiante e seus olhos acinzentados, tão parecidos com os do irmão, brilhando como prata derretida.

— Hexham te fez algum mal?

— Não — disse Aisley. — Hexham estava com muito medo dos homens de Dunmurrow para fazer qualquer coisa comigo. Ele manteve um ritmo extenuante até chegarmos às terras de Belvry, e, então, Nicholas nos alcançou.

Piers viu a verdade em seu olhar. Confiava nela, mas, ainda assim, precisava ouvir as palavras.

— Ele não tocou em você?

— Não — Aisley sussurrou, com os olhos fixos nos dele. — Hexham nunca levantou uma mão para mim, embora eu tenha certeza de que ele esteve duramente tentado a isso muitas vezes.

Piers sentiu o alívio se espalhar por seu corpo em ondas. Hexham mentira. O bastardo não a tinha amarrado à sua cama. Não houve estupro nem aborto. Com um estremecimento, Piers a atraiu para seu abraço. Obrigado, Deus, ele silenciosamente orou aos céus. Se não houvera aborto, será que havia mesmo um bebê?

— Você conheceu meu irmão? — Aisley perguntou, arrancando-o de seus pensamentos.

— Sim. — Ele levantou a cabeça e percebeu que agora não era o momento para outras intimidades. Com relutância, ele a soltou, embora mantivesse um braço em torno de seus magros ombros, enquanto começava a caminhar de volta para onde Nicholas os esperava.

— Ele estava preocupado que pudesse haver uma disputa por Belvry, mas eu disse a ele que você não quer isso — disse Aisley.

Piers fez uma pausa para olhar para ela, baixando as sobrancelhas.

— Você deu a ele uma das maiores e mais lucrativas propriedades da região sem sequer me consultar? — perguntou secamente.

Aisley riu, sem se intimidar por sua carranca.

— Fiz mal? Eu me lembro muito bem de uma ocasião em que você grunhiu que não queria nenhuma das minhas riquezas.

Piers gemeu.

— E, então, eu lutei pelo que agora pertence ao seu irmão?

Um risada baixa vinda de Aisley foi sua única resposta, e ele sentiu o coração se contrair com a força de seu amor por ela. Por Deus, se ele pudesse, ele a carregaria em seus braços agora, sem nem se importar com Hexham. Leva-la-ía até seu quarto e mostrar-lhe-ía o quanto sentira sua falta.

Infelizmente, aquelas agradáveis reflexões foram interrompidas pelo irmão de Aisley, que estava andando em sua direção, com um escudeiro conduzindo um cavalo logo atrás.

— Barão Montmorency — disse Nicholas quando se encontraram. — Peço desculpas por minha partida precipitada, mas não posso permitir que Hexham escape.

— Claro que não — disse Piers. — Vou reunir alguns homens e vou com você. — Ele ignorou o toque dos dedos de Aisley em seu braço, como se para mantê-lo ali.

— Isso não será necessário — disse Nicholas. — Você fez mais do que o suficiente por mim, e deixe-me assegurá-lo de que Aisley receberá um dote de casamento generoso. — Piers ergueu a mão como se quisesse afastar suas palavras, mas o rosto do jovem se tornou ainda mais impassível. — Insisto, meu senhor — disse Nicholas. — Estou-lhe grato, mas não quero lhe dever nada.

Aisley apertou o braço de Piers, advertindo-o para não perder a paciência, mas ela não precisava se preocupar. Piers conhecera homens como Nicholas antes.

— Naturalmente, ficarei feliz em fazer um acordo. Perdi homens aqui, é claro, e eles devem ser substituídos — disse Piers. — Quanto a Hexham, ele me desafiou di- retamente. Ele me arrastou para cá, para que pudesse se esgueirar pelas minhas costas e raptar minha esposa da minha própria casa. Pretendo vê-lo morto.

— Barão — disse Nicholas. Ele hesitou, e mudou o peso do corpo para o outro pé, como se estivesse impaciente para sair dali. Será que estava com tanta pressa assim para ir atrás de Hexham, ou simplesmente não se sentia confortável com as palavras? O irmão ressuscitado de Aisley era um quebra-cabeças interessante, que necessitaria ser avaliado com mais cuidado depois. — Por favor, não tome isso como um insulto — disse Nicholas. — Mas Aisley está bem. Ela está segura e ilesa, porém, o que está entre Hexham e eu é algo muito mais profundo.

Piers se perguntou o que poderia ser mais profundo do que sequestrar a esposa de um homem, mas segurou a língua. Nicholas ficou imóvel, com os olhos cinzentos tão frios quanto pedra, enquanto aguardava uma resposta. Demorou cerca de um minuto para que Piers decidisse mandar a honra e o orgulho para o inferno e mais um para decidir o que iria fazer enquanto seu

novo cunhado matava seu inimigo por ele.

— Tudo bem. Ele é seu — disse Piers.

Nicholas acenou com a cabeça, mas seu olhar permaneceu sério, e seu rosto, rígido. Então, ele montou seu magnífico corcel e partiu, sem olhar para trás. Chamou seus homens com uma voz excepcionalmente suave, baixa. Então, cavalgaram em busca de Hexham como cães saboreando uma matança, mas Piers não se arrependeu de ficar. Estava cansado de lutar e de mortes, do cheiro acre de sangue, e do gosto azedo que a batalha deixara em sua boca. A honra e o orgulho tinham sua importância, com certeza, mas ele preferia encontrar sua felicidade entre as coxas de sua bela esposa.

Como se pudesse ler seus pensamentos, Aisley puxou seu braço.

— Venha — disse ela. — Quero lhe mostrar minha Belvry. — Piers olhou para ela, percebendo que seu lindo vestido azul estava manchado de sangue e sujeira.

— Precisamos de um banho primeiro, minha esposa — ele disse com a voz rouca.

Ela sorriu.

— Obrigado, Piers — sussurrou, inclinando-se para ele.

— Pelo quê? — ele perguntou, realmente confuso.

— Por não ir com Nicholas — disse ela. — Eu sei que você queria ir, mas eu não poderia suportar, não quando acabei de te encontrar de novo e...

Piers colocou um dedo nos lábios dela.

— Acredite em mim, Aisley — disse ele com voz rouca. — Não houve

grande sacrifício da minha parte.

— Seus seios parecem maiores, mais pesados — disse Piers, acariciando o objeto de seu interesse. — Você os esfregou com óleos especiais?

Aisley fez uma careta.

— Claro que não — ela disse, dando de ombros. Ela sabia por que seus seios estavam mais cheios, e ela tinha uma suspeita de que Piers também sabia.

— Que bom. Pois eu gostava deles como eram, pequenos e perfeitamente moldados para a minha boca — disse ele, beliscando sua carne.

— Piers. — Os pensamentos de Aisley estavam dispersos pela sensação da língua que lambia seu mamilo. Como ele conseguia excitá-la tão facilmente? Pensara estar totalmente exausta e saciada depois da paixão aquecida de sua primeira reunião, mas, ainda assim... Sua boca se moveu para lamber seu umbigo.

— Tem alguma coisa para me dizer, esposa? — perguntou ele.

Suas palavras arrancaram Aisley do torpor, e ela se sentou reta, batendo a cabeça com seu rápido movimento.

— Você sabe!

— Sei o quê? — Piers perguntou inocentemente conforme ele abria as pernas.

— Sobre o bebê — Aisley disse, irritada por ele ter estragado sua surpresa.

— Que bebê?

Ela segurou a cabeça escura de Piers, que estava prestes a mergulhar em uma de suas coxas.

— Nosso bebê!

— Vamos ter um bebê? — ele perguntou, o tom seco familiar de sua voz provocando-a mesmo enquanto a pressão úmida de seus lábios fazia seus ossos derreterem.

— Sim — disse Aisley, exasperada, enquanto caía de encontro aos travesseiros.

— É uma boa notícia — comentou Piers entre suas pernas. — Devo mandar um beijo para ele? — Aisley ficou completamente sem fôlego e soltou um longo gemido enquanto ele levantava seu corpo e a tocava com a língua.

Aisley estava morrendo de fome. Ela silenciosamente consumiu todo o alimento em seu prato e ainda arrebatava pedaços do de Piers, enquanto ele a olhava indulgentemente.

— Quantas crianças você está carregando aí dentro? — ele perguntou, olhando para o nó do roupão que estava amarrado em seu estômago plano.

Aisley riu e finalmente sentou-se em uma das cadeiras de madeira esculpidas com esplendor que adornavam a câmara de seus pais. A câmara de Piers. A câmara de Nicholas, ela corrigiu-se.

— O que você acha do meu irmão? — ela perguntou.

Piers olhou para ela com carinho.

— Acho que você estava certa. Ele não é do tipo que faz cócegas — ele

disse secamente. — Você tem sorte, entretanto, porque eu sou — ele adicionou, com um sorriso perverso em seu rosto. Aisley gritou e correu pela sala, mas não foi rápida o suficiente, e logo Piers a jogou em seus ombros, lançando-a na cama e pousando ao lado dela com tanta força que ela achou que a enorme plataforma de carvalho se quebraria em dois.

— Pare, ou vou vomitar — advertiu ela. Seu marido se acalmou, suspenso sobre ela, com sua enorme mão descansando em sua cintura, seus olhos quentes e risonhos.

— É a primeira vez que uma mulher me diz isso — protestou ele. Aisley riu suavemente, enquanto sua mão se erguia para tocar o rosto do marido. Como podia amá-lo tanto?

— Piers — disse ela suavemente. — Você estava certo. Nicholas não é o tipo de cócegas, nem o tipo de abraço, nem o tipo amoroso, e temo que ele pareça ainda mais duro agora do que quando partiu há cinco anos. — O pensamento a deixou triste pelo irmão.

Piers suspirou, recostando-se contra os travesseiros.

— A batalha muitas vezes pode partir um homem ou então moldá-lo em algo diferente do que ele poderia desejar ser.

— Você acha que seu coração pode se aquecer para nós depois de um tempo? — Aisley perguntou. Ela se lembrava do olhar de seu irmão, analisando-a como um estranho enquanto cavalgava ao lado dele. Ele nunca lhe perguntara se ela era feliz, se seu marido era um bom homem, ou qualquer coisa assim.

— Não sei — disse Piers.

Aisley suspirou, e Piers entrelaçou seus dedos nos dela, trazendo-os aos

lábios para um beijo suave, enquanto ambos permaneciam deitados de costas, olhando para o teto de madeira.

— É estranho, mas Nicholas sempre foi tão bonito. Ele era considerado um grande partido pelas damas e tinha uma reputação de ser honrado, gentil e justo.

— Tenho certeza de que ele ainda é tudo isso — disse Piers.

Aisley respirou fundo.

— Mas quando eu olho em seus olhos, sinto que está frio por dentro — ela sussurrou. Em seguida estremeceu, e Piers aproximou-se dela. Nicholas, herdeiro de Belvry e das propriedades nos arredores, era apenas o tipo de cavaleiro com quem as mulheres estavam ansiosas para se casar, enquanto Piers, não. Durante a maior parte de sua vida fora um cavaleiro sem terras, nunca possuíra fortuna para atrair uma dama, e sua reputação era suficiente para assustar a donzela mais corajosa. Ainda assim, era de longe o maior dos prêmios, pensou Aisley. — Ele está assustador, Piers, mais assustador do que o Cavaleiro Vermelho nunca foi.

— Até mesmo nos meus momentos mais sombrios? — Piers provocou, cutucando-a.

— Mesmo nos seus momentos mais sombrios — disse ela. O pensamento a fez lembrar-se de suas próprias contribuições à lenda. — Eu disse a Hexham que você iria comer o coração dele no jantar.

— Oh, obrigado — disse Piers. — Que bom que você contou àquele velho sobre meus poderes obscuros.

— Mas você tem poderes — sussurrou Aisley, enquanto sua mão vagava livremente sobre o corpo do marido.

— Você não vai vomitar, vai? — perguntou Piers duvidosamente.

— Eu prometo que não.

— Bem, então, acho que vou ter que enfeitiçá-la novamente, minha esposa. — E ele o fez.

Nicholas voltou alguns dias depois, seu humor ainda mais sombrio do que quando tinha saído. Entrou no grande salão como se este lhe pertencesse, o que era verdade, lembrou-se Piers. Atirando o elmo para uma cadeira, sacudiu o cabelo comprido e informou:

— Hexham escapou.

Piers ergueu as sobrancelhas, não tanto pelas palavras, mas pelo tom que o jovem usou. Será que Nicholas o acusava de alguma coisa?

— Lamento ouvir isso — disse Piers.

Ele baixou os olhos prateados, como se reconhecesse seu erro, e Piers relaxou. O garoto estava zangado consigo mesmo e decidira atacar a todo mundo. Segurando sua esposa protetoramente, Piers esperava que isso não incluísse Aisley.

Ela já estava de pé, pedindo comida e bebida para seu irmão, mas se esperava algum tipo de saudação, não ia obtê-la. Piers sentiu uma pontada de aborrecimento. Não era de admirar que Aisley tivesse parecido, a princípio, tão contida, tão sem emoções, já que aquele era o exemplo da afeição familiar com a qual fora criada.

— Vou encontrá-lo — Nicholas prometeu, com sua voz dura. Sentou-se, e Piers observou os movimentos de Aisley, graciosos, mas muito controlados. Os de Laci comportavam-se como soldados, e Piers tinha a sensação de que a

guarda daquele homem raramente o decepcionava. Por um momento, Piers sentiu pena de Nicholas e lamentou tudo o que o fizera se tornar o homem que ele era hoje. — Não se preocupe, Montmorency, vou seguir Hexham. Ele é muito estúpido para conseguir fugir por muito tempo, e quando encontrá-lo, vou matá-lo — disse Nicholas.

— Pode me chamar de Piers. E eu não estou preocupado. Se você quiser o meu conselho — disse ele, embora soubesse que o jovem não o queria —, eu diria para você esquecer o barão. Encontre uma esposa encantadora, obtenha alguns herdeiros e aprecie sua propriedade frutífera e a paz que conquistou para ela.

Nicholas lançou-lhe um olhar de desdém divertido. Ele acha que sou um velho idiota, pensou Piers com certa surpresa. Isso, considerando que ele havia recuperado o peso perdido durante a cegueira, e seu corpo estava outra vez em forma. Ele ainda era o Cavaleiro Vermelho. Embora não compartilhasse mais do desejo de sangue daquele rapazinho, suspeitava que poderia vencer seu novo irmão em qualquer disputa de armas. Piers enviou a Nicholas um olhar de advertência para colocá-lo em seu lugar.

Nicholas captou a mensagem e desviou o olhar. Quando ele se virou, seus lábios finos estavam unidos em uma careta.

— Não posso deixar Hexham escapar — disse ele. Hesitou, então, como se não quisesse falar mais nada. — Fui à Terra Santa para lutar, pouco sabendo que ter uma víbora entre meus homens seria muito mais perigoso do que as hordas pagãs — disse ele friamente. — Fui ferido, mas não mortalmente, e esperei que um dos homens me encontrasse. Foi Hexham — Nicholas sussurrou o nome como uma maldição. — Em vez de me ajudar, ele me arrastou até uma árvore e me deixou lá para sangrar até a morte.

Piers viu Aisley respirar fundo e estendeu a mão para cobrir a dela, enquanto Nicholas continuava.

— Eu teria morrido, mas uma pobre mulher ouviu os meus gritos. Ela cuidou de mim com suas próprias mãos em sua pequena cabana. Sem saber o que Hexham planejava, assumi outro nome. Quando recuperei minha força, eu o procurei, mas ele tinha ido. Então, eu soube que cobiçava Belvry — disse Nicholas. — Meu pai não era um idiota, então, não vi necessidade de voltar correndo para casa — explicou. — Fiz minha própria fortuna e reuni homens, sabendo que um dia poderia precisar deles. Foi quando ouvi falarem da morte de meu pai. Então, eu soube que tinha chegado a hora de me levantar dos mortos.

— Hexham sabe que você está vivo? — perguntou Piers.

Nicholas sacudiu a cabeça.

— Acho que não. Meus homens juraram ficar em silêncio. Tenho certeza de que a visão da bandeira de Laci o surpreendeu, mas a menos que estivesse lutando perto de mim, não saberia sua fonte.

Piers bufou.

— Duvido que ele estivesse lutando. Eu o acertei em sua barraca, e ele saiu, chorando como um bebê. Provavelmente saiu correndo, muito antes de podermos voltar nossa atenção para persegui-lo.

Nicholas franziu o cenho.

— Talvez, mas eu vou encontrar sua trilha, e, eventualmente, ele vai se deparar com a morte por minha espada.

Observando o semblante do jovem, Piers sentiu-se cansado.

— Não deixe sua vida ser governada por vingança, Nicholas — disse ele. Mas o olhar que recebeu avisou-lhe que era melhor que se ocupasse de sua própria vida. Piers sentiu a mão de Aisley tremer e soube que ela estava preocupada com seu temperamento, mas Nicholas não o irritou. Compadecia-se de seu novo irmão. Já vira homens como Nicolas, aqueles cujas vidas eram alimentadas pelo ódio até que este os devorava. E o que aconteceria quando ele finalmente matasse Hexham? Piers suspeitava que não haveria mais nada dentro de Nicholas de Laci.

— Ele pode ter ido à corte, para defender seu caso diante de Edward — disse Aisley.

— Talvez — disse Nicholas. — Parto amanhã em seu encalço — Piers viu rápidos vislumbres de desapontamento surgirem e desaparecerem no rosto de Aisley, o que o fez ficar zangado com o jovem diante de si.

— Eu queria explicar a situação para você antes de sair. E eu vou, claro, dar a parte de casamento da minha irmã — Nicholas acrescentou descuidadamente. Oh, você finalmente reparou que ela existe, não é?, Piers pensou, irritado. Olhando para os dois, ninguém saberia que eram da mesma família. A única coisa que tinham em comum era o modo como ambos agiam, frios e calculistas.

— Aisley, você poderia nos deixar por um momento? — Piers perguntou com o que ele esperava ser um sorriso gentil. — Gostaria de discutir sua parte de casamento com Nicholas.

Aisley acenou com a cabeça e saiu do salão, cheia de graça em seu andar e orgulho em sua postura. Tudo que Piers queria era envolvê-la com seu amor. E também queria dar um soco na cara de Nicholas de Laci.

Piers se levantou e caminhou em direção ao local onde seu novo irmão

estava sentado. Acostumado a usar de seu tamanho para intimidar, ele simplesmente colocou-se diante do jovem e olhou para aqueles olhos cinzentos e frios.

— Eu não dou a mínima para o seu dinheiro — ele rosnou.

Quando Nicholas se levantou, Piers lançou-lhe um olhar que lhe dizia que era melhor que ficasse sentado.

— Eu também lutei na Terra Santa — disse ele. — E fiz campanha com Edward no País de Gales por anos. Não sendo herdeiro de uma propriedade, ganhei minha pequena participação pelo sangue que arranquei com minha espada. E eu passei por uma provação no ano passado que faria seu encontro com a morte parecer uma brincadeira de verão. — A voz de Piers estava rouca de pesar, apesar de seu esforço para controlá-la. — Então, saiba que você não é o único homem cuja vida tem sido difícil.

Sua mão se moveu para o punho de sua arma.

— Sinto-me afortunado por poder ter lutado aqui para preservar sua propriedade e as lembranças da minha esposa a respeito desta casa. Eu só quero uma coisa de você em troca. — O olhar cinzento estava fixo no dele, enquanto Nicholas o observava estoicamente. — Quero que você trate sua irmã como se ela existisse.

As sobrancelhas de Nicholas levantaram-se em surpresa.

— Eu não me importo se você irá amaldiçoar o meu nome ou se vai desaparecer para os confins da terra assim que deixarmos Belvry, mas enquanto estivermos aqui, quero que você aja com sua irmã e a trate como uma pessoa, que vive e respira, a quem você deve respeito por manter este castelo funcionando em sua ausência — disse Piers.

Sem esperar por uma resposta, ele girou em seus calcanhares e saiu do salão para encontrar sua esposa. Decidiu que era uma coisa boa que Aisley tivesse mantido sua reputação, porque qualquer outra cena como esta certamente destruiria o mito do temível Cavaleiro Vermelho.



Capítulo Dezoito

Durante a ceia, Piers congratulou a si mesmo, pois, parecia que sua pequena conversa com seu novo irmão tinha feito maravilhas. Nicholas passou a refeição conversando bem baixo com sua irmã, enquanto Piers a olhava com carinho. Talvez o jovem não fosse tão ruim. Talvez tivesse apenas deixado a vingança se sobrepor a coisas mais importantes e tudo o que precisava era de um lembrete sobre as prioridades da vida.

A noite passou rápida e agradável, e embora fosse tarde, Piers não queria sair do salão. Estava cheio de pessoas que amavam sua esposa, desde aldeões que comemoravam sua segurança a mulheres que a haviam servido como criadas por anos. Vendo tantas pessoas de Belvry ali, Piers implorou-a que cantasse e a multidão imediatamente se acalmou.

Era óbvio que todos conheciam seus talentos. Piers sorriu quando viu

uma velha empregada se inclinar para trás e fechar os olhos enquanto a voz de Aisley ressoava, clara e adorável. Mas ele, por sua vez, não podia suportar fechá-los e não se deleitar com a beleza que tinha diante de si. Passara muitas noites ouvindo cegamente àqueles sons angelicais, e agora ele a observava com avidez a cada movimento. Seu olhar acariciava os longos cabelos prateados, que ele insistia que ela deixasse soltos, para que seguissem as linhas flexíveis de seu corpo, que parecia muito delicado para gerar seu filho.

Quando terminou, Aisley foi inundada de louvores. Suas mulheres se moveram ao redor dela, seus rostos envoltos em sorrisos, enquanto ela corava com a atenção. Até mesmo Nicholas lhe disse o quanto gostava de sua voz.

— Eu tinha me esquecido do quão lindamente você canta — disse ele. E Piers sentiu que o homem falava honestamente.

Era tarde, e, apesar da alegria da noite, Aisley parecia cansada, então, Piers a chamou para seu lado e deu boa noite a todos.

— Aisley — disse Nicholas. — Devo dizer-lhe adeus, pois, amanhã partirei cedo.

Aisley assentiu, com o rosto impassível.

— Desejo que fique bem, Nicholas.

— E eu desejo o mesmo a você — disse o irmão. — Pode ficar o tempo que quiser, embora eu não saiba quando vou voltar. E, Aisley... — Nicholas fez uma pausa, e os olhos cinzentos se fixaram nos dela, tão similares. — Obrigado por cuidar tão bem de nossa casa.

Aisley sorriu.

— Foi um prazer — disse. Então, ela se virou e lançou a Piers um olhar

que lhe dizia com muita certeza que ela sabia que ele era responsável pelo discurso de seu irmão.

Piers desviou o olhar e não disse nada até chegarem à grande câmara, mas se pensava que sua esposa iria esquecer o incidente, estava enganado. Assim que a porta foi fechada, ela deu-lhe uma cotovelada no estômago e começou a rir.

— Por que isso? — perguntou ele, sem rodeios.

— Você é uma farsa, Cavaleiro Vermelho! — ela disse, radiante. — Que monstro temível você é! Que magia colocou sobre meu irmão para fazê-lo discursar daquela forma?

Piers tentou parecer inocente, mas isso só a fez rir mais alto.

— Se você soubesse o quão incomum foi o comportamento de meu irmão esta noite, você não tentaria negar. Juro que Nicholas nunca me elogiou em toda a minha vida, a não ser quando não fui morta ao montar num cavalo muito grande para mim. — Aisley caiu de costas na cama enorme, o riso se transformando em suaves suspiros de contentamento. — Estou muito tentada a espalhar essa história por aí, sabe? — disse. — A lenda do Cavaleiro Vermelho certamente seria manchada pela notícia. Suponho que nem sequer perceba o quanto os criados o evitam, como todo mundo em Belvry se esconde por causa de sua temível reputação.

Piers não tinha percebido, mas não dava qualquer importância a isso, simplesmente tirava o sobretudo e o dobrava cuidadosamente.

— Eu não sei por que você está reclamando — disse ele. — Pensei que gostasse da lenda do Cavaleiro Vermelho. Foi você que disse que eu comia os fígados das pessoas.

— Corações — Aisley corrigiu, rindo.

Piers sorriu. Colocou a túnica num dos muitos baús elaboradamente esculpidos e pensou no quanto o quarto era realmente suntuoso. Belvry era muito diferente de Dunmurrow. Construída muito mais recentemente, com conforto, era mais espaçosa e mais quente, cheia de quartos, móveis e tapeçarias. Não era de se admirar que Aisley tivesse desprezado a sua casa, escura, apertada e fria.

Com um suspiro, ele caminhou até a janela e olhou para as estrelas. Por um breve momento, desejou poder dar todas as riquezas do mundo para sua esposa, mas colocou tais pensamentos de lado como um desperdício de energia. Sabia que tinha sorte de poder apresentar-se como um homem inteiro, e estava agradecido por isso.

Lá embaixo, no pátio, os soldados que se moviam na noite atraíram seu olhar. Nicholas partiria no dia seguinte. Por quanto tempo mais Aisley gostaria de permanecer em sua antiga casa? Piers não poderia culpá-la se ela quisesse passar o verão ali ou até mesmo ficar para que o bebê nascesse em um ambiente familiar. Mas ele sentiria falta de sua própria casa. Seriam os homens mais possessivos do que as mulheres a respeito dessas coisas? Dunmurrow não era muito, mas era dele, e ele lutara por muito tempo para ganhá-la.

— Você nada mais é do que um homem grande, gentil e maravilhoso, e eu o amo — disse a mulher, sonolenta, sobre a cama.

Piers ignorou o comentário, com sua mente perdida em assuntos mais sérios.

— Você quer ter a criança aqui, Aisley? — ele perguntou, quase com medo da resposta.

— Não. — Piers olhou para ela, então. Ela estava iluminada pelo brilho de muitas velas, com seus cabelos prateados brilhando ao redor dela como um véu translúcido; seu vestido erguido, revelando belas e finas pernas. E, naquele momento, se ela tivesse dito que queria ter o filho na Terra Santa, Piers soube que não poderia negar-lhe nada.

Felizmente para ele, seu pedido não era tão difícil.

— Quero que o bebê nasça em sua própria casa, em Dunmurrow.

Em comparação com o ritmo frenético que a levara até Belvry, a viagem para casa fora longa e descontraída. Aisley sabia que em alguns meses, com uma criança a caminho, ela não iria querer viajar, então, eles foram parando nas aldeias próximas às terras de Montmorency, para conversar com os moradores e reunindo os que queriam viver em Dunmurrow.

Eles foram recebidos com diversos graus de medo, suspeita e boas-vindas, pois, aquelas pessoas conheciam seu senhor apenas por rumores negros e ameaçadores. Aisley pôde ver que muitas mulheres e homens também ficaram surpresos ao descobrir que o belo homem a seu lado era o Cavaleiro Vermelho. Embora ele ainda pudesse parecer feroz para eles, era melhor, de longe, ver um homem de carne e osso do que apenas ouvir sobre sua lenda obscura.

Aisley sabia que sua presença facilitava a situação. Quando as pessoas percebiam o quanto ele cuidava de sua esposa, algo que ela sutilmente, mas facilmente, o manobrava para demonstrar, muitos mudavam sua atitude em relação a ele. Ela se alegrava com seu papel, porque estava orgulhosa dele, acima de tudo, e queria que ele fosse aceito, por ela e pelo bebê que carregava.

Foram muito falados por todos os cantos, e quando chegaram a Dunney,

Aisley ficou sabendo que os aldeões estavam procurando por eles. Ela se perguntava como seriam recebidos; de todos os lugares que visitaram, Dunney era o único onde o Cavaleiro Vermelho tinha se mostrado antes de sair para a batalha contra Hexham. Era também o lugar onde era mais temido.

Aisley não precisou esperar muito para descobrir. Mal haviam passado pela primeira das cabanas que estavam espalhadas pela estreita estrada quando começaram os aplausos. Ela lançou um olhar surpreso para Piers, que sustentava o mais confuso olhar em seu rosto.

— Cavaleiro Vermelho! Cavaleiro Vermelho! — eles cantavam. E, à medida que a festa avançava, os aldeões se alinhavam ao longo do caminho, enviando gritos de boas-vindas para o senhor e para a Lady de Dunmurrow.

Aisley sentiu seus olhos arderem ao vê-los todos, homens, mulheres, velhos e jovens. Alguns ela conhecia, muitos, não, mas parecia que todos tinham saído de suas casas para cumprimentá-los. No centro da aldeia eles pararam, e um silêncio recaiu sobre a multidão; o único som sendo o do tremular de sua bandeira, vermelha e branca, sustentada pelo vassalo de Piers. Todos os olhos voltaram-se em expectativa para Montmorency, que estava sentado, olhando para seu povo, parecendo muito feroz, pensou Aisley. Ela lambeu os lábios, preparada para preencher o silêncio, mas ele acabou falando:

— Obrigado pelas boas-vindas — disse Piers, com sua voz de guerreiro crescendo. Embora suas palavras fossem gentis, ele ainda parecia grande e poderoso, e um pouco temível, com seu corpo enorme montado em seu enorme corcel e seu cabelo escuro desgrenhado pela brisa. Examinou todos eles, que recuaram, intimidados. Então, de repente, ele abriu um largo sorriso. — É bom estar em casa!

Os aplausos eram ensurdecedores, e seus cavalos começaram a avançar novamente, enquanto Piers firmemente controlava seu público. Era como se ele tivesse lançado seu feitiço em uma aldeia inteira, pensou Aisley com um sorriso. Ela tentou olhar para todos e acenar para os que ela conhecia, mas foi prejudicada pelas lágrimas que ameaçavam cair ante a aceitação de Piers. Ela não pôde, porém, deixar de procurar por uma cabana em particular, perto dos limites da aldeia, e, como esperava, lá estava a viúva Nebbs sentada na porta, mexendo uma colher alegremente e gargalhando, para todo mundo ouvir, como uma bruxa encantada.

Foi uma boa viagem, especialmente no final, mas Aisley estava feliz por estar em casa. Esperava passar o verão confortavelmente em Dunmurrow, em sua própria cama macia na grande câmara.

Embora fosse normalmente o período do ano em que ficava mais ocupada, ela se viu sentada mais de uma vez, em uma das duas novas cadeiras que Piers insistira em construir. Observava o salão, com um sentimento de posse, desfrutando da brisa que flutuava pelas janelas altas enquanto costurava uma roupinha para a criança.

Com um sorriso, Aisley percebeu que, nas semanas que se seguiram à sua volta, Piers assumira lenta e silenciosamente muitos de seus deveres ou os passara para Cecil, Edith ou Willie, que agora residia permanentemente no castelo, fazendo o que mais ninguém tinha tempo de fazer. Os dias difíceis de Willie, suspeitava Aisley, haviam começado no momento em que Edith se casara com ele, mas ele parecia contente, como todos os que residiam ali. Dunmurrow era pacífica e silenciosa, e Aisley estava mais feliz do que poderia imaginar.

Um dia, ela ergueu os olhos de seu trabalho e viu Glenna atravessar a sala. Estava prestes a consultar a cozinheira a respeito da ceia, quando notou

um padre entrar no salão. Surpresa, Aisley deixou de lado a costura e levantou-se para cumprimentá-lo. Embora tivesse solicitado um novo capelão, até o momento não recebera nenhuma resposta do bispo. Suspeitava que o atraso era devido à reputação um pouco desagradável do Cavaleiro Vermelho. Talvez este companheiro tivesse uma mensagem para ela ou tivesse vindo para reivindicar a posição ele mesmo.

— Bom dia para você — disse Aisley, caminhando em direção ao religioso. Ela parou alguns passos depois, quando viu Glenna lançar-lhe um olhar horrorizado e sair correndo do cômodo. Será que a cozinheira não desejava um padre em Dunmurrow?

— E para você — disse o padre bruscamente. Aisley não teve mais tempo para questionar o comportamento de Glenna, porque, de repente, o homem se adiantou, agarrando-a e colocando uma adaga em sua garganta.

— Hexham! — Aisley arfou. — Você está louco?

— Possivelmente. Se assim for, é porque o seu irmão amaldiçoado me deixou assim. Ele me perseguiu como um cão até que eu não pudesse mais escapar. Londres, o campo, não importa para onde eu vá, ele me segue. Ele me rastreia até mesmo onde eu não deixo trilha. — Hexham fez uma pausa, tremendo de medo. — Ele é desumano.

Aisley ouviu o cru desespero em sua voz, o tom inusitadamente alto que anunciava que aquele homem havia ultrapassado seus limites até a insanidade. E com essa percepção surgiu um medo que ela nunca tinha sentido antes. Um homem que não tem nada a perder é capaz de fazer qualquer coisa para escapar.

Ela lambeu os lábios nervosamente.

— Como você conseguiu entrar aqui? — ela perguntou, falando devagar deliberadamente, em um esforço para acalmá-lo.

Ele sorriu, então, um remanescente de seu antigo comportamento, como se respondesse a sua lisonja implícita.

— Eu ouvi na aldeia que você solicitou um padre. Assim, foi muito fácil entrar.

— Você veio sozinho? — Mesmo conhecendo o estado atual de sua sanidade, Aisley ficou impressionada com a ousadia.

— Eu não tinha escolha — disse ele. — Não tenho mais ninguém para me ajudar. Seu irmão já percebeu isso. Os homens dele perseguiram os meus, matando-os ou convertendo-os, e agora nenhuma quantidade de dinheiro que eu ofereça é capaz de comprar sua lealdade.

Ele se virou para ela, e quando Aisley viu seus traços sombrios, macilentos e assombrados, ela soube que ele não era um homem que adquirira uma recente coragem, mas alguém assustado além da resistência. Pressionando a lâmina firmemente em sua garganta, ele se encolheu e começou a se mover pelo salão, puxando-a com ele.

— Mas não vai adiantar de nada me levar — protestou Aisley. — Belvry está perdida para você agora.

— Sim, Belvry está perdida! Que o diabo leve aquele lugar sujo! Eu só quero chegar a um porto seguro, e você vai me ajudar. Com você em minhas mãos, seu irmão não vai me tocar.

— Você se esconderia atrás das saias de uma mulher, Hexham? — A voz de Piers explodiu pelo corredor, e Aisley sentiu-se fraca de alívio. Ele estava ao lado da porta, com uma trêmula Glenna atrás dele, e Aisley compreendeu

que a cozinheira devia ter reconhecido Hexham e correu para buscar seu marido.

Hexham não pareceu perceber o perigo, porque rosnou desdenhosamente.

— Finalmente nos encontramos novamente, temível Cavaleiro Vermelho. Mas sua lenda é uma mentira, porque provou ser desprovido de todas as habilidades e poderes atribuídos a você. Se o maldito irmão de Aisley não tivesse vindo em seu auxílio, você estaria morto, destruído pelo meu exército.

Aisley estremeceu, esperando que o temperamento violento de Piers entrasse em erupção, mas ele permanecia calmo e atento, sua boca retorcida em um sorriso.

— Ah, mas você não achou que foi um acidente que ele tenha chegado tão de repente, não é? — perguntou Piers suavemente. — Foi somente para meu benefício, Hexham, que eu o chamei de volta dos mortos.

Foi com grande esforço que Aisley reprimiu uma risada. Olhava para seu marido com um novo olhar. Nunca o tinha visto usar sua própria lenda, mas de pé, ali, com um casaco vermelho-sangue, imenso e perigoso, com os olhos sombrios, os lábios apertados em um sorriso feroz, parecia realmente possuir poderes que os homens normais não tinham.

Hexham foi afetado pela afirmação, Aisley o sentiu tenso atrás dela. Ele estava com medo, embora não demonstrasse. Ele riu de novo, mas o som parecia forçado.

— Um conto de fadas — ele zombou. — Use-o com seus aldeões, que podem ser mantidos na linha por tais disparates. Agora, afaste-se, ou vou cortar a garganta dela. — Ele segurou Aisley com mais força e se encaminhou

para a porta, arrastando-a com a força de um homem perto da loucura.

— Deixe-a ir agora, Hexham, e eu o deixarei viver — disse Piers.

Hexham cuspiu no chão.

— Faça o seu pior, Cavaleiro Vermelho. Chame seus demônios e peça-lhes que me castiguem — ele provocou.

— Muito bem — disse Piers. Então, assobiou rapidamente e, de repente, duas gigantescas formas negras saíram das sombras. Os cães, que se mantiveram invisíveis antes no salão, saltaram até a garganta de Hexham, derrubando-o antes que pudesse levantar um dedo. Lançada ao chão, Aisley caiu de joelhos, esfregando o pescoço em espanto enquanto Hexham permanecia deitado sobre o piso, contorcendo-se e gritando sob o ataque dos cães.

Uma palavra de seu mestre chamou os animais, impedindo-os de rasgar Hexham em pedaços, mas, ainda assim, ele não se levantou. A ponta da espada de Piers o mantinha ali.

— Tenho a intenção de te matar agora e acabar com isso — disse o Cavaleiro Vermelho com voz mortal. — Mas não quero irritar meu cunhado. Infelizmente para mim, Nicholas reivindicou você para ele.

— Não! — gritou Hexham. Ele arqueou o corpo em direção à adaga que estava caída no chão, mas Piers foi mais rápido, e Hexham caiu para trás, com o coração perfurado.

Aisley se virou na direção oposta. Ouviu Piers retirar a arma do peito de Hexham e dar ordens aos criados que estavam em serviço. Então, ela sentiu os braços dele ao seu redor, levantando-a do chão para segurá-la contra o peito. Ela enterrou a cabeça no calor de seu pescoço, respirando de forma

incerta.

— Acredito, minha esposa, que seus problemas com vizinhos terminaram — disse ele suavemente.

— Nicholas vai ficar bravo — Aisley disse a primeira coisa que surgiu em sua mente.

— Sim. Seu irmão ficará muito frustrado — disse Piers, carregando-a pela escada escura até o quarto.

Atrás deles, Aisley ouviu o murmúrio dos criados e depois a voz alta de Glenna.

— Mas como os cães chegaram lá? — ela perguntou. — Não os vi no salão quando entrei lá.

Aisley começou a pensar na mesma coisa, e não conseguia lembrar-se da presença das bestas. Certamente, nem Castor nem Pollux estavam sob sua cadeira enquanto ela estivera costurando. Muito lentamente, Aisley ergueu a cabeça para olhar para o marido, mas ele apenas ergueu uma sobrancelha para ela e sorriu.

— Eles estavam lá — disse ele. — Você não deve tê-los visto.

Talvez, pensou Aisley para si mesma. E, novamente, talvez não. Talvez houvesse um grão de verdade na lenda do Cavaleiro Vermelho.

Nicholas chegou no dia seguinte, presumivelmente seguindo a trilha de Hexham para Dunmurrow. Seu rosto estava duro e frio quando Aisley o cumprimentou no grande salão, e ela se perguntava se ele já sabia da morte do barão.

Ela cuidou para que lhe servissem cerveja, mas sentia-se constrangida em sua presença e sentiu um certo alívio quando Piers se juntou a eles. Ela e seu irmão nunca foram próximos, mas, desde seu retorno, Nicholas era como um estranho para ela, e agora mais do que nunca.

— É bom te ver de novo, Nicholas — disse Piers. Sentou-se numa das cadeiras e olhou impacientemente para o seu novo cunhado.

— Eu rastreei Hexham até aqui — Nicholas disse secamente. — Você já o viu?

— Sim — disse Piers. Ele soltou um suspiro e se inclinou para frente. — Ele passou pelos portões, ontem, com um grupo da aldeia. Veio vestido como um padre e novamente tentou tomar Aisley como refém.

Aisley viu as sobrancelhas de Nicholas se erguerem ligeiramente, e ela sabia que ele estava questionando a fraca segurança que permitira que Hexham se esgueirasse para Dunmurrow não uma vez, mas duas. As próprias sobrancelhas de Piers se uniram, ao notar o insulto, e Aisley esperava silenciosamente que ele não perdesse a paciência. Isso não aconteceu, mas ele, obviamente, ficou irritado. Ele sentou-se na cadeira e olhou fixamente para Nicholas.

— Eu fui forçado a matá-lo — ele disse sem rodeios.

Nicholas ficou mortalmente pálido, e Aisley respirou fundo, consternada. Ele parecia, pensou, com um homem que passa a vida inteira em busca de um objetivo, apenas para tê-lo arrebatado de si no último momento. E talvez fosse isso mesmo. Ele parecia tão perdido que Aisley queria ir até ele, mas sabia que não apreciaria seu conforto.

— Ele era meu — Nicholas finalmente disse, piscando para Piers com

um olhar acusador.

— Ele estava no meu salão, ameaçando a minha esposa — disse o Cavaleiro Vermelho.

Aisley observava os dois com inquietação e lambeu os lábios.

— Hexham o levou a uma árdua perseguição, não foi? — perguntou ela, tentando aliviar o humor e a tensão que se instalara no salão.

— Sim — respondeu o irmão, sem sequer olhar para ela. — Ele foi até Edward para defender seu caso, mas o rei não tomou parte em sua causa e castigou-o por assediar seus vizinhos. — Ele levantou a cabeça para olhar para Piers com um novo respeito. — Aparentemente, o rei o tem em alta conta.

Piers aceitou a admiração com um dar de ombros.

— Eu servi Edward por muitos anos.

— Piers não pretendia matá-lo — disse Aisley. — Ele disse a Hexham que o manteria vivo para você, mas nosso vizinho, aparentemente, o temia acima de tudo e preferiu a morte ao invés de enfrentá-lo.

Nicholas tocou sua arma distraidamente.

— Sim, não tenho dúvidas de que é verdade. — Ele franziu o cenho. — Peço desculpas, Piers, por reagir tão duramente à notícia. Você fez o que tinha que fazer. Mas tente entender, é amargo ter que engolir que nunca poderei ser vingado.

— Já acabou, Nicholas — disse Piers. — É hora de continuar com a sua vida.

Seu irmão parecia aturdido, como se não pudesse entender a diretriz de

Piers; e Aisley se perguntou que tipo de vida ele havia levado nos últimos cinco anos.

— Belvry é sua, Nicholas — disse ela suavemente. — Embora Matthew seja um bom administrador, ele precisa da sua orientação. — Esperava que a menção da casa e da herança o convencesse, mas ele ainda parecia mais morto do que vivo.

— Sim, você está certo, é claro — disse ele em tom sombrio. — É melhor que eu vá agora.

— Não, eu não pretendia mandá-lo embora — disse Aisley. — Fique um pouco conosco, pelo menos.

— Sim — disse Piers. — Você está na estrada há semanas. Farei que Cecil prepare um quarto para que possa descansar, e eu cuidarei de seus homens.

Como em um sonho, Nicholas se levantou e deixou o empregado levá-lo através dos degraus.

— O que será dele? — Aisley perguntou calmamente, olhando para o irmão.

— Ele precisa de uma esposa — disse Piers. Movendo-se para ficar de pé atrás dela, o Cavaleiro Vermelho descansou suas mãos grandes em seus ombros. — Talvez Edward possa ser persuadido a lhe arranjar uma. Tenho a sensação de que, como sua irmã, ele se casará somente quando forçado a fazê-lo.

Aisley sorriu, mas sacudiu a cabeça.

— Não sei, Piers — disse ela. — Embora ele seja meu irmão, eu teria

pena da pobre mulher que se tornasse sua noiva.

— Bobagem — disse Piers, deslizando seus braços ao redor dela. — Talvez, neste momento, alguma mulher esteja planejando uma forma de conquistá-lo.

— Eu não planejei conquistá-lo — disse Aisley, eriçada por sua insinuação. Ela virou a cabeça para olhar para Piers, mas ele estava rindo de sua indignação e aquele som sempre amolecia seu coração. Ele a puxou de volta contra seu peito e apoiou o queixo sobre sua cabeça.

— Então agradeço a Deus que seus esquemas tenham uma tendência a dar errado — disse ele.

— Eu retifico isso — sussurrou Aisley, com um sorriso, enquanto suas mãos se fechavam sobre os braços grossos de seu marido. — Minha decisão de escolher o Cavaleiro Vermelho não se mostrou errada, mas correta.



Epílogo

— Bom dia, esposa — disse Piers enquanto abria as persianas. A clara luz do dia de Natal incidia através da estreita janela para banhar Aisley em um suave brilho.

Colocando-se de pé à beira da cama, Piers se maravilhou com sua beleza. Desde o primeiro momento em que a vira, quando ficou livre das sombras, não se cansava de olhar para ela. Seu cabelo estava espalhado sobre o travesseiro, uma massa de fios pálidos tão lisos e ricos como a seda.

Ela parecia um anjo caído do céu, e Piers sentiu uma pressão atrás de seus olhos que nada tinha a ver com sua cegueira anterior. Quando percebeu que ele a observava, as pestanas de Aisley se abriram, e ele foi admirado por verdadeiras pedras de prata, que brilhavam ainda mais na luz.

— Você estava me admirando, marido? — ela perguntou com um sorriso.

— Sim — admitiu Piers com todo o coração. — Eu juro que você é a mulher mais bela na face desta terra.

— Sua eloquência é inspiradora, mas não convincente — disse Aisley, dando uma risadinha, enquanto dava alguns tapinhas em suas formas arredondadas. — Você precisa se apressar para não perder a missa matinal novamente. — Suas sobrancelhas baixaram acusadoramente.

— Sim, nós deveríamos ir — ele disse com um suspiro. — Espero que o novo padre não fale muito.

— Piers!

— É só porque estou esperando ansiosamente por essa festa que você organizou — disse ele, sorrindo. — Agora que você tem a sua cabeça de javali, tem tudo o que você deseja, não é? O senhor e a senhora do castelo presidindo a cerimônia, em um salão rico com tapeçarias e armários, com alimentos e bebida em abundância para os aldeões e nossos numerosos criados.

— Piers — disse Aisley. Ela lambeu os lábios em um gesto nervoso.

— O quê? — ele perguntou suspeitosamente.

— Receio não poder participar desta festa.

— O quê? — perguntou Piers, muito alto. A celebração seria a glória de sua esposa em um ano de realizações.

Uma vez que sua visão tinha voltado, Piers ficara espantado ao ver as melhorias de Dunmurrow, e tinha insistido para que ela continuasse a tornar o

lugar mais habitável. Aisley tinha conseguido muito mais do que ele esperara, criando uma casa aconchegante, confortável e eficiente em Dunmurrow. A colheita fora boa, assegurando um inverno sem falta de provisões, e agora eles deviam ficar juntos e acolher publicamente as pessoas de sua terra. Ela merecia estar ao seu lado, e, egoisticamente, era onde ele queria que ela estivesse.

— Não me culpe, Piers — Aisley disse, colocando uma mão delicada em seu ventre inchado. Ela sorriu tristemente. — É culpa deste seu filho. Ele quer nascer hoje.

— O quê? — Piers pousou a mão em seu estômago. Estava orgulhoso e emocionado por saber que ela estava carregando seu filho, mas agora que chegara o momento, entrou em pânico. Era o mesmo pânico que sentira um ano atrás, quando sua esposa entrara no lago, e um cavaleiro cego era tudo o que restava entre ela e a morte.

— Você vai ficar bem — grunhiu, expressando sua preocupação da única maneira que sabia.

— Sim — disse Aisley. — Ela acariciou sua mão, confortando-o, tão doce como era. — Tudo vai ficar bem, você verá. Quando a festa estiver terminada, você terá um filho ou uma filha para cumprimentá-lo.

Piers olhou para aqueles olhos prateados e ele sentiu algo dentro de si se encaixando.

— Aisley — disse ele com voz rouca. — Há algo que eu nunca disse a você.

— E o que é? Se você vai dizer que tem uma outra esposa, é tarde demais para isso — ela brincou. — Ou vai dizer que é realmente um feiticeiro

e que me enfeitiçou por todos esses meses?

Piers sacudiu a cabeça, enquanto a emoção o dominava.

— Não é tão terrível assim — Ele tentou falar de uma vez, mas não conseguiu. — Eu devia ter-lhe dito há muito tempo, mas quando estava cego, não queria prendê-la ainda mais a um marido tão inútil.

— Piers — disse ela, estendendo a mão para ele.

— Então, quando minha visão voltou, eu quis ter certeza de que ficaria comigo — ele disse bruscamente. Olhou naqueles olhos que perfuravam seu coração. — Aisley, minha esposa, minha querida — ele sussurrou. — Eu te amo.

Aisley sorriu.

— É só isso? Meu feroz Cavaleiro Vermelho, eu sei disso há muito tempo, mas é bom ouvi-lo dizer.

Piers tomou seu rosto delicado nas mãos e beijou-a suavemente, surpreso ao descobrir que seus próprios olhos estavam se enchendo de lágrimas. Ele estava realmente curado agora, em todos os aspectos.

Aisley acariciou seu rosto.

— Já que você está de bom humor, meu marido, gostaria de lhe pedir um presente neste dia de Natal — disse ela.

— Se for para perseguir aquele veado branco, acho melhor pedir outra coisa, pois, não o farei — advertiu Piers.

— Não — Aisley disse com uma risada. — Quero que presida a celebração de hoje de maneira festiva e que faça com que todos os que não te

conhecem tenham consciência da tua bondade.

— É impossível, esposa. Você é a única a ver essa bondade.

— Não — protestou Aisley. — Não é verdade. Até mesmo Edith gosta de você agora. Aliás, chame-a para mim, e, então, você deve ir atender às pessoas na mais maravilhosa celebração de Natal que Dunmurrow já viu.

Piers fez o que ela pediu, embora seu coração não desejasse isso. Ele assistiu à missa, mas suas orações foram para sua esposa. Ele presidiu a mesa, falou com seus cavaleiros, apresentou recompensas aos seus aldeões, em uma exibição de generosidade, mas seus pensamentos estavam voltados para a grande câmara.

Todos sabiam que sua senhora estava em um estágio avançado da gravidez, por isso, ninguém questionou sua ausência, como eles poderiam ter feito alguns meses atrás. Então, eles poderiam ter sussurrado que o Cavaleiro Vermelho a tinha machucado. E talvez tivesse, pensou Piers amargamente. Ele sabia que as mulheres podiam morrer durante o parto.

Consciente de sua promessa, ele não terminou o banquete mais cedo, mas o deixou se arrastar por muitas horas naquela noite, só deixando o salão quando quase todos já haviam se retirado. Ele se assegurou de que seu exército estivesse sóbrio o suficiente para guardar as muralhas e ele mesmo deu uma caminhada ao longo das ameias.

Do topo da fortaleza, olhou para a escuridão, enquanto seus olhos, agora fortes, varriam o campo vizinho, buscando qualquer coisa fora do comum. Algumas tochas pontilhavam a estrada para a aldeia, iluminando o caminho de alguns foliões, e lá embaixo, no pátio, seus homens assumiam seus postos. Além disso, tudo estava parado.

Piers olhou ao redor uma última vez, e seu olhar capturou um flash branco na borda da floresta. Ele olhou atentamente, esperando que desaparecesse, com seu coração batendo um pouco mais rápido. Com a morte de Hexham, ele se julgara livre de inimigos, mas tudo era possível.

Soltou um barulho baixo do fundo de garganta, incapaz de acreditar no que estava vendo. Talvez fosse apenas um truque do luar, mas, por um momento, ele avistou um grande veado pálido. Piers sacudiu a cabeça para afastar a miragem, mas o animal ainda estava lá, olhando para ele com sabedoria e ternura, como se lhe enviasse alguma mensagem. Depois, ergueu seus enormes galhos e desapareceu por entre as árvores. Piers estremeceu.

Foi apenas um pouco de neve soprando ao vento, ele decidiu, mas, ainda assim...

Correu para a grande câmara como se o fogo lambesse seus calcanhares e empurrou a porta, no momento em que seu filho se lançava ao mundo nos braços da parteira. Aisley estava recostada sobre os travesseiros, ofegante, seu rosto pálido, mas adorável, e Piers caminhou para seu lado.

— É uma menina, Aisley, uma filha! — Edith, pairando ao lado da parteira, disse animadamente.

— Uma filha, Piers — sussurrou Aisley.

— Você está bem? — ele perguntou roucamente.

— Sim — ela disse com um sorriso.

A parteira colocou o pequeno embrulho nos braços de Aisley e Piers ficou maravilhado com a vida preciosa que haviam criado juntos. Ele tinha uma filha! E podia vê-la, cada pedaço de seu rosto vermelho e cada um de seus dedos minúsculos. Fazia apenas um ano que passara dias enterrado

naquela escuridão, cego e amargurado? E então, por algum milagre, Aisley surgira em sua vida para fazer com que tudo se tornasse certo. Mais do que certo.

— Obrigado pela minha filha — disse ele bruscamente, enquanto olhava para sua esposa. — E, Aisley...

— Hmm — ela murmurou satisfeita.

— Não sei se Deus, o homem ou a magia se intrometeram em nossa união, mas obrigado. Obrigado por escolher o Cavaleiro Vermelho.

SOBRE A AUTORA

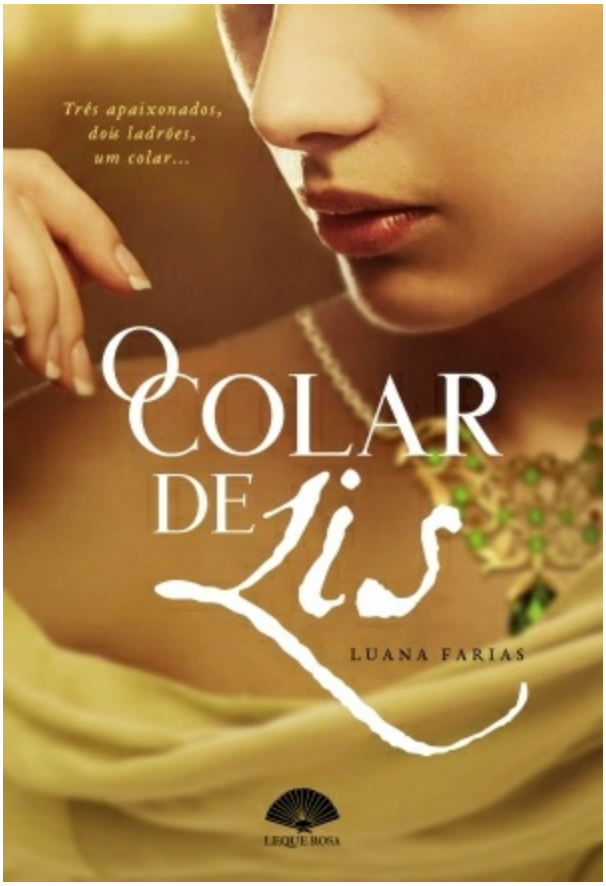
Deborah Simmons começou sua carreira como jornalista, mas deixou o ramo da não-ficção e migrou para o mundo do *felizes para sempre*. Publicou vinte e oito romances e novelas, bem como uma comédia romântica *indie*. Entre eles estão uma antologia, BestSeller do USA Today Bestselling e sua popular série medieval sobre a família de Burgh.

Seus livros, *A Lady of Distinction* e *The Gentleman Thief*, foram finalistas do concurso anual RITA, da Romance Writers of America. Dois outros lançamentos, *The Gentleman's Quest* e *Glory the Rake*, participaram do Prêmio Daphne du Maurier de Excelência na categoria Mistério/Suspense.

Simmons vendeu dois milhões de livros na América do Norte, e seu trabalho foi traduzido e publicado em trinta e um países, com novas edições gráficas disponíveis em japonês. Você pode encontrá-la em:

DeborahSimmons.com

Facebook.com/authorDeborahSimmons


Três apaixonados,
dois ladrões,
um colar...
O COLAR DE Lis
LUANA FARIAS
LEQUE ROSA

O colar de Lis

Farias, Luana
9788568695630
519 páginas

Compre agora e leia

Uma dama apaixonada...
Lady Lavinia Andarton é apaixonada pelo honorável Sr. Ashton Wood há um bom tempo e, para felicidade dela, ele corresponde aos seus sentimentos. Entretanto, sua família não o aprova e, preocupados em fazer uma conexão familiar mais vantajosa, apresentam a ela o irmão do Duque de Burghley, pretendente perfeito... para eles.
...Um cavalheiro cheio de segredos...

Depois de sofrer uma decepção amorosa, Lorde Brandon Thorton finalmente se recupera e decide casar-se, mas não esperava que sua mãe escolheria exatamente a lady mais insípida da Inglaterra para ser sua noiva, Lady Lavinia. A antipatia parecia ser mútua e os dois seguem fingindo às suas respectivas famílias uma corte inexistente. Mas ao emprestar uma valiosa joia de família e vê-la roubada, Lavinia se vê pedindo ajuda à pessoa mais improvável.

E um colar que os une.

O colar de Melissandre – ou de Lis, como era conhecido – trazia em si o peso de conceder felicidade à pessoa que o possuísse. Lavinia conhecia o seu legado, mas não tinha tanto apego à peça. Mas ao saber que fora roubada, ela precisava recuperá-la antes que sua mãe descobrisse o infortúnio. Para sua surpresa, Lorde Brandon sabe do paradeiro da joia e promete ajudar a recuperá-la, mas antes, Lavinia teria que passar por um treinamento na arte de roubar. E nos dias em que seguiram na companhia um do outro, com único objetivo de recuperar o tesouro perdido, ambos se esqueceram de manter em

segurança um outro item tão valioso quanto, e a consequência de um novo roubo, dessa vez, seria mais devastadora. Afinal, que preço teria um coração apaixonado?

Compre agora e leia